
FAMINE
LAURA THALASSA
THE FOUR HORSEMEN: BOOK THREE



Aviso 1

Esta tradução foi feita por fãs para fãs, sem qualquer propósito de Lucro. Pedimos que se estiver dentro de suas possibilidades financeiras adquirira o livro físico ou no formato e-book.

O grupo tem como objetivo a tradução de livros sem previsão de lançamento no Brasil, não visando nenhuma forma de obter lucro, direto ou indireto.

Para preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem aviso e se assim julgar necessário, retirará do arquivo os livros que forem publicados por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente que o download dos livros se destina, exclusivamente, para uso pessoal e privado, sendo proibida a postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, assim como a divulgação do trabalho do grupo, sem prévia autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado, também responderá individualmente pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito por aquele que, por ação ou omissão, tentar ou utilizar o presente livro para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal e da Lei 9.610/1988.



Aviso 2

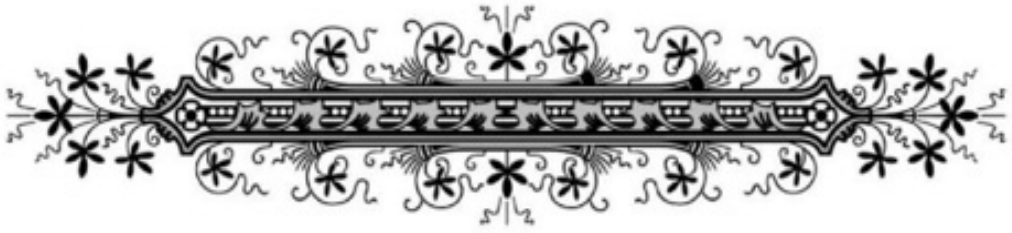
Nunca comente com o autor ou seus conhecidos que leu o livro do mesmo em português, e muito menos envie o arquivo ou cite o nome do grupo que fez a tradução.

Se quer continuar a ter acesso aos livros que não tem nenhuma previsão de lançamento no Brasil, mantenha sua boca e dedos calados.

Respeite o nosso trabalho voluntário e se realmente quiser ajudar o autor, compre um livro dele para contribuir, os autores vivem disso e temos que a fazer nossa parte. Você pode adquirir no formato e-book em vários sites oficiais, assim vai ajudar o grupo e aos nossos amados autores.

Não publique nossas traduções em Sites, Wattpad, Facebook, Blogger ou qualquer lugar público na internet.

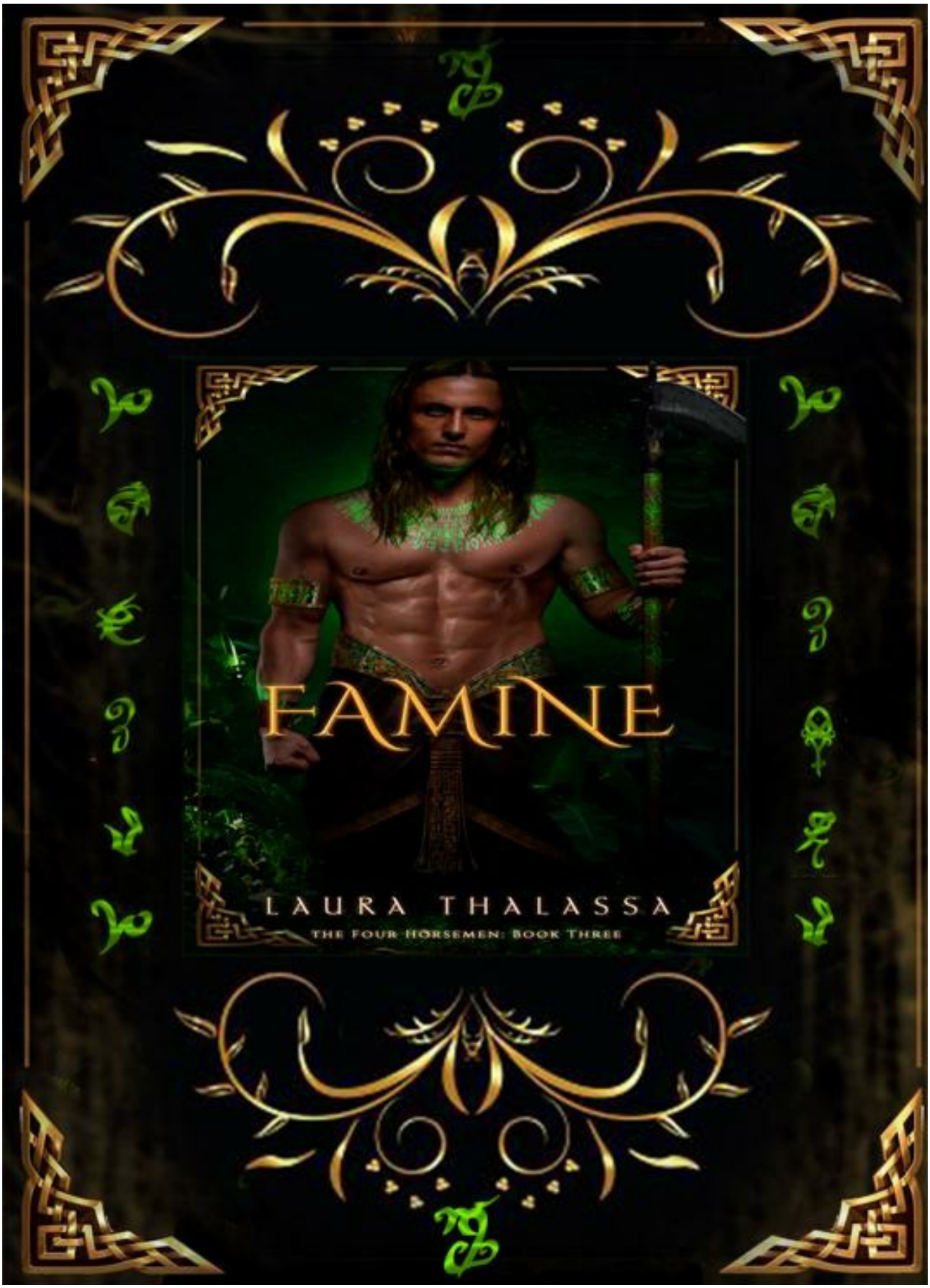
Faça sua parte e terá leitura por muito tempo!





EQUIPE DE TRADUÇÃO

ENVIO: BEC D. CROW
TRADUÇÃO MECÂNICA: MIH
TRADUÇÃO: SILVIA H.
REVISÃO INICIAL: ANE MACRIEVE
REVISÃO FINAL: ANTON BRAC
LEITURA FINAL: LOUVAEN DUENDA
FORMATAÇÃO: BEC DEVERAUX CROW


FAMINE
LAURA THALASSA
THE FOUR HORSEMEN: BOOK THREE

Série

THE FOUR HORSEMAN







LAURA THALASSA

Shifter's Homeland

FOME

O CAVALEIRO DA FOME

– O que... o que é esse barulho? – Pergunto, olhando para frente.
Meus dentes ficam apertados.
Ele sussurra em meu ouvido.
– Você não sabe?
Eu me esforço para ouvir. O barulho está ficando cada vez mais alto, mesmo enquanto o céu continua escurecendo. Apenas quando um grande inseto atinge meu braço é que começo a entender.
Afasto a criatura, mas então outros três me acertam em rápida sucessão. Olho para trás novamente e percebo que o céu escuro está se movendo.
Esse som de gelar os ossos é o zumbido coletivo de milhões de batidas de asas.
É a fome em sua forma mais verdadeira.
Meus olhos encontram os do Ceifador.
– Até agora, você parece achar meus métodos de matar desagradáveis. – Diz ele. – Então pensei em tentar uma abordagem mais... bíblica. Eles vão demorar muito para morrer. – Comenta. – A fome não é um fim rápido. Talvez alguns desses humanos consigam sobreviver... você gostaria disso, não é?
– Foda-se.
– Ainda não estou interessado. – Diz ele.

Shifter's Homeland

Sumário

Sinopse
Capítulo Um
Capítulo Dois
Capítulo Três
Capítulo Quatro
Capítulo Cinco
Capítulo Seis
Capítulo Sete
Capítulo Oito
Capítulo Nove
Capítulo Dez
Capítulo Onze
Capítulo Doze
Capítulo Treze
Capítulo Catorze
Capítulo Quinze
Capítulo Dezesseis
Capítulo Dezessete
Capítulo Dezoito
Capítulo Dezenove
Capítulo Vinte
Capítulo Vinte e Um
Capítulo Vinte e Dois
Capítulo Vinte e Três
Capítulo Vinte e Quatro
Capítulo Vinte e Cinco
Capítulo Vinte e Seis
Capítulo Vinte e Sete
Capítulo Vinte e Oito
Capítulo Vinte e Nove
Capítulo Trinta
Capítulo Trinta e Um
Capítulo Trinta e Dois
Capítulo Trinta e Três
Capítulo Trinta e Quatro
Capítulo Trinta e Cinco
Capítulo Trinta e Seis

Capítulo Trinta e Sete
Capítulo Trinta e Oito
Capítulo Trinta e Nove
Capítulo Quarenta
Capítulo Quarenta e Um
Capítulo Quarenta e Dois
Capítulo Quarenta e Três
Capítulo Quarenta e Quatro
Capítulo Quarenta e Cinco
Capítulo Quarenta e Seis
Capítulo Quarenta e Sete
Capítulo Quarenta e Oito
Capítulo Quarenta e Nove
Capítulo Cinquenta
Capítulo Cinquenta e Um
Capítulo Cinquenta e Dois
Capítulo Cinquenta e Três
Capítulo Cinquenta e Quatro
Capítulo Cinquenta e Cinco
Capítulo Cinquenta e Seis
Capítulo Cinquenta e Sete
Fim...



Quando Ele quebrou o terceiro selo, ouvi o terceiro ser vivente dizendo:

— Venha. — Olhei e eis um cavalo preto; e o que estava sentado nele tinha uma balança na mão. *Apocalipse 6: 5*



O jovem *Cassius* tem uma aparência esguia e faminta; Ele pensa demais: esses homens são perigosos.

William Shakespeare, Julius Caesar

Sinopse

Eles vieram à Terra: Pestilência, Guerra, Fome, Morte - quatro cavaleiros montando seus corcéis gritando, correndo para os cantos do mundo. Quatro cavaleiros com o poder de destruir toda a humanidade. Eles vieram à Terra e para acabar com todos nós. Ana Silva sempre presumiu que morreria jovem, mas nunca esperou que fosse nas mãos de Fome, o imortal assustador que uma vez salvou sua vida há tantos anos. Mas se o cavaleiro se lembra dela, não deve se importar, pois quando Ana se depara com ele pela segunda vez em sua vida, é esfaqueada e deixada para morrer. Porém, ela não morre; não exatamente. Se há uma coisa em que Fome é bom, é com a crueldade. E como esses desgraçados merecem essa condição. Por mais que tente, ele não consegue esquecer o que lhe fizeram. Mas quando Ana, um fantasma de seu passado, o encurrala e promete dor pelo que Fome recentemente fez, ela e suas ameaças vazias o cativam e ele decide mantê-la por perto. Apesar de tudo, Ana e Fome são atraídos um pelo outro. Mas no final do dia, os dois são inimigos. E nada mudará isso. Nem um ato gentil, nem dois. E nem mesmo algumas noites quentes. Infelizmente, sendo inimigos ou amantes relutantes, se eles não pararem logo, o céu o fará

October 1st 2020 by Laura Thalassa.

Capítulo Um

Ano 24 dos Cavaleiros

Laguna, Brasil

Sempre soube que veria Fome novamente. Chame de intuição, mas eu sabia que aquele filho da puta voltaria.

A brisa costeira sopra contra minha saia e bagunça meu cabelo escuro. Perto, uma mulher me lança um olhar feio.

Olho para o que sobrou da minha cidade, nossos corpos alinhados na estrada. Não sei por que o resto de Laguna ainda está aqui; eles não têm a mesma desculpa que eu.

Olho para Elvita. O rosto da senhora idosa está sério. E se está assustada, não demonstra. Ela deveria sentir medo, mas não digo isso em voz alta.

Sigo seu olhar para a estrada vazia que faz uma curva fora de vista ao redor de uma das colinas onde Laguna está aninhada.

Está assustadoramente silencioso.

A maior parte da cidade litorânea onde passei os últimos cinco anos está abandonada. Nossos vizinhos trancaram suas casas, empacotaram todos os bens valiosos que possuíam e fugiram. Até mesmo os habitantes do bordel escaparam quando ninguém estava olhando. Não sei se voltarão. Não sei se alguma coisa voltará a ser como era antes.

Não tenho certeza de como me sinto sobre isso.

Uma mulher mais velha bate no meu ombro ao passar.

— Vagabunda. — Ela diz baixinho.

Eu me viro, percebendo seu olhar gelado.

— Ontem à noite seu filho me chamou de algo um pouco diferente. — Digo, dando-lhe uma piscadela.

A mulher ofega, parecendo completamente escandalizada, mas continua apressada.

— Pare de provocar brigas. — Elvita me repreende.

— O quê? — Pergunto, dando a ela um olhar inocente. — Estou defendendo minha honra.

Ela solta uma risada, mas seus olhos estão novamente na estrada, a pele envelhecida ao redor deles comprimida.

Ao meu lado, as pessoas seguram jarras de vinho, sacos de grãos de café, baldes de peixes recém-pescados, cestos de pétalas de flores para espalhar no chão, bolsas cheias de joias, pilhas dos melhores tecidos e tudo mais. Todos um enorme tributo digno de um governante.

Não tenho certeza se o cavaleiro se importará.

Na verdade, tenho quase certeza de que ficar por aqui é uma ideia extremamente ruim e isso vem da rainha das más ideias.

Pelo menos eu tenho uma desculpa. Elvita e o resto dessas pessoas não têm nenhuma.

Os minutos se transformam em horas, todos nós em silêncio e

sombrios.

Talvez ele não venha, afinal. Laguna é uma cidadezinha que não vale a pena ser visitada por um cavaleiro.

Anitápolis também não valia a pena sua atenção, mas isso não o impediu de enxugá-la.

Um murmúrio sobe pela fila de pessoas, interrompendo meus pensamentos. Meu pulso acelera.

Ele está aqui.

Mesmo se a multidão não tivesse reagido, eu sentiria a mudança no ar.

Ao pensar em Fome, sinto uma mistura de emoções. Curiosidade, dor e antecipação acima de tudo.

E então eu o vejo, o Ceifador.

Ele está montado em seu cavalo negro como o carvão, sua armadura de bronze brilhando tanto que quase obscurece a enorme foice presa às suas costas. Ele para no meio da estrada destruída que liga os dois lados da minha cidade.

Mesmo tão longe, minha respiração fica ofegante e meus olhos ardem. Não posso dizer o que estou sentindo, apenas que minha fachada profissional está se esvaindo com a visão de Fome.

Ele é mais sobrenatural do que me lembrava. Mesmo depois de pensar nele repetidamente, sua visão em carne é surpreendente.

Ao meu lado, Elvita segura a respiração chocada.

O Ceifador, assim chamado devido à foice que carrega, e seu

cavalo ainda estão imóveis. Ele está muito longe para que possa ver aqueles olhos verdes penetrantes ou seus cabelos cacheados. Mas posso dizer que está absorvendo todos nós. E acredito que não esteja muito impressionado.

Depois de vários minutos, Fome coloca seu corcel em movimento e seu cavalo começa a trotar pela ponte. As pessoas jogam flores na estrada, enchendo o caminho com pétalas coloridas.

Muito lentamente, Fome se aproxima cada vez mais de mim.

Meu coração parece trovejar.

E então passa direto, parecendo um deus. Seu cabelo é cor de caramelo derretido, sua pele bronzeada apenas um ou dois tons mais clara. Tem uma linha acentuada e cinzelada em sua mandíbula, a testa alta, as maçãs do rosto e a curva arrogante de seus lábios. O mais impressionante de tudo são aqueles olhos verdes musgo. Olhos diabólicos.

Seus ombros são largos e aquela armadura de bronze, gravada com desenhos florais em espiral, se encaixa perfeitamente em seu físico poderoso e esculpido.

E de perto, sua beleza é um choque.

Muito, muito mais sobrenatural do que me lembrava.

Apesar das belas feições de Fome e da minha própria empolgação sem fôlego, os primeiros verdadeiros tentáculos do medo criam raízes.

Deveria ter saído com os outros, a reunião que se danasse.

Fome não me vê quando passa; seu olhar não se afasta da rua à sua frente. Sinto uma onda de alívio, seguida interrogativamente, por

uma pitada de decepção.

Fico olhando para ele e seu cavalo enquanto o resto da minha cidade comemora, agindo como se este não fosse o fim do nosso mundo quando obviamente é.

Eu o acompanho com o olhar até que desaparece.

Elvita agarra meu braço.

— Hora de ir, Ana.

Capítulo Dois

Muito antes de Fome e seu corcel negro entrarem em Laguna, sabíamos que ele viria. Seria impossível não descobrir.

Nas semanas anteriores à sua chegada, dezenas, depois centenas, depois milhares de pessoas subiram a estrada e passaram por nossa cidade. As mulheres com quem trabalhei no Anjo Pintado1 brincaram sobre andar de pernas arqueadas durante semanas após a chegada de novos clientes. Naquele momento.

Mas então alguns desses recém-chegados começaram a falar. Mencionaram frutas murchando na videira e plantas estranhas que podiam esmagar homens adultos e o próprio ar pareceu mudar.

— Fodidos bastardos malucos. — Izabel, uma das minhas amigas mais próximas, murmurou depois de ouvir os rumores.

Mas eu sabia melhor.

E então Fome enviou um mensageiro à frente para fazer exigências à nossa cidade. O cavaleiro queria tonéis de rum. Jarros de óleo. Roupas, ouro, comida e uma grande casa para ficar.

Eu nem deveria saber tanto. Provavelmente não saberia, se Antônio Oliveira, o Prefeito da cidade, não fosse um cliente regular meu.

Elvita e eu caminhamos em silêncio. Não tenho certeza do que está passando pela cabeça dela, mas quanto mais perto nos aproximamos casa do Prefeito, a casa onde Fome ficará durante sua visita, mais desconforto se instala em meu estômago.

Eu deveria fazer as malas e fugir, assim como minhas amigas do bordel disseram que faria.

Elvita finalmente rompe o silêncio. Ela limpa a garganta.

— Eu não esperava que ele fosse tão...

— Fodível? — Eu termino por ela.

— Eu ia dizer bem alimentado. — Diz ela rispidamente. — Mas fodível também funciona.

Levanto minhas sobrancelhas para ela.

— Você estava esperando que me jogasse sobre um saco de ossos? — Eu digo. — Estou ofendida.

Ela bufa delicadamente. Tudo o que ela faz é delicado e feminino, tudo com o objetivo de atrair os homens, embora atualmente, raramente vá para a cama com clientes. Isso, ela deixa para o restante de suas meninas.

Como eu.

— Você fodeu com João. — Diz ela. — E ele era a coisa mais próxima de um esqueleto que eu já vi.

Uma lembrança espontânea do velho me vem à mente. Ele era pouco mais do que um saco de ossos e sua ferramenta era quase inútil.

— Sim, mas ele me mandou flores todos os dias durante uma semana e me disse que eu parecia uma deusa. — Digo. A maioria dos clientes não dá a mínima para meus sentimentos. — Eu transaria com ele apenas por isso.

Ela me golpeia, sufocando um sorriso.

— Oh, não aja como se você não fosse engolir cada centavo que aquele homem estava disposto a jogar em você. — Eu digo.

— Que Deus o tenha, eu o faria.

À menção de Deus, fico séria. Estalo meus dedos, nervosa.

Ficará tudo bem. Fome não te odeia. Isso pode funcionar.

Funcionará.

O resto da caminhada passamos principalmente em silêncio. Percorremos as ruas de Laguna, passando por casas decadentes e vitrines desbotadas, o gesso lascado na maioria dos lugares.

Outros residentes estão caminhando da mesma maneira que nós, muitos deles carregando ofertas.

Não sabia que tantas pessoas sabiam onde o cavaleiro estava hospedado...

Supondo, é claro, que estavam indo em sua direção. É para lá que estamos indo. E aqui eu esperando que simplesmente aparecer na porta do Ceifador fosse o suficiente para chamar sua atenção.

Logo as casas em ruínas e desgastadas, as ruas de cimento quebradas de Laguna terminam. Há um espaço vazio e ao longe, uma colina se eleva, e nela fica a casa do Prefeito, com vista para a água cintilante.

Aproximamo-nos do antigo casarão de Oliveira, com seu telhado de telhas vermelhas e janelas de vidro jateado2. Desde que me lembro, o Prefeito e sua família moravam ali, acumulando fortuna com os navios que transportavam mercadorias pela costa.

E de perto, a opulência da casa é ainda mais impressionante, há uma estrada de paralelepípedos e um jardim bem cuidado e...

Já há uma fila de pessoas reunidas perto da porta.

Filhos da puta.

Lá se vai minha vantagem.

Assim que entramos pela entrada da frente, as portas duplas da casa se abrem. Dois homens arrastam Antônio para fora, com o rosto ensanguentado. Ele grita obscenidades por cima do ombro enquanto luta.

Eu paro de andar completamente, meus lábios se abrindo em choque.

Os homens que seguram Antônio o levam ao redor do prédio. Nem mesmo um minuto depois, a esposa de Antônio e duas filhas são arrastadas atrás dele. Sua esposa lamenta e é diferente de tudo que já ouvi. Seus filhos estão chorando e clamando por sua mãe.

Ninguém faz nada. Nem as pessoas na fila, nem mesmo eu e Elvita. Acho que ninguém sabe o que fazer. Isso exigiria entender o que está acontecendo e é a porra de um palpite neste momento.

Encontro o olhar assustado de Elvita.

Não tenho certeza se o plano dela funcionará. Meus olhos voltam para onde vi Antônio e sua família pela última vez.

Mas se o plano dela não funcionar...

Tenho medo de como será o fracasso.

Com relutância, Elvita e eu nos colocamos no final da fila de

espera de visitantes. Alguns deles saíram e estão fugindo da propriedade.

Fico olhando para eles, pensando que são os mais sensatos de todos nós. Mas mesmo enquanto fogem, mais pessoas estão vindo se chegando.

Ainda temos tempo de fazer as malas e partir. Eu poderia esquecer meu momento com Fome. Talvez não seja tarde demais para mim e Elvita...

O sentimento apenas se aprofunda quando ouço vários gritos vindos dos fundos da propriedade. Os pelos dos meus braços se arrepiam.

Eu me viro para Elvita, abrindo minha boca.

Ela olha para frente.

— Ficará tudo bem. — Diz ela diz resoluta.

Anos ouvindo essa mulher me fizeram calar a boca, mesmo quando um nó duro de pavor cresce dentro de mim.

Os homens que arrastaram a família Oliveira há instantes regressam agora de mãos vazias, sem os Oliveira à vista. A maioria desses homens entra novamente na casa, mas dois deles se movem para ficar na frente das portas, seus rostos sombrios. Meus olhos observam suas roupas escuras e a pele exposta que posso ver. Há manchas molhadas que eu juro serem respingos de sangue...

Uma batida vem de dentro da porta. Um dos guardas abre, dando um passo para o lado.

Uma das pessoas na fila à nossa frente foi conduzida para dentro.

Então a porta se fecha mais uma vez.

Nos próximos vinte minutos, as pessoas à nossa frente na fila entram na casa uma por uma. Nenhuma delas sai pelas portas da frente, se é que vão embora.

O que está acontecendo ali? Minha parte curiosa quer saber. O lado racional e assustado quer dar o fora dali. Ainda não tinha visto Antônio ou o resto de sua família e me sentia um pouco preocupada e não apenas por eles, mas pelo restante de nós também.

Elvita deve ter percebido que estava prestes a fugir, porque ela estava segurando minha mão por dez minutos com força.

Éramos as próximas da fila.

Minha pulsação acelera enquanto espero. Olho para um dos antebraços do guarda. O que parecia uma linha de pintas de longe agora parece assustadoramente com sangue.

Oh, Deus...

Uma batida vem de dentro da casa e um momento depois, a porta se abre. Os dois guardas se afastam, permitindo que Elvita e eu entremos.

Eu... simplesmente não consigo fazer meus pés se moverem.

Minha chefe puxa minha mão.

— Vamos entrar, Ana. — Ela diz isso suavemente, mas seus olhos estão sérios e suas sobrancelhas arqueadas. Recebi ordens suficientes dela para saber que esta é mais uma.

Molho os lábios e me forço a passar pela soleira.

Este é o reencontro que você passou anos imaginando, eu me tranquilizo.

Ficará tudo bem.

Capítulo Três

Nunca estive dentro da casa do Prefeito, o que é estranho, considerando que ele já esteve dentro de mim muitas e muitas vezes.

Meus olhos percorrem tudo, observando os vasos de porcelana delicados cheios de flores murchas até o lustre de vidro. Há um quadro enorme de Antônio e sua família pendurado na sala de estar. Foi claramente feito há alguns anos porque seus filhos são versões mais jovens de si mesmos.

Sentado logo abaixo daquela pintura, com a foice em seu colo, está o cavaleiro.

Minha respiração para. Mais uma vez sou surpreendida pela visão dele, com seu cabelo ondulado e olhos verdes brilhantes. Ele parece esculpido em pedra, distante e intocável.

Tento pensar nessa coisa endurecida com a primeira lembrança que tenho dele.

Seu pescoço está uma confusão de sangue e tendões. Seu rosto e cabeça estão cobertos de lama e sangue, seu cabelo emaranhado nas bochechas...

— E o que temos aqui? — Sua voz é como vinho com mel e me traz de volta ao presente.

Fico olhando, olhando e olhando. Minha língua afiada me falha agora.

Quando nem Elvita ou eu falamos, o olhar de Fome se fixa em mim. Ele faz uma pequena pausa quando olha em meus olhos, mas

não há reconhecimento ali.

Não há reconhecimento nenhum.

Toda aquela culpa e vergonha que reprimi por anos e Fome nem me reconhece.

Escondo a decepção esmagadora que sinto. Nenhuma vez nos últimos cinco anos em que trabalhei para Elvita, mencionei que conheci o Ceifador antes. Apenas concordei com esse plano idiota dela porque tinha negócios pendentes com o cavaleiro.

Infelizmente, esse negócio dependia do cavaleiro se lembrar de mim.

Elvita dá um passo à frente.

— Eu trouxe um presente para você. — A mulher diz suavemente.

O cavaleiro olha entre nós duas, sua expressão entediada.

— E onde está? Suas mãos estão vazias.

Elvita me olha, querendo que eu fale. Normalmente, tenho uma quantidade razoável de confiança e o que falta em confiança, compenso na postura. Mas agora, tudo que quero fazer é afundar no chão.

Você se lembra de mim?

Quase pergunto. Nós dois somos como uma conversa inacabada pairando no ar.

— Eu sou o presente. — Eu digo em vez disso, voltando ao Plano B.

— Você? — Ele levanta as sobrancelhas, sua boca se curvando em um sorriso zombeteiro. Seu olhar passa rapidamente por mim novamente. — O que eu poderia querer com você?

— Talvez possa aquecer esse seu coração frio. — Aí está minha boca atrevida.

Agora o Ceifador parece meio intrigado. Ele levanta sua foice e se levanta.

Fome se aproxima de mim, suas botas batendo no chão.

— O que está sob toda essa tinta? — Ele diz, se aproximando. — Uma vaca? Um porco?

Sinto minhas bochechas esquentarem. Já faz muito tempo que não sinto humilhação. E de repente, estou ciente de quantas outras pessoas estão na sala, não apenas Fome e Elvita, mas seis guardas e todos eles testemunhando isso.

O cavaleiro zomba de mim.

— Você pensou que eu iria querer seu corpo? É isso? — Sua voz é cruel.

Sim. É exatamente isso.

— Sua criatura patética. — Continua Fome, me observando. — Você não ouviu nada de mim? Não quero sua carne pútrida. — Seus olhos brilham enquanto se movem entre mim e Elvita. — Vocês duas estavam melhor quando não tinham chamado minha atenção.

Sinto a energia na sala mudar então e me lembro de como a família do Prefeito foi arrastada para longe há menos de uma hora. E agora que penso sobre isso, percebo com alarme que, embora as

ofertas estejam alinhadas na parede próxima, as pessoas que as trouxeram estão notavelmente ausentes.

Nós caímos em águas perigosas.

Ao meu lado, Elvita parece indiferente.

— Você já dormiu com um mortal? — Ela pergunta, sempre a vendedora.

O olhar de Fome se move para ela e ele mostra um sorriso malicioso, como se estivesse se divertindo pela primeira vez hoje. Seus olhos, no entanto, estão mais frios do que nunca. Sexo e carne parecem a última coisa em sua mente.

— E se não? Você realmente acha que algumas bombeadas neste saco de carne mudariam alguma coisa?

Eu levanto minhas sobrancelhas. Estou acostumada a comentários vulgares e degradantes; não estou acostumada... nem tenho certeza de que tipo de insulto foi esse.

Saco de carne? Vadia, por favor. Sei que com isso ficaria bem.

— Você claramente não esteve dentro de uma das minhas mulheres. — Continua Elvita, agarrada a esse plano idiota.

— Suas mulheres? — A atenção de Fome volta para mim.

Levantando o queixo, encontro seu olhar.

Ele me reconhece? Ele sabe?

Seus olhos verdes inquietantes me observam e parecem tão astutos. Não há centelha de familiaridade. E se lembra de mim, não demonstra.

— Como deve ser terrível. — Diz Fome. — Ser possuído e usado como propriedade.

Abro a boca para dizer que ele está errado, para dizer para se foder, para dizer que se eu pudesse ficar a sós com ele por um momento, poderia refrescar sua memória. Talvez então poderia terminar aquele antigo negócio entre nós. Quando se trata dele, minha esperança e meu ódio são antigos.

Por um segundo, o cavaleiro hesita. Acho que ele quase sente isso. Mas então sua expressão fica mais nítida.

Os olhos de Fome se movem sobre nossas cabeças. Ele assobia, gesticulando para alguns homens próximos.

— Livre-se delas com os outros.

Isso foi um erro.

Fica claro quando os homens de Fome rudemente agarram a mim e a Elvita, arrastando-nos para longe.

— Tire suas mãos de mim! — Minha chefe ordena.

Os homens a ignoram.

Eu luto contra o aperto deles também. Apenas tenho olhos para o cavaleiro, que se acomoda na cadeira de veludo onde o encontramos, a foice colocada mais uma vez no colo.

— Você não se lembra de mim? — As palavras finalmente se soltam.

Mas Fome não está mais prestando atenção em nós, a prostituta ridicularizada e sua cafetina desesperada. Seus olhos se desviaram

para a porta da frente, por onde o próximo suplicante entrará.

— Eu salvei você! — Eu grito com ele enquanto sou arrastada para longe. Os homens que seguram a mim e a Elvita nos puxam em direção a uma porta que dá para os fundos da propriedade do Prefeito.

Fome nem mesmo olha para mim. Presumi que assim que eu dissesse algo sobre o assunto, ele iria parar e ouvir. Não previ que não me reconheceria nem me ouviria.

A mágoa e a indignação antigas vêm à tona. E se não fosse por mim, nenhum de nós estaria aqui agora.

— Ninguém mais o ajudou! — Eu chamo por ele. Tropeço quando um de seus guardas me leva para fora. — Ninguém além de mim. Você ficou ferido e... — A porta se fecha.

Eu... eu perdi minha chance.

Ainda estou olhando para porta quando ouço a respiração forte de Elvita. Então...

— Jesus fodido Cristo. — Sua voz é estridente, o tom dela muito alto.

Afasto meu olhar da porta, voltando-me para onde...

Santa mãe de Deus.

À nossa frente está um enorme fosso, as íngremes paredes de terra lisas. Antônio mencionou uma vez, meses e meses atrás, que ele instalaria uma piscina para suas filhas. Lembro-me da conversa apenas porque uma piscina parecia um pesadelo para manter.

Pessoas ricas e seus brinquedos.

Agora... agora estou olhando para o início daquela piscina. Há respingos de sangue no pavimento de pedra ao redor e dentro do poço de terra...

No início, meus olhos não querem entender o que estou vendo. Os membros estranhamente curvados, os corpos encharcados de sangue, os olhos vidrados. Mais de dez pessoas estavam naquele poço.

Querido Deus. Não, por favor, não.

Minha náusea aumenta e começo a lutar para valer.

Eu não sobrevivi tanto tempo para tudo acabar assim.

Elvita xinga enquanto luta como uma gata selvagem contra seus captores.

Um dos guardas que seguram Elvita agora à solta e por um instante, acho que ela conseguiu se libertar parcialmente. Mas então o homem retira uma adaga de seu coldre do quadril.

— Por favor. — Ela começa a chorar. — Farei qualquer coisa...

Ele a atravessa, esfaqueando-a uma e outra vez antes que ela possa terminar de implorar por sua vida. Eu grito enquanto seu sangue jorra e me empurro contra os homens que me seguram, me sentindo como um peixe no anzol.

Eles a matam. Bem na minha frente. Eu grito e esperneio enquanto ela sangra.

Quando a primeira facada entra em meu corpo, ainda estou

vendo minha amiga morrer. Por um momento, meus gritos cessam, a ação me pegando de surpresa. Mas então é meu corpo que os homens estão apunhalando sem parar.

Não consigo recuperar o fôlego com a dor. Minhas pernas se dobram enquanto um líquido quente escorre pelo meu corpo.

Porra, isso dói. Pior do que tudo que já senti. Quero gritar, mas a agonia aguda fecha minha traqueia.

Eu fico mole nos braços dos homens. Eles me agarram pelas pernas, levantando-me do chão. O mundo se inclina e finalmente consigo soltar um gemido baixo e torturado enquanto meu corpo balança para frente e para trás, para frente e para trás.

— Um... dois... três.

Os homens me soltam e por um único segundo, fico sem peso.

E então caio no fundo do poço.

Acho que desmaio de dor, mas não posso ter certeza. Estou caindo em um buraco de agonia e delírio. Estou muito fraca para focar em qualquer outra coisa, caso contrário, poderia ter notado o tom particular do céu acima de mim ou a forma dos mortos ao meu redor. Posso até ter tentado me concentrar no arco da minha vida breve e triste ou que finalmente possa me reunir com minha família.

Mas a dor inunda meus pensamentos e tudo que realmente noto é como estou com frio e como é difícil respirar.

Minha mente vagueia e meus olhos fecham.

Este é o fim.

Sinto a morte rastejando em meus ossos. É aqui nesse ponto que as pessoas se reúnem e lutam por suas vidas.

Eu não.

Eu desisto.

Capítulo Quatro

Tenho esse sonho recorrente de Fome caminhando por um campo de cana-de-açúcar. Sua mão se estende preguiçosamente, as pontas dos dedos roçando as hastes. Sob seu toque, as plantas se enrolam e enegrecem, a decomposição se espalha ao seu redor até todo o campo murchar.

É assustadoramente silencioso. Não consigo nem ouvir o vento assobiando por entre os caules moribundos, embora balancem com uma brisa fantasma.

Estou de volta ali agora, parada como uma sentinela enquanto o Ceifador se move pelo campo, matando aquela colheita. Há outra figura mais escura em algum lugar atrás de mim, mas não presto atenção nele.

Enquanto observo, Fome se afasta e enquanto faz isso, o silêncio parece se fechar sobre mim, até que soa ensurdecedor em meus ouvidos.

Atrás de mim, uma mão forte agarra meu ombro, apertando com força.

Os lábios pressionam contra minha orelha.

— Viva. — A voz diz em um sussurro.

E é isso que me acorda.

Meus olhos se abrem. Aperto os olhos contra o brilho pesado e opressor do sol, o cheiro pungente de decomposição espesso em minhas narinas.

Nublada com dor e fraqueza, respiro fundo uma vez, depois outra.

Eu me mexo um pouco. Com o movimento, uma dor aguda e cega corta meu peito.

Ah, caralho.

Eu fico quieta, esperando a dor diminuir. Ela o faz... um pouco, entorpecendo para uma pulsação constante. Respiro superficialmente, inalando terra enquanto faço isso.

Começo a tossir e pelas bolas de Satanás, parece que cruzei os portões do inferno. A dor volta.

Dói tanto.

A terra passa pelo meu corpo, deslizando para fora de mim enquanto me empurro para cima. Meu braço roça algo macio, algo que não é terra. Então a minha perna toca o mesmo objeto.

Meus dentes rangem de dor enquanto me forço a sentar. Grito com a ação, meu corpo doendo em vários lugares diferentes.

Não vomite. Não vomite.

Quando a dor e a náusea passam, olho ao meu redor. Vagamente, registro que estou sentada naquela piscina inacabada e que alguém jogou montes e montes de terra no poço. Mas não é isso que está realmente prendendo minha atenção.

A pouco mais de um metro de distância, vejo um rosto espiando através do solo como uma planta recém-brotada, a boca levemente aberta, terra levemente salpicada sobre os olhos abertos, que olham fixamente para longe.

Um som escapa enquanto meu olhar percorre o meu entorno. À minha esquerda, vejo uma perna e parte do peito de alguém se projetando da terra, à minha direita vejo um ombro e o braço de outro corpo.

Minha mão se apoia em algo irregular e vagamente duro. Olho para baixo apenas para perceber que durante todo esse tempo estive empurrando o rosto da esposa do prefeito, dois de meus dedos estão roçando seus dentes.

Meu grito sai como um choro sufocado.

Querido Deus.

Puxo minha mão, fazendo com que moscas voem antes de se reinstalarem.

Os filhos da mulher estão deitados nas proximidades. Todos então cobertos de terra ao acaso.

Enterrados em uma cova rasa. Deixados para morrer.

E eu junto com eles.

Elvita.

Meus olhos olham ao redor, procurando freneticamente pela mulher que me acolheu cinco anos atrás.

Não a vejo, mas quanto mais olho ao redor, mais percebo que o buraco está se movendo. Outros sobreviveram à violência, outros como eu que foram enterrados vivos.

E agora que estou prestando atenção, posso ouvir seus gemidos suaves e moribundos. Aqueles de nós ainda vivos podem não durar

muito. Minha mente se recompõe contra esse pensamento.

Quero viver.

Viverei.

E então terei minha vingança.

Não posso dizer quantos minutos levo para me forçar a ficar de pé. O tempo espero que um dos homens de Fome aparece para nos verificará para garantir que os mortos continuem mortos. Que todo meu esforço chegará a um fim rápido e preciso. Mas ninguém aparece.

Eu tiro a poeira do meu corpo. Está em todo lugar; no meu cabelo, na minha camisa, cobrindo minhas roupas, entre os dedos dos pés e dentro da minha boca. Sou muito covarde para olhar as feridas em meu peito, mas aposto que, se olhasse, veria sujeira nelas também.

Empurrando-me para cima, meu olhar percorre o poço. As laterais são íngremes demais para simplesmente sair, mas felizmente uma parte da piscina é mais rasa do que a outra e nessa área rasa, alguém pensou em criar degraus que conduzem para fora.

Mas para passar por esses degraus, preciso caminhar sobre os corpos parcialmente enterrados.

Apertando meus olhos fechados, respiro fundo, solto e começo a me mover.

Instantaneamente, a dor aumenta, tirando meu fôlego e tornando meu movimento quase insuportável e agonizante.

Dou um passo trêmulo, depois dois, depois três.

Apenas mais um pouco.

Meu pé escorrega em um braço ensanguentado e caio. Caio no chão.

Dor cega...

Acho que desmaio, porque de repente abro os olhos, embora não me lembre de tê-los fechado.

Mais uma vez, estou deitada sobre um cadáver coberto de terra, minha bochecha aninhada contra algo úmido e pegajoso. A dor, o horror, tudo isso faz minha náusea aumentar. Mal tenho tempo de virar a cabeça para o lado antes de vomitar.

Meu corpo inteiro está tremendo, tanto pelo esforço quanto pela minha terrível realidade.

Fico ali por um momento, meu rosto se contorcendo quando começo a soluçar. Não posso fazer isso. Quero viver, mas isso é demais.

Essas moscas horríveis pousam em mim e é isso que me faz quebrar.

Não serei comida para malditas moscas. Não serei.

Forço para baixo minha náusea e apertando os dentes por causa da dor, me forço para cima mais uma vez.

Novamente, começo a caminhar em direção a escada. E desta vez, não caio. Subo os degraus e saio daquela piscina mortal.

Um grito de alívio escapa assim que meus pés tocam o chão sólido. Mas dura apenas alguns segundos. Ainda posso ouvir os gemidos fracos dos que estão vivos.

Olho de volta para a piscina procurando por alguém ainda vivo.

Talvez Elvita tenha sobrevivido. É possível.

Olho para o mar de corpos parcialmente cobertos. Não vejo a mulher, mas vejo o Prefeito, embora ele esteja quase irreconhecível, com o rosto encharcado de sangue. Ele é um dos que ainda estão agarrados à vida.

Aperto a mão em meu estômago para afastar o máximo da dor que posso, então começo a tropeçar na borda da piscina mais próxima dele.

Ele era um amante sem consideração e dava uma péssima gorjeta, mas não merecia morrer assim e sua esposa e filhos certamente não mereciam.

Quando me aproximo, agacho ao lado da borda da piscina e me inclino. Não sei como tirarei um homem adulto e machucado desse buraco, mas não posso deixar de ajudá-lo.

Ele balança a cabeça, parecendo engasgar com o ar. Apenas agora percebo os rastros de lágrimas que serpenteiam por suas bochechas.

— Pegue minha mão. — Insisto, implorando a ele.

Ele não sabe.

Seus olhos escuros encontram os meus.

— Mate... me... — Sua voz é quase um sussurro.

Meu olhar é incrédulo.

— O quê?

— Por favor... — Ele sussurra.

Eu recuo, horrorizada. Meus olhos selvagens olham para todos os lados, menos para ele e é quando vejo as costas do corpo encharcado de sangue de Elvita.

Um som escapa dos meus lábios. Por um momento, o apelo do Prefeito é esquecido. Eu me levanto, então tropeço até a borda da piscina mais próxima dela, minha visão escurecendo de dor. Não me preocupo em abafar os gritos, embora uma pequena parte de mim se preocupe que isso chame a atenção dos homens de Fome.

Caio de joelhos e a alcanço freneticamente. Ela está perto o suficiente para tocá-la, mas no momento em que meus dedos a tocam, eu sei que ela se foi. Sua pele não se parece em nada com carne viva.

Um soluço escapa dos meus lábios.

Elvita se foi.

Verdade seja dita, eu tenho quer dizer, eu tinha um relacionamento complicado com essa mulher, que era em partes iguais ressentimento e gratidão. Sei que ela me usou, até me explorou, mas também era uma amiga e confidente, me protegeu do pior do nosso mundo. Esse plano dela de jogar uma de suas garotas sobre o cavaleiro não deveria terminar assim.

Nos últimos cinco anos, minha raiva contra Fome permaneceu comigo como uma crosta e agora é como se tivesse sido arrancada.

Ele tirou tudo de mim duas vezes.

É hora de pagar.

Depois de me recompor, me levanto, afastando-me da piscina e das moscas que a circundam.

Todo esse tempo estive distraída demais para notar que nem Fome nem nenhum de seus homens se aproximou deste lugar. E por falar nisso, o fosso está cheio. O negócio deles aqui deve ter sido concluído.

Eu tropeço em direção à frente da casa, apertando os dentes com a dor horrível.

Não deveria estar viva e como estou lamentando esse fato agora, quando meu corpo parece esfolado e aberto.

Caminho para a frente da casa. A porta está aberta. O lugar parece abandonado.

Quanto tempo fiquei deitada dentro daquele poço?

Cambaleio para casa, respirando ofegante e de forma irregular. Preciso parar várias vezes para recuperar o fôlego quando minha visão fica turva, a dor e a exaustão se tornando insuportáveis. Solto gritos abafados.

Enquanto caminho, contorno grandes plantas que surgiram no asfalto da rua. Talvez se estivesse menos focada em dar cada passo, teria percebido como meu ambiente estava silencioso. Quieto e vazio. Teria notado o cheiro pútrido e a aparência alterada da rua.

Estou mais da metade do caminho para casa quando finalmente noto o zumbido das moscas, um som que me acompanhou durante a maior parte da caminhada. Mesmo assim, não processo o ruído até me encostar em uma daquelas árvores que crescem no meio da rua, uma árvore, agora que penso nisso, que não estava lá da última vez que passei por aqui...

O zumbido é quase ensurdecedor e é quando finalmente percebo que algo não está certo.

Olho acima de mim, em direção ao som e engulo um grito. Pendurado nos galhos de um enorme pinheiro-paraná está um corpo retorcido, os pés descalços e descoloridos. Enquanto observo, o cadáver balança suavemente com a brisa. Um enxame de moscas circunda o que acho que costumava ser um homem velho, voando e pousando; voando e pousando ao redor do cadáver.

Enquanto meus olhos se movem sobre a copa de folhas, noto outro corpo, desta vez uma jovem. Seus membros estão emaranhados nos galhos, seus olhos esbugalhados.

Já vi isso antes, Senhor me ajude, mas vi.

Já vi árvores como esta crescerem espontaneamente do solo e posso facilmente imaginar como tirou os homens e mulheres da rua e acabou com suas vidas como uma sucuri esmaga a presa.

Não que isso torne mais fácil de processar.

Eu me inclino mais uma vez e suspiro. Mas não há mais nada no meu estômago para expelir.

Penso em como todos nós, habitantes da cidade, ficamos na rua esperando pelo Ceifador, nossos braços cheios de presentes destinados a aplacá-lo. Então me lembro de seu rosto quando ordenou minha morte. Tudo porque chamei sua atenção.

É assim que nosso medo e generosidade são tratados.

Um flash de raiva eclipsa minha dor e horror por um momento.

Nenhum de nós merecia isso. Bem, talvez um ou dois dos meus

clientes merecessem, mas não todos os outros.

Eu me afasto da árvore e continuo. Agora realmente noto as árvores e arbustos espinhosos que invadiram as ruas rachadas de Laguna. Em cada um deles, corpos são mantidos em cativeiro, suas formas contorcidas.

Ninguém além de mim anda pela rua. Todas as pessoas se foram. As moscas se move, elas e os cães selvagens que puxam alguns dos corpos mais acessíveis.

Olho as plantas ao meu redor como se a qualquer momento pudessem me pegar e me esmagar. Até agora, não fizeram isso e realmente espero que minha sorte continue.

Quando chego ao Anjo Pintado, entre um bar e uma sala de jogos, ainda estou viva. Viva e sozinha. Não encontrei mais ninguém.

Passo sob a placa de madeira que mostra um anjo nu cujas asas mal cobrem seus seios e boceta, e entro na única casa que conheci por meia década. A porta bate atrás de mim, o som ecoando por todo o espaço.

Paro dentro da sala principal.

Normalmente a esta hora do dia, as meninas estariam relaxando nos sofás coloridos que preenchem o espaço. Às vezes tínhamos um cliente ao meio-dia, mas geralmente era a hora em que se não estivéssemos dormindo devido ao trabalho da noite, estaríamos esparramadas nestes sofás, com um café ou chá na mão, jogando truco ou fofocando, cantando ou penteando umas às outras ou um milhão de outras coisas.

Hoje, o bordel está como um túmulo. E por um bom motivo. Três arbustos gigantescos e espinhosos cresceram no meio da sala; neles presas em suas garras estão...

Luciana, Bianca e Cláudia.

Todos elas decidiram ficar não querendo deixar esta vida que construíram para si mesmas. Mas agora se foram de qualquer maneira; e suas esperanças e sonhos se foram com elas.

Minha garganta fica apertada. Estou tentando desesperadamente não desmoronar. Apenas espero em Deus que as mulheres que fugiram antes da chegada do cavaleiro ainda estejam vivas e seguras.

Passo pelos corpos de minhas ex-colegas de casa.

— Olá? — Grito, mas já sei que não sobrou ninguém. Fome não deixa ninguém vivo.

Eu me arrasto até a cozinha. Tudo que quero fazer é dormir, mas meus lábios estão rachados e minha garganta está arranhando de desidratação. Mexendo ao redor, encontro alguns pedaços de frutas que passaram do seu melhor, um pouco de pão amanhecido e uma casca dura de queijo. Isso é tudo o que resta da cozinha normalmente bem abastecida. A geladeira está aberta, as prateleiras vazias e a despensa, com as salsichas penduradas e sacos de grãos, foi limpa.

Pego uma jarra de água parcialmente vazia que está na bancada e levo diretamente aos lábios, tomando tudo. Rasgo o pão, parando apenas para dar grandes mordidas no queijo e na fruta murcha.

Sinto-me enjoada novamente, como se meu estômago não fosse realmente adequado para conter comida. Esse pensamento quase me

faz vomitar a refeição.

Deus, realmente espero que esta não seja uma morte longa e prolongada que leve a porra de um mês.

Quase me deitei em um daqueles sofás, meu corpo já pronto para desabar. Mas não consigo suportar a visão de mais nenhum morto, então tropeço escada acima e chego ao meu quarto onde, felizmente, não vejo mais plantas não naturais.

Caio na cama, terra e sangue escorrendo pelos meus lençóis. Elvita não está viva para gritar comigo e francamente, se ainda houver alguém para gritar comigo, ficarei feliz com isso.

Porque tenho quase certeza de que estou bem e verdadeiramente sozinha.

Capítulo Cinco

Eu não morri. Não naquele dia, no próximo ou depois daquele.

Não sei por que, de todas as pessoas em Laguna, pessoas que tiveram vidas boas e invejáveis, foi a minha vida miserável que foi poupada.

Aqueles primeiros dias são um borrão cheio de febre. Tenho certeza de que me arrastei para fora do poço, tomei água da jarra em algum momento e consegui me deitar na cama, depois fui ao banheiro, mas as lembranças são confusas. Apenas me lembro de comer uma ou duas vezes.

Deve passar cerca de uma semana antes que minha febre diminua. Minha cabeça finalmente clareou e meu estômago está doendo de fome, apesar do cheiro horrível de podridão que enche a sala.

Ugh. Quero morrer.

Com certeza a morte seria mais fácil do que suportar essa dor horrível, mas por qualquer motivo maldito, fui forçada a sobreviver.

Uma lembrança aparece no fundo da minha mente, de uma mão no meu ombro e algo sendo sussurrado em meu ouvido...

Mas então a lembrança desaparece e não volta mais.

Eu sento.

Pela primeira vez em quase uma semana, vejo claramente o que me rodeia. Há um baú ao pé da minha cama com alguns dos meus

brinquedos e fantasias mais interessantes, há o armário abarrotado de roupas macias e minúsculas que provocam e revelam todas as partes mais tentadoras da pele. No parapeito da janela está minha coleção de plantas, a maioria murcha. E depois uma penteadeira, cheia de frascos de perfume e maquiagem. É como se meu quarto não tivesse recebido o memorando.

O mundo acabou. Siga o programa.

Levantando da cama, forço meus músculos doloridos a se moverem, estremecendo com a força agonizante de minhas feridas. Mesmo agora, a dor é terrível, mas posso suportar o suficiente para me concentrar em outras coisas.

Como o fato de que pelo menos duas outras salas pelas quais passo estão cheias das plantas assustadoras de Fome, mais das minhas colegas de casa caídas moles em suas garras, seus corpos em decomposição.

O medo e o cheiro insuportável me levam para fora. Respiro fundo várias vezes e juntando coragem, entro no bar ao lado em busca de comida.

Há mais plantas, mais mortos, mais terror. Mantenho meus olhos baixos e principalmente segurando a respiração enquanto vou para a cozinha.

Tenho que contornar outra árvore retorcida enquanto procuro comida, ignorando o cozinheiro morto. Corpos em decomposição, estou descobrindo rapidamente, são coisas de pesadelo.

Nunca poderei apagar a visão deles.

A maior parte da comida da taverna estragou, mas rapidamente pego o que resta e saio.

Naquela noite, soluço enquanto lavo minhas feridas.

Em parte, as lágrimas vêm da dor. Vários cortes são profundos e ainda estão infectados. Mas outra parte vem do fato de que não posso escapar da cidade podre que me rodeia. Há morte nas ruas e dentro de cada prédio, sinto que o horror disso deixará minha mente louca, se é que já não está de alguma forma.

E depois choro pelas mulheres com quem trabalhei, por Elvita que me abrigou, por Bianca, Cláudia e Luciana que, se estivessem ali, teriam me ajudado a cuidar dos ferimentos, como as mulheres sempre faziam cada vez que um cliente cruzava a linha.

E então choro pelas outras garotas, mortas em seus quartos ou penduradas nas árvores em algum outro lugar desta cidade.

Choro até minha cabeça latejar com o esforço. Quando parece que não tenho mais lágrimas em mim, respiro fundo e irregularmente, depois novamente.

Cada respiração parece uma pequena vitória. Não deveria estar viva, realmente não deveria. E com cada respiração, minha decisão endurece.

Irei atrás dele.

Mesmo que signifique morte certa, farei isso.

Aquele filho da puta malvado cometeu um grande erro ao vir aqui: ele não se certificou de que eu estava morta.

E agora Fome pagará por isso.

Capítulo Seis

Passo os próximos dias invadindo casas e empresas, pegando o que posso.

Para ir atrás do cavaleiro, preciso de algum meio de transporte. Minhas pernas trêmulas me carregam pelas ruas de Laguna. Faço uma careta ao ver pássaros gritando uns com os outros enquanto lutam pelos restos mortais de alguma pobre alma.

Pelo amor de Deus, Ana, desvie o olhar.

Respiro fundo, tentando controlar minha náusea.

A primeira vez que vi o que Fome pode fazer a uma cidade inteira, não fiquei por ali tempo suficiente para ver os corpos se decomporem. Agora, meus ferimentos não me dão escolha.

Minha respiração está irregular e balanço instavelmente.

Chego aos Correios, onde eles têm cavalos e carroças...

Todos se foram. Todos os cavalos.

Dentro dos estábulos dos Correios, as baias dos cavalos estão abertas, cada uma vazia. A única explicação de como ficaram assim são as plantas finas que serpenteiam pelos postes da frente, com as trepadeiras ainda enroladas nas travas.

Fome liberou os cavalos?

Fico olhando um pouco mais antes de deixar os estábulos. Provavelmente é melhor que os animais tenham partido. Não estou em posição de alimentar, dar água e abrigar uma criatura,

especialmente uma que se assusta facilmente.

Os Correios também têm fileiras e mais fileiras de bicicletas em sua propriedade, várias delas já atreladas a carrinhos. Pego uma e volto para o bordel. A partir daí, é simplesmente uma questão de despejar todos os meus suprimentos no carrinho. Comida, água, cobertores, kit de primeiros socorros, barraca. Merda Ana, quem diria que uma vadia como você tinha um lado exagerado?

Empilhei uma grande quantidade de armas naquele carrinho também. Eu não sei com quem posso encontrar, mas considerando como foi meu último encontro com um estranho, estou me sentindo muito apunhalada no momento.

Quando termino, o carrinho está quase transbordando de suprimentos. Sinto uma pequena centelha de excitação.

Sairei de Laguna. Permanentemente. Nunca pensei que realmente escaparia desta cidade.

Mas antes de fazer isso, faço uma última parada em meu quarto. Fico na soleira por vários segundos, observando o lugar. Essas quatro paredes são minhas há anos e tenho todos os tipos de lembranças ali, a maioria delas enervantes, algumas degradantes, mas tenho muitas lembranças felizes também. É engraçado e desconfortável lembrar de tudo. Praticamente vendi minha alma para o bordel. Achei que isso fosse tudo que seria.

Lentamente, começo a vagar pela sala. Meus olhos passam por uma série de pinturas penduradas em minhas paredes, de mulheres nuas deitadas em várias posições sugestivas. Elvita dizia que eram sensuais de bom gosto. Em uma das paredes há um espelho dourado.

E do outro lado está a janela com minhas plantas quase mortas e perto dela está uma única prateleira que contém um vaso de vidro soprado, um livro de poesia erótica e uma cesta cheia de conchas.

Meu olhar vai para o baú ao pé da minha cama antes de me mover para o meu armário e as roupas transparentes penduradas dentro. Por fim, meu olhar para na penteadeira, com os frascos de vidro de perfume e minha bolsa de maquiagem. Eu me movo até a mesa baixa, meus dedos deslizando sobre a madeira. Há uma pequena caixa de joias de madeira ao lado de um tubo de loção e o abajur a óleo.

Tudo isso é muito impessoal. O mais perto que cheguei de qualquer coisa significativa está em uma caixa no fundo do meu armário, mas mesmo isso não tem muito valor. Apenas um pequeno cavalo esculpido que comprei com meu primeiro pagamento, uma pilha de cartas que vários admiradores diferentes escreveram para mim, uma pulseira que Izabel uma vez trançou e algumas outras bugigangas.

Nada disso é muito sentimental e acho que não quero levar nenhuma parte desse meu passado comigo. Nem a maquiagem, nem a roupa, nem qualquer lembrança. Essas coisas são lembretes de quem fui forçada a ser, porém não pretendo continuar sendo essa mulher. Não mais.

Por capricho, sopro um beijo para o quarto e saio dali, trocando o passado como uma segunda pele.

Deixo a cidade e saio apenas o suficiente para deixar o fedor da morte para trás. Então paro e armo a barraca, fico ali por mais de uma semana, deixando minhas feridas cicatrizarem. Mantenho minhas

armas por perto, ladrões na estrada são famosos por cometer todos os tipos de crimes contra viajantes, mas meu medo é desnecessário no final. Não vejo ou ouço uma alma.

Depois que minhas feridas se curam o suficiente, começo a viajar. E viajar e viajar. Os dias se confundem, um passando atrás do outro até os dias se tornarem semanas. Meu progresso é lento, tanto por causa dos meus ferimentos, quanto porque tenho que parar para procurar comida, o que é uma maneira bonita de dizer que tenho que entrar em mais cidades cheias de mortos em decomposição, arrombar mais casas e roubar comida de quem já não precisa.

Há também a questão de seguir o rastro de Fome. Não há ninguém para pedir informações, então preciso usar minha intuição para rastrear o cavaleiro. Para ser honesta, não é muito difícil. O homem mata as plantações aonde quer que vá, então é uma simples questão de seguir os campos e pomares mortos.

E onde quer que eu vá, há corpos. Em árvores, próximo a campos, espalhados pela estrada, fora de casas e postos avançado, em todos os lugares entre eles, todos eles pegos por aquelas plantas horríveis. O som do zumbido das moscas tornou-se quase constante. Fui tola em pensar que deixar Laguna de alguma forma me isolaria da visão de tanta morte. Isso é tudo o que resta dessas vilas e cidades.

Mas embora a jornada seja cheia de horrores, também há beleza. Vejo quilômetros após quilômetros a Serra do Mar, a cordilheira que se estende como uma mulher reclinada ao longo da costa. Ouço o pio de pássaros e insetos que nunca ouvi tão nitidamente enquanto morava na cidade. E às vezes, quando a noite está clara, abandono completamente a barraca e durmo sob as estrelas, olhando para

aquelas luzes distantes.

Portanto, nem tudo é ruim.

Sem mencionar que viver até o fim do mundo significa não mais trabalho sexual e isso significa que não tenho que dar a mínima para a aparência do meu rosto ou corpo. O que é bom. Além disso, não preciso ter um corpo pesado e cheio de tesão caindo sobre mim. Isso também é bom.

Porra, mesmo depois de tudo, ainda sou otimista.

O tempo todo em que pedalo, acabo vendo apenas outra alma. Encontro-o ao passar pela cidade litorânea de Barra Velha. Não sei quem ele é ou por que foi poupado, mas meu melhor palpite é que era um pescador no mar quando Fome chegou a sua cidade. Fico pensando se durante aquela primeira semana febril após o ataque do cavaleiro algum outro pescador local atracou em Laguna, vindo à terra apenas para encontrar uma cidade cheia de morte. O pensamento fez os pelos dos meus braços se arrepiarem.

Eu não me aproximo do homem chorando, embora acene para ele quando olha para mim, seus olhos se arregalando. Um mês atrás eu poderia ter parado para conversar e me certificar de que ele estava bem, mas um mês atrás tinha um pouco mais de coração e um pouco menos de vingança.

A trilha que sigo vai para o interior e os corpos pelos quais passo parecem... mais frescos. É quando sei que estou prestes a alcançar Fome. Até então, já se passou cerca de um mês desde que fui esfaqueada. Não consigo imaginar que sou um pensamento sequer na mente do cavaleiro.

Apenas ao pensar nisso, minha raiva volta com força. Ele pode ter se esquecido de mim - duas vezes agora - mas preciso viver com os horrores que ele infligiu. O movimento ainda puxa minhas feridas, então há toda a dor que não é física. Não poderia esquecer isso mesmo se tentasse.

Finalmente alcanço o cavaleiro em Curitiba, apenas sei disso porque ouço os uivos do vento.

Paro minha bicicleta, olhando para o horizonte da cidade. Já vi arranha-céus antes, mas nunca vi tantos, todos eles agrupados tão próximos.

Os humanos fizeram isso.

Às vezes as pessoas falam sobre como era antes dos cavaleiros chegarem, suas vozes cheias de melancolia. O passado parece um sonho, no qual, na maioria das vezes, não consigo acreditar. Mas então há momentos como este, quando olho para a incrível evidência de que as habilidades do homem rivalizavam com as de Deus.

É apenas quando me aproximo que noto como estão degradados. Muitos deles parecem cobras mudando de pele, metade de suas superfícies caídas. As plantas trepadeiras parecem ter se enraizado nas estruturas desses arranha-céus, fazendo com que pareçam ainda mais antigas do que deveriam ser.

Os cavaleiros chegaram há apenas um quarto de século, mas esta cidade parece ter mil anos.

Um gemido saiu ao olhar dos edifícios.

A menos de três metros de mim, uma jovem está presa nos galhos

retorcidos de uma das plantas do cavaleiro, está produzindo bagas brilhantes. Há uma videira grossa enrolada em seu pescoço, mas não é apertada o suficiente para sufocá-la, pelo menos não agora.

Desmontando da minha bicicleta, pego uma das facas que guardei. Aproximando-me da planta, começo a cortar os galhos. Em resposta, os que estão ao redor da mulher se contraem, fazendo-a sufocar. Seus olhos se arregalam um pouco, de medo ou sufocação. Freneticamente, começo a cortar, tentando chegar até ela. E de repente, a planta aperta a mulher com uma força impossível. Ouço alguns ruídos horríveis de estalo. As pálpebras da mulher tremem e a luz deixa seus olhos.

— Não. — Digo.

Deixo a faca e volto, olhando para planta. Meu estômago revira com a visão perturbadora. É tudo o que tenho visto há semanas e semanas.

O choque de toda essa morte passou e por trás do horror, apenas uma coisa permanece.

Raiva.

Estou tão cheia disso que é difícil respirar.

Volto para a bicicleta e começo a pedalar novamente, me movendo pelas ruas agonizantes de Curitiba. Os vendedores ambulantes tiveram seus produtos revirados por essas plantas selvagens e em algumas áreas onde havia mais tráfego de pedestres, florestas inteiras surgiram nas ruas, tornando as estradas inacessíveis. Assim como na maioria das outras cidades que visitei, as plantas aqui parecem ter engolido essas pessoas em poucos minutos.

E de que adianta um Ceifador arruinar a terra se ele matará as pessoas antes que alguém morra de fome?

Ele quer vê-los morrer. Uma voz sussurra em minha mente. Ainda posso ver a crueldade em seu rosto. Ele quer ver a terra espremer nossa própria vida.

Caminho pela cidade, procurando o cavaleiro. Há uma chance muito real de que Fome ainda esteja em Curitiba. O pensamento me emociona, embora encontrá-lo em um lugar tão grande seja um desafio.

Estou quase no centro da cidade, onde as estruturas parecem especialmente degradadas, quando ouço outro grito sufocado, esse vindo de dentro de um prédio que exibe cestos trançados, cerâmicas, estatuetas de cerâmica e algumas roupas tradicionais brasileiras.

Parando com a bicicleta, eu a inclino contra o prédio e sigo para dentro.

Lá dentro o lugar está escuro, mas não o suficiente para não ver as quatro árvores separadas que se erguem do chão, suas copas pressionadas contra o teto. Presos em cada um deles estão formas escuras. Uma dessas formas muda, deixando escapar outro soluço de dor.

Meus olhos fixam-se na figura. Lentamente, me aproximo.

— Eu não posso tirá-lo. — Digo como forma de saudação. — A última pessoa que tentei ajudar morreu por essa... — Não consigo dizer. — Árvore, coisa.

Em resposta, acho que ouço soluços suaves. O som revira meu

estômago.

— Você pode falar? — Pergunto.

— Ele matou meus filhos e os filhos deles também. — O homem responde. — Ele nem mesmo precisou tocá-los para acabar com suas vidas. — Ele começa a soluçar novamente.

— Estou procurando por ele. — Digo. — Ainda está na cidade?

O homem não responde, apenas continua chorando.

Eu me aproximo. Bem no alto daquela árvore, mal consigo distinguir os olhos do homem.

Eu paro, avaliando-o, antes de levantar minha camisa, mostrando a ele minhas próprias feridas terríveis. Não posso dizer quantas vezes me despi para os homens ou quantos olhos viram minha pele nua. Essa, no entanto, é uma das poucas vezes em que mostro minha pele por outra coisa que não seja dinheiro ou prazer.

Depois de alguns segundos, o homem fica quieto.

— Ele tentou me matar também. — Digo, deixando o estranho ver as várias cicatrizes de minhas feridas de faca. — Pretendo retribuir o favor. Então, você sabe onde ele está? — Pergunto.

— Deus poupou você, menina. — Ele resmunga. — Deixe este lugar e viva sua vida.

Quero rir disso. Escolhi essa opção uma vez; isso me levou a um bordel. Não o farei novamente.

— Deus não me poupou nada. — Respondo. — Agora, você sabe onde ele está?

O homem fica quieto por muito tempo, mas finalmente diz:

— Sete quilômetros a leste daqui, fica o bairro Jardim Social. Ouvi dizer que ele está hospedado em algum lugar lá.

Sete quilômetros. Posso chegar lá dentro de uma ou duas horas, supondo que consiga encontrar o lugar.

— Obrigada. — Digo.

Hesito então, sentindo que devo algo ao homem.

— Deixe-me. — Ele ofega. — Eu pertenço aqui, com minha família.

O pensamento me arrepia.

— Obrigada. — Digo novamente, então me viro para sair.

— É suicídio! — Ele grita nas minhas costas.

Eu não me viro.

— É vingança.

Capítulo Sete

Sigo as instruções do velho o melhor que posso e vou para o leste. E se antes existia medo em mim, não existe mais. Levo muito tempo para encontrar a casa em que Fome está se hospedando. Ela não se destaca de forma alguma das casas ao seu redor. Na verdade, poderia ter passado direto se não fosse pelos homens de aparência malvada que vagam pela propriedade.

Um deles me vê, dando vários passos agourentos para frente antes de entrar em casa. Alguém claramente se incomodou. O que significa...

Fome está naquela casa.

Meu coração começa a bater como um louco.

Fome está naquela casa e em alguns minutos, ele saberá que ainda há alguém vivo nesta cidade arruinada.

Antes que os outros homens de guarda possam fazer qualquer outra coisa, vou embora, parando apenas três quarteirões depois, quando me deparo com uma casa abandonada, uma relíquia de uma época diferente.

Pegando várias das armas do meu carrinho, espero que um dos homens de Fome venha me caçar, ou pior, uma daquelas plantas não naturais brote do chão e me esmague até a morte. Estou quase pronta para isso, mas nada acontece. Os minutos passam e o sol avança no horizonte.

O Ceifador está aqui, nesta cidade, a poucos quarteirões de

distância. Minha adrenalina dispara com o pensamento e uma parte de mim quer correr para aquela mansão, chutar suas portas e entrar. Em vez disso, me forço a esperar, elaborando uma espécie de plano enquanto o céu escurece.

Espero até que esteja escuro como breu do lado de fora antes de sair. Amarrei duas lâminas em meus quadris e outra em meu peito, as tiras de couro parecendo estranhas contra meu corpo. Dois meses atrás, isso seria excessivo para a maioria dos cidadãos cumpridores da lei. Agora, pode não ser proteção suficiente contra Fome e seus homens.

Eu me arrasto de volta para casa em que ele está hospedado, meu coração começando a acelerar. Sei o suficiente sobre os cavaleiros para entender que nada que os humanos fizeram os mataram. Isso não desacelera meu passo.

À minha frente, avisto a mansão. Não teria como não ver. É a única casa iluminada em qualquer lugar da cidade. Lâmpadas de óleo brilham e mais uma vez alguns homens permanecem do lado de fora. Alguns estão de pé, outros sentados fumando cigarros e charutos no gramado da frente. Um deles está andando de um lado para o outro, gesticulando freneticamente enquanto faz isso; está dizendo algo, mas estou muito longe para ouvir.

Eu me movo para o quarteirão que fica atrás da casa, me escondendo nas sombras. Ninguém está ali, entre essas casas escuras e vazias. Não é surpreendente; Fome provavelmente não espera nenhum tipo de ataque agora que matou a maior parte da população da cidade.

Assim que descubro qual casa é vizinha da casa de Fome, corro

pelo quintal, indo até os fundos da propriedade. Tudo está assustadoramente quieto.

Eu pulo a cerca de pedra que separa as duas propriedades, então caio dentro do quintal da mansão, meus pés pousando na terra suave.

Meu coração começa a bater forte, minha respiração saindo em ofegos rasos. Este é um ponto sem volta. Poderia ter seguido o conselho daquele velho e fugido. Poderia continuar vivendo. Seria solitário e não muito diferente da vida que conheci, mas teria sobrevivido, o que é melhor do que posso dizer da maioria das pessoas.

Dou um passo à frente, depois outro e outro, ignorando a parte racional e assustada do meu cérebro. Esta parte da propriedade está escura; há postes de luz ali, embora não iluminem muito.

Percebo o porquê um momento depois, quando ouço o gemido de uma alma moribunda. Olho para a escuridão. Depois de alguns segundos, vejo uma pilha de corpos.

Jesus.

Engulo um grito, minhas próprias lembranças fervilhando. Por um minuto simplesmente fico ali, enfrentando a antiga dor e o medo, que não parecem tão antigos no momento. Então, quando consigo controlar minhas emoções, respiro fundo e continuo contornando os corpos.

Minha mão toca o punho das minhas armas. Nunca esfaqueei uma pessoa antes. Já arranhei, bati e dei socos em algumas pessoas, e chutei as bolas de homens mais vezes do que gostaria de admitir, mas apenas isso.

Esta noite... realmente será minha primeira vez usando uma adaga. Tento não pensar muito nisso; não quero perder minha coragem.

Vou até a porta dos fundos e estendendo a mão, tento a maçaneta que cede sob meu toque.

Destrancada.

Porque quem ousaria invadir a casa de Fome depois de dizimar a cidade?

Juro que posso ouvir meu próprio batimento cardíaco enquanto abro a porta. Olho ao redor para a sala fria além de mim. Algumas velas brilham, a cera pingando de suas hastes. A luz fraca ilumina um sofá, um conjunto de poltronas, um vaso enorme e um busto de mulher de madeira oleado. Ninguém está ali.

Silenciosamente, entro na sala.

Onde estão todos os guardas? Eu vi quase dez deles do lado de fora, mas ali eles não estão à vista.

Depois de um momento, ouço um som suave de batidas. O som arrasta meu olhar para direita, onde vejo uma sala de jantar mal iluminada. Meu peito se acalma quando vejo a silhueta de Fome em uma das cadeiras, de costas para mim.

Sua armadura se foi, mas sua foice reveladora repousa sobre a mesa à sua frente, logo além há um livro aberto que está onde um prato deveria estar. O Ceifador, entretanto, não parece ler. Com base no ângulo de sua cabeça, ele está olhando pela janela em frente, seus dedos tamborilando distraidamente na mesa.

O Ceifador está tão quieto que, se não fosse por aqueles dedos, eu teria assumido que ele era apenas mais uma decoração cara colocada em exibição nesta casa.

Por um momento, me pergunto se isso é algum tipo de armadilha. Não há nenhum guarda ali e provavelmente deveria haver. E Fome está bem ali, sozinho e aparentemente sem saber da minha presença.

Espero nas sombras por um longo tempo, olhando para suas costas largas e seu cabelo cor de caramelo. Tempo suficiente para que os dentes de qualquer armadilha se fechem sobre mim. Os segundos passam e nada acontece.

Logo, começo a me aproximar, cruzando a sala de estar, meus passos em silêncio.

Pego uma das facas embainhadas ao meu lado, puxando-a o mais silenciosamente que posso.

Mate-o e saia despercebida. Esse é o plano. Eu sei que não é uma solução permanente. Afinal, ele não pode morrer.

Essa foi uma das primeiras coisas que aprendi sobre Fome há muito tempo. Não há como acabar com ele.

Realmente não importa neste ponto. Matá-lo, não importa o quão temporário, é a única solução que resta a qualquer um de nós, humanos. Então, empurro minhas dúvidas de lado. Vim de muito longe para parar agora.

Ao contornar o sofá da sala, quase tropeço em um corpo.

Preciso morder meu lábio para abafar meu grito.

Querido Deus.

Bem quando pensei que não haveria mais surpresas.

O homem aos meus pés foi estripado do umbigo à clavícula. Ele olha fixamente para longe, deitado em uma poça de seu próprio sangue.

A bile sobe pela minha garganta e preciso engoli-la. O tempo todo, tenho certeza de que Fome me ouvirá.

E ainda assim ele não o faz, pelo que posso dizer. Apenas continua batendo os dedos na mesa e olhando para fora das janelas.

Contornando o cadáver, passo pela sala de jantar com pés silenciosos. Meu coração, que batia loucamente apenas alguns minutos atrás, agora desacelerou. Sinto-me estranhamente calma. Meu medo, meus nervos e aquela raiva terrível que se agitava dentro de mim por semanas se foram.

É assim que deve ser viver sem consciência.

Eu me aproximo das costas da cadeira de Fome e com um movimento suave, minha adaga atinge seu pescoço.

Ouço a inalação aguda e surpresa do cavaleiro.

Enfiando meus dedos naquele cabelo bonito dele, empurro sua cabeça para trás, minha lâmina pressionada firmemente contra sua pele.

— Você usou como exemplo a mulher errada. — Sussurro em seu ouvido.

Sob meu toque, o cavaleiro fica rígido.

— Você é muito corajosa ou muito tola para me atacar. — Diz ele,

seus olhos verdes jade olhando fixamente para frente.

— Seu bastardo. — Eu digo, apertando seu cabelo. — Olhe para mim.

Ele o faz, seu olhar se movendo para meu rosto, seu pescoço roçando minha lâmina enquanto ele vira a cabeça. O Ceifador sorri malicioso quando encontra meus olhos, embora ele não esteja em posição de achar isso engraçado.

— Você se lembra de mim? — Pergunto.

— Perdoe-me, humana. — Diz ele. — Mas todos vocês são muito semelhantes.

É para ser um insulto, mas estou além de insultos. Muito além deles.

Depois de um momento, no entanto, uma centelha de reconhecimento aparece em suas feições e suas sobrancelhas se erguem.

— Você era a garota cuja carne foi oferecida a mim, certo? — Ele diz. — Que diferença a pintura facial faz.

Outro insulto.

Meu aperto em seu cabelo aumenta e pressiono a adaga um pouco mais fundo em seu pescoço. Ele não reage, mas juro que está agitado, muito, muito agitado.

Seu olhar percorre meu corpo.

— E você ainda está respirando. — Ele observa. — Será que um dos meus homens sucumbiu às suas lamentáveis artimanhas e a

poupou?

Minha lâmina corta sua pele agora, desenhando uma linha de sangue. Depois de anos suportando as exigências dos homens, é muito bom empurrar minha vontade para outra pessoa e não consigo pensar em uma criatura mais merecedora para suportá-la.

O Ceifador percebe minha expressão. Depois de um momento, ele ri.

— Sinto muito, eu deveria estar com medo? — Ele parece tão calmo que quase acredito nele. Mas seus braços estão tensos, como seus músculos. E então há a lembrança da última vez que nos encontramos. Apesar de todo o sofrimento que ele inflige, não acho que goste disso quando se trata de si mesmo.

— Você ainda não se lembra de mim. — Digo. — Pense mais.

— Qual é o objetivo deste exercício? — Fome diz, exasperado. — Não tenho o hábito de lembrar dos humanos.

Eu afrouxo meu aperto em seu cabelo apenas um pouco.

— Eu salvei você uma vez, quando ninguém mais o faria.

— Salvou? — Fome pergunta, divertido. Mas ao contrário de sua expressão, seus olhos brilham de raiva. Sinto que ele está ganhando tempo, esperando que eu estrague tudo antes que ataque.

— É um erro do qual me arrependo todos os dias desde então. — Admito, minha garganta apertando.

— Verdade? — Ele diz e agora eu juro que está se divertindo. — E me diga, brava humana, como você me salvou?

— Você não se lembra? — Pergunto, na verdade um tanto chocada. Como pode esquecer? — Estava chovendo quando o encontrei. Você estava coberto de sangue e seu corpo estava faltando... pedaços.

Lentamente, o sorrisinho de merda de Fome desaparece.

Finalmente, a reação que estava procurando.

Meu aperto em seu cabelo aumenta novamente.

— Lembra de mim agora, filho da puta?

Capítulo Oito

Cinco anos atrás

Anitápolis, Brasil

Não acredito nos boatos. Não até vê-lo.

Nos últimos dois anos, houve sussurros em minha cidade sobre o homem imortal que ergueu os mares e dividiu a terra. O cavaleiro que veio a nossa terra e tentou nos dizimar. Corre o boato de que ele foi preso e como punição, trancado em algum lugar da vasta Serra do Mar. Em algum lugar próximo à nossa cidade.

Eu não pensei muito no boato até agora.

Através da chuva torrencial, meus olhos se fixam em um caroço caído ao lado da estrada de terra.

Não procure muito.

Eu sei que não deveria. Sei que, uma vez que minha mente junte o que estou vendo, não gostarei. Mas é impossível desviar o olhar. Meus sapatos esmagam contra a lama quando me aproximo da coisa. Logo percebo que estou olhando para um peito enlameado e ensanguentado. Um que foi mutilado quase além do ponto de reconhecimento.

Minha respiração fica acelerada e quase deixo cair minha cesta de jabuticabas, a fruta escura rolando perigosamente ao redor.

Quem poderia ter feito isso com outro humano?

Vá para casa, agora.

Quem quer que tenha atacado esta pessoa, ainda poderia estar ali e esta pobre alma que foi deixada para morrer, não faria diferença ajudar agora. Estava claramente morto.

Enquanto passo pelo corpo, não consigo evitar, desacelero, minha curiosidade levando o melhor de mim. É quando noto algo estranho. A pele do que deveria ser o pescoço e o peito da pessoa... brilhando.

É um colar? Que joia brilha? Fico olhando para o peito nu, notando distraidamente que é um homem.

Pare de ficar olhando e vá para casa. Quem quer que seja, está morto, estou ensopada até os ossos e se chegar tarde de novo em casa, tia Maria arrancará minha pele.

Sem mencionar que um assassino pode estar escondido na floresta na beira da estrada. Ele pode estar me observando neste exato momento.

Com esse pensamento assustado, me levanto e pego minha cesta, a chuva ainda caindo sobre mim. Assim que começo a me afastar, ouço um som áspero nas minhas costas.

Eu giro e agora as jabuticabas caem da minha cesta.

Meu olhar percorre as árvores ao redor da estrada, certa de que o assassino aparecerá a qualquer momento.

É quando ouço o som novamente, mas desta vez, claramente vem da carcaça ensanguentada na minha frente.

Puta merda.

O homem ainda estava... vivo?

O pensamento está além de aterrorizante. Ele encontrava-se em pedaços.

Engulo, dando um passo em direção ao corpo, o medo se acumulando no meu estômago.

Apenas verifique se está morto...

Ainda assim, hesito antes de tocá-lo. Ele está sem um braço inteiro; este simplesmente se foi. Seu outro braço termina em seu cotovelo, as bordas desfiadas dele uma bagunça polpuda.

Meu olhar se move para baixo para seu peito, que estava cheio de marcas de chicote até a sua virilha. Suas pernas não foram amputadas, mas como seu peito, parecem estar esfoladas em vários pontos. Riachos de sangue aquoso serpenteiam para longe do homem nu, misturando-se com a água da chuva.

A visão de tanta dor me dá vontade de chorar.

O que aconteceu com você?

O homem está muito quieto. Muito quieto. Qualquer que seja o som que ouvi antes, devo ter me enganado.

Não há como um humano sobreviver a essas feridas.

Minha pele formiga, instintos me dizendo para correr antes que quem fez isso me ataque também.

Antes de me levantar, coloco a mão no peito do homem, bem sobre seu coração — apenas para ter certeza de que ele está bem e verdadeiramente morto.

Sob a minha palma, ele está completamente imóvel. Não há respiração, nenhuma batida de seu coração.

Morto.

Começo a afastar a mão quando minha atenção se concentra na luz verde suave brilhando a apenas alguns centímetros de meus dedos. Estreito os olhos enquanto observo...

Que porra?

Minha mão se move, meus dedos percorrendo as marcas brilhantes. Esta não é uma joia. As marcas fazem parte da pele do homem.

Meus olhos se voltam para o rosto do estranho, que está escondido por seu cabelo emaranhado. Meu pulso começa a acelerar.

Isso poderia realmente ser….?

Mas isso significaria que os rumores eram verdadeiros. Esses rumores ridículos e assustadores.

Certamente isso não pode estar certo. Qualquer ser forte o suficiente para sacudir a terra e matar as plantações não poderia ser contido por humanos.

Mas agora posso ouvir meu pulso batendo forte entre meus ouvidos e ainda estou olhando para aquele rosto, escondido atrás de uma cortina de cabelo molhado.

Por capricho, estendo a mão e afasto as mechas gotejantes para longe do rosto do homem, colocando-as atrás da orelha.

Ao meu toque, seus olhos se abrem, sua íris é verde brilhante.

Eu grito, caindo de bunda.

Deus e todos os santos! Que porra é essa?

— Socorro. — Ele sussurra para mim, então seus olhos se fecham novamente.

Estou tremendo, olhando para a forma inconsciente do cavaleiro. Ele está vivo. O cavaleiro. A criatura enviada por Deus para matar todos. Ele está vivo e sem extremidades, agora quer minha ajuda.

Seguro meus braços. O que deveria fazer?

Contar para a cidade. As pessoas precisam saber que o cavaleiro chegou.

Alguém acreditaria em mim? Uma hora atrás, eu não teria acreditado em mim.

E daí se eles acreditarem que você é uma tola? Diga-lhes e deixe-os decidirem por si próprios.

Eu fico de pé e começo a me afastar, meus passos apressados.

Mas então... paro. Lanço um olhar inseguro por cima do ombro.

Esse homem - sobrenatural ou não - está ferido demais para prejudicar alguém. E a julgar por seus ferimentos, ele não é o grande monstro que as histórias o fazem parecer.

Alguém fez isso com ele. Alguém certamente humano.

Fico olhando para sua forma enrugada por mais um pouco.

— Ajude.

Ele usou seu único suspiro para pedir minha ajuda. O

pensamento fez meu peito apertar. E se este for realmente o cavaleiro... realmente deveria ir embora.

Mesmo assim, fico ali, no meio da estrada, com os olhos fixos nele. Penso em minha tia, que mal dá a mínima para mim. E se eu estivesse deitada em uma vala, não tenho certeza se ela me salvaria.

Eu sei o que é não ser desejada.

E se fosse a única ferida e implorando por ajuda, gostaria de alguém que se importasse. Até mesmo um estranho.

Engulo.

Porra, eu o farei.

A chuva atinge minha pele enquanto agarro o cavaleiro sob as axilas, meu olhar se movendo para cima e para baixo na estrada lamacenta. Não há ninguém nesta trilha do sertão. Ninguém além de mim e do cavaleiro. Mas alguém aparecerá, é apenas uma questão de tempo.

Um passo meticuloso de cada vez, arrasto o cavaleiro para fora da estrada e em direção a uma casa abandonada onde costumava brincar quando era criança. Mesmo faltando extremidades, ele pesa mais do que uma vaca, e uma vaca *muito gorda* ainda por cima.

O tempo todo, meu coração bate forte. Quem fez isso com ele realmente ainda pode estar lá fora.

E provavelmente o estão procurando.

Assim que estou dentro da casa, minhas pernas se dobram e caio, o cavaleiro desabando em cima de mim.

Por vários segundos, fico deitada sob seu corpo ensanguentado, lutando para respirar. Claro que é assim que encontraria meu fim, sufocando até a morte sob o peso deste homem gigantesco. Apenas eu me meteria nessa situação estúpida.

Não posso acreditar que estou tentando salvar a porra de um cavaleiro do Apocalipse.

Grunhindo, empurro o homem de cima de mim, deixando seu corpo rolar para o lado.

Olho para a forma retorcida do cavaleiro, franzindo a testa.

Talvez salvar seja a palavra errada. O homem parece bem morto. E ainda estou ali, puxando seu corpo quando deveria chegar em casa.

É por isso que minha tia Maria não gosta de mim. Posso ouvi-la neste momento. Você tem mais problemas do que vale.

Ao pensar nela, lembro-me da cesta de frutas que deixei na estrada. E se não apenas chegar atrasada em casa, mas de alguma forma também conseguir perder as frutas e sua cesta, ela definitivamente expulsará minha bunda curiosa.

Arrasto-me de volta para a chuva torrencial e pego a cesta idiota, meio que torcendo para que o cavaleiro tenha ido embora quando voltasse para a casa abandonada.

Mas é claro que ele não foi. Ainda está deitado na pilha ensanguentada e pingando onde o deixei.

Não é tarde demais para ir embora, ou contar a alguém sobre ele.

Claro, eu não farei isso.

Muito sentimental, meus primos me chamam.

Coloco a cesta de lado e me agacho perto do cavaleiro. Meus músculos ainda tremem com o esforço anterior, mas me forço a deitar o cavaleiro, tentando colocá-lo em uma posição o mais confortável possível. O tempo todo faço uma careta com a sensação fria de seu corpo.

Ele deve estar morto.

Mas da última vez que pensei isso, ele não estava e isso é o suficiente para me manter dentro desta maldita casa.

Então, sento-me do outro lado da sala enquanto a chuva cai contra o telhado gotejante, ignorando minha ansiedade crescente de que não estou em casa e com certeza levarei uma surra por isso. Fecho meus olhos e inclino minha cabeça para trás contra uma parede próxima.

Acho que adormeci, porque quando pisco e abro os olhos, está quase escuro lá fora.

E do outro lado da sala, ouço um som terrível e agudo. Meus olhos vão para a fonte e lá estava o cavaleiro, suas estranhas tatuagens brilhantes dando à casa um brilho verde assustador. Na luz fraca, posso ver o branco de seus olhos. Ele parece confuso e assustado.

Afinal, ele está vivo.

Não penso exatamente quando me levanto e me aproximo dele, ajoelhando ao seu lado. Ele está olhando para os restos de seus braços, que eu juro que parecem ter crescido novamente...

Coloco uma mão calmamente em seu peito nu. Ao meu toque, o

cavaleiro estremece, como se esperasse que um tiro viesse. Minha garganta aperta com isso. Conheço o sentimento muito bem.

— Você está seguro. — Sussurro.

O olhar do cavaleiro se volta para mim. Seu rosto ainda está inchado e machucado, mas acho que por baixo de todos esses ferimentos ele tem um rosto lindo.

Por que você está pensando no rosto dele?

Ele tenta mover o braço, acho que para me afastar, mas não há braço suficiente para mover.

— Eu não vou machucá-lo. Juro. — Minha voz decidida. Não tinha me comprometido totalmente em ajudar este homem antes, mas agora, vendo-o ferido e assustado, não o deixarei.

— Você está com sede? — Pergunto.

Ele me observa, aqueles olhos verdes quase tão penetrantes quanto as marcas em seu peito. Não responde.

Deve estar com sede. Ele não bebeu nada o dia todo. Soltando o cantil que carrego ao meu lado, o levo aos lábios.

O cavaleiro me lança um olhar incrivelmente desconfiado.

Eu levanto uma sobrancelha. Ele acha que envenenei a água? Como se eu tivesse tempo para isso.

Apenas para provar a ele que a água está boa, levo o cantil aos lábios e tomo um gole. Eu o abaixo e levo para a dele.

Ele balança a cabeça.

— Você deve estar com sede. — Insisto.

— Estou bem. — Ele sussurra, sua voz baixa e rouca.

— Como quiser. — Eu digo, colocando meu cantil de lado.

— Por quê? — Ele pergunta.

Por que você está me ajudando? Ele quer dizer.

— É o que qualquer pessoa decente faria.

Ele solta um bufo incrédulo, como se não existissem pessoas decentes.

Nós dois sentamos em silêncio. Quero fazer todo tipo de pergunta agora que ele está acordado, mas as engulo. Ele está em condições muito difíceis.

Assim que o pensamento passa pela minha mente, ele faz um ruído baixo, seu peito subindo e descendo cada vez mais rápido.

— O que há de errado? — Sussurro. Não sei por que estou sussurrando.

Ouço seus dentes rangerem e o som agudo de um grito reprimido.

Oh. Duh, Ana. O homem está sofrendo muito.

Sem pensar muito, alcanço e passo os dedos por seus cabelos. Meu pai costumava fazer isso para me acalmar quando eu estava doente.

Outro som de dor escapa de sua boca e afasto a mão, pensando que talvez isso não seja tão calmante afinal. Mas então o cavaleiro inclina a cabeça em direção à minha mão, procurando meu toque.

Sentindo-me corajosa, me aproximo, até que sua cabeça está quase

no meu colo. Então volto a passar meus dedos por seu cabelo. A ação parece acalmar o cavaleiro. Enquanto observo, seus olhos se fecham e sua respiração se equilibra.

— O que aconteceu com você? — Murmuro.

Ele não responde, mas não espero que faça.

O que você está fazendo, Ana? E de todos os erros que cometi, este pode ser o pior de todos.

O problema é que não me arrependo, embora devesse. Definitivamente deveria.

Acordo no meio da noite com gritos distantes. Eu me empurro para cima, piscando e olhando ao meu redor. A última coisa que me lembro, era de que estava passando os dedos pelos cabelos do cavaleiro. Mas então me cansei e deitei...

Esfrego meus olhos e reprimo um bocejo. Ainda está escuro e...

— ... escapou! Filho da puta... fora!

Isso me acorda rapidamente.

O cavaleiro ainda está deitado ao meu lado. O brilho verde de suas marcas ilumina seu rosto; seus olhos estão abertos. Ele já está ciente deles.

Olho pela janela, tentando ouvir o que está acontecendo.

— ...todos os homens... mortos...

Olho para o cavaleiro. E se ouvi direito, então esse homem matou pessoas antes que eu o encontrasse. Um arrepio percorre meu corpo.

O cavaleiro encontra meu olhar. Gostaria que ele não parecesse

tão vulnerável.

Deve ter sido em legítima defesa, digo a mim mesma. Eu vi suas feridas com meus próprios olhos. Provavelmente mataria quem fez isso comigo também.

— Você está seguro. — Repito, meu coração batendo loucamente. Não desistirei dele agora.

A sala em que estamos é iluminada pela luz verde suave do cavaleiro e infelizmente para nós, esta casa não fica tão longe da estrada principal. Logo, estes homens notarão a luz vindo deste lugar, se é que ainda não o fizeram.

Tomando uma decisão rápida, tiro minha camisa e a jogo sobre o peito do cavaleiro. O tecido apaga o brilho quase completamente, tornando a sala muito escura para ver.

Nós dois sentamos na escuridão, ouvindo.

— ...pode rastreá-lo... não pode estar longe...

Sinto que estou ficando com frio.

— ...inútil... chuva... rastros... manhã...

Talvez a chuva tenha levado todas as evidências de que arrastei o cavaleiro até aqui. Talvez tenhamos tido sorte. Penso em como tive pouca sorte na vida. Melhor não presumir que de repente será suficiente para salvar o dia.

As vozes se afastam e não voltam. O que quer que eles decidiram, não os traz de volta a nós.

Talvez estejamos bem, por enquanto.

Depois disso, não consigo dormir, com muito medo que essas pessoas nos encontrem.

Meu olhar volta para a forma escura do cavaleiro. Não consigo tirar a primeira imagem dele da minha cabeça. Ele estava tão mutilado... o pensamento ainda me tira o fôlego. Não ajuda que de vez em quando ouço um suspiro de dor na escuridão. Não consigo mais dizer se ele está dormindo ou não. Volto a acariciar seus cabelos e a ação parece acalmá-lo.

Conforme a noite avança, o ar frio pica minha pele nua. Não me atrevo a tirar minha camisa do cavaleiro, embora esteja congelando. Começo a tremer, meus dentes batendo.

— Você está com frio. — Sua voz rouca parece ter sido tirada da própria escuridão. Isso faz minha pele formigar, embora não de uma forma desagradável.

— Estou bem.

Estou tão encrencada que nem é engraçado. E se não for pega na mira daqueles homens que procuram o cavaleiro, homens que talvez não se importem em machucar uma adolescente, minha tia Maria irá me repudiar.

Posso ouvir sua voz estridente mesmo agora. Achou que poderia passar a noite com algum garoto, sua idiota? Bem, se acha que tem idade suficiente para o sexo, então tem idade suficiente para viver por conta própria.

E seria isso. Ou talvez ela apenas me desse uma surra.

Nem todos os meus tremores são de frio.

— Deite ao meu lado.

A voz do cavaleiro me tira dos meus pensamentos.

Eu fico olhando para onde acho que seus olhos estão enquanto suas palavras fazem sentido. Posso dizer que ele não pretende tornar a oferta sexual, mas entre aquela voz áspera e o fato de que nossos peitos estão nus, minha mente não pode evitar ir até lá.

Nunca deitei ao lado de um homem de quem não fosse parente.

— Você está ferido. — Digo. — Não quero empurrar...

— E se estivesse se preocupado em empurrar meus ferimentos, não teria me arrastado para perto da morte.

Para ser honesta, acho que o arrastei até a morte, mas aparentemente ele também pode sobreviver a isso.

— Eu não estava tentando machucar você. — Respondo. — Estava tentando ajudar.

Ele grunhe, embora não tenha ideia se acredita em mim ou não.

— Eu... não poderia deixá-lo. — Admito, cutucando uma unha.

A sala fica em silêncio por um longo momento. Então...

— Deite-se ao meu lado. — Ele diz novamente.

Mordo o lábio inferior.

— Não confio em você. — Confesso.

— O que faz dois de nós.

Eu faço um barulho de incredulidade.

— Eu o salvei.

— E se esta é a sua ideia de salvar um homem... — Sua voz é cortada e ele respira fundo. — Então não quero saber qual é a sua ideia de punição.

— Eu não posso acreditar. — Meus dentes batem. — Realmente me senti mal por você. Mas você é muito rude.

— Tudo bem. — Diz ele. — Fique com frio.

Olho para sua forma na escuridão. É claro que ele parou de falar.

Eu duro talvez mais quinze minutos antes de xingar baixinho e então ir para o lado dele. Esbarro em algo molhado e pegajoso. O cavaleiro sibila em um suspiro.

Merda...

— Sinto muito! — Peço desculpas.

Ele grunhe novamente.

Cautelosamente, deito ao lado dele, batendo em seu braço mais duas vezes por acidente. E a cada vez ele faz um som baixo de dor.

Aposto que está se arrependendo de sua oferta agora.

Finalmente, minha pele nua pressiona contra o lado de seu peito. O único lugar onde posso colocar minha cabeça é em seu ombro e não posso segurar o fôlego. É assim que os amantes dormem, aninhados nos braços um do outro.

Por que estou pensando nisso?

— Não tenha ideias. — Digo em voz alta, como se o cavaleiro fosse o único com os pensamentos sujos.

— Porque sua carne é muito tentadora agora. — Ele brinca.

Meu rosto esquenta um pouco.

— Não sei do que você é capaz.

— Eu não tenho mãos no momento. E até recuperá-las, acho que você pode não se preocupar com minhas capacidades.

— Espere... recuperá-las? — Pergunto em um sussurro.

O cavaleiro não responde a isso. Mas agora minha mente está focada em seus ferimentos. Ainda posso ver seu corpo horrível e mutilado caído na lama como se tivesse sido descartado.

— Como você sobreviveu ao que aconteceu? — Pergunto.

Há uma pausa.

— Eu não posso morrer. — Ele finalmente diz.

Ele não pode morrer?

— Oh.

O silêncio se estende.

— Qual o seu nome? — Pergunto. Pelo que sei, há quatro cavaleiros e não tenho a menor ideia de qual deles é.

Juro que o sinto olhando para mim com aqueles olhos verdes assustadores. Na escuridão, ele começa a rir.

— Você não sabe? — Ele finalmente diz. — Sou Fome, o terceiro cavaleiro do Apocalipse e estou aqui para matar todos vocês.

Capítulo Nove

Cinco anos atrás

Anitápolis, Brasil

Apesar de suas palavras, ele não me mata. Pelo menos não agora.

No entanto, continua rindo, arrepiando os cabelos dos meus braços. Agora seria um bom momento para afastar minha cabeça de seu ombro e tirar minha bunda idiota daqui.

Por que sempre me envolvo nessas confusões?

Fome ainda está rindo. O homem perdeu a cabeça oficialmente. Em algum lugar ao longo do caminho, sua risada muda, aprofundando-se até que ele não está mais rindo, mas soluçando.

Dormi em seus braços, me sentindo ainda mais estranha e desconfortável do que antes. Não sei o que esperava quando o salvei, mas não acho que tenha sido isso.

O terceiro cavaleiro do Apocalipse está tendo um colapso mental bem ao meu lado.

O som é terrível, seus ombros arfando a cada soluço.

Eu não sei o que fazer. Achei que a parte difícil seria salvá-lo, mas está claro que, embora o corpo do cavaleiro esteja seguro por enquanto, sua mente não está. Ainda está enjaulado em qualquer prisão em que estava e não sei como libertá-lo.

Finalmente, porque não consigo pensar em nada melhor, estendo

a mão e começo a acariciar seus cabelos novamente.

— Ssshhh. — Murmuro. — Está tudo bem. Ficará tudo bem. — As banalidades vazias escapam de meus lábios. Eu não tenho ideia do que estou dizendo. Claro que nada está bem e nem ficará bem, não deveria fazer Fome, puta merda, se sentir melhor.

Sob meu toque, seus gritos diminuem até que fica apenas respirando irregularmente.

Minha mão fica imóvel.

— Não pare. — Ele diz, sua voz rouca.

Volto às caricias. Por um longo tempo, nós dois ficamos quietos.

— Então, você é Fome? — Eu finalmente pergunto. — O que isso significa?

— Mortal, não tenho ideia do que você está perguntando. — Ele parece exasperado. Cansado e exasperado.

— Hum. — Eu digo. — Você tem algum poder especial? — Esclareço.

— Poderes especiais. — Ele murmura. — Posso fazer as plantas perecerem, entre outras coisas. — Diz ele.

— Ouvi histórias sobre você. Que foi capturado. Não pensei que fossem verdadeiras, mas... eram? Você já foi detido em algum lugar?

Sua respiração começa a acelerar novamente.

— Mhm...

Jesus.

Passo meus dedos por seu cabelo. Realmente quero perguntar a ele sobre seu cativeiro - onde exatamente ele estava, o que fizeram com ele, por quanto tempo ficou lá - mas é claramente um assunto delicado.

— O que você fará agora que está livre? — Eu finalmente pergunto.

Sob minha mão, ele parece ficar imóvel.

Eu ouço a ameaça em sua voz quando ele diz:

— Vou me vingar.

Não pensei que fosse capaz de adormecer nos braços do cavaleiro, mas devo, porque me mexo ao toque de dedos suaves.

Eu abro os olhos, apertando-os contra a luz da manhã entrando por uma janela próxima. Um homem paira sobre mim, seus olhos verdes penetrantes. Depois de um momento, percebo que reconheço aqueles olhos verdes.

Fome.

Seguro a respiração chocada quando realmente vejo o cavaleiro.

Tudo nele é estranho e adorável.

Quando o encontrei no dia anterior, tinha sangue e terra no lugar da roupa. Mas agora está totalmente vestido, sobre sua camisa preta e calça da mesma cor, Fome usa uma armadura de bronze que definitivamente não estava ali na noite passada. O peitoral de metal brilha na luz da manhã.

O que...? Ele saiu em algum momento para pegar suas coisas?

Mas então meu foco retorna para seu corpo poderoso. Mesmo ajoelhado, ele parece intimidante e grande, não preciso ver a pele sob sua armadura para saber que ele tem um corpo feito para a batalha.

Isso não é nada, porém, comparado com seu rosto.

Ele é.… não há palavras para esse tipo de beleza masculina. Seu cabelo cor de caramelo se enrosca em sua nuca e aqueles olhos verdes brilhantes ficam ainda mais evidentes contra sua pele bronzeada.

Não sei para onde olhar, para o corte acentuado de seu queixo ou aquelas maçãs do rosto salientes ou para os lábios suaves e pecadores. Ele parece uma figura mitológica tirada diretamente de uma pintura.

Ele é uma figura mitológica.

Eu me empurro para cima, a ação forçando o cavaleiro a se afastar.

Seus dedos foram o que me acordou, eu percebo. Ele estava afastando o cabelo do rosto da mesma forma que fiz com o dele durante a noite. Agora as pontas dos dedos permanecem ao lado do meu rosto.

Suas pontas dos dedos...

— Seus braços! — Suspiro. Santa mãe de... — Como você tem mãos?

Fome sorri um pouco e todo o meu corpo reage a este sorriso.

— Você agora está preocupada com minhas capacidades?

Meu olhar se afasta da mão que me toca em seu rosto.

— Talvez... o que você está fazendo?

— Eu queria ver você. — Diz ele, seu olhar se movendo sobre mim como se estivesse tentando gravar minhas características na memória.

Ele se levanta e pela primeira vez noto os outros itens caídos ao lado dele. Um deles não consigo identificar imediatamente, mas o outro reconheço como uma foice, sua lâmina perversa brilhando.

Querido Deus, essa coisa parece mortal.

Ele pega a foice e meu coração começa a bater mais forte. Na noite anterior não percebi o quão grande ele era e agora, com aquela arma em mãos, Fome parece especialmente letal.

Eu me afasto dele.

O cavaleiro deve ver-me encolhida, porque me lança um olhar exasperado.

— Você dormiu sobre mim ontem à noite. Não há nada a temer.

— Você agora tem uma lâmina e mãos. — Eu digo. — Como as tem de volta?

— Meu corpo se regenera.

— Seu corpo... — Querido Jesus, ele pode fazer crescer membros? — E o.… o... — Gesticulo vagamente para sua roupa.

Fome aperta seus lábios, seja por desgosto ou porque está tentando não rir. Ele não parece ser do tipo que ri, então é desagradável.

— Eu não sou deste mundo, flor.

Isso não é realmente uma resposta, mas fico presa ao fato dele me

chamar de flor.

Isso é um elogio, certo?

Olhando para ele, quero que seja um elogio.

Você está seriamente apaixonada por um dos cavaleiros do Apocalipse, Ana?

Merda, acho que sim. Mas em minha defesa, os homens não têm as maçãs do rosto tão bonitas aqui na terra.

— Vamos. — Diz Fome, interrompendo meus pensamentos. — Precisamos nos mover.

— Onde iremos? — Eu pergunto, correndo atrás dele, pegando minha cesta de frutas. Tenho uma esperança fatalista de que se levar a cesta de volta para casa irá de alguma forma me poupar da ira da minha tia.

É uma esperança tola, mas afinal, sou uma tola.

Fome não responde e tudo bem. Estamos claramente voltando para a cidade, nós dois descendo a estrada em que o encontrei recentemente. Meus olhos se demoram na foice que segura; ele decidiu levá-la, mas não o outro objeto menos ameaçador e estou tentando muito não pensar nos motivos por trás dessa decisão. Ou por falar nisso, o que acontecerá no momento em que os habitantes da cidade conhecerem Fome.

— Na noite anterior, esta estrada estava fervilhando de homens. — Diz Fome, mais para si mesmo do que para mim. — Agora está deserta.

A parte de trás do meu pescoço pinica.

— Você acha que aqueles homens...?

— Eles estão montando uma armadilha para mim. — Diz ele.

O pensamento é absolutamente petrificante.

— Talvez não devêssemos caminhar por esta estrada então... poderíamos nos esconder... — Tudo o que posso ver em minha mente é quanta tortura o corpo de Fome suportou quando o encontrei pela primeira vez.

— Esperei anos por este momento. — Diz ele. — Eu não me esconderei deles. Suas mortes são minhas para saborear.

É aí quando eu tenho minhas primeiras dúvidas sobre Fome.

— Eu não o salvei para que pudesse matar um monte de gente. — Respondo.

— Você sabe o que eu sou, flor. — Esse nome de novo. — Não finja que não conhece minha natureza.

Antes que possa debater mais com ele, entramos em Anitápolis.

As pessoas estão fazendo seus afazeres da manhã enquanto andamos pela rua. Eles param o que estão fazendo, no entanto, quando notam Fome e sua foice grande.

À medida que avançamos em direção ao centro da cidade, um cavalo negro como carvão vem galopando pelo asfalto rachado, indo direto para Fome. O corcel parece cuspir com raiva, mas ao ver a criatura, o cavaleiro parece relaxar.

Espere. Isso era dele...?

O corcel desacelera, finalmente parando na frente de Fome.

O cavaleiro encosta a testa no focinho do cavalo.

— Está tudo bem, garoto. — Ele diz, esfregando o lado da cara da criatura. — Você está seguro agora. — Diz ele, ecoando os mesmos chavões que murmurei para ele na noite passada.

Fico olhando para o cavalo. Onde a criatura esteve esse tempo todo? E por que o corcel decidiu fazer uma aparição agora?

Eles estão montando uma armadilha para mim.

Assim que o pensamento se instala, ouço o zunido de uma flecha.

Thwump.

O projétil faz um som forte ao atingir o ombro de Fome.

Espero que o cavaleiro grite ou recue como fez na noite anterior, mas ele não faz nenhuma dessas coisas.

Apenas sorri.

Um arrepio inesperado me percorre.

Esse não é o olhar de um homem que tem medo. Esse é o olhar de um homem empenhado em queimar o mundo.

Os olhos de Fome encontram os meus por um longo segundo e eles estavam cheios de alegria perversa. Então seu olhar voltou para os homens atrás do cavalo preto; homens que eu não percebi até agora. Eles seguravam arcos, espadas e porretes.

— Eu esperava ver todos vocês mais uma vez. — Diz Fome.

As narinas do cavaleiro dilatam-se e o vento muda. Esse é todo o aviso que qualquer um de nós recebe.

No instante seguinte, a terra se divide sob os homens e fortes brotos verdes saem do solo. Eles crescem em segundos, envolvendo os tornozelos dos homens, subindo mais alto a cada segundo.

Os homens gritam, com medo aparente e vários espectadores também, muitos deles começando a fugir.

Eu, no entanto, ainda estou como uma pedra, meus olhos fixos na visão à minha frente. Nunca vi nada igual. Todas aquelas histórias horríveis de ninar que costumava ouvir sobre os cavaleiros de repente fazem muito mais sentido.

À medida que as vinhas crescem, subindo pelas pernas e peito dos homens, geram espinhos. Agora os homens começam a gritar mais alto. Alguns deles atacam suas amarras não naturais. Um se liberta, mas tropeça e a planta monstruosa se estende para ele, movendo-se como se tivesse consciência própria, embora isso fosse impossível.

Olho para Fome, que está muito focado nos homens, com um pequeno e cruel sorriso nos lábios. Ele me disse que podia matar plantas; mas nunca mencionou que era capaz de cultivá-las à vontade ou que poderia transformá-las em armas de sua própria fabricação, o que é óbvio que está fazendo no momento.

As plantas agora estão tão altas quanto os homens e seus muitos galhos se enroscam em todos os lugares que conseguem segurar. Agora... agora começam a apertar. Primeiro, as armas caem das mãos dos homens. Mas não termina aí.

Cubro minha boca.

— Meu Deus. Meu Deus. Meu Deus. — Nem me ocorre dizer ao

cavaleiro para parar.

Simplesmente fico olhando com horror como os ossos se quebram e os corpos se contorcem. Meu estômago revira com a visão. Já vi minha cota de violência, mas nunca assim. Nunca gostei disso.

E então acaba. Muitas coisas vitais foram quebradas nesses corpos. Talvez Fome pudesse se recuperar desses ferimentos, mas não esses homens. Eles cederam em suas gaiolas estranhas, seus olhos esbugalhados em branco, seus membros contorcidos.

Eu me viro e vomito.

Mortos. Eles estão todos mortos.

Por vários segundos, há uma estranha quietude em Anitápolis. Mesmo que muitas pessoas tenham fugido do confronto horrível, mais pessoas permaneceram, atraídas por sua curiosidade e horror.

O olhar do cavaleiro percorre essas pessoas.

— Inúmeros dias fui escravizado. Torturado e morto apenas para me levantar novamente. Nenhum de vocês ajudou. — O silêncio se estende. — Acharam que estavam realmente seguros?

Espere. O quê?

Olho para o cavaleiro com os olhos arregalados enquanto meu horror aumenta.

Ele balança a cabeça e aquele sorriso dele está de volta.

— Vocês nunca estiveram seguros. Não antes e especialmente não agora. Suas colheitas morrerão, suas casas cairão. Vocês e tudo o que sempre amaram perecerão.

Não sinto o terremoto chegando. Num momento estou de pé em chão sólido, no momento seguinte parece que ele se dobrou violentamente, me jogando para frente. Bato com força no asfalto, minha cesta e as jabuticabas espalhadas pela estrada em ruínas.

Acima dos gritos, ouço barulhos estranhos e gemidos, depois os sons de prédios caindo. Enquanto isso, a terra continua tremendo.

Cubro minha cabeça e me curvo, esperando que isso acabe.

Há alguns anos, outro grande terremoto atingiu nossa cidade, derrubando um número alarmante de prédios e enterrando dezenas de pessoas vivas.

Agora, está acontecendo novamente.

O evento continua e tudo que posso fazer é me curvar e cobrir a cabeça. Parece uma eternidade antes que o terremoto finalmente acalme. Hesitante, abaixo meus braços. A poeira ainda está se assentando ao meu redor, mas parece... parece que Anitápolis foi nivelada. Apenas... sumiu.

Jesus, José e Maria.

Enquanto fico olhando, mais gritos ecoam. Aperto meus olhos, tentando bloquear o barulho. Então vem o silêncio. Tudo o que posso ouvir é minha respiração irregular.

Forço meus olhos a abrirem e apenas... vejo horror. Apareceram mais plantas estranhas segurando corpos mais moles em suas garras.

E agora o mundo está realmente silencioso.

Não tenho certeza se sobrou uma única alma. Exceto eu - eu e o cavaleiro.

Por vários minutos, não consigo falar. Continuo tentando, mas as palavras me faltam. Solto um som baixo, algo que se transforma em um lamento.

Com o barulho, Fome olha em minha direção. Ele se aproxima e estende a mão para mim.

Fico olhando para ele, ignorando sua mão.

— Você me disse que não havia nada a temer. — Minha voz está apagada.

— Nada para *você* temer. — Corrige Fome. — Nunca prometi o mesmo para os outros.

Respiro algumas vezes.

Como pude simplesmente levá-lo para minha cidade?

Isto é minha culpa.

— Alguém está... — Vivo? Não consigo dizer isso.

Acontece que não preciso.

— *Você* está. — Diz Fome, sua expressão implacável enquanto ele olha para mim.

É isso?

O que eu fiz?

O que. Eu. Fiz?

Pensei que a compaixão fosse uma virtude. Foi isso que me fez salvar o cavaleiro. Então, por que estou sendo punida?

Este é o meu azar, aparecendo novamente.

Fome aponta para cidade.

— Pegue o que você precisa, então volte depressa. Estou ansioso para deixar este lugar.

Ansioso para sair...? Comigo?

Certamente ele não está falando sério.

Lanço a ele um olhar selvagem.

— Sobre o que está falando?

— Pegue suas coisas. — Ele diz novamente, apontando para o que sobrou da rua.

Sigo para onde ele está apontando. Não há mais nada para juntar. Minha cidade inteira não passa de entulho.

Outro gemido baixo escapa da minha garganta. Meus primos se foram. Minha tia também.

Sinto uma lágrima escapar, depois outra. Não haverá espancamento ou rejeição aguardando meu retorno porque minha tia não está viva para fazer nada disso. O pensamento quebra algo dentro de mim. Ela nunca gostou de mim; me olhava como se tivesse visto algo que ninguém mais viu. Algo ruim. E de repente, sinto que seu desgosto por mim era merecido.

Meu descuido matou minha cidade inteira.

— Eu não vou com você. — Sussurro, ainda olhando para a destruição. A realidade está começando a afundar. Não tenho certeza se alguma vez quis ser menos do que sou agora.

— Claro que irá. — Diz Fome.

— Você acabou de assassinar pessoas. — Minha voz falha. — A única família que tenho.

Ele me lança um olhar curioso.

— Eles deveriam ter me salvado. Mas não o fizeram.

— Eles não sabiam. — Pelo menos eu não sabia, e não poderia ser a única pessoa nesta cidade a não saber.

Perto o cavalo de Fome relincha. Acho que aquele filho da puta sobreviveu aos destroços também. Aposto que é um idiota, assim como seu cavaleiro.

— Pegue suas coisas. — Repete o cavaleiro.

— Eu não vou com você. — Digo novamente, desta vez mais decidida.

Ele exala, claramente impaciente comigo.

— Não há nada para você aqui.

Meu corpo está começando a tremer. Fecho os olhos, querendo me afastar nos últimos minutos.

Ouço o cavaleiro dar um passo em minha direção. Meus olhos se abrem e recuo.

— Fique longe de mim. — Eu digo.

Ele franze a testa. — Você me mostrou bondade quando quase esqueci que ela existia. Eu não a machucarei, flor. — Ele diz, sua voz suave. — Mas agora precisamos ir. Demorei-me nestas partes por muito tempo.

Mais lágrimas estão chegando; elas silenciosamente escorrem pelo

meu rosto.

— Isso é tudo minha culpa. — Digo, olhando ao meu redor. Tudo está tão quieto.

— Eles iriam morrer de qualquer forma. — Diz Fome, sua expressão ficando dura. — Eu teria destruído esta cidade, mesmo se você nunca tivesse se importado comigo.

Acho que isso deveria me fazer sentir melhor. Mas não faz.

— Agora. — Ele diz, uma nota de aço entrando em sua voz. — Vamos. Levante-se.

Levantar-se significava lidar com essa situação. Definitivamente, não estou pronta para isso. Em vez disso, envolvo os braços ao redor do meu corpo.

O cavaleiro se aproxima, colocando a palma da mão quente no meu ombro. Instintivamente, recuo.

— Não me toque. — Minha voz nem parece a minha.

Meus olhos vão para a cesta que está rolando a metros de distância, e o arrependimento pesa em meu estômago.

Perto da minha cesta, um arbusto espinhoso começa a crescer, subindo mais alto a cada segundo. As folhas se desenrolam, a planta se enche e dela desabrocha uma delicada rosa cinza-lavanda.

Fome arranca a flor do arbusto e a entrega para mim, com espinhos e tudo.

— Eu não a deixarei. — O cavaleiro diz ferozmente. Por um momento, ele soa como o Fome que conheci na noite anterior. Alguém

que parecia ter um coração. — Suba no meu cavalo. Venha comigo. Por favor.

Eu não pego a rosa.

— Eu o curei e você matou todos que eu amava. Foda-se você e sua rosa. Apenas vá. — Começo a chorar.

Tudo está finalmente começando a ser processado. Oh Deus.

Depois de um longo minuto, o cavaleiro coloca a rosa no terreno acidentado à minha frente.

— Eu não a forçarei a ficar comigo. Não depois de... — Ele desvia o olhar, seus olhos desfocados. Ele pisca para afastar seus pensamentos, sua atenção voltando para mim. — A escolha é sua, mas se você se importa com sua vida, então virá comigo.

E testemunhar mais mortes?

Prefiro me arriscar neste mundo podre.

Meu olhar encontra o dele. Eu nunca deveria tê-lo ajudado.

O cavaleiro deve ver em minha expressão porque, por um instante, algo pisca em suas feições. Eu diria ser arrependimento ou surpresa, mas quem sabe?

É o suficiente para levá-lo ao cavalo. Ele monta no corcel, deslizando a foice em um coldre em suas costas. Vestido com sua armadura e montado em seu cavalo, ele não parece um vilão. Não. É enfurecedor.

— Adeus, florzinha. — Fome diz, seu olhar fixo no meu. — Não esquecerei tão cedo sua gentileza. — Ele me lança um último olhar e

depois vai embora.

Capítulo Dez

Presente

Mesmo agora, sinto o gosto da bile ao me lembrar de tudo.

— Você. — Diz o cavaleiro. Seu olhar se fixa no meu. — Eu me perguntei...

— O que aconteceu comigo? — Eu digo, terminando sua frase por ele. — Sobrevivi.

— Fico feliz. — Fome respira fundo, a ação empurrando minha lâmina. Ele se acomoda em sua cadeira, como se estivesse à vontade; é claro que qualquer que seja a lembrança que ele tem de mim, acha que o pouparei.

Minha raiva sobe como a maré.

— Eu o odeio. — Sussurro.

— E ainda assim você não passou a faca pela minha garganta. — Ele diz.

— Isso é um desafio? — Sussurro em seu ouvido.

Minha mão coça para fazer exatamente isso. Para ver seu sangue imortal jorrar de seu pescoço. Para ver sua dor. É por isso que estou aqui. Vingança. Não há mais nada para mim.

— Faça isso, flor. — Ele provoca, ecoando meus pensamentos.

— Não me chame assim.

Eu cravo a lâmina, o carinho apenas me deixando mais furiosa.

Termine isso, eu insisto. Ainda assim, hesito.

É que nunca matei ninguém antes.

Seria tecnicamente considerado uma morte ainda que o cavaleiro não possa morrer?

Definitivamente deveria descobrir. Devo isso a Elvita, a minha tia e meus primos.

Pressiono a faca mais profundamente, observando enquanto mais sangue desliza sobre a lâmina.

— Você está fazendo tudo errado. — Diz Fome, sua voz casual. Posso senti-lo me olhando como se estivesse gravando minhas feições na memória. Isso me irrita também.

— Cale-se. — Respiro fundo, reunindo minha coragem.

O cavaleiro parece vagamente divertido quando diz:

— Você sabe que eu poderia impedi-la se quisesse, certo?

Isso me faz parar.

O cavaleiro sorri abertamente.

— Garota, você não se lembra das minhas capacidades?

Encontro seu olhar.

Em um momento estou no controle e no próximo...

O chão balança, a madeira se estilhaça sob meus pés. Sou jogada para o lado, meu ombro batendo na parede. Por algum milagre, consigo segurar minha adaga. Posso ouvir a cadeira de Fome se

arrastando para trás, então ele me agarra.

O puro instinto me fez empurrar a lâmina para frente, a ponta enterrando em seu peito. Fome grunhe com a intrusão, fazendo uma careta enquanto ele olha para o cabo que se projeta em seu abdômen.

Solto um grito de surpresa.

Merda, eu o esfaqueei. Na verdade, o esfaqueei. Fico olhando, horrorizada, para a arma saindo de sua carne. A satisfação que deveria sentir nunca vem.

O Ceifador faz uma careta. Envolvendo uma mão ao redor do cabo, ele puxa a adaga e joga a lâmina ensanguentada de lado.

Pego minha outra arma, mas o Ceifador me agarra pela garganta e me arrasta até a mesa, batendo meu corpo contra a superfície polida, sua foice presa embaixo de mim.

A pélvis de Fome esfrega na minha enquanto ele me imobiliza.

— Tola... pequena... flor. — Ele diz, inclinando-se sobre mim.

Pega a outra adaga no coldre em meu quadril. O Ceifador me venceu, sua mão desliza pela minha lateral enquanto puxa a arma. Ele a joga de lado, em seguida, agarra a lâmina mais longa amarrada ao meu peito, dando-lhe uma olhada rápida antes de jogá-la longe de seu alcance.

Apenas assim, o último do meu grande esquema se foi. Pela terceira vez na minha vida, estou à mercê do cavaleiro.

— Esse era o seu plano? — Ele pergunta, um pouco de seu sangue pingando no meu peito. — Vir aqui e me matar? Você é uma assassina pior do que uma prostituta.

Cuspo na cara dele.

Em resposta, ele aperta minha garganta com mais força.

— A menos, é claro, que você não quisesse me matar. — Diz ele, encontrando meu olhar. — Você sabe que não posso morrer e sabe do que sou capaz. Certamente não é estúpida o suficiente para pensar que poderia acabar comigo...

Em algum lugar da mansão, uma porta se abre.

Ele lança um olhar odioso ao ouvir o som. Uso aquele momento para puxar minha perna em direção ao peito, então chuto, acertando o filho da puta nas bolas o mais forte que posso.

Fome solta um grunhido de dor, liberando-me e uso a distração para sair correndo da sala.

Fuja, fuja, fuja.

Salto sobre o cadáver, viro o corredor...

Um homem está no caminho.

Merda.

Seus olhos se arregalam um pouco quando me vê. Tento parar meu ímpeto, mas bato nele de qualquer maneira, nós dois caímos em um emaranhado de membros.

Estou tentando desesperadamente me libertar quando ouço Fome se aproximando. Antes que possa ficar de pé, o homem em cima de mim é afastado do meu corpo. A foice do Ceifador vai para sua garganta.

— O que eu disse sobre ficar longe? — O Ceifador diz

calmamente para o que deve ser um de seus guardas.

— Mas... — Os olhos do homem se voltam para mim.

Mais rápido do que posso acompanhar, Fome corta o pescoço do homem, sangue jorrando de sua artéria aberta.

Eu grito com a visão. O homem ainda está olhando para mim, sua expressão chocada e assustada quando alcança sua garganta aberta.

Esta noite não deveria ser assim.

Mais uma vez tento me levantar freneticamente.

O cavaleiro pressiona uma bota no meu peito.

— Com você, eu ainda não terminei.

Ele ergue a foice para o lado, a lâmina agora com sangue na ponta. Fecho meus olhos contra a visão, inspiro e expiro, tentando não ficar louca completamente.

— O que a faz pensar que não a matarei aqui e agora? — O Ceifador diz.

— Eu não tenho medo da morte. — Digo suavemente.

— Oh, não mesmo? — Fome parece divertido. — Então abra os olhos e me olhe. — É a provocação em sua voz que me faz piscar os olhos. Eu o olho. Ele inclina a cabeça. — Aí está você. Deixe-me olhá-la.

E se ele não estivesse tão longe, eu poderia ter tentado cuspir novamente.

Fome leva seu tempo.

— Eu me perguntei se poderíamos nos cruzar novamente. Você deveria ter me dito quem era. Eu a teria poupado.

Eu gargalhei. Como se ele ouvisse.

— Mas você não fez isso. — Digo. — Dê uma olhada no meu peito e você verá por si mesmo que não fui poupada de nada.

— No entanto, apesar de tudo, sobreviveu. — Ele me observa como se mal pudesse acreditar. — Por que me encontrar e arriscar minha ira mais uma vez?

Algo quente e úmido toca meu ombro, em seguida, desce pelo braço e sobe até o cabelo. Percebo tarde demais que é o sangue do morto.

Eu faço uma careta para Fome, respirando pelo nariz para manter minhas emoções sob controle.

— Queria machucar você.

Ele levanta as sobrancelhas.

— Minhas bolas estão doloridas, florzinha, eu admito.

Sinto minhas bochechas corarem de raiva, mesmo quando o horror da minha situação se instala.

— Foda-se.

O cavaleiro pressiona a bota com mais força contra mim.

— Você já tentou isso, lembra? Ainda não quero sua boceta.

Isso tudo é uma piada para ele. Minha dor, a de todos os outros.

— Você tirou de mim todos que amava, na primeira vez que nos

conhecemos. — Sussurro. — E então o fez novamente.

Ele franze a testa.

— Isso é o que eu faço, mortal. É o que continuarei fazendo até ser chamado para casa. — Fome me segura por mais um segundo. Então, quando tira a bota do meu peito, se abaixa e me puxa para cima. — Eu pensei, no entanto, que você fosse diferente do resto desses parasitas.

Agarrando-me pelo braço, ele começa a me puxar pelo corredor, parando apenas para agarrar um pedaço de corda pendurada em um cabide montado.

Luto contra ele, deixando escapar um barulho frustrado quando isso não me leva a lugar nenhum. Pela minha vida, não tenho ideia do que está acontecendo. Fome teve várias oportunidades de me matar. Não aproveitou nenhuma delas.

Então novamente, talvez ele esteja simplesmente protelando.

Fome me empurra para uma sala vazia. Jogando-me para dentro, fecha a porta atrás de nós. Caio no chão com força, meus dentes batendo. O Ceifador está atrás de mim.

Recuo, mas não há para onde ir. Estou presa nesta sala com um monstro sobrenatural. Por uma fração de segundo, nós dois nos encaramos, caçador e presa.

Ele vai me matar. Posso ver em seus olhos o quanto nos odeia, o quanto gosta de nos extinguir um por um. Ainda está segurando a foice, junto com a corda que pegou.

Fome se ajoelha ao meu lado, com seu rosto dolorosamente belo iluminado por lâmpadas de óleo próximas. Enquanto ele faz isso, o

sangue pinga de seu peito, onde o apunhalei recentemente. Meu olhar se move para seu pescoço, que também está manchado de sangue. Apesar de suas palavras anteriores, consegui machucá-lo.

O cavaleiro agarra um dos meus pulsos e talvez seja seu toque ou o olhar em seus olhos, mas os pelos do meu braço se arrepiam.

— Deixe-me ir. — Empurro meu braço contra ele, mas seu aperto não diminui.

Ele agarra meu outro pulso, pressionando meus dois braços antes de começar a enrolar a corda ao redor dos pulsos.

— O que você está fazendo? — Luto contra ele. Mais uma vez, é absolutamente inútil. Ele parece ter uma força sobrenatural.

— Estou subjugando você. — Diz ele. — Pensei que fosse óbvio. — Fome termina de enrolar a corda em meus pulsos, sua expressão plácida. Ele se inclina para trás e me avalia. — Você tentará me matar novamente?

Paro de lutar.

É disso que se trata? Ele não quer que eu seja violenta? Espero muito tempo para responder.

Um canto de sua boca se curva.

— Como eu pensava. — Ele diz, interpretando meu silêncio como um sim.

Com toda a justiça, se tiver a oportunidade, com certeza tentarei incapacitá-lo novamente.

O cavaleiro passa o próximo minuto me amarrando.

— Para um homem que tem medo de bocetas. — Digo. — Você está passando um tempo terrivelmente longo olhando para mim.

Ele não morde a isca.

— Diga-me. — Diz o Ceifador, inclinando-se para trás. — Caso estivesse no meu lugar, se uma mulher que uma vez o salvou e tentou matá-lo de repente fosse sua prisioneira... o que você faria?

Esta é a parte onde eu morro. Dolorosamente. E de fato estou desperdiçando minha segunda chance na vida.

Olho para o cavaleiro, derrotada.

— Eu não posso dizer. — Respondo amargamente. — Não sou um monstro.

Esses olhos enervantes continuam me avaliando.

— Nunca fiz uma exceção para um humano antes. — Admite. — E detesto fazer uma agora.

Posso ouvir o *mas* vindo.

— Mas temo que apenas uma única vez um humano salvou minha vida. Infelizmente, isso me impressionou. — Ele se inclina para perto. — Uma florzinha frágil como você deve se preocupar.

Não se preocupe, amigo, é verdade.

Ele se levanta, seus olhos verdes ainda em mim.

— Voltaremos a conversar pela manhã. — Fome sai da sala, mas para quando chega à porta. — Ah e se você tentar deixar este lugar, garantirei que se arrependa.

Minha mente volta ao corpo ensanguentado na sala de estar e a

vala comum do lado de fora. Posso ser impetuosa e desafiadora, mas de jeito nenhum tentarei uma fuga esta noite. Fome não é exatamente um homem a ser testado.

O cavaleiro me olha de cima abaixo.

— Você realmente deveria ter ficado longe. Ainda pode ser a mesma florzinha que me salvou, mas não sou conhecido por deixar as flores crescerem...

Capítulo Onze

— Acorde.

Reconheço a voz de Fome e meus olhos se abrem.

Ele está me olhando, seus lábios apertados, como se estivesse com raiva por estar eu estar ali.

Pisco com os olhos turvos, olhando ao redor ao meu redor, antes que minha atenção volte para o cavaleiro.

— Você já ouviu falar em bater? — Pergunto, abafando um bocejo.

— Você é minha prisioneira. Não tem o luxo de um aviso.

— Mmmm... — Meus olhos se fecham.

— Desperte. Vamos.

— A menos que você planeje soltar as restrições... não. — Digo, sem me preocupar em abrir meus olhos.

Infelizmente, não é a primeira vez que durmo com as mãos amarradas. No entanto, é definitivamente a pior. Pelo menos no passado, fui paga por esse tipo de coisa.

Um momento depois, Fome puxa as cobertas da cama. Mas se ele pensava em me intimidar, não é esse o caminho. Espero todos os tipos de merdas estranhas quando se trata de mim e as camas. O que você pode fazer? Riscos do ofício.

Ouço o zunido metálico de uma lâmina sendo desembainhada.

— Você parece ter um senso ruim de autopreservação. — Diz ele.

Forço meus olhos a abrirem novamente, sacudindo o resto do meu sono para que possa me concentrar na adaga que ele segura.

— Você apenas está irritado porque não estou com medo.

A verdade é que percebi na noite anterior que Fome não me matará. Eu acho. Pelo menos não por enquanto. Isso definitivamente me encorajou. O resto da minha atitude é simples bravata. Outra habilidade que aprendi desde que me tornei uma dama de má reputação.

Fome agarra meus pulsos com força e começa a cortar as amarras. Fico olhando para ele enquanto puxa a corda. Hoje, ele está vestindo seu uniforme completo, sua armadura de bronze polida.

— Você cheira a merda e sangue de porco. — Comenta.

Eu levanto uma sobrancelha.

— Eu não importo nem pouco com o que você pensa.

Para ser totalmente honesta, estou gostando de não ter que parecer e cheirar como o sonho molhado de um homem. É uma boa mudança. Além disso, de baixa manutenção.

— Continue, pequena flor. Dessa forma você está me lembrando de todas as razões pelas quais desprezo os humanos.

— Em primeiro lugar, meu nome é Ana. — Digo, sentando-me um pouco. — Em segundo lugar, cavaleiro, não mediremos nossas palavras. Você odeia os humanos porque, há muito tempo, fomos terríveis com você, não porque tem um problema com a minha boca.

Na verdade, eu sei que tenho uma boca bonita, ou uma boca travessa, dependendo de com quem você fala, mas é muito bonita, mesmo assim.

Ele para e me olha e tenho que me esforçar para não ser afetada por sua beleza.

Fome solta minhas mãos e se afasta do meu lado. Ele cruza a sala e abre um armário. Vários vestidos estão pendurados dentro, o tamanho e o estilo deles me fazem pensar que uma adolescente usava este quarto. Não me permito pensar no que aconteceu com ela.

— Então. — Digo, balançando os pulsos para fazer o sangue fluir por eles. — Você decidiu se viverei ou morrerei? — Porque preciso saber.

— Você realmente acha que teríamos esta conversa se quisesse você morta? — Diz ele, puxando um dos vestidos do cabide.

Eu franzo a testa para a roupa, suspeitando que ele a pegou para mim.

Fome caminha para a porta.

— Siga-me. — Ele diz sem olhar para trás.

Eu o olho por vários segundos, sem saber o que fazer com minha situação. Realmente não acho que ele queira me matar, mas preciso acordar um pouco mais antes de considerar o próximo movimento, então, relutantemente, vou atrás dele.

Fome me leva a outro quarto. Sobre o colchão está a foice do cavaleiro e o que agora descobri ser sua balança. O resto da sala está cheio de coisas estranhas.

O Ceifador cruza a sala, indo para um banheiro conectado, então sigo atrás dele. Há uma banheira elegante com pés e um vaso sanitário, que na verdade parecem estar conectados ao encanamento. A banheira tem até uma alavanca para bombear água. Quem quer que sejam essas vadias ricas, tenho quase inveja delas.

Elas certamente estão mortas.

Talvez não tanta inveja...

Em frente à banheira, há um jarro d'água, que repousa sobre uma bacia rasa. Uma toalha está colocada na borda da tigela. Há uma banheira com pés, mas o cavaleiro escolheu um jarro e uma bacia para se banhar. Você pensaria que um idiota presunçoso como Fome tentaria pelo menos encher uma banheira.

— Estamos vivendo no luxo, não? — Pergunto.

— Isso é para você. — Diz ele.

Ah. Agora entendo por que ele pulou a banheira. Deus me livre que fizesse qualquer coisa boa para qualquer outra pessoa.

— Porque você fede. — Acrescenta.

— Estou maravilhada com sua hospitalidade. — Digo, indo até o jarro.

O que não digo é que a situação é estranha. Muito, muito estranha. Fome ainda não me matou e agora espera que eu tome banho? Em seu banheiro pessoal, nada menos?

Ele planeja assistir?

O cavaleiro joga o vestido que segura no balcão próximo,

encostando-se no balcão um momento depois. Quando ele não sai, percebo com um choque e surpresa que sim, ele planeja ficar ali.

Que escandaloso!

Ignorando a jarra d'água, vou até a banheira e tento a alavanca. Faço um teste de bomba. Imediatamente, a água sai.

Funciona!

Foda-se aquele banho de esponja.

Virando as costas ao cavaleiro, começo a bombear água na banheira. Ele também não me impede, o que meio que esperava que fizesse, dada a merda que é.

Leva muito tempo para puxar água suficiente para o banho e a água em si é um pouco fria, mas logo enche.

Quando me viro novamente, Fome ainda está lá, no banheiro e ele não faz menção de ir embora.

Não sei o que pensar disso.

Tiro minha camisa, então o sutiã fino que uso, indiferente ao fato de que Fome está vendo o peito nu de uma mulher. Esta é apenas uma terça-feira comum para mim.

O olhar do cavaleiro desce para as feridas no meu peito. Na verdade, ouço sua inalação forte. E agora entendo seu motivo para ficar, ele queria ver minhas feridas.

Ele se afasta do balcão, seu olhar fixo nas minhas feridas com crostas.

— Eles acabaram com você.

Olho para baixo e a lembrança me atinge novamente. Posso sentir as mãos daqueles homens em mim e posso ouvir o som úmido de suas facas me apunhalando continuamente.

— Há onze marcas diferentes. — Eu digo. Não sei porque conto a ele.

— E imagino que você ficou ali por muito tempo com dor, sozinha e assustada.

Meu olhar vai até ele.

— Eu não estava apenas com medo. — Estava com raiva.

Ele deve ver a raiva em meus olhos quando o olho.

— Sim. — Diz ele. — Conheço bem essa sensação.

Controlo minhas emoções.

Depois de um momento, ele se move para trás, em direção ao balcão do banheiro, colocando distância entre nós.

— Essas não parecem feridas as quais possam sobreviver. — Diz ele, com a voz leve.

Não me incomodo em concordar. Em vez disso, tiro a calça, em seguida, a calcinha, chutando-a para o lado.

E se pensei que a nudez assustaria o cavaleiro, pensei errado.

Hã.

Entro na banheira e me abaixo, até que estou reclinada como uma rainha, suspirando enquanto me inclino contra a borda.

— Como está sua ferida abdominal? — Pergunto, colocando meus

braços sobre os lados. Meus seios estão terrivelmente expostos. Estou honestamente adorando isso, espero que o cavaleiro fique incomodado.

Fome estreita seu olhar em mim.

— Curada.

— Que pena.

— Minhas bolas também estão melhores, obrigado por perguntar. — Diz ele.

— Não estava preocupada com suas bolas. Parece que você não tem uso para elas. — Minha boca se curva em um sorriso enquanto falo. Realmente estou me divertindo.

O Ceifador cruza os braços, um brilho perverso em seus olhos.

— Diga-me, Ana. — Diz ele, o som do meu nome em seus lábios fazendo meu estômago ficar tenso. — O que você faria se a deixasse livre?

Meu olhar se fixa nele.

Poderia mentir. Mas aqueles olhos reptilianos parecem desmascarar a verdade de qualquer maneira.

— Eu não sei. — Admito. — Provavelmente tentaria encontrá-lo e o machucar novamente.

Porque esta vida não tem mais nada para mim. Não tenho casa, nem emprego, nem amigos, nem família. Apenas esta vingança.

O cavaleiro solta um som baixo.

— Foi bem o que pensei.

Eu provavelmente deveria ficar preocupada neste ponto. Mas para ser honesta, acho que estou cinco cidades além da preocupação. Deveria ter voltado disso há muito tempo.

— Ainda tentarei feri-lo. — Acrescento. — Manter-me perto apenas torna isso mais conveniente.

Agora o cavaleiro sorri e meu Deus, ele realmente gosta de crueldade.

— Eu não faria isso se fosse você. — Diz suavemente.

Ele não diz mais nada, mas então, não precisa. A ameaça está implícita: se eu tentar machucá-lo, ele me fará descobrir o que é a verdadeira dor.

Afastando-se do balcão do banheiro, o Ceifador caminha para a porta.

— Amanhã sairemos. E se você tentar escapar, não a alimentarei. — Ele parece perturbadoramente encantado com essa possibilidade.

Maldito Fome.

Portanto, o cavaleiro realmente não pretende me matar. Por alguma razão, ele realmente quer me manter por perto. Tanto que punirá minhas tentativas de fuga.

Observo o homem. Ele odeia humanos, mas não me matará e odeia mulheres, mas está me olhando tomar banho. Não consigo identificar esta expressão em seu rosto e isso está me corroendo. Por assim dizer. Mas no tópico de comida...

— Deixe-me ver se entendi. — Digo. — Bem, se ficar dentro desta bela casa, você vai me alimentar? — Onde está o truque?

Mais uma vez, os olhos do cavaleiro se estreitam.

— Você não morrerá de fome.

Alojamento e alimentação grátis? Que delicioso. Meus dedos do pé praticamente se curvam.

— Bem, então está resolvido. Você tem uma nova prisioneira e uma muito disposta.

Capítulo Doze

Apesar das minhas palavras, tento escapar. Várias vezes, na verdade. Principalmente porque sou muito curiosa. Também estou entediada. Não há muito o que fazer no quarto de um estranho. Ah e o fato de que ficar com fome não me assusta tanto.

Desnecessário dizer que sou pega, uma e outra vez. Na verdade, não tinha planejado deixar este lugar, não quando ainda pretendo ter minha vingança. Mas esperava que, enquanto estivesse em fuga, pudesse encontrar um objeto pontiagudo para espetar o cavaleiro em algum momento.

Afinal, somos inimigos.

Infelizmente, se há armas por aí, não encontro.

Após minha quarta tentativa, o cavaleiro simplesmente diz:

— Fuja novamente e usarei minhas plantas para mantê-la no lugar.

Agora acho que é uma ameaça eficaz. Estou surpresa por ele demorar tanto para realmente me intimidar. Afinal, meu captor é o infame Fome.

Então, me relego à realidade da situação: que ficarei presa neste quarto até que Fome decida que é hora de partirmos. Entediada e sozinha mais uma vez, vasculho o armário, colocando uma roupa mais adequada ao meu gosto. O vestido de algodão que escolhi tem um padrão brilhante e fluído. Opto por manter minhas botas velhas, no entanto; já que os meus pés são maiores do que a antiga ocupante

deste quarto.

Observo mais alguns itens da garota, folheando alguns livros empilhados em sua estante antes de passar para uma série de diários que ocupam uma prateleira inteira. Apenas posso presumir que foram escritos pela garota que morava ali. As entradas são tão corretas e fúteis quanto se pode esperar de uma adolescente rica e protegida, cada uma delas assinada: Eternamente sua, Andressa.

Eu me esforcei para isso, mesmo com o drama da minha própria vida. Infelizmente, mesmo em meio ao Apocalipse, não consegui alcançá-lo.

O que não espero são as cartas de amor lascivas que encontro escondido debaixo do colchão, todas de Maria, uma mulher misteriosa que, pelo que parece, conhecia uma vagina. Quer dizer, ela realmente parecia saber lidar com uma vagina.

Preciso de uma Maria.

Essas cartas me divertem um pouco. Mas existem apenas algumas delas.

Depois disso... tédio. Horas e horas de tédio. Tanto tédio que em algum momento adormeço, esparramada na cama de Andressa, suas cartas e escritos mais íntimos espalhados ao meu redor.

Acordo com o som do meu estômago roncando. Lá fora, os primeiros raios de sol iluminaram o céu. Posso ouvir o murmúrio baixo de vozes e por um segundo tudo parece tão terrivelmente normal que quase esqueço que estou presa em uma casa com um cavaleiro do Apocalipse e essas vozes pertencem a alguns dos últimos humanos vivos nesta cidade.

Meu estômago ronca novamente. Reter comida foi definitivamente uma ameaça brilhante da parte de Fome, porra. Demoro mais uma hora para ouvir os passos confiantes do que apenas pode ser do Ceifador. Ninguém mais se atreve a andar por este lugar com tanta confiança. Ele se dirige ao meu quarto, parando apenas quando está do lado de fora da minha porta.

Limpando minha voz, grito:

— A menos que tenha café ou comida, não quero falar com você!

Um momento depois, a maçaneta gira e Fome entra com um copo de água e uma fatia de fruta na mão.

Ele estende para mim.

— Porque você conseguiu passar doze horas inteiras sem tentar fugir. — Diz ele.

Acho que devo agradecer.

Mas como o poeta diria: foda-se essa merda.

— Um mamão? — Digo, reconhecendo a fruta. Não é nem um mamão inteiro também; apenas uma pequena fatia. — Sou uma mulher corpulenta, não um pássaro.

— Talvez você tenha esquecido que eu sou Fome. — Ele enfatiza. — Sinta-se feliz por alimentá-la.

— Quero café. Então me sentirei com sorte. Talvez. Um pedaço de bolo definitivamente me faria sentir grata.

— Você é uma dor de cabeça em forma humana. — Ele murmura.

— Que elogio às dores de cabeça em todo lugar.

— Você nunca para de falar?

— Apenas se colocar algo na minha boca. — Eu digo. — Eu gosto de comida, mas pau também funciona.

Ele olha para o céu.

Ah, uma abençoada reação.

— Isso é o que você tem, Ana. — Diz ele, colocando a comida no chão. — Coma ou passe fome. Realmente não me importo. — Ele sai do quarto com uma careta no rosto. — Encontre-me nos estábulos. Você tem cinco minutos.

Uso esses cinco minutos para invadir a despensa da casa. Eu consegui encontrar um pedaço de bolo, juntamente com algumas outras delícias. Nada de café, infelizmente. Encontro uma faca, mas não há literalmente nenhum lugar para guardá-la enquanto viajo, exceto talvez minha bota. Mas novamente, com minha sorte, provavelmente acabaria me cutucando com isso. Então, deixo a faca para trás.

Quando finalmente encontro-o do lado de fora dos estábulos, Fome está franzindo a testa para mim novamente. Acho que isso está se tornando uma coisa para ele, no que me diz respeito.

Seu feroz cavalo preto está selado e esperando, seus homens permanecem por perto, preparando seus próprios cavalos.

Não pela primeira vez, minha situação parece surreal. Esqueça que sobrevivi à destruição de duas cidades diferentes ou que vivo nos tempos bíblicos. Simplesmente o fato de que deixei de cuidar desse homem e passei a atacá-lo para ser sua prisioneira semi-voluntária já é

bastante estranho.

Eu limpo as migalhas do bolo dos meus dedos.

Ele percebe a ação, sua careta se aprofundando.

— Você está atrasada.

Erro que pretendo repetir enquanto estivermos juntos.

— Fique feliz por não ter fugido novamente. — Digo. Não que eu realmente quisesse. Esfaqueá-lo requer proximidade.

Ele me estuda com aqueles olhos inquietantes por um momento. Então, o canto de sua boca se curva para cima.

Uh oh.

— Bem, se está tão determinada a escapar de mim. — Diz ele. — Então talvez eu precise tratá-la como uma prisioneira adequada.

Eu dou a ele um olhar perplexo, enquanto o Ceifador se move para seu cavalo.

— Você tem me tratado como uma prisioneira. — O que ele pensa que tem feito comigo nas últimas vinte e quatro horas?

Fome alcança os seus alforjes. Ouço o barulho de algo pesado bem antes dele puxar um par de algemas de ferro.

Ferro. Algemas.

Porque é claro que essa aberração teria apenas um par extra guardado.

Voltando para mim, ele pega meu pulso.

— Ei...

Tento me livrar de seu aperto, mas é inútil. Um momento depois, Fome começa a apertar os pesados grilhões.

— O que você está fazendo? — Uma nota de pânico aparece em minha voz.

O cavaleiro termina um pulso e agarra o outro.

— Agora, se ao menos houvesse algo para sua boca...

Eu respiro fundo.

— Você não acha que isso é um pouco exagerado? — Pergunto.

Quer dizer, eu não fugi. Isso tudo é apenas fanfarronice.

Minha pele se arrepia ao sentir os olhares dos homens de Fome.

Ao invés de responder, o Ceifador me leva em direção a um cavalo escuro. Agarrando-me por baixo dos braços, ele me coloca na fera.

— Sério? — Olho inexpressiva para ele. — Devo usar algemas enquanto ando a cavalo? Agora, isso é definitivamente um exagero.

— Não é problema meu. — O Ceifador diz, caminhando de volta para seu corcel.

Eu faço uma careta para o meu cavalo.

— Você sabe que eu poderia simplesmente... — Eu ia dizer cavalgar, mas antes de terminar a frase percebo que o cavalo não está usando rédeas; em vez disso, a criatura é amarrada por um pedaço de corda a um dos homens montados de Fome.

— Então, isso significa que vamos para outra cidade? — Eu pergunto a Fome.

Ele me ignora completamente.

— Para onde vamos? — Pergunto a um homem que está passando.

Ele me ignora também.

— Alguém? — Pergunto. — Ninguém? Algum de vocês, seus sacos de merda inúteis, sabe para onde estamos indo?

— Cale a boca, porra. — Alguém diz.

— Não fale com ela. — Fome avisa seus homens.

Não sei se ele está dizendo com o intuito de "como se atreve a falar com a minha mulher desse jeito" ou algo como "não instigue mais". Provavelmente o último porque ele é um idiota maníaco. Mas você nunca sabe.

Leva um pouco mais de tempo para o resto do grupo terminar de reunir todos os suprimentos que precisam, mas logo começamos a nos mover.

No momento em que Fome coloca seu cavalo em ação, a fera foge como se tivesse sido solta. Os dois galopam à nossa frente, se movendo cada vez mais para longe antes que o Ceifador se vire para trás, voltando para nós.

Por um momento, tanto o homem quanto o cavalo parecem estar livres. A armadura de bronze do cavaleiro reflete a luz quando se aproxima de nós. O sol parece amá-lo, os raios destacando seu cabelo cor de caramelo e fazendo brilhar seus olhos verde musgo. Ele parece um príncipe de conto de fadas.

Quando chega próximo, para repentinamente, fazendo com que

seus homens, por sua vez, parem seus corcéis também. O olhar implacável de Fome se move sobre o grupo. Estes são os homens que ajudaram a executar pessoas inocentes, que me apunhalaram e mataram o Prefeito e sua família. São os que têm feito a mesma coisa com as pessoas de todas as cidades podres pelas quais passaram.

— Você se esqueceu de algo? — Um deles grita.

Os olhos de Fome pousam no homem por um momento antes de olhar para o resto do grupo novamente.

— Todos vocês têm sido muito úteis para mim. — Diz o Ceifador.

Um nó de mal-estar se forma na boca do estômago.

— Mas... — Continua o cavaleiro, aquele brilho perverso aparecendo em seus olhos. — Assim como as flores murcham, o mesmo acontece com o seu uso.

Em um instante, as plantas rompem o solo, seus caules crescendo incrivelmente rápido.

Seguro a respiração quando a primeira planta se envolve ao redor do tornozelo de um homem. Outra serpenteia até o tornozelo.

Os homens entram em pânico. Um deles pega uma arma no coldre ao lado do corpo. Outro tenta tirar as pernas do caminho. Nada disso funciona. As vinhas se estendem como galhos, arrastando os guardas de Fome de seus corcéis assustados.

— Por favor! — Um homem implora.

— Oh, Deus!

E os gritos, os gritos são de gelar o sangue.

Eu sento lá, apavorada com a visão.

Alguns dos cavalos empinam, assustados. Fome acalma os animais e isso, por incrível que pareça, parece tranquiliza-los. Eles se acomodam, se mexendo um pouco enquanto seus cavaleiros são atacados.

O homem que primeiro alcançou sua arma agora está deitado de costas, tentando cortar a coisa florescente que o envolve. Na verdade, parece que isso faz a planta crescer mais rápido e mais agressivamente.

— Por quê? — Um dos homens engasga, seus olhos implorando ao Ceifador.

A expressão do cavaleiro é absolutamente arrepiante.

— Porque você é humano e foi feito para morrer.

Ouço o estalo de ossos e os gritos estrangulados enquanto os homens lutam por ar. Parece uma eternidade antes que todos parem. E penso que seja uma pequena misericórdia que fiquem parados; poderiam ter se agarrado à vida como o velho que conheci quando entrei em Curitiba.

Faço um barulho enquanto respiro fundo. Estou cercada por todos os lados de mortos.

O cavaleiro a quem meu cavalo foi atrelado está a um metro de meu cavalo, sua boca aberta em um grito silencioso. Olho para o Ceifador, começando a tremer. Ele gostou de matar esses homens. Eu vi com meus próprios olhos.

Fome salta de seu cavalo e se move até os outros corcéis,

removendo sistematicamente suas selas e arreios, zumbindo baixinho enquanto ele faz isso. Um por um, solta os cavalos, deixando-os vagar pelas ruas desertas.

Logo caminha até mim. Ainda não me movi, cercada pelos mortos como estou.

— Venha, flor. — Diz Fome, sua voz enganosamente gentil. Ele dá um passo para o meu lado e estende a mão para mim.

O cabelo da minha nuca fica em pé. Quase me convenci de que esse homem era uma tarefa simples. E tarefas simples não podem ser assustadoras, certo?

Mas porra, agora já não o acho uma tarefa simples e não importa o quão idiota seja ao conversar, todos esses corpos ao meu redor são um lembrete de que ele ainda é um monstro miserável.

Quando Fome vê minha expressão, levanta as sobrancelhas.

— Bem, se não tem estômago para as minhas mortes, não deveria ter me procurado.

Ele está certo, é claro. Eu poderia ter ficado longe. Além disso, os homens que matou realmente mereciam a morte.

Mesmo assim...

Eu vejo o rosto diabólico de Fome.

Esta é uma criatura que precisa ser vencida.

— Você pode levantar os braços e cooperar ou posso arrastá-la para fora deste cavalo. — Diz ele. — Posso dizer qual você gostará mais.

Relutantemente, levanto minhas mãos algemadas e o cavaleiro ajuda a me puxar para fora do cavalo.

Ele assobia e seu próprio corcel se aproxima.

Não consigo olhá-lo. Não enquanto me levanta em sua própria montaria, não enquanto remove as coisas do meu antigo cavalo e liberta este último corcel. Logo ele sobe na sela atrás de mim.

A armadura de bronze de Fome crava em minhas costas enquanto se acomoda contra mim e um de seus enormes braços envolve casualmente minha perna. Sua proximidade apenas me faz tremer ainda mais.

O Ceifador estala a língua e seu cavalo começa a avançar, abrindo caminho entre os corpos.

Percorremos menos de um quarteirão quando ele murmura:

— Você está tremendo como uma folha. — Sua respiração está quente contra meu ouvido. — Eu já disse: não precisa ter medo de mim... não agora, pelo menos. — A voz do Ceifador é gentil, mas de alguma forma isso torna tudo pior.

— Por que você fez isso? — Minha voz sai baixinha.

Há uma longa pausa e eu realmente acho que ele leva um momento para descobrir a que estou me referindo.

Seus dedos tocam minha coxa.

— Eles teriam se voltado contra mim em breve. — Ele finalmente diz.

— Você os deixou empacotar suas coisas e preparar seus cavalos.

— Sussurro. — Preparou um cavalo para mim. Por quê? — Minha voz falha. — Por que fazer isso se matará todos eles?

— Você assume que minha mente funciona como a sua. Mas não é assim.

Obrigada, porra por isso.

Nós dois ficamos em silêncio por vários segundos, o único som é os passos de seu cavalo e o leve tilintar das minhas algemas. Passamos por vários corpos apodrecendo, suas formas presas ao alcance de mais plantas e árvores.

— Existe algum horror que você não está disposto a cometer? — Eu finalmente pergunto.

— Quando se trata de vocês, criaturas? — Ele responde. — Não.

Meus pensamentos giram e giram. Eu me sinto livre; minha vida inteira se foi e agora estou aqui, cavalgando ao lado do cavaleiro em vez de cumprir minha vingança. Isso... não foi como eu imaginei os eventos se desenrolando.

Mexo meus pés em minhas botas pesadas. Não há nenhum estribo para meus pés e a gravidade parece estar tentando puxar meus sapatos. Levanto os tornozelos, tentando reajustar meus calçados para deixá-los mais confortáveis. Funciona... por alguns minutos. Mas então fico desconfortável novamente.

Não aguento por mais de trinta minutos ou mais quando chego ao limite. Botas estúpidas.

— Segure-me. — Eu digo por cima do ombro.

Ele fica em silêncio. Então.

— E se este for outro de seus estratagemas sobre sexo...

Antes que o Ceifador possa terminar o pensamento, eu balanço um pé com bota para cima e subo na sela. Como previsto, o esforço tira o equilíbrio do meu corpo.

Reflexivamente, Fome me pega, seu braço apertando minha cintura.

— Que porra você está fazendo, Ana?

Minhas algemas tilintam quando desamarro a bota de couro. Quando termino, pego o salto de borracha grosso e começo a puxar.

— Tirando essas malditas botas.

Tiro, junto com a meia suada por baixo. Colocando-as no colo, começo a trabalhar na outra. O Ceifador não diz nada, mas sinto sua profunda irritação. Aborrecimento profundo, muito profundo. Tenho certeza de que ele acha cada decisão que tomo é irritante.

Assim que as duas botas são tiradas, consigo abrir um dos alforjes de Fome, o que é extremamente difícil quando você está algemado. Mas eu consigo, uhul!

Nas minhas costas, posso praticamente sentir a desaprovação de Fome. Ele não me impede, então, prossigo.

Agarrando as botas, tento enfiar as pontas de ambas no alforje, mas então as algemas se prendem no salto de uma das botas, puxando-a para fora da bolsa. Tento segurá-la quando cai, a ação deslocando a outra bota. Ambas caem pelo lado do cavalo antes de atingir o chão.

Há mais silêncio.

Então...

— Não é problema meu. — Diz Fome.

Eu olho por cima do ombro para ele.

— Você não pode estar falando sério. — Digo.

— Eu pareço estar brincando?

Porra, não.

— Eu preciso dessas botas. — Respondo. — São meu único par.

— Não vou parar.

— Uau. — Viro de frente na sela, me acomodando contra ele. — Uau.

Capítulo Treze

À medida que cavalgamos, os campos murcham.

A princípio, não percebo porque Curitiba se estende por muito tempo, quarteirão após quarteirão cheio de prédios que não podem murchar. Mas logo deixamos a cidade e em algum ponto, as estruturas são substituídas por terras agrícolas.

Mas quanto mais fico sentada na sela com o homem, mais percebo que a terra muda diante dos meus olhos.

Os campos de milho e soja, arroz e cana-de-açúcar - e tudo mais - todos murcham, os talos escurecem, as folhas se enrolam. A cor parece se esvair em poucos segundos. Quando olho por cima do ombro para as plantações pelas quais passamos, vejo um mar de folhagens mortas.

O poder de Fome, entretanto, não atinge as coisas selvagens. Nem a grama, nem as ervas daninhas, nem as plantas nativas que avidamente pressionam as bordas dos campos. É com a nossa subsistência que ele quer acabar.

— Crescerá novamente? — Eu pergunto, olhando para as colheitas morrendo.

— Não tão cedo. — Ele responde. — E quando isso acontecer, não serão as colheitas. Esta terra não pertence aos humanos. Nunca foi e nunca será.

Apesar do aumento do calor do dia, arrepios percorrem minha pele.

A vida realmente nunca mais voltará a ser como era. Quer dizer,

eu soube disso no momento em que Fome chegou à minha cidade, mas não processei totalmente até agora. Não haverá mais fazendeiros, não haverá mais dias de mercado. Não haverá mais tardes preguiçosas no bordel ou noites de negócios. Aqui no sul do Brasil, a agricultura é a nossa principal forma de comércio. E se Fome acabar com isso... ele não precisará nos matar em um instante. Todos nós morreremos de fome.

— Você é um problema. — Ele admite, interrompendo meus pensamentos.

— Direi isso da maneira mais agradável possível. — Respondo, balançando meus pés descalços para frente e para trás. — Você pode ir se foder e acabar com seu problema.

Seu aperto aumenta na minha coxa.

— Foder é sua única solução para algum problema?

— Matar é? — Eu retruco.

— Meu problema. — Ele continua suavemente, como se não estivéssemos apenas discutindo. — É que estou aqui para destruir as plantações e matar sua espécie de fome, mas devo alimentá-los.

Ele parece realmente dividido sobre isso.

— E é o que você fará?

— Seria sensato não me ofender. — Diz ele. — Já vi humanos ferverem seus cintos e o invólucro de couro da Bíblia, tudo para encher o estômago com algo que representasse comida. Eu os vi comer todos os tipos de coisas não comestíveis. Eu até os vi comer sua própria espécie. Tudo em nome de aliviar aquela dor dolorosa em

suas entranhas. Não preciso tornar a sua sobrevivência fácil ou confortável.

— Você realmente deixou as pessoas viverem o suficiente para ferver seus cintos? — Pergunto. — Acho isso difícil de acreditar. — Eu me mexo na sela e juro que sinto o calor abrasador de seu olhar nas minhas pernas. — Sabe. — Acrescento. — Você provavelmente seria muito menos sanguinário se usasse sua agressividade.

— Eu não quero ser menos sanguinário... e definitivamente não quero transar com você.

— Eu não estava oferecendo, embora tenho certeza de que poderia encontrar alguém aberto à ideia. Provavelmente não alguém vivo, mas ainda assim, alguém.

— Você diz isso como se não tivesse se jogado sobre mim há apenas algumas semanas. — Diz ele, parecendo exasperado.

Eu não me joguei nele. Ana Silva não se joga em ninguém; ela timidamente atraía os inconscientes para seu antro de sexo e escraviza suas vontades à dela... por um tempo.

— Estava cega pelas lembranças de um Fome mais agradável. — Digo.

— E estava cego pelas lembranças de uma versão mais agradável e menos sexual de você.

Levanto minhas sobrancelhas, um sorriso relutante se espalhando pelo meu rosto.

— Eu não sabia que minha sexualidade importava para você.

Ele rosna.

— Você pode ficar quieta?

— Apenas se colocar algo na minha boca. Paus ainda são uma opção. — Eu digo, apenas para provocá-lo.

— Achei que você não estivesse se oferecendo. — Diz ele.

Abro a boca para discutir, mas.... Oh, ele está certo.

— Posso abrir uma exceção apenas desta vez. — Digo. Pelo bem da humanidade, é claro. Um boquete para acabar com todo o derramamento de sangue... isso soa apropriadamente valente.

Realmente sim.

Um cavaleiro caindo de joelhos diante do pedido de uma humana...

A altura precisa ser um pouco ajustada, mas definitivamente gosto do som disso. Quem diria que a prostituição poderia ser uma causa tão nobre?

— Claro. — Fome para seu cavalo abruptamente.

Ah, merda.

— Espere. — Eu digo. — Você está realmente aceitando a oferta?

Eu estava mais interessada em insultar o cavaleiro do que realmente manter a palavra. Mas agora...

Fome desmonta. Um momento depois, ele me alcança, com algemas e tudo, me arrastando de seu cavalo. Meus pés descalços tropeçam na terra, minhas algemas ressoam enquanto se movem.

— Tudo bem. — Eu digo, olhando ao redor. — Bem aqui. Certo. — Eu engulo, limpo minha garganta. — Não sabia que você estava tão ansioso.

Olho para a calça do cavaleiro. Eu já o vi nu antes, mas ele estava tão machucado que realmente não notei seus órgãos genitais. Agora, no entanto, estou estranhamente irritada com a ideia de ver seu pau, maldita seja a minha mente curiosa.

Quando Fome não faz nenhum movimento para abrir a calça, o faço.

Ele olha para mim.

— O que você está fazendo?

Posso sentir toda aquela energia de desaprovação focada em mim.

— Começar as coisas. E se é um pouco tímido, podemos ir mais devagar...

— Tímido? — Ele pergunta.

A compreensão aparece em seus olhos um segundo depois, seguido por oh aborrecimento.

Ele golpeia minhas mãos.

— Pare. — Ele diz, um pouco irritado.

Eu dou a ele um olhar confuso, mas nem mesmo está prestando atenção em mim. Seu foco está em um pedaço de terra gramado a poucos metros de distância.

Eu me afasto dele enquanto estende a mão em direção ao chão.

Os segundos se passam. Então, da terra, uma pequena muda brota diante de meus olhos, erguendo-se graciosamente, seus galhos e caules se desdobrando.

Há apenas algumas horas, vi plantas diferentes surgir do solo, no

entanto, esse processo parece totalmente diferente do que vi esta manhã. As plantas anteriores cresciam agressivamente; um nascimento violento e monstruoso. Por outro lado, esta parece uma dança lenta.

Leva muito mais tempo para esta planta crescer, em parte porque a árvore é muito grande. À medida que cresce e se enche, suas folhas balançam para cima e para baixo, quase como se estivesse respirando. Seu tronco fica mais espesso e então, maravilha das maravilhas, gotas de frutas incham ao longo desse tronco e alguns dos galhos maiores. Elas mudam de cor, passando de verde para vermelho vinho e finalmente, violeta-escuro.

E então, a árvore se acomoda, seu rápido crescimento completo. Eu fico olhando. É uma jabuticabeira, muito parecida com a que encontrei no dia em que conheci o cavaleiro.

Fome abaixa sua mão, voltando-se para mim.

— Bem? — Ele diz.

Minhas sobrancelhas se juntam, confusas.

— Você quer que eu chupe seu pau aí embaixo?

Ele exala, seus olhos erguendo-se para o céu em exasperação.

— Estou brincando. — Quase. Ainda estou pensando no boquete para salvar toda a humanidade.

O Ceifador me encara.

— É comida para você. — Ele explica de qualquer maneira. — Para fazer você parar de falar sobre sexo por cinco segundos.

Acho que seu dilema sobre me alimentar não é tanto um dilema quando o sexo é a outra opção iminente.

Que vergonha. Estava meio animada com seu pau sobrenatural também.

Capítulo Catorze

Os poucos viajantes pelos quais passamos morrem. O cavaleiro garante isso.

A primeira vez que vejo outra alma viva, fico imediatamente tensa. O homem avança pela estrada, conduzindo um pequeno rebanho de cabras. Ele não nos nota até que estejamos quase em cima dele e quando o faz, apenas tem tempo para seus olhos se arregalarem antes que um arbusto retorcido se erga do chão, prendendo-o em suas garras.

Eu engulo um grito quando a planta o mata. Talvez a parte mais macabra de tudo isso seja que, enquanto o homem se debate em suas garras, a planta brota delicadas rosas de pétalas rosadas.

Não são apenas os viajantes que o Ceifador mata. Passamos por vários pequenos povoados e em cada um deles brotam as plantas petrificantes do cavaleiro, prendendo e matando as pessoas em suas garras.

Apenas quando entramos na cidade de Colombo é que Fome sussurra em meu ouvido.

— Ficaremos aqui.

Ignoro um arrepio com suas palavras. Eu gostaria de dizer que é de puro terror, mas há uma parte doente de mim que ainda reage de forma inadequada ao timbre baixo e sensual de sua voz, assim como quando tinha dezessete anos.

Nossa entrada não é nada parecida com a que presenciei em

Laguna. Multidões não se enfileiram nas ruas, ninguém espera por nós. Na primeira vez que alguém reconhece Fome, grita, deixando cair a cesta que carregava e fugindo para casa. Acontece uma segunda vez e depois uma terceira, até parecer que toda a cidade está em alvoroço.

Acho que Fome não enviou ninguém à frente para alertar a cidade de sua chegada.

Nós avançamos, o cavalo de Fome acelerando até galopar pelas ruas da cidade. Tudo ao nosso redor parece uma loucura. As pessoas estão fugindo em todas as direções, seus bens se espalhando. O gado está solto, alguns porcos gritando em pânico.

Bem no meio de tudo isso, Fome para seu cavalo, o corcel recuando. Tenho que agarrar o pescoço do cavalo para me manter sentada.

— Pare. — A voz do Ceifador ressoa, ecoando com força sobrenatural.

Para minha surpresa... as pessoas diminuem a velocidade, seus olhares assustados movendo-se para o cavaleiro.

— Preciso de um lugar para ficar. — Diz ele. — A melhor casa da cidade. E preciso de bons homens dispostos a me ajudar. Façam isso e reterei o pior da minha ira.

Com isso, olho para Fome. Sua expressão parece genuína o suficiente, mas então, ele é capaz de ser misericordioso?

Algumas pessoas começaram a se apresentar, prontas para ajudar o cavaleiro.

Acho que estamos prestes a descobrir...

Quando Fome e eu finalmente entramos na casa, a noite já caiu. Minhas algemas tilintam enquanto caminho ao lado do cavaleiro e de alguns dos habitantes da cidade que ajudaram nas últimas horas.

O Ceifador segura sua foice em uma mão e na outra ele agarra meu braço. Não tão discretamente e tento encolher os ombros. Em vez de me liberar, seu aperto aumenta.

— Solte-me. — Digo baixinho.

O cavaleiro me olha de lado, mas ignora meu pedido.

— ...este é o quarto principal. — Diz Luiz, um oficial graduado da delegacia de polícia de Colombo. Ele foi quem arrumou a maioria das nossas acomodações. — Os donos da casa graciosamente desistiram por você e sua, uh... -— Os olhos de Luiz me avaliam, demorando-se em minhas algemas, que ainda não se soltaram. Fome não oferece qualquer tipo de explicação e nem eu. — ...companheira.

O Ceifador olha abertamente para o homem, a hostilidade sendo exalada. Essa é a reação de Fome desde que nós soubemos que Luiz fazia parte da polícia. Quem quer que tenha ferido o cavaleiro, tenho a suspeita de que eram homens uniformizados.

Luiz nos leva de volta para frente da casa, onde um casal de idosos permanece rígido, parecendo irritados e desconfortáveis.

O rosto do oficial relaxa.

— Sr. e Sra. Barbosa. Vocês estão aí. — Ele caminha à nossa frente para cumprimentá-los.

Mesmo quando pegam sua mão, seus olhos estão fixos no Ceifador.

Luiz se vira para nós.

— Fome. — Diz ele. — Estes são seus anfitriões, Sr. e Sra. Barbosa. — Repete sem necessidade. — Os donos da casa.

Eles parecem irritados e alarmados.

A esposa é a primeira a me notar. Ela vê Fome apertar meu braço, depois minhas algemas. Ela me olha do topo do meu cabelo rebelde e encaracolado, do meu vestido mal ajustado e finalmente os meus pés descalços sujos. Suas narinas dilatam e ela faz uma careta, como se pudesse sentir minha má reputação flutuando para fora. Eu me pergunto o que ela faria se soubesse que realmente era uma prostituta.

Fome aperta meu braço, então o solta, dando um passo à frente.

— Ah, os proprietários. — Diz ele. — As pessoas que queria ver.

Mais rápido do que consigo acompanhar, ele levanta a foice das costas e corta o pescoço do casal. Por um instante, parece que o casal está usando colarinhos carmesim. Então suas cabeças tombam dos ombros.

Sou a primeira a gritar, minhas mãos algemadas chegando à boca. Um momento depois, o resto da sala começa a gritar enquanto homens e mulheres pegam suas armas.

Luiz se aproxima do cavaleiro e Fome gira a foice em sua mão, como se fosse uma dança elaborada. A lâmina se curva para cima, a ponta atinge o chefe de polícia bem no meio do estômago e o abre até a clavícula.

Com a visão, minhas pernas dobram.

Todos os outros estão avançando para o Ceifador, armas em

punho.

— Chega! — A voz de Fome explode.

Não sei que tipo de magia diabólica está em ação, mas por alguma razão, as pessoas o ouvem. Os homens e mulheres ao nosso redor interrompem o ataque, alguns até baixando as armas.

— Eu e minha pequena humana aqui... — O Ceifador estende a mão e sacode minhas algemas. — ...ficaremos aqui. Podem me ajudar e manter suas vidas miseráveis ou posso matá-los agora. Quem quer morrer? — Seu olhar percorre os homens e mulheres restantes que nos cercam.

Ninguém faz barulho.

— Como eu pensava. — Fome abaixa sua foice no chão, segurando-a como um cajado.

— Limpe esses corpos. — Ele ordena a ninguém em particular. — Eu preciso de alguém para fazer o jantar, quero uma forma de entretenimento. Encontre para mim o que de melhor esta cidade tem a oferecer e traga aqui. — Ou então. Ele não diz isso, mas todos nós ouvimos.

Fome agarra minhas algemas e começa a me levar. Mal damos três passos antes dele parar, fazendo-me quase esbarrar nele.

— Ah, quase esqueci. — Diz o cavaleiro, virando para encarar os homens. — No caso de algum de vocês pensar em se rebelar, deixe-me poupar o problema... — Não.

— Qualquer atentado contra minha vida será recebido com uma retribuição dolorosa. Não posso enfatizar isso o suficiente. — Fome

acena para os corpos. Luiz ainda está vivo e gemendo. — Isso é misericórdia. Basta perguntar a ela. — Ele sacode minhas algemas e vários pares de olhos se movem para mim.

Não digo nada, mas imagino que eles possam ver meu medo. Certamente posso sentir vazando-o pelo meu corpo.

— Bem? — Fome diz, seu olhar passando por eles. — Por que vocês ainda estão parados aí? Podem ir. Agora.

O cavaleiro me leva a uma sala vazia, seguindo-me para dentro. No momento em que ele fecha a porta, estremeço, meus músculos enfraquecem. Minhas pernas realmente não querem me segurar, mas de alguma forma conseguem.

— O que você quer? — Pergunto. Minha voz hesita.

— O que, sem insinuações sexuais? — Fome diz, jogando sua foice na cama, o sangue da lâmina manchando o edredom.

Pressiono meus lábios. Várias pessoas morreram. Não consigo entender sua casualidade.

Todo esse tempo que tentei irritá-lo Fome se divertiu. Ele também sabe disso. Porra, ele está se divertindo com certeza.

— Você está sempre dizendo que preciso colocar algo na sua boca para fazê-la calar a boca, mas parece que tudo que precisava era matar algumas pessoas. — Diz ele. — Que sorte para mim, já que estou no ramo da morte.

Estremeço e me afasto dele, indo até a janela. Não consigo ver nada lá fora; a escuridão é absoluta.

Expiro, minha respiração instável.

— O dia em que o salvei... sabe por que fiz isso? — Pergunto, olhando por cima do meu ombro para ele.

— Não me importo por que você fez isso. — Diz Fome, mas ainda assim posso ver seu lindo rosto virado em minha direção, esperando que termine de falar.

— Eu não conseguia suportar a ideia de que alguém pudesse machucar outra pessoa da maneira como você foi machucado.

— Eu não sou uma pessoa, Ana. Sou um cavaleiro.

— Você acha que isso fez alguma diferença?

Ele não tem nada a dizer sobre isso.

Volto para janela, não querendo olhar para Fome ou o sangue que está espalhado em sua armadura de bronze.

Um momento depois, ele se aproxima do meu lado. Com o canto do olho, o vejo colocar a mão na calça preta e tirar uma chave. O Ceifador agarra meus pulsos e começa a destravar as algemas.

— Você está me tirando das algemas? — Pergunto.

— Prefere que eu não faça? — Ele pergunta, arqueando uma sobrancelha.

Eu não digo nada sobre isso.

Ele termina de destravar as grossas algemas de ferro e rolo meus pulsos. Em alguns pontos, a pele está em carne viva.

— Pensei que você não confiasse em mim. — Digo desconfiada.

— Não. — Concorda Fome. — Mas o que você pode realmente fazer neste momento?

— Poderia te machucar. — Digo, meu olhar duro. Acho que realmente gostaria de esfaquear o Ceifador agora.

Fome parece francamente pensar.

— E a chance de sofrer minha ira? Acho que não. — Diz ele. — Embora receba bem suas tentativas... por mais fracas que tenham sido até agora.

— Você me disse que estava segura. — Lembro.

— E está. Não pretendo machucá-la se você não me machucar.

A contragosto, admito que é justo.

— E se eu fugir? — Pergunto.

— Suas tentativas de fuga foram ainda piores do que as tentativas de assassinato. — Diz ele, aproximando-se.

Eu não posso evitar, minha respiração quase para com a visão dele.

— Mas faça isso, florzinha. — Ele continua. — Fuja. Volte para sua cidade pobre e abandonada e viva em seu bordel vazio; tentando ganhar a vida novamente vendendo-se aos mortos e desfrutando dos restos de comida estragada que escaparam do meu alcance. Tenho certeza que você viverá uma vida longa e próspera.

Enquanto ele fala, meu ódio aumenta, fechando minha garganta. Apenas o olho. Ele está muito perto de mim. Apenas meus clientes chegaram tão perto, mas por motivos totalmente diferentes.

O olhar de Fome procura o meu.

— Não, você não fugirá. — Diz ele. — Porque fugir requer um

certo nível de coragem, o que absolutamente não tem.

Minha palma sobe antes que possa evitar e dou um tapa em seu rosto. Posso sentir a picada do contato contra minha pele. A cabeça do Ceifador vira para o lado.

No momento que se segue, nenhum de nós faz nada. Estou respirando forte e o rosto do cavaleiro está voltado para mim.

Lentamente, sua mão sobe e ele toca sua bochecha. Solta uma risada e os pelos dos meus braços se arrepiam.

Este homem acabou de matar três pessoas e eu apenas bati nele.

Mais rápido do que posso seguir, ele agarra meu queixo.

— Florzinha tola. Você não aprendeu nada? — Enquanto ele fala, caminha para frente, me apoiando até que bato na parede. Uma vez lá, estou presa. — Talvez você seja corajosa, afinal, para tentar minha raiva.

Seus olhos vão para minha boca e no meio de seu discurso movido pelo ódio, vejo algo brilhar naqueles olhos verdes sobrenaturais.

Seu olhar se move até o meu e há um toque de conexão.

— Talvez você acredite que está acima da punição.

Enquanto ele fala, o piso de madeira embaixo de mim sobe como um formigueiro antes de se estilhaçar. Um caule aparentemente inofensivo sobe do chão antes de vir em direção à minha perna. Tento não gritar ao vê-lo, mesmo quando ele começa a subir.

— O.... o que você está fazendo?

— Lembrando por que você não deve me apunhalar, me dar um tapa ou me abordar de qualquer outra maneira.

Um único galho se divide em dois, depois três, quatro, crescendo e ao meu redor. Minúsculos espinhos aparecem ao longo do caule, alongando e afiando quanto maior a planta se torna. O arbusto não me envolve. Em vez disso, cresce como uma gaiola ao redor do meu corpo. Apenas depois de me colocar entre parênteses, Fome libera seu domínio.

Ele se afasta.

— Você me salvou uma vez, então vou poupá-la apenas por esse motivo. — Diz ele. — Mas nunca mais me teste.

Com isso, ele sai do quarto, batendo a porta atrás de si.

Fico parada por um segundo, esperando que algo mais aconteça, que Fome volte ou está árvore murche e morra.

Nenhuma das coisas funciona.

— Como porra sairei daqui? — Eu finalmente murmuro para mim mesma.

A resposta, descubro várias horas depois e muitos cortes, é dolorosa, e é assim que devo sair.

Capítulo Quinze

Acordo com gritos.

Sento-me rápido demais, balançando um pouco. Coloco a mão na cabeça, piscando para afastar o sono. Os gritos continuam, pontuados por gemidos agonizantes. Meu coração está começando a bater forte antes que eu possa realmente processar o que estou ouvindo.

Olho para a janela por vários segundos, grossas nuvens cinzentas obscurecem a luz da manhã. Os gritos estão vindo de fora, mas agora estão começando a morrer. Minha pulsação bate em meus ouvidos.

Não sei como consigo coragem de jogar minhas cobertas, as cobertas ainda manchadas com o sangue da foice de Fome, e deslizo para fora da cama. Não vejo o cavaleiro desde que ele me deixou na noite anterior, mas pelo que parece, ele está ocupado.

Ando ao redor do arbusto espinhoso que me prendeu ontem e me arrasto em direção à janela, o medo se acumulando no meu estômago. Lá fora, duas pessoas estão jogando um corpo no que deve ser o quintal da casa. Já existem outros corpos caídos no chão, alguns deles ainda se movendo.

Tropeço para trás, em meu próprio calcanhar e caindo com força no chão.

Preciso respirar pelo nariz apenas para manter a bile baixa.

Minhas próprias lembranças voltam, como Elvita foi esfaqueada, como fui esfaqueada. Como grosseiramente os homens de Fome descartaram meu corpo.

Envolvo os braços ao meu redor. Enquanto os gritos aumentam, fecho meus olhos, meu corpo tremendo. É agora que deveria sair como uma brava heroína e acabar com Fome. Em vez disso, estou paralisada de medo, minha mente repassando meu próprio encontro horrível com o cavaleiro.

É por isso que me permiti continuar sendo a prisioneira do cavaleiro, para poder machucá-lo novamente. Mas agora, quando lutar contra ele faria diferença... não posso fazer isso. Não tenho uma arma, mas mesmo que tivesse, não acho que conseguiria andar até ele. Não quero me mover.

Fome estava certo. Não tenho coragem, coragem para fazer qualquer coisa em face de suas atrocidades.

Meu coração está na garganta e minha respiração está saindo muito rápido quando a porta do quarto se abre. Um homem entra, um que não reconheço. Minha respiração para.

— Fome quer ver você. — Diz ele.

Ainda estou tremendo e não consigo me mover. Quando o homem vê isso, ele se aproxima e agarra meu braço, colocando-me de pé.

Cambaleio e tropeço para frente, seguindo o homem para fora do quarto e em direção à sala de estar, onde todos os móveis foram colocados de lado, exceto a poltrona em que fica Fome.

Ele se acomoda como se fosse um trono, as pernas apoiadas em um dos braços e cruzadas nos tornozelos. Apesar de ser meio da manhã, uma taça de vinho está em uma de suas mãos.

Ele parece bêbado. Muito bêbado.

— Onde você esteve? — Ele exige quando me vê, seu tom ranzinza.

— Me escondendo. — Respondo enquanto o homem que me trouxe aqui finalmente solta meu braço.

— Esconder-se é para covardes. — Diz o cavaleiro, tirando os pés do apoio de braço e endireitando-se no assento.

Eu recuo, suas palavras ecoando meus próprios pensamentos anteriores.

— Além disso. — Continua ele. — Quero que dê uma boa olhada em como o seu mundo morre.

Fico olhando para Fome por vários segundos.

— Eu te odeio muito, muito mesmo.

— Oh, espere. — Ele tamborila os dedos contra o braço da cadeira, as sobrancelhas unidas. — Parece que esqueci algo...

Ele se mexe e ouço o barulho de metal. Os olhos de Fome brilham e ele estala os dedos.

— Ah. Lembrei.

Ele desengancha algo ao seu lado. Apenas quando o levanta é que reconheço as algemas.

— Você não pode estar falando sério. — Sussurro.

Eu não represento nenhuma ameaça. E se o cavaleiro não tivesse me forçado a vir aqui, provavelmente teria ficado enfurnada naquele quarto em que me deixou, inventando uma desculpa atrás da outra

para explicar minha inação.

— Você é inteligente e impetuosa. — Diz ele. — E gosto mais de você quando consigo evitar seus truques.

— Você poderia simplesmente ter me deixado naquele quarto. — Digo. — Eu não ia a lugar nenhum.

O cavaleiro deixa de lado sua bebida e se levanta, vindo até mim com aquelas algemas.

— Eu poderia tê-lo feito, mas então, ficaria pensando em você.

Não sei o que fazer com essa afirmação enervante.

Não luto com o cavaleiro quando ele começa a me algemar. Esses gritos anteriores já me assustaram completamente.

Às minhas costas, ouço a porta da frente se abrir e o som de passos quando as pessoas entram na casa. Lançando-me um sorriso malicioso, Fome termina seu trabalho, deixando meu lado para pegar sua taça de vinho e retornar ao seu lugar.

Cavaleiro estúpido e malvado.

Começo a caminhar de volta para o quarto, passando pelo que parece ser um homem mais velho e uma jovem, ambos vagando incertos na entrada. Ao vê-los, minha garganta aperta. Esta é uma história que já conheço o final.

— Eu disse que você poderia sair do meu lado, Ana? — Fome clama, sua voz áspera.

Paro, meu corpo fica tenso. Com seu comentário idiota, um pouco do meu fogo retornou.

Olho por cima do ombro para o cavaleiro.

— Não seja cruel.

— Eu posso não ser cruel? — Ele diz, sua voz aumentando. — Você não sabe o que é crueldade. Não até que tenha suportado o que eu suportei. Sua espécie me ensinou tão intimamente como ser assim. — O cavaleiro diz isso bem na frente da dupla que espera na entrada, suas expressões inquietas.

— Agora. — Ele diz para mim, seus olhos endurecendo. — Volte para... o meu... lado.

Eu flexiono a mandíbula enquanto olho para ele, medo e raiva se agitando dentro de mim. Relutantemente volto para ele, olhando o tempo todo. Ele me encara de volta.

Durante nossa troca, o homem mais velho e a jovem ficam para trás, observando minha conversa com Fome, mas agora, enquanto o Ceifador se senta em sua cadeira, ele lhes dá um olhar altivo.

— Bem? — Ele diz. — E se tiverem algo a dizer, digam.

Timidamente, o par avança.

— Meu senhor. — O homem diz, acenando para o cavaleiro.

Fome faz uma careta.

— Não vejo presentes em suas mãos. Por que estão aqui?

Claro que o idiota ao meu lado pensaria que um humano apenas deveria se aproximar dele se tivesse algo a oferecer. Observo o cavaleiro novamente, estudando seus olhos brilhantes e estreitos, a maneira como ele se senta nesta cadeira como um rei. Está intoxicado

com vinho, poder e vingança.

O homem mais velho parece se encolher antes de reunir coragem. Ele coloca a mão no ombro da jovem com quem está e a conduz para frente.

Meus olhos observam sua mão.

O homem limpa a garganta.

— Pensei que talvez... um cavaleiro como você pudesse querer... — Ele limpa a garganta novamente, como se não conseguisse pronunciar as palavras.

O silêncio se estende.

— Bem? — Fome diz. — O que você acha que eu quero?

Há outro longo período de silêncio.

— Minha filha. — O homem finalmente diz. — É sua, se você a quiser.

Filha. A palavra ecoa em meus ouvidos.

Foi fácil para Elvita e eu nos aproximarmos do Ceifador. Eu era uma prostituta e Elvita era a cafetina que administrava meus clientes. Mas oferecer sua filha para ser usada por um estranho vingativo? O pensamento fez meu estômago embrulhar.

Os olhos de Fome se voltam para os meus e ele me lança um olhar como se dissesse: Está vendo? Eu faço isso o tempo todo e me cansa.

— Os humanos são terrivelmente previsíveis, não são? — Ele diz.

Agora que realmente penso a respeito, isso deve acontecer com ele o tempo todo. Cidade após cidade, ele abre suas portas para que as

pessoas que lhe deem presentes. Para uma família pobre, o corpo de uma mulher pode ser a coisa mais valiosa que eles têm a oferecer.

Eu não deveria ter problemas com isso, tem sido minha moeda nos últimos cinco anos.

Mas agora isso me deixa doente.

O olhar de Fome passa rapidamente pelo meu rosto, absorvendo minha reação antes de lançar um olhar preguiçoso de volta para o homem.

— Então, você não veio até mim de mãos vazias, afinal.

O homem balança a cabeça. A garota está começando a tremer; ela parece visivelmente assustada com o cavaleiro.

— Ela não tem muito para olhar. — Observa Fome, seu olhar se movendo sobre ela. — Muito pequena e sua pele está manchada.

Porque ela ainda é uma adolescente, eu quero gritar. Não importa que também fosse adolescente quando comecei a dormir com estranhos. Não quero essa vida para mais ninguém.

— E os dentes dela... — O cavaleiro faz uma careta.

Não há nada de errado com os dentes dessa garota, ou com sua aparência, mas isso não vem ao caso. Fome tem como objetivo causar dor.

Assim como as plantas que ele mata, Fome tem seus momentos. Às vezes ele é leve e feliz, como a primavera. E então, outras vezes, como agora, ele é cruel e frio como o inverno.

E de repente, ele se vira para mim.

— Diga-me Ana, o que você quer que eu faça?

Que porra?

Olho para ele como se estivesse louco.

— Devo transar com ela? — Ele me pergunta. — Ou você prefere que eu faça dela um exemplo como fiz com você?

Eu curvo meu lábio superior, com repulsa por ele.

— Você é um monstro.

— Mmm... — O canto de sua boca se levanta e ele volta sua atenção para seus convidados.

Mais uma vez, Fome olha a garota de cima abaixo. Ela o encara de volta, ainda visivelmente tremendo.

E de repente, ele se levanta, colocando sua bebida de lado. Acho que talvez ele queira machucar o par, mas não pega a foice. Em vez disso, se aproxima da garota.

Por reflexo, ela dá um passo para trás. Não consigo ver o rosto dele, mas posso ver o dela e ela está apavorada.

— Eu tenho inimigos suficientes. — Ele diz, olhando por cima do ombro para mim. — Vou poupá-la do pior dos meus tormentos. — Para um de seus homens, ele diz: — Coloque-a em um dos quartos.

Capítulo Dezesseis

Eu fico olhando para a adolescente agora chorando, meu estômago revirando. O tempo todo sinto os olhos de Fome em mim.

Não faça isso, eu quero dizer a ele. *Não use aquela garota como os homens me usaram. E se é sexo que você quer, eu o darei. E se for resistência, acredite em mim, farei com que saiba o quão pouco entusiasmada estou*.

Eu não digo nenhuma dessas coisas. Tenho uma sensação desagradável e incômoda de que o cavaleiro concordaria alegremente e mataria a garota. A verdadeira questão é o porquê Fome decidiu mantê-la por perto quando ele tem sido muito agressivo contra o sexo comigo.

Nem um minuto depois de sua filha ser levada, os homens de Fome conduzem o pai pela casa e pela porta dos fundos.

— Para onde você está me levando? Onde... deixe-me ir... — Uma porta se abre e depois se fecha, interrompendo as palavras do homem mais velho.

Não leva muito mais tempo para seus gritos começarem. Eu fecho meus olhos, afastando os sons.

Cometi um erro caçando Fome. Um erro terrível, terrível. Achei que poderia exigir minha vingança ou morrer. Mas nenhuma dessas opções aconteceu.

— Ora, ora, florzinha. — Diz o cavaleiro, com a voz baixa e letal. — Fechar os olhos não o tornará menos real.

— E se me deixar ir, eu o deixarei em paz. — Sussurro.

Não quero ouvir todo esse sofrimento. E também não quero ver.

— Fará isso agora? — O Ceifador diz. Eu ouço seus passos quando ele vem até mim. — Bem agora quando comecei a gostar de você. — Ele sussurra em meu ouvido, seu hálito quente.

Meus olhos se abrem. O cavaleiro está irritantemente perto e enquanto eu o observo, ele passa um dedo pelo meu braço nu, o toque causando arrepios. Ele olha para minha pele enrugada.

Que porra ele está fazendo?

Um guarda limpa a garganta, rompendo qualquer coisa estranha que aconteceu com o cavaleiro. Outra pessoa entra e Fome muda sua atenção para ela, voltando para sua cadeira.

Eu sei que o Ceifador me trouxe aqui para me deixar desconfortável; ele parece saborear sua crueldade. Dois podem jogar esse jogo.

Posso ficar com medo do cavaleiro, posso até ser covarde diante da morte, mas caramba, fui e sempre serei uma puta filha da puta ousada.

Assim que um homem se aproxima de Fome, eu casualmente deixo meu posto e me sento nas pernas da Fome como se isso fosse apenas algo que sempre faço. Isso mesmo. Muitas vezes me sentei no colo dos homens no bar ao lado do Bordel e muitos desses homens eram apenas um pouco menos revoltantes do que Fome.

Sob minha bunda, o Ceifador fica tenso.

— O que você está fazendo? — Ele sibila, baixo demais para qualquer outra pessoa ouvir.

Eu ignoro a maneira como meu coração bate ou o fato de que este monstro me rejeitou várias vezes. Balanço meu cabelo, as mechas longas e onduladas roçando seu rosto.

— Ficando confortável. — Digo.

Eu me ajusto em seu colo, as algemas tilintando e me certifico de causar um pouco mais de atrito. Para minha alegria, ele respira fundo.

Não posso lutar contra Fome ou apelar para sua sensibilidade, mas posso deixá-lo louco. Na verdade, sou muito boa nisso.

O cavaleiro me agarra pela cintura. Ele está prestes a me empurrar, posso sentir, mas por alguma razão decide no último minuto me manter presa no lugar, seus dedos cravando em minha pele.

O homem que esperava no saguão agora se aproxima de nós, o medo e talvez um pouco de esperança, visível em seu rosto. Suas roupas estão esfarrapadas e remendadas, as sandálias que usa parecem muito gastas. Quem quer que seja, não tem muito, mas mesmo assim veio aqui com a intenção de dar algo ao Ceifador.

Ao se aproximar de nós, o homem coloca a mão no bolso e tira vários anéis, uma delicada pulseira de ouro e um colar com a imagem de Nossa Senhora Aparecida pendurada. O homem abaixa a cabeça e se ajoelha com a mão estendida.

— O que é isso? — Fome pergunta, desdém escorrendo de sua voz.

— Esta é a única verdadeira riqueza que minha família possui. — Diz o homem. — É seu. — Ele olha para cima e posso ver em seus

olhos que quer implorar pela vida de alguém, mas engole as palavras.

Eu me movo para ficar de pé. Por um instante, o cavaleiro resiste, mas acaba me soltando.

Deus, o Ceifador é um bastardo estranho.

Eu me aproximo do homem e me agacho na frente dele.

— Isso é lindo. — Eu digo, tocando a imagem da Virgem, minhas algemas estalando. — Tem uma história?

— Foi da minha mãe... dado a ela por sua mãe. — Diz o homem, ousando olhar de mim para o cavaleiro atrás de mim.

— Ela deveria gostar muito. — Eu digo.

— Ana, levante-se.

Olho por cima do ombro para Fome, que está sinalizando para os guardas pegarem o homem. Eu sei o que acontece a seguir. Agarro o pulso do homem, não me levantando e me recusando a deixá-lo se levantar também, mesmo com os novos recrutas de Fome se aproximando de nós.

— Este homem está dando uma relíquia sagrada. — Eu digo, olhando para o Ceifador. — Certamente você vê o sacrifício nisso?

Fome me olha com cara feia.

— É uma bugiganga brilhante dedicada a um falso ídolo. É menos do que inútil para mim.

Levanto minhas sobrancelhas.

— Isso é falso? — No Brasil muitas pessoas acreditavam na Virgem e em sua benevolência, mesmo quando o mundo estava sendo

devastado. No mínimo, era a única coisa a que mais nos apegamos, a prova de que existe alguma misericórdia para o que de outra forma parece ser um Deus vingativo.

Fome estreita seus olhos e me dá um sorriso maldoso, a expressão quase dizendo: Você realmente gostaria de saber?

— Tudo bem. — Diz ele. Seus olhos se movem para o homem. — Eu aceito o seu presente.

Por um momento, relaxo. Mas então os guardas ainda se aproximam do homem, um deles pegando suas joias oferecidas e jogando-as no chão. Os outros agarram os braços do homem e o leva para fora.

Ele está implorando agora, embora saia de boa vontade.

Olho para as joias espalhadas enquanto o grupo sai da casa. A Virgem e toda sua benevolência me encaram de volta.

Deus está aqui, ela parece estar dizendo, *mas nem eu posso fazer algo.*

— Eu me pergunto. — Digo, olhando para o pequeno pingente. — Se você fosse uma mulher com filhos, se ainda seria tão arrogante.

— Homem ou mulher... não importa. Eu não sou uma pessoa, Ana. Estou com fome, estou com dor e nenhuma tentativa velada de me impedir vai funcionar.

Ele tem razão.

Eu interceder ou não, não adianta nada.

Levanto-me, ainda sentindo os olhos de Fome e de Nossa Senhora Aparecida sobre mim.

Eu me afasto dos dois, voltando para o quarto e desta vez ninguém me impede.

Fico no quarto o resto do dia. Posso ouvir as súplicas, os gritos de dor e os gemidos agitados da morte. E se olhar pela janela, posso ver o sofrimento enquanto as pessoas são mortas, seus corpos jogados em uma pilha cada vez maior.

Estou com fome e sede, mas não saio, com medo de que se cruzar com Fome novamente, ele me obrigará a ficar e assistir.

Penso em fugir, várias vezes, mas essas malditas algemas são um problema e ninguém além de Fome pode tirá-las.

Cerca de uma hora depois que o sol se põe e os gritos param, um guarda abre a porta do meu quarto.

— O cavaleiro quer vê-la. — Diz ele.

— O Garoto Fodido pode viver sem minha companhia. — Respondo.

O homem entra em meu quarto e me agarra pelo braço, levantando-me.

— Eu também odeio isso. — Ele admite baixinho enquanto me arrasta para fora. Mesmo enquanto diz isso, noto uma crosta de sangue em suas mãos e respingos em sua camisa.

Ele claramente não odeia a situação o suficiente.

Eu o sigo, meus braços pesados de usar as algemas o dia todo. Na sala de estar, muitos dos guardas estão agora perambulando, claramente esperando pela próxima ordem de Fome.

O próprio homem senta-se em uma mesa repleta de todos os tipos de comida, desde mandioca no vapor a frutas cortadas em formas agradáveis e bife gotejando em seu próprio suco. Tem bacalhau com arroz e uma bandeja de queijos, outra com vários pães e biscoitos. Há até um prato de sobremesa, de bolos e cremes, biscoitos e doces açucarados.

Os cheiros são suficientes para fazer meu estômago doer de fome.

O guarda me solta na entrada da sala de jantar, afastando-se para ficar em seu posto. Fome não me olha quando faz um gesto para que me aproxime.

Estreito meus olhos. O trabalho sexual me ensinou uma ou duas coisas sobre como ler as pessoas. Idiotas auto satisfeitos como Fome, aqueles que esperam que eu esteja à sua disposição, são os mais baratos do grupo. O valor que eles colocam em você é quase nada.

Ando até ele, parando ao lado de sua cadeira.

— Divirta-me. — Ele ainda não ergueu os olhos.

Casualmente, estendo a mão e levanto seu prato, espalhando comida por toda parte.

— Foda-se.

Agora o cavaleiro olha para mim, aqueles olhos verdes cruéis brilhando com fogo. Lancei um desafio direto na frente de quase seis homens; ele fará algo.

Eu provavelmente deveria me importar mais.

Antes que o cavaleiro possa reagir, porém, outro guarda seu se aproxima de mim. Ele levanta o braço e me dá um tapa, me batendo

com tanta força que caio contra a mesa antes de cair no chão.

A picada contra minha bochecha é perversamente boa, assim como as algemas ao redor dos meus pulsos. Lembram-me quem exatamente é o Ceifador.

Vários segundos de silêncio.

— Bem, isso foi tolice da sua parte. — Diz Fome.

Presumo que o cavaleiro está falando comigo, mas quando olho para cima, vejo que o olhar feroz do Ceifador está focado no homem que me atingiu.

Os olhos do guarda se arregalam.

— Meu Senhor, sinto muito. — Ele gagueja.

— Meu Senhor? — Fome repete. — Eu não sou um senhor.

O Ceifador se ajusta em seu assento.

— Qual o seu nome? — Ele pergunta.

— Ricardo.

— Ricardo. — Repete Fome. Após uma pausa momentânea, o cavaleiro estende o braço em direção à comida à sua frente. — Quer comer alguma coisa?

A garganta de Ricardo se move. Ele balança a cabeça.

— Vá em frente. — Encoraja Fome.

Eu fico de joelhos, minha bochecha quente e latejando. Eu e todos os outros na casa observamos os dois homens extasiados. É como ver um acidente acontecer em câmera lenta. Você sabe que está vindo,

mas não pode impedir e ou desviar o olhar.

A mesma mão que me atingiu há menos de um minuto agora treme ao estender e pegar uma fina fatia de queijo de uma das travessas. O guarda o leva aos lábios e depois de parar por um momento, ele dá uma mordida.

— Bom? — Fome pergunta, erguendo as sobrancelhas.

Ricardo concorda, embora eu aposte o ganho de uma noite inteira que a fatia de queijo tem gosto de poeira na boca.

Mais rápido do que posso seguir, Fome agarra a faca de carne à sua frente e a enfia no esterno do homem, levantando-se enquanto o faz.

Ricardo faz barulho e o pedaço de queijo que estava mastigando sai rolando.

— Pelo que me lembro. — Fome diz suavemente, segurando o homem no que parece ser um abraço íntimo. — Eu não pedi para você bater na mulher.

Ricardo engasga em resposta.

— Quando pedir que você bata nela, você bate nela. — Continua Fome. — Quando pedir para proteger a porra da bunda dela, você protege a porra da bunda dela.

O cavaleiro retira a lâmina, o sangue jorrando do ferimento e Ricardo cambaleia alguns passos, quase tropeçando em mim.

— Alguém cuide dele. — Diz Fome.

Até agora, nenhum dos outros homens ousou se mover, mas por

ordem do Ceifador, os homens de repente entram em ação, aproximando-se de Ricardo, claramente nervosos por desobedecer ao monstro ao meu lado.

— Oh. E quanto ao resto de vocês. — Acrescenta Fome, seu olhar percorrendo o grupo. — Nem mesmo pensem em tocar esta mulher.

Agora que ele literalmente colocou o temor de Deus nesses homens, Fome volta ao seu assento, pegando um prato vazio do lugar ao lado dele e colocando-o na frente.

— Ana. — Diz ele enquanto seus homens arrastam Ricardo para fora de casa. — Sente-se.

Como uma boa prisioneira, faço o que diz, puxando uma cadeira ao lado do Ceifador e me sentando nela.

Olho passivamente para os meus talheres.

— Bem? — Ele finalmente diz, virando-se para mim.

Encontro seu olhar e seus olhos se movem para minha bochecha ainda latejante. Ele franze a testa levemente.

— Divirta-me. Ou você não pode fazer nada útil? — Ele pergunta.

— Oh, eu posso ser útil. — Digo. — Mas você não está muito interessado em ser fodido.

O cavaleiro sorri e os cabelos da minha nuca se arrepiam ao vê-lo.

— Você ainda não pegou a comida.

Sem querer, minha atenção se move para os pratos na minha frente. Meu estômago aperta com a visão de tudo.

— A última pessoa que fez isso foi esfaqueada. — Eu digo. —

Acho que ficarei com fome. — Especialmente considerando que irritei o cavaleiro minutos atrás.

Outro sorriso malicioso aparece no rosto de Fome e é como se eu finalmente estivesse jogando o jogo que ele não consegue fazer com que ninguém mais jogue.

— Não estou mais com sede de sangue. — Diz o cavaleiro. Ele aponta para a comida. — Pode comer e prometo não a esfaquear.

Posso sentir os olhos da sala em mim e hesito, assim como Ricardo.

Isso parece muito com uma armadilha. Apesar de tudo, estou com muita fome para recusar a oportunidade. Eu vou primeiro para a água. Agarrando a jarra na minha frente, desajeitadamente me sirvo de um copo e o levo aos lábios. É fresco e não consigo beber o suficiente. Apenas quando estou saciada, passo para a comida, pegando um pouco de tudo.

Fome me observa, seus olhos verdes brilhando à luz das velas. Eu quase espero que ele se lance para cima de mim, ou pelo menos vire meu prato como fiz com o dele. Talvez seja por isso que ele não o faz. O cavaleiro ama a si mesmo e também causar tensão.

Meu garfo está a meio caminho da minha boca quando o Ceifador diz:

— Fale-me sobre você.

Eu paro, dando a ele um olhar cético.

— Agora eu sei que isso é uma armadilha.

— Porque acha isso? — Enquanto fala, ele passa o polegar pelo

lábio inferior, o que é perturbadoramente sexy.

Levanto minhas sobrancelhas, minha expressão dizendo abertamente, prove que estou errada.

Depois de um momento, o cavaleiro dá um sorriso malicioso. No pouco tempo que passei com ele, aprendi que sorrir é particularmente perigoso.

Fome pega sua taça de vinho e apoia seus tornozelos na mesa.

— Deixe-me começar novamente: o que faz uma jovem escolher salvar um cavaleiro do Apocalipse?

— Você quer ter essa conversa agora? — Eu pergunto, meu olhar indo para os homens parados na sala de estar.

Fome continua me encarando e percebo que essa pergunta simples o está queimando, talvez por anos.

Ele realmente experimentou tão pouca humanidade que não consegue entender o que fiz?

Como um pouco antes de responder.

— Na época, pensei que o que eles fizeram com você era errado. — Digo, sem encontrar seus olhos.

— Você não acha mais? — Ele pergunta.

Outra pergunta carregada.

Agora encontro seu olhar.

— Não acredito que você teve a audácia de perguntar isso, quando ainda posso ouvir os gemidos de suas vítimas.

O cavaleiro faz um som no fundo da garganta.

— E ainda assim você não me odeia o suficiente para me matar. — Ele me lembra.

Penso na lâmina que pressionei contra sua pele. Queria tanto machucá-lo e como no final não o fiz.

— Dê-me uma faca e podemos testar essa teoria. — Digo.

O cavaleiro acena para meus utensílios.

— Vá em frente. — Ele diz.

Eu sigo seu olhar para a faca descansando ao lado do meu prato, idêntica à que ele apunhalou Ricardo. Não faço nenhum movimento para pegá-la.

— Qual seria a utilidade? — Eu digo. — Eu já vi você se curar da morte antes.

Fome não chama a atenção para o fato de que, se eu realmente me sentisse assim, nunca o teria ameaçado em primeiro lugar.

Em vez disso, ele pega seu vinho e o balança na taça.

— Então, você lamentavelmente me salvou; e eu destruí algumas coisas com as quais se importava. — Ele destruiu tudo que eu me importava. — E nós nos separamos. Como você passou o resto do nosso tempo separados? — Ele pergunta.

— Principalmente com a boca e as pernas abertas. — Digo.

Normalmente, esse tipo de linguagem é chocante e eu gosto de escandalizar meu público. Mas Fome nem mesmo levanta uma sobrancelha.

Ele sabe como empurrar meus botões, porra.

— Isso parece desconfortável. — Ele diz suavemente.

— Não mais do que ter que usar algemas. — Levanto minhas mãos e balanço as correntes apenas para enfatizar meu ponto.

— Então, você se uniu a um bordel e ganhava a vida assim? — Ele pergunta, sua atenção focada em mim. Entre sua beleza ofuscante e sua personalidade horrível, essa atenção é particularmente desconcertante.

— Você desaprova. — Eu digo.

Ele levanta um ombro.

— Desaprovo tudo que vocês humanos fazem. Não leve para o lado pessoal.

Eu não o fazia.

Em vez disso, me acomodo em meu próprio assento.

— Não me diga que você nunca quis mergulhar seu pavio?

Quando nada é registrado em seu rosto, elaboro.

— Sabe, molhar o biscoito?

Sem reação.

— Esconder o salame?

Nada.

— Fazer a dança do diabo?

Fome leva a taça aos lábios.

— Seja o que for que você esteja falando, tudo soa altamente insano. — Ele responde. — Mas dados os passatempos idiotas de que vocês mortais gostam, não estou totalmente surpreso. — Ele bebe quase todo seu vinho.

— Sexo. — Finalmente digo. — Estou falando sobre sexo.

Ele faz uma careta.

— Oh, não aja como se você estivesse de alguma forma acima do ato. — Digo. — Parece gostar bastante de algumas coisas nossas. — Eu olho diretamente para sua taça de vinho. Ele bebeu o dia todo; claramente aprova algumas coisas humanas.

A boca de Fome se aperta em um sorriso irônico.

— Apenas porque você gosta de mel, não significa que também deva gostar da abelha.

Eu franzo a testa para ele, irritada por ele fazer sentido.

— A verdade é... — Diz Fome, olhando para sua bebida especulativamente. — Um pouco de álcool lava a lembrança de todos os tipos de pecados.

Eu o observo.

— Você está tentando esquecer tudo o que fez?

Não quero pensar a respeito. Posso ter empatia com isso facilmente e não quero sentir nada por esse cavaleiro.

— Não faz diferença o que estou tentando esquecer. — Diz ele, colocando sua bebida na mesa.

O olhar do Ceifador se eleva para o meu e por um instante, vejo

uma faísca de dor e me lembro mais uma vez de como o encontrei mutilado e descartado ao lado da estrada.

Eu me inclino para trás na cadeira, espeto o garfo em um pedaço de comida e mastigo, principalmente para tirar o gosto de pena da minha boca. Fome não merece minha pena.

E do nada, o cavaleiro deixa cair as pernas da mesa. Estendendo a mão, ele pega uma das minhas algemas em suas mãos e com um único puxão forte abre o metal, libertando meu pulso.

Eu fico olhando para ele horrorizada, mesmo enquanto ele se move para o meu outro pulso, rasgando a algema com as mãos nuas. As algemas vão caindo no chão.

Puta merda. Eu não tinha ideia de que ele era tão forte.

Ele se recosta na cadeira novamente, agindo como se não tivesse literalmente rasgado o ferro.

— Por que você se juntou a uma... — Ele faz uma careta. — Casa de prazer?

— Chamava-se O Anjo Pintado. — Digo, ainda me livrando do choque. Tomo um gole de água, meus braços parecendo estranhamente leves agora que estão livres. — E você faz parecer que tive uma escolha.

Cheguei na cidade de Laguna meio faminta, sem um centavo no meu nome. Tive sorte de ter sido Elvita quem me encontrou e não outra pessoa, agora que entendo melhor como este mundo lida com garotas desesperadas.

— Você tinha escolha. — Insiste Fome. — Você poderia ter vindo

comigo.

— Mas não consegui. — Digo, deixando a água. — Você sabe disso. Sabe disso. — Minha voz abaixa de tom. — Não sou como as pessoas que te machucaram; não posso suportar a visão da dor. Por isso que o salvei. Mas então você matou minha cidade inteira. Tornou-se igual às pessoas que o machucaram.

Fome se inclina em minha direção, seu braço se movendo para descansar ao longo das costas do meu assento.

— Eu não sou nada como eles. — Ele rosna, com os olhos em chamas. — Eu vim ao seu mundo para acabar com sua espécie por causa do mal que vive em todos vocês.

— Ele vive em você também. — Retruco.

Ele franze a testa para mim por um momento. Abruptamente, deixa cair as pernas da mesa e se levanta, me olhando. Fico impressionada novamente com o quão ridiculamente, primorosamente bonito esse monstro é.

— Talvez você esteja certa. Talvez eu seja mau. Afinal, fui feito à sua imagem.

Ele se afasta de mim então, virando meu prato ao sair.

Capítulo Dezessete

No dia seguinte, tinha acabado de sair da cama quando minha porta se abriu, a madeira batendo contra a parede. Fome estava na soleira, sua armadura colocada e sua foice na mão, parecendo muito agitado. Então, essencialmente, o mesmo de sempre.

— Vamos. — Diz Fome, movendo a cabeça sobre o ombro.

— Bom dia para você também. — Eu digo, reprimindo um bocejo enquanto me estico.

— Ana, vamos. Rápido.

O que é essa pressa?

— Eu preciso de sapatos primeiro. — Digo, levantando um pé sujo. Eu provavelmente também poderia tomar outro banho, mas duvido que terei um tão cedo.

— Então poderá fugir? — Ele diz ceticamente. — Acho que não.

Suspiro.

— Achei que tivéssemos feito algum progresso com o encarceramento na noite passada. — Afinal, ele tirou minhas algemas. Achei que era um passo na direção certa. — Notou que não fugi?

No entanto, coletei todas as facas que pude encontrar na cozinha e as escondi em várias partes da casa. Apenas neste quarto, tenho duas embaixo do colchão, mais duas no armário e outra na gaveta de cima da mesinha de cabeceira.

Apenas no caso de...

— Eu deveria ficar impressionado com isso? Já repassamos o fato de que não há nenhum lugar para você ir.

Verdade.

— Isso não o impediu de se preocupar com a possibilidade de fugir. — Digo suavemente.

— Você está sujeita a decisões estúpidas...

— Minhas decisões estúpidas salvaram sua vida uma vez.

— Eu teria regenerado de qualquer maneira.

Olho para ele.

Ele me encara de volta.

Cruzo meus braços.

— Onde está a garota? — Eu pergunto, ainda sem me mover em direção a ele. A garota do dia anterior, aquela cujo pai a entregou sem coração ao cavaleiro. A última vez que a vi, ela estava sendo carregada para um dos quartos desta casa. Isso me incomoda desde então, todos os horrores que ele pode ter infligido a ela.

— Que garota? — O cavaleiro pergunta, momentaneamente distraído de nossa discussão.

— Aquela que você "poupou". — Digo eufemisticamente.

As sobrancelhas do Ceifador se juntam e passo um momento traidor apreciando o quão bonito ele é. Não me entenda mal, ele ainda é um idiota e eu não transaria com ele a menos que estivesse especialmente desesperada ou você sabe, toda aquela parte do boquete para a humanidade. Mas ele é lindo.

A testa de Fome se suaviza.

— Ah, sim. — Ele diz. — Quase esqueci.

E então ele sai.

Isso... não é uma resposta. E isso definitivamente não é o fim da conversa.

— O que aconteceu com ela? — Pressiono, correndo atrás dele.

— Vocês humanos, são criaturas tão curiosas e coniventes. — Diz ele diante de mim, caminhando pelo corredor.

— Você a estuprou? — Pergunto. — Matou?

— Essa conversa é quase tão chata quanto ela era. — Diz o Ceifador, sem se preocupar em se virar para mim.

— Era? — Pergunto. — Então você a matou? — Meu estômago revira, mas é claro que ele fez. É isso que Fome faz.

O Ceifador não responde e fico imaginando todos os tipos de cenários horríveis na minha cabeça. Sigo Fome pela porta da frente. Ainda posso ouvir gemidos baixos vindos do quintal, mas não vejo ninguém, vivo ou morto.

Fome assobia e um minuto depois, seu cavalo surge galopando do nada, seus cascos batendo no asfalto quebrado.

Eu paro.

— Espere. Estamos... indo embora?

Já?

— Não há mais nada que eu precise fazer aqui. — O Ceifador diz

quando seu cavalo para na frente dele.

Fome se vira para mim e agarrando-me pela cintura, me coloca na sela. Um momento depois, ele se junta.

— Espere, espere. — Digo. — Nem tomei café da manhã e preciso das minhas coisas!

— Você não tem coisas. — Diz o cavaleiro calmamente. Ele estala a língua e seu cavalo começa a trotar para longe da casa.

Olho por cima do ombro desamparada.

— Não mais. — Adeus, facas. Olho para frente novamente. — Você já matou seus guardas? — Eu pergunto enquanto começamos a serpentear nosso caminho pela cidade.

— Fiquei tentado a fazê-lo. — Admite. — Mas não. Eu os enviei para fora da cidade ontem à noite.

— Por quê? — Pergunto, virando a cabeça.

— Odeio sujar minhas roupas com sangue.

Fecho os olhos contra a imagem.

— Não, eu não estava perguntando por que você os poupou. — Ugh. — Quis dizer, por que você os enviou...

— Eu sei o que você quis dizer. — Diz Fome, me interrompendo.

Oh. Acho que isso era o cavaleiro bem-humorado.

— Eles vão preparar a próxima cidade para a minha chegada.

Assim como minha cidade foi preparada. O pensamento envia uma onda de apreensão por mim.

— E... — Ele acrescenta. — Para responder à sua pergunta anterior, não, eu não estuprei a garota com a qual você estava preocupada. Eu nunca faria uma coisa dessas. — Ele diz isso com uma convicção normalmente reservada para as próprias vítimas.

Poderia o poderoso Fome ter sido abusado? Não é muito improvável, considerando todas as outras torturas que deve ter sofrido.

— Então por que você a mandou para seu quarto?

O Ceifador não responde.

Eu tento novamente.

— Ela está viva? — Pergunto.

— Por que isso importa para você? — Ele diz.

Porque ela é jovem e assustada, reconheço partes de mim mesma nela.

— Simplesmente importa. — Eu digo.

Depois de um momento, Fome exala.

— Ela está viva. Por enquanto.

Quando saímos de Colombo, pessoas, pessoas vivas e respirando espiam de suas casas. Em algum lugar distante, ouço uma criança rir.

Eu os observo, confusa. Fome não deixa as cidades intactas.

Atrás de mim, o cavaleiro começa a assobiar.

O que você planejou, Fome?

Então ouço um zumbido distante nas nossas costas.

Olho por cima do ombro e no horizonte, o céu está escuro e juro que parece escurecer a cada segundo.

— O que... o que é esse barulho? — Pergunto, olhando para frente. Meus dentes ficam apertados.

Ele sussurra em meu ouvido.

— Você não sabe?

Eu me esforço para ouvir. O barulho está ficando cada vez mais alto, mesmo enquanto o céu continua escurecendo. Apenas quando um grande inseto atinge meu braço é que começo a entender.

Afasto a criatura, mas então outros três me acertam em rápida sucessão. Olho para trás novamente e percebo que o céu escuro está se movendo.

Esse som de gelar os ossos é o zumbido coletivo de milhões de batidas de asas.

É a fome em sua forma mais verdadeira.

Meus olhos encontram os do Ceifador.

— Até agora, você parece achar meus métodos de matar desagradáveis. — Diz ele. — Então pensei em tentar uma abordagem mais... bíblica. Eles vão demorar muito para morrer. — Comenta. — A fome não é um fim rápido. Talvez alguns desses humanos consigam sobreviver... você gostaria disso, não é?

— Foda-se.

— Ainda não estou interessado. — Diz ele.

Eu olho para frente novamente.

— Então novamente, não tenho certeza se quero ser tão misericordioso com vocês, humanos. Realmente não gostaria que outra Ana sobrevivesse à minha ira... uma é o bastante.

Eu me viro na sela mais uma vez para olhar abertamente para ele. Momentos depois de fazer isso, o chão parece estremecer e tenho que agarrar o cavaleiro para me segurar. Ele me lança um olhar malicioso com a ação. Atrás dele, o céu clareou, os insetos se dispersando em questão de minutos.

Não vejo suas plantas horríveis brotando e não ouço os gritos de dor de milhares de pessoas que foram apanhadas em suas garras, mas sei que está acontecendo do mesmo jeito.

Não consigo mais ficar horrorizada. É apenas mais uma atrocidade a acrescentar à longa lista de que Fome cometeu desde que o vi pela primeira vez em Laguna.

E se viajarei com ele, é melhor me acostumar com as perversões desse cavaleiro. Tenho medo de ver muito mais delas em breve.

Capítulo Dezoito

— Vou parar três vezes por dia. — Diz o cavaleiro horas depois, quando puxa seu corcel para o acostamento. — Você terá que fazer todos os seus negócios humanos então.

— E se eu precisar ir ao banheiro com mais frequência do que isso? — Pergunto.

— Isso não é problema meu. — Diz ele, recostando-se em uma árvore próxima.

Ao nosso redor há montanhas com densas florestas, o terreno dividido por uma ou outra herdade.

— Espero que saiba que farei xixi em você na sela, se for preciso. — Digo. — Eu não tenho nenhum problema com isso. Você pode até gostar também... se esse for um fetiche.

Mas sejamos realistas, banhar-se no sangue de inocentes é a verdadeira perversidade de Fome.

O cavaleiro me encara.

— Eu a puxarei para este cavalo nos próximos minutos, quer você tenha se aliviado ou não; sugiro que pare de perder seu tempo.

Por mais divertido que seria cumprir minha ameaça, não sou tão mesquinha. Quer dizer, se tivesse outra roupa, então poderia ser, mas por enquanto... esse cenário terá que permanecer hipotético.

Começo a me afastar do cavaleiro, procurando um lugar isolado para fazer meus negócios humanos, mas então faço uma pausa.

— Você não precisa ir ao banheiro? — Eu pergunto por cima do meu ombro.

Agora que penso sobre isso, eu já o vi se aliviar?

— Não falarei sobre isso com você. — Diz ele, mexendo em um dos alforjes.

— Mas você come e bebe. — Isso precisa sair.

— Não falarei sobre isso.

Ótimo.

Com um suspiro, me afasto para ir ao banheiro. Quando volto, Fome está acariciando seu cavalo, de costas para mim. Paro por um momento, apenas observando ele sendo gentil com seu corcel.

Bem quando tinha certeza de que o homem era totalmente mau, ele vai e acaricia seu cavalo como se importasse com algo.

— Ele tem nome?

Eu vejo o cavaleiro estremecer sutilmente; acho que ele não percebeu que eu estava ali.

— O que tem nome? — Sua voz está cheia de desdém, ainda de costas para mim.

— Seu cavalo.

Fome se volta para mim.

— Você está pronta para ir?

Sento no chão.

— Quer dizer, não estou pronta, mas também não estou com

pressa. Está um lindo dia, agora que o céu não está cheio de gafanhotos ou gritos de moribundos. Posso tomar meu tempo.

— Realmente não dou a mínima para suas preocupações.

— Sabe. — Digo, inclinando minha cabeça para trás para ter uma visão melhor de suas feições irritantemente bonitas. — É ruim o suficiente que você seja um assassino em massa, mas pelo menos esperava que não fosse um idiota quando não estivesse matando pessoas.

— Levante-se.

— Eu vou me levantar, mas primeiro, precisa me dizer uma qualidade redentora sobre mim.

— Não há nada redentor em você.

Eu bufo.

— Bem, claro que existe. Eu tenho um corpo forte, para começar. — Quer dizer, isso é indiscutível. Basta perguntar aos meus clientes. — Também sou fácil de conversar.

— Levante-se.

— Está tudo bem se você for um pouco tímido para se abrir, muitos homens são. É realmente endêmico em nossa cultura, tudo bem, minha cultura. E de qualquer forma, vou primeiro: acho você obscenamente bonito e seu sorriso ilumina todo seu rosto.

Claro, esse sorriso geralmente precede a violência, mas... ainda é um sorriso bonito e não há muito mais a elogiar. O homem tem uma personalidade de merda.

O Ceifador se aproxima de mim e antes que eu possa dizer qualquer outra coisa, ele me levanta por cima do ombro.

— Uau. Ei, espere... não vamos embora ainda, vamos? E quanto ao seu truque de comida legal? — Como se fosse uma deixa, meu estômago ronca. — Estou com fome.

— Você terá mais duas paradas. — Diz Fome, me jogando sobre o cavalo.

Eu franzo a testa para ele.

— Eu preciso comer, sabe?

— Eu sei de quais limites o corpo humano é capaz quando se trata de comida. — Diz Fome, subindo na sela. — Você sobreviverá a mais algumas horas de jejum.

Ele nos conduz pela estrada de terra e retomamos nossa viagem.

— Então... — Eu digo quando passamos por uma pequena fazenda. — Pode controlar enxames de insetos. — Meu tom é leve, mas preciso engolir meu alarme.

— Eu não controlo os insetos, apenas os chamo.

Porque isso é apenas muito mais claro...

— Como você chama os insetos? — Eu pergunto enquanto o pequeno pomar da fazenda murcha.

Fome suspira.

— Sinto muito. — Digo. — Mas você tem algo melhor para fazer agora?

— Bem, se lhe fizer alguns malditos elogios. — Ele rosna. — Vai

parar de me questionar?

Minhas sobrancelhas se erguem com surpresa. Ele realmente tentará me elogiar? Isso eu tenho que ouvir.

— Claro. — Digo.

Mas no silêncio que se segue, eu me preparo para alguma farpa pungente.

— Você tem uma voz adorável.

Sinto uma onda inesperada de calor com suas palavras.

Inclino minha cabeça em confusão.

— Mas pensei que quisesse que eu parasse de falar. — Eu digo.

— Sobre mim. Fale para cacete sobre qualquer outra coisa.

— Estou sentada aqui com um homem que diz que não é realmente um homem, montando um cavalo que pode não ser realmente um cavalo...

— Ele é um cavalo.

— ...e eu não devo falar sobre nada disso.

— Precisamente.

Há uma longa pausa.

— Bem. Acho que sobra falar sobre sexo. Sexo úmido, denso e molhado.

Mais silêncio, então...

— Você gostaria de outro elogio?

As estrelas estão lá fora e à noite estava fria, não conseguia sentir a bunda a muito tempo e ainda estavam de alguma forma sobre o cavalo sobrenatural.

— Logo precisarei dormir. — Digo.

— Não vou parar. — Diz Fome.

— E você se pergunta por que não o acompanhei anos atrás.

Ele não diz nada sobre isso.

— Estou com frio.

Silêncio.

— E faminta.

Mais silêncio.

— E cansada.

— Lide com isso, Ana.

Aperto meus lábios.

— Você realmente não vai parar?

— Não.

— Que idiota. — Sussurro sob minha respiração.

Deve ser madrugada quando minhas pálpebras começam a fechar. Então minha cabeça abaixa. Ele bate no meu peito, me acordando assustada.

Achei que seria impossível me cansar montando um cavalo, mas agora não consigo manter os olhos abertos. Meu queixo bate no peito mais algumas vezes, empurrando-me para acordar novamente e

novamente. Sem pensar muito a respeito, giro um pouco na sela e encosto o rosto na armadura fria de Fome.

E então adormeço.

Sinto-me caindo quando de repente, Fome me pega, me sacudindo e acordando.

— Fique no cavalo. — Ele ordena. Parece dolorosamente alerta, o idiota.

— Você fica no cavalo. — Murmuro, meus olhos já fechando.

Fome murmura algo sobre humanos não bons, mas já estou caindo de volta no sono. Acordo novamente quando caio contra o braço do Ceifador.

— Você está tentando se machucar? — Ele pergunta e percebo agora o que não percebi antes, ele parece irritado, indignado.

— Estou tentando dormir. Tudo isso seria mais fácil em uma cama.

— Não vou parar. — Diz ele obstinadamente.

— Acredite em mim, estou ciente disso.

Eu me recomponho, aninhando meu rosto perto da curva de seu pescoço. É um ângulo estranho e me deixa mais perto do cavaleiro do que gostaria, mas é uma das posições mais confortáveis.

— O que você está fazendo? — Fome exige. Agora ele definitivamente parece perturbado.

— Dormindo. — Respondo, meus olhos já fechando.

Posso sentir sua careta de desaprovação, mas estou horas e horas

além de me importar. Gradualmente o sinto relaxar contra mim.

Acho que meu corpo desliza mais algumas vezes, mas logo o braço sólido do Ceifador me envolve, me segurando contra ele. E então adormeço e não acordo.

Quando abro os olhos, estou deitada em uma cama.

Onde porra estou...?

Eu me levanto e olho ao redor, tentando me orientar.

E de repente, a noite anterior volta para mim. Montando no cavalo de Fome, adormecendo repetidas vezes apenas para ser acordada. Mas em algum momento adormeci e continuei dormindo. E pelo que parece, acho que chegamos onde deveríamos durante esse tempo.

Bem quando estou observando o quarto, que tem alguns chapéus de cowboy pendurados na parede e uma caveira de touro montada acima da cama, ouço o passo seguro de pés familiares. Um momento depois, entra Fome.

— Você me colocou aqui? — Pergunto a título de saudação.

Ele olha para mim.

— Não, meu cavalo fez.

Deus, ele é muito irritante. Por isso que é importante conseguir uma boa noite de sono. Deitada. E de preferência, ambos.

— Então você me carregou para dentro desta casa, para este quarto, apenas para que pudesse dormir?

Fome fica sério.

— Melhor a cama do que eu. Você babou na minha armadura.

Lembro-me vagamente de como o usei como meu travesseiro pessoal.

— Acredite em mim. — Digo. — Também não fiquei muito entusiasmada com a situação. Olho para os cobertores ao redor da minha cintura, e levanto as sobrancelhas quando um pensamento totalmente novo me atinge. — Você me cobriu. — Digo, chocada.

— Isso significa alguma coisa? — E de novo com aquela voz rouca e raivosa.

Meus olhos se erguem para os dele e vejo seu olhar.

O Garoto Ceifador fodeu tudo. Ele foi bom para mim e sabe disso.

Sorrio de forma maliciosa.

— Aww, você realmente não me odeia, não é?

Seu olhar vai para minha boca e um músculo em sua mandíbula pulsa.

— Você cuidou de mim uma vez. — Diz ele. — Mas ainda assim me odeia. Não pense muito nas minhas pequenas gentilezas.

Gentilezas. Até ele sabe o que são.

— Levante-se. — Diz ele rispidamente. — É hora de ir.

— Espere. — Digo. — Então, não ficaremos aqui? — Onde quer que aqui esteja.

Ele não me responde.

Fome parou em alguma casa aleatória e me colocou na cama.

Tudo, provavelmente, para que eu pudesse dormir.

Sigo Fome para fora do quarto e através da casa, o chão de ladrilhos frio contra meus pés descalços. Eu deveria ter percebido antes que este não era nosso destino final. O andar de baixo é muito pequeno.

Estou tão focada no layout aconchegante que não noto o sangue até escorregar nele. Perco meu rumo completamente e caio. Meu cotovelo bate com força contra o chão e o líquido penetra em meu vestido.

Assim que me endireito, meu olhar se conecta com um par de olhos vidrados. Mal tenho tempo de registrar que estou olhando para um homem morto antes de começar a gritar.

Os braços de Fome envolvem minha cintura e ele me coloca de pé. Eu começo a me mover, então escorrego novamente e apenas o aperto do Ceifador me impede de cair mais uma vez.

Perto do morto está um segundo cadáver, outro homem, acho, embora não tenha certeza. A visão é horrível demais para minha mente processar.

Fome me leva para fora, onde seu corcel está esperando e estou tentando não me concentrar no fato de que o sangue está pingando do meu vestido e serpenteando pela minha pele.

Paramos na frente de seu corcel e ele acena para a fera.

— Monte.

A foice do cavaleiro, a mesma que deve ter cortado aquelas pessoas por dentro, está amarrada à criatura.

Lentamente, meus olhos se movem para os de Fome.

Eu não posso fazer isso.

— Ana. — Ele adverte.

Eu pulo.

Meus braços e pernas bombeiam enquanto corro pelo caminho mais curto para um campo com fileiras e mais fileiras de trigo que de alguma forma, inexplicavelmente, ainda estão vivas.

Não sei bem o que estou fazendo e não me importo.

Run-run-run-run-run-run.

Ando entre as plantas, seus caules me batendo. Acima da minha respiração pesada, ouço os passos de Fome atrás de mim, pelas bolas de Satanás, o filho da puta está vindo atrás de mim.

Estico meus músculos, levando-os ao limite.

O problema é que passei os últimos anos sendo uma coisa suave e flexível que os homens podiam dominar. Meus músculos são inexistentes e estão se cansando rapidamente.

Fome leva um tempo ridiculamente curto para se aproximar. Ele me pega pela cintura e nós dois caímos no chão.

Começo a tossir, a pressão forte do Ceifador nas minhas costas deixando difícil respirar. Depois de um momento, ele me vira.

— Sua florzinha tola, não sabe? — Ele me repreende. — Eu mato tudo. E se sair do meu lado, você morrerá.

Empurro inutilmente seus ombros.

— Então me deixe morrer, maldito!

— Não.

Fome me olha assustado e sua resposta parece chocá-lo mais do que a mim. Ele olha em meu rosto, como se tivesse algumas respostas.

Suavemente, ele diz:

— Você me salvou uma vez. Retribuirei o favor, mesmo que isso signifique força-la a ficar comigo.

Minha mente volta para a forma como Fome olhou para mim todos aqueles anos atrás, quando percebeu que o salvei. Como um homem se afogando agarrado a uma corda.

Acho que talvez ele acreditou na humanidade naquele momento. Mesmo que não devesse. Mesmo que ele não o fizesse agora.

Ainda assim, posso dizer que ele acredita em algo quando olha para mim. Sua expressão cruel se foi e seus olhos brilharam com.... bem, seja o que for, não é raiva.

O cavaleiro sai de cima de mim, ficando de pé.

Fiquei deitada na terra por mais um momento, apenas olhando para ele.

Fome fica totalmente de pé. Depois de um momento, ele estende a mão. Quando não pego imediatamente, seus olhos verdes brilham.

— Podemos fazer isso da maneira mais fácil e você pode vir comigo de boa vontade. — Ele diz. — Ou podemos fazer de uma maneira mais dura.

Ele não entra em detalhes sobre qual é a maneira mais difícil, mas

não estou interessada em descobrir. Sinto-me derrotada de repente. Resistir a ele não parece me levar a lugar nenhum.

— Acho que sua definição e minha definição de duro são duas coisas muito diferentes. — Respondo, pegando sua mão.

Ele não entende a piada, ou se entende, não reage.

Fome me coloca de pé. Mesmo quando estou de pé, no entanto, ele não solta minha mão. Apenas quando nós dois estamos na sela e seu cavalo começa a se mover é que ele relaxa seu aperto. Mas então, o braço que me segurou rápido na noite passada está de volta a minha cintura, me prendendo contra sua armadura. Não acho que o Ceifador tenha medo que eu pule de seu cavalo ou adormeça.

Acho que, apesar de todo o ódio e raiva do cavaleiro, ele não se importa em me tocar, afinal.

Capítulo Dezenove

— Estou cansada.

— Isso de novo não.

Pelo segundo dia consecutivo, nós dois cavalgamos até tarde da noite.

— Novidade. — Digo. — Gosto de dormir todos os dias. Assim como comer, não é realmente uma atividade opcional para mim. — Mesmo que pareça claramente ser opcional para ele.

Não estou brincando, mas o homem rosna em resposta.

— Além disso, estou com fome. — Acrescento.

— Oh, pelo amor de Deus.

— Ouça, idiota. — Eu digo, minha irritação aumentando. — E se você está tão determinado a me manter viva, precisa lutar contra sua natureza vil e estúpida e realmente me ajudar a atender às minhas necessidades.

Ele rosna novamente com minhas palavras. E de repente, parece alterar o curso, dirigindo seu cavalo por um campo próximo. Entramos em alguma colheita sem nome.

— O que você está fazendo? — Pergunto, sacudindo minha sonolência.

— Satisfazendo suas necessidades. — Ele diz. — Eu não posso aguentar muito de sua importunação.

Convencê-lo foi... fácil. Sinto uma centelha de apreensão. Talvez

tenha sido *muito* fácil.

As plantações pelas quais passamos batem em nossos braços e pernas quando passamos por elas. Não consigo ver nada além, não até o campo desaparecer. À nossa frente, avisto uma pequena estrutura escura. Nós cavalgamos até lá a toda velocidade.

No último segundo, Fome puxa as rédeas e seu cavalo para de repente, seus cascos dianteiros levantando-se do chão e se movendo no ar.

Tudo o que esse homem faz tem que ser dramático.

Assim que o cavalo coloca as patas de volta no chão, o Ceifador se abaixa, pegando a foice que havia amarrado ao cavalo.

Com a arma na mão, Fome salta do cavalo e segue em direção à casa. Apenas então, quando vejo sua lâmina enorme brilhando ameaçadoramente ao luar, é que seu pequeno plano horrível se concretiza.

Que merda.

Esta é a forma dele atender às minhas necessidades. Matando outra pessoa para que possamos usar livremente sua casa.

Merda.

Desço do cavalo e corro atrás dele.

— Fome, por favor, não vamos fazer nada muito drástico...

O cavaleiro levanta um pé e sem cerimônia chuta a porta, o golpe é tão intenso que ouço o metal solta de suas dobradiças.

Lá dentro, uma mulher grita.

Merda. Merda, merda, merda.

O cavaleiro entra, parecendo enorme e letal, com uma careta sinistra no rosto. No lado oposto da sala, uma velha se encolhe atrás de um sofá antigo. Vejo um livro no chão e uma pequena lamparina a óleo emitindo uma luz fraca e aquosa.

— Oh meu Deus, oh meu Deus. — Ela diz, sua voz trêmula.

Assim que Fome vê a mulher, ele se aproxima dela e é óbvio o que pretende.

A idosa faz o sinal da cruz, apesar da inutilidade do gesto. A única intervenção divina que ela terá esta noite é esta e ele não dá a mínima para sua vida.

— Fome! — Corro atrás dele, me sentindo em pânico e inútil.

Ele me ignora completamente, seu olhar preso em sua próxima vítima. Ela ainda está agachada no chão, balbuciando alguma coisa agora, talvez uma oração, mas não consigo entender as palavras.

Pego o bastão de madeira da foice do Ceifador, mas ele me solta com facilidade.

— Afaste-se, Ana. — Ordena Fome, sem me olhar.

Sim, uh, foda-se isso.

Ele se aproxima da mulher e puxa a foice, se preparando para atacar.

Sem pensar, me jogo no caminho, empurrando a velha para o lado. Meus olhos se arregalam quando vejo a ponta daquela foice terrível descendo sobre mim.

Quando ele percebe que está prestes a me atingir e não a outra mulher, Fome puxa seu braço para trás...

E simplesmente não faz isso rápido o suficiente.

A ponta da foice afunda no meu ombro e é repugnante a facilidade com que corta o tendão.

Como uma faca na manteiga.

Por um momento, me sinto como um peixe preso no anzol. Mas então, tão rapidamente quanto a lâmina desceu, ela desaparece, mais carne rasgando em seu rastro.

Leva um segundo para a dor ser registrada, mas quando isso acontece, eu suspiro, minhas pernas dobram.

— Ana. — Diz Fome, horrorizado, deixando cair a lâmina.

A mulher grita novamente. Então, enquanto o cavaleiro está distraído, ela foge pela porta da frente, perdida na noite.

O Ceifador nem percebe.

— Sua mulher tola! — Ele grita para mim.

E cai de joelhos, estendendo a mão. Talvez seja minha imaginação, mas juro que suas mãos tremem um pouco quando tocam minha pele.

Eu grito enquanto ele examina a ferida. Não consigo ver seu rosto, mas juro que ele recua um pouco.

— Tire o vestido. — Exige.

— Oh, agora você tenta entrar na minha calça. — Suspiro.

— Ana.

— Estou brincando. — Respondo. — Nossa.

— Seu vestido. — O Ceifador diz, sua voz irritada.

Mal posso distinguir o corte dramático das maçãs do rosto salientes de Fome, aqueles lábios carnudos e cruéis, e sou grata por isso. Realmente não quero ver qualquer emoção naqueles olhos assustadores.

— Eu não consigo mover o meu braço. — Digo.

Um momento depois, as mãos quentes de Fome agarram a gola do meu vestido.

Riiiiiiiip.

Ele rasga o tecido.

Fome evita olhar para os meus seios agora expostos enquanto tira o resto do meu vestido do meu ombro e alcança a ferida novamente. Presumo que esteja tentando ajudar, mas também tenho certeza de que ele não tem experiência em ajudar humanos feridos.

— Espere. — Digo, respirando superficialmente por causa da dor.

Fome faz uma pausa.

— Álcool.

Sinto seus olhos em mim.

— Você quer beber agora?

Definitivamente não me importaria.

— Para desinfetar a ferida. — Digo lentamente.

Fome me encara por um longo, longo momento. Finalmente, chegando a algum tipo de decisão, ele se levanta e vai para cozinha. Posso ouvi-lo remexendo por uma eternidade.

Quando retorna, está segurando uma jarra com rolha.

Faço uma careta. É claramente algo caseiro e provavelmente suspeito.

Fome parece concordar.

— Isso vai te matar mais cedo do que curar. — Ele diz.

— Apenas dê para mim. — Roubarei dele, mas o cavaleiro tira a garrafa da frente.

— Fique quieta. — Ele diz, abrindo a tampa.

Ele agarra meu ombro ferido, com cuidado para não tocar no ferimento. Suavemente inclina a garrafa do licor misterioso, derramando uma quantidade generosa na ferida.

No momento em que o álcool atinge, a dor torna-se cega e um grito ofegante escapa.

— Foi uma ideia estúpida. — Diz ele.

— Cale a boca! — Eu grito.

Levantando-se do meu lado, Fome vagueia pela casa mais uma vez, voltando um pouco depois com algumas peças de roupa. A primeira ele rasga em tiras, em seguida, envolve meu ombro. Engulo outro grito enquanto ele empurra a ferida.

Depois de terminar, Fome sacode a segunda peça de roupa, que parece um vestido.

— Você não gosta de olhar para os meus seios, não é? — Digo.

Afinal, ainda estou exposta a ele.

— Está frio.

— Seja honesto. — Digo. — Você está desconfortável.

— Tudo bem, não use o vestido. — Ele diz, se afastando. — Eu não me importo.

Acabo colocando a coisa, ou pelo menos tento. O problema é que meu ombro machucado está preso, dificultando o movimento.

Na escuridão, ouço o Ceifador exalar, então o som de seus passos sinistros enquanto se aproxima mais uma vez. Ele se ajoelha na minha frente.

— O que você está fazendo? — Pergunto e agora tenho um vislumbre daqueles olhos luminosos na escuridão.

Ignorando-me, ele agarra o tecido e ajuda a enfiar meus braços nas mangas.

Olho para ele curiosa enquanto me ajuda, ignorando a dor quando inevitavelmente bate na minha ferida novamente.

— Por que você está fazendo isso? — Pergunto.

Ele olha fixamente para o tecido e acho que talvez esteja imaginando sua aparência perturbada.

— Não estava tentando machucar você. — Ele diz rispidamente.

Você estava tentando machucar alguém, quero dizer.

Mas posso dizer que, estranhamente, ele está preocupado com o

fato de ter me machucado.

— Eu sei. — Digo em vez disso. Por mais violento e cruel que o Ceifador fosse, fazia questão de não infligir dor em mim. O que é muito confuso, considerando que quase perdi minha vida quando o vi pela última vez.

Com minha mão boa, passo os dedos sobre o vestido. Apenas a sensação do tecido é suficiente para saber que, por maior que seja e pelo aspecto velho que tenha é algo de um mundo que ficou para trás.

Por um instante, fico desesperadamente triste, embora nem tenha certeza do porquê. Nunca conheci esse mundo. Minha sensação de perda está completamente fora de lugar. Mas pelas histórias, sempre soou como o paraíso - ou pelo menos, um passo à frente do mundo de merda que temos agora.

— Obrigada. — Eu digo, ainda esfregando meus dedos sobre o tecido.

Fome grunhe em resposta.

Depois de um momento, ele diz:

— Você não deveria ter pulado na frente dela.

Eu suspiro.

— Você não pode simplesmente aceitar um elogio sem estragá-lo?

— Não preciso e nem quero elogios.

Foda-se tudo.

— Então eu retiro. — Digo. — Não estou agradecendo por ter me ajudado.

O silêncio é pesado e as sobrancelhas franzidas do cavaleiro estão se tornando lendárias o suficiente para que eu possa senti-las na escuridão.

Talvez ele se importe, talvez não. Ele está irritado do mesmo jeito.

Isso é bom o suficiente para mim.

— Por que você fez isso? — Ele pergunta.

Pular na frente da mulher, ele quer dizer.

— Ela não teria feito o mesmo por você. — Acrescenta.

— Você não sabe disso. — Eu digo.

Mas... no fundo do meu coração, eu realmente acredito que algum estranho teria se sacrificado por mim?

Não. Definitivamente NÃO. As pessoas são idiotas egoístas.

Não admito, no entanto, isso para Fome.

— Eu também o ajudei uma vez... embora você não tivesse feito o mesmo por mim. — Digo em vez disso.

Um longo e doloroso silêncio se segue a isso. Sinto o olhar abrasador do Ceifador na escuridão.

Minha lesão lateja, puxando minha atenção para longe da conversa.

Tento me levantar. Depois de um momento, o ceifador pega meu braço bom e se levanta, puxando-me junto com ele.

— E agora? — Pergunto.

— Você precisa dormir.

Oh. Certo. Entre arrombar a casa de alguma senhora idosa e poupá-la da morte, de alguma forma esqueci todo o motivo de Fome para parar.

Deixei o cavaleiro me levar para a sala dos fundos. Normalmente sou eu quem leva o sexo oposto para o quarto. Normalmente sou eu que tenho um plano.

Fome para na soleira e me deixa entrar no quarto dessa estranha. O ar aqui está pesado com o cheiro de perfume enjoativo, embora esteja escuro demais para dizer, acho que o quarto está cheio de bugigangas, porque duas vezes bato em móveis que faz vários itens chacoalharem.

Preciso tatear em busca da cama e mesmo depois de encontrá-la, uma combinação de culpa e ansiedade aperta meu estômago, porque seu legítimo dono está em algum lugar na escuridão.

Você é uma idiota, Ana. Deveria saber que essa situação surgiria. Afinal, foi o que aconteceu na noite anterior.

O Ceifador está me observando, então mecanicamente, puxo as cobertas e deslizo para cama. Os lençóis estão úmidos e cheiram a mofo. Eu faço uma careta, mesmo quando me acomodo.

Quer dizer, tecnicamente, não é a pior cama em que já dormi e é melhor do que as acomodações que aquela velha terá esta noite.

Assim que me deito, Fome desaparece.

Fico muito tempo deitada na escuridão, olhando para o teto. Espero o sono chegar, mas meu ombro ainda lateja e além disso, estou agitada desde a última hora.

Na sala além, posso ouvir o cavaleiro andando para frente e para trás, para frente e para trás. Deve ser calmante, mas ele parece muito agitado.

— Pode parar com isso? — Finalmente grito.

Os passos param.

— Eu deveria estar na estrada agora. — Diz ele.

— Não fui eu quem decidiu parar. — Eu digo.

Agora, esses passos se aproximam do quarto. Na escuridão, vejo sua silhueta enorme na porta, a foice ainda na mão.

— Humana ingrata. — Sua voz me faz arrepiar. — Devo forçá-la a subir no meu cavalo e continuar cavalgando.

— Você é tão desnecessariamente dramático. — Respondo. Dou um tapinha no colchão. — Sente-se por um segundo. Não consigo dormir ouvindo seu ritmo.

Isso pode ser um choque, mas Fome, de fato, não se assenta. Ele simplesmente continua parado naquela porta.

Com um bufo, jogo meus cobertores de lado e me levanto.

— O que você está fazendo? — Ele pergunta.

Em vez de respondê-lo, cruzo o quarto e pego sua mão, puxando-o para frente, em direção à cama. Para meu choque, ele realmente me deixa levá-lo.

Quando chego ao colchão, empurro-o para baixo com o braço bom. Agora, porém, ele não resiste.

— Não estou interessado em sexo, florzinha. — Diz ele. Há uma

nota em sua voz que me arrepia.

— Eu não estava oferecendo nada, seu grande bruto. — Digo suavemente. — Agora, sente-se. — Empurro sua armadura novamente.

Posso imaginar perfeitamente sua careta insolente. Relutantemente, ele dobra os joelhos e se senta na beirada da cama.

— Feliz? — Ele rosna.

— Pare de fazer beicinho. — Eu digo, subindo na cama também. — Você pode me ver no escuro? — Pergunto depois de um momento, sentindo-me estranhamente exposta.

— Isso importa? — Ele pergunta.

Aceno minha mão na frente de seu rosto.

— O que você está fazendo?

— Você não pode me ver. — Eu digo, levemente triunfante.

— Qual é o objetivo de eu estar sentado aqui? — Ele começa a se levantar, mas seguro seu braço e o puxo de volta para baixo.

Antes que ele possa se levantar novamente, começo a puxar sua armadura com meu braço bom.

Algo que aprendi como profissional do sexo é a verdadeira natureza das roupas. Usamos nossas roupas como máscaras. Tire-as e você despoja a pessoa de suas pretensões. É isso que quero fazer agora, despojar o cavaleiro de suas pretensões, sejam elas quais forem.

Sob meu toque, seu corpo fica rígido.

— O que você está fazendo? — Fome pergunta novamente, desta

vez mais alarmado.

— Acalme-se. Não estou tentando deflorar você.

Pelo menos, não esta noite.

Esse último pensamento rebelde tira minha respiração.

Que porra, Ana? Sexo com o monstro está fora da mesa... ou sobre ela, dependendo se há pratos de comida por perto...

Não, não. Nada de foder o cavaleiro assustador.

— Você não deveria mover o ombro. — Ele diz rispidamente, seu corpo ainda rígido sob o meu toque.

— Está tudo bem. — Não está, mas tanto faz. — Já passei por coisas piores.

Fico quieta por um momento e sei que Fome está pensando nas feridas e cicatrizes em meu peito. O silêncio se estende e é aqui que uma pessoa normal e legal se desculpa por quase me matar. Eles podem, no mínimo, implorar por perdão.

— Você não deveria estar lá. — Diz Fome quando começo a tirar sua armadura.

— Onde? — Pergunto, pensando que ele está se referindo a proteger a velha.

— Visitando-me com aquela mulher... aquela que tentou vendê-la. — Suas palavras gotejam desdém.

— E onde eu deveria estar? — Pergunto, deixando de lado uma ombreira de bronze.

— Comigo.

Estremeço com o tom baixo de sua voz e desta vez não há engano, são arrepios bons. Arrepios problemáticos.

Minhas mãos se movem para armadura que cobre seu peito, meu corpo roçando o dele. Posso sentir seus olhos em mim, embora não haja nada de sexual acontecendo, toda essa situação parece íntima.

— Fale-me sobre você. — Digo para me distrair enquanto trabalho para desamarrar sua couraça.

— Eu não tenho um eu para compartilhar.

Minhas sobrancelhas se unem.

— Bem, é claro que você tem. — Meu olhar se aventura para cima, embora o quarto esteja mergulhado em sombras, avisto seus olhos.

Ele me encara de volta e depois de um momento, sinto que ele pode realmente querer que eu elabore isso.

A armadura se desfaz em minhas mãos.

— Desde que você veio à Terra, você tem sido um homem...

— Não sou...

— Você é um homem. Apenas porque não pode morrer e pode fazer a tudo crescer espontaneamente. — Sem falar nos enxames de insetos e na falta de sono e xixi. — Você tem um corpo. Você tem um "eu".

Coloco sua couraça desabotoada de lado, o metal fazendo barulho no chão.

— O que você quer que eu diga? — Ele finalmente responde. — Quer que diga algo humano sobre mim? Mesmo se houvesse uma

parte de mim que fosse verdadeiramente humana, o que não existe, sua espécie fez questão de eliminá-la há muito tempo.

Acho que ele está se referindo à tortura em nossas mãos. Quase pergunto a ele sobre isso, mas sei que essa conversa colocaria a malícia de volta em sua voz. Não estou interessada em seu lado irritado, recebo bastante exposição a ele durante o dia.

— Tudo bem, então me diga algo desumano sobre você.

Outro longo silêncio se segue. Acho que posso ter chocado o Ceifador, embora não tenha ideia do porquê.

— Eu sinto... tudo. — Ele finalmente diz. — Cada folha de grama, cada gota de chuva, cada centímetro de argila queimada pelo sol. Eu sou a tempestade que vem, sou o vento que carrega o pássaro e a borboleta. — Conforme fala, ele começa a ganhar confiança.

— As sensações estão um pouco abafadas agora que uso esta forma. — Ele toca levemente o peito. — Mas ainda sinto tudo.

Esquecendo-me da última parte da armadura que envolve seu braço, eu me aproximo dele, atraída por suas palavras. Diga o que quiser de mim, gosto de uma boa história.

— Essa é a diferença entre mim e meus irmãos. — Ele continua. — Todos nós devemos devastar o mundo, mas temos nossas distinções: Guerra é o mais humano, Peste talvez o próximo. Mesmo Thanatos, a morte, está intimamente conectado à vida.

— Eu sou o menos verdadeiramente vivo. Tenho mais em comum com incêndios florestais, nuvens e montanhas do que qualquer outra coisa. Portanto, ser algo que vive e respira é uma experiência

sufocante e desagradável. Estou... preso nesta carne.

Eu me recosto um pouco, tentando processar sua admissão.

Ele suspira.

— Apenas quero que isso acabe. — Ele confessa. — Tudo que quero é voltar ao que eu era.

Fome está em algum ponto entre o chão e a parede, mas depois de alguns minutos ele se vira para mim, como se acabasse de perceber que estou ao seu lado.

Abruptamente, se levanta.

— Partimos ao amanhecer. — Diz ele. — Descanse enquanto pode. Você não o fará amanhã.

Com isso, ele sai do quarto. Depois de passar pela porta, faz uma pausa.

— Uma outra coisa desumana sobre mim, flor. — Fome vira sua cabeça levemente para mim. — Eu simplesmente não existo, apenas tenho *fome*.

Capítulo Vinte

Como de costume, Fome cumpre sua palavra no dia seguinte, quando o sol nasce, já estamos de volta à estrada e a casa em que ficamos nada mais era do que um sonho quase esquecido.

Minha ferida lateja enquanto mexo meus pés. Finalmente estou com outro par de botas, botas gastas e cobertas de lama que certamente não são minhas. Eu peguei mesmo assim, apesar do nó de culpa que senti. Encaixaram surpreendentemente bem.

Por acaso também peguei um cinto de couro, que usei para apertar a roupa branca e esvoaçante que visto, que à luz do dia, nada mais é do que uma camisola.

Pareço ridícula, mas pelo menos estou viva. Isso é mais do que posso dizer da maioria das outras pessoas por aqui.

— O dia em que nos encontramos pela primeira vez. — Diz Fome, interrompendo meus pensamentos. — Por que você me procurou?

Aqui estou eu pensando em cintos e camisolas; enquanto isso, o cavaleiro está todo filosófico.

— Eu não procurei nada. — Eu digo. — Você veio para a minha cidade.

— Você poderia ter fugido. — Diz ele.

— Você teria me alcançado.

— Mmm. — Uma de suas mãos repousa em meus quadris e agora acaricia o tecido ali. Ele se inclina para perto. — Você pensou que eu a

reconheceria. — Sua voz e a proximidade de sua boca me dão arrepios.

Sim. Claro que pensei isso.

Depois de um momento, o cavaleiro fala novamente.

— Lembro exatamente como você era no dia em que me salvou. — Ele admite. — E se estivesse realmente procurando por isso, teria reconhecido você, mas passei os últimos cinco anos sem ver ninguém de verdade.

Lembro-me de como Fome ficou furioso logo antes de destruir a casa da minha infância. Não sei os detalhes do que aconteceu com ele enquanto ficou preso — aqueles segredos morreram com as pessoas que o feriram — mas é óbvio que o que quer que tenha acontecido, o tornou um homem já cruel, muito, muito mais cruel.

— Por que você me salvou? — O Ceifador pergunta.

Não é a primeira vez que ele me pergunta isso, mas aparentemente, quer ouvir minha resposta novamente. Ou talvez queira uma resposta diferente; não acho que o altruísmo humano caia bem para ele.

— Porque eu era jovem e tola. — Um toque de amargura ecoa em minha voz.

Posso sentir aqueles olhos intensos na parte de trás da minha cabeça. Eu me mexo sob seu escrutínio e sinto a necessidade de me explicar melhor.

— Perdi minha mãe quando era criança e meu pai quando tinha doze anos. Após a morte de meu pai, sua tia assumiu minha criação.

Ela... não era gentil. Já tinha cinco filhos e não queria outro. Deixou claro que eu era um fardo. — Respiro fundo. — Quando o vi deitado ali, coberto de lama, sangue e chuva, seu corpo... — Não consigo nem encontrar palavras para descrever o estado em que ele estava. — Foi horrível. — Realmente foi. Não importava quem ele era ou o que fez. Ninguém merecia ser tratado assim.

— Mesmo depois de descobrir que você era o cavaleiro, não pude deixá-lo. — Engulo, olhando para as minhas unhas. — Sabia o que era ser indesejado. Passei minha adolescência sentindo como se minha família não se importasse se eu vivia ou morria. E se fosse eu deitada na beira da estrada, gostaria que alguém se importasse. Então o ajudei.

Sinto o ardor do olhar de Fome. Por um momento, ele aperta meu quadril.

— Então você se viu em mim. — Diz ele, com a voz um pouco rouca. — Eu deveria saber bem no fundo, que tinha motivos egoístas.

Olho para o céu. Senhor me dê força.

— Chama-se empatia.

— Estou ciente do que vocês humanos consideram bondade.

— Ah e como se você fosse um exemplo brilhante de compaixão. — Respondo.

— Nunca disse que eu era, embora devo salientar que a poupei anos atrás.

— Eu e mais ninguém. — Respondo. — Você matou o último membro da minha família quando destruiu minha cidade natal.

— Deveria salvar sua tia? — Ele parece implacável. — Você mesma disse que ela não era gentil.

Olho por cima do ombro para ele, achando-o louco. Talvez ele seja.

— E de que adiantou me poupar se não há vida para a qual eu possa voltar?

Fome me olha com curiosidade e acho que ele pode legitimamente acreditar que as pessoas não precisam umas das outras da maneira que obviamente precisamos.

— Eles não me salvaram quando poderiam. — Diz ele. — Você fez.

— Você não precisava matar todos eles.

Eu o sinto enrijecer atrás de mim na sela, sua armadura já implacável ainda mais desconfortável contra minhas costas.

— Eu contei como me tornei um prisioneiro? — Ele pergunta com muita calma.

Balanço a cabeça, um arrepio percorrendo minha espinha.

Sua voz é tão baixa quanto a de um amante quando sussurra em meu ouvido.

— Poupei uma família que foi gentil comigo. — Enquanto ele fala, seus dedos acariciam meu quadril, seu toque ameaçador. — Eles não salvaram minha vida, não como você, mas me receberam em sua casa. Eles me alimentaram, me deixaram dormir na cama deles mesmo sabendo o que eu era.

— Tolamente, gostei da hospitalidade deles, demorando-me um pouco mais do que deveria em um lugar. Eles não se importavam com a minha morte ou pelo menos nunca reclamaram disso. E durante todo esse tempo achei que estivesse acima de qualquer perigo. Mas logo se espalhou que uma família humana estava me abrigando. Deixei a casa deles para devastar as plantações ao redor de uma aldeia próxima. Quando voltei, a família, marido, esposa e três filhos pequenos foram massacrados.

— Ali fui capturado e morto. Na próxima vez que acordei, estava em um prédio abandonado que foi transformado em uma prisão improvisada. E foi aí que o verdadeiro horror começou.

— Não há palavras para descrever o que aconteceu comigo, as agonias infligidas, as violações distorcidas. E mesmo que houvesse, duvido que uma mente humana pudesse entender a profundidade do que sofri. Você nunca teve sua cabeça chutada, seus dentes arrancados de suas gengivas, seus olhos arrancados ou suas unhas. Você nunca foi estacado, queimado, estripado ou desmembrado, às vezes ao mesmo tempo. Você nunca foi morto, apenas para voltar à vida e suportar tudo de novo e de novo. — Seus lábios são suaves contra minha orelha, mesmo quando suas palavras me encheram de pavor.

— Eu vi a verdadeira extensão da dor e do sofrimento que os humanos podem infligir uns aos outros e suportei todas as formas concebíveis de tortura. — Enquanto ele fala, sua voz aumenta.

Eu engulo.

— Acreditava na minha tarefa antes de ser capturado, mas depois do que passei, tornou-se pessoal. Cada morte é uma reparação pelas atrocidades cometidas contra mim.

Não é de admirar que Fome goste de nossa miséria, lambendo-a como creme.

— Sinto muito. — Eu digo. — Por eles terem feito isso com você.

Mais uma vez, seu aperto em mim aumenta, mas ele não responde. Ambos ficamos em silêncio por algum tempo, suas palavras pairando no ar entre nós.

— Então. — Finalmente digo, decidindo tornar a conversa mais leve. — Onde você esteve nos últimos cinco anos?

— Você quer dizer, desde que nos separamos?

Faço um ruído afirmativo.

Fome recosta-se na sela, exalando.

— A melhor pergunta é onde eu não estive.

Isso prendeu minha respiração.

Cinco anos atrás, Fome deixou um rastro de mortos de Montevidéu a Santiago antes de desaparecer completamente da América do Sul. Tolamente, assumi... não sei o que assumi. Obviamente, algo otimista demais.

— Quanto do mundo se foi? — Estou quase com medo de perguntar.

— Grande parte da Europa e da Ásia se foi, bem como parte da África, Austrália e Américas.

Por um momento, não consigo respirar. Enquanto vivia minha vida, continentes inteiros estavam sendo dizimados. Eu não sei como colocar em palavras o pensamento de tanto do mundo que

simplesmente... se foi. Não mesmo.

Passamos mais de uma hora em silêncio e durante esse tempo, fico em paz com esta minha realidade assustadora. Estamos todos caminhando em direção ao túmulo. Isso torna minha tentativa anterior de fugir do Ceifador ainda mais ridícula. O homem estava certo, para onde eu iria? Logo ele matará todos nós.

Mas se isso for verdade, o que aconteceu com seus irmãos? Eu sei que pelo menos um deles cavalgou a terra antes da Fome, talvez dois, embora os relatos não fossem claros neste segundo. E se tiveram sucesso, por que desapareceram, ou não? E por que deixaram tantos humanos vivos?

— Como está? — Fome pergunta, interrompendo meus pensamentos.

— O quê? — Não tenho ideia do que o cavaleiro está falando.

Ele toca meu braço, perto do meu ferimento. Olho para ele, apenas para perceber que estou segurando o braço. Em algum momento, o movimento constante na sela começou a fazer o corte latejar de uma forma engraçada e dilacerante.

E ele percebeu.

Franzo a testa.

— Dói, mas ficarei bem.

O Ceifador não diz nada e continuamos por mais um minuto. Mas então ouço Fome murmurar algo baixinho. Abruptamente, ele para seu cavalo.

— Meu captor tão benevolente decidiu me dar uma pausa extra

para fazer xixi? — Pergunto enquanto ele desce de seu corcel.

O Ceifador me ignora, se afastando. Sem querer, meus olhos percorrem seus ombros largos e cintura estreita. Sua armadura de bronze brilha sob o sol.

Ele olha por cima do ombro para mim, aquele cabelo cor de caramelo soprando em seu rosto e minha respiração fica presa. Ele parece um herói de uma época passada, suas feições dolorosamente perfeitas.

Aqueles olhos verdes brilham como joias quando me observam.

— Você vem?

Hesito, não apenas porque sua beleza me pegou desprevenida.

— Meu braço... — A verdade é que dói mais do que estou disposta a admitir.

Sua expressão muda sutilmente.

Fome volta para seu cavalo. Silenciosamente, ele me agarra e me puxa de seu cavalo. Solto um suspiro quando meu ferimento é empurrado.

Com o som, os lábios do Ceifador pressionam juntos em uma linha descontente. Ele me coloca no chão.

Começo a me afastar para fazer meus negócios.

— Espere. — Diz Fome.

Eu viro para ele.

— Não me diga que você quer assistir. Não achei que tivesse esse tipo de fetiche.

Ele me lança um olhar severo, como se realmente não quisesse lidar com a minha merda.

— Estou brincando. — Eu digo. — Você é divertido demais para provocar.

— Venha aqui. — Ele diz.

Eu volto para ele, sem saber o que ir ali realmente significa.

Ele se aproxima, em seguida, pega minha camisa, puxando a gola solta com cuidado para baixo do meu ombro.

Fico impossivelmente imóvel, meu coração começando a acelerar.

— Preciso que você liberte este braço.

— Terei que tirar o vestido. — Digo.

Em resposta, ele dá um passo para trás, provavelmente para me dar espaço para me despir. Quando, no entanto, começo a lutar para tirar o cinto, Fome dá um passo à frente novamente, ajudando-me primeiro a tirá-lo e depois a camisola.

Eu fico ali, ao lado da estrada, meus seios para fora, vestindo nada além da calcinha da vovó que também peguei da casa esta manhã.

Fome nem pisca quando vê meus seios. Em vez disso, seu foco está no meu ombro. Com cuidado, ele desenrola minhas bandagens. Tudo o que vê o faz franzir a testa.

E da minha parte, recuso-me a olhar para ferida. Uma coisa é sentir a dor, outra é ver a prova grotesca dela.

O cavaleiro alcança o ferimento, mas hesita.

— O que você está fazendo? — Pergunto.

Ele deixa cair sua mão, seu olhar frio passando rapidamente para o meu.

— Pagar uma dívida antiga. — Diz ele.

— Então você está tentando me matar? — Pergunto meio brincando.

A mais simples sugestão de um sorriso puxa o canto de sua boca.

— Acho que já tentei isso uma vez. — Seus olhos descem significativamente para o meu estômago antes de voltar para o meu ombro.

Depois de um momento, ele se afasta de mim, indo em direção ao seu cavalo. Ele vasculha um dos alforjes, finalmente tirando um copo e uma garrafa transparente de álcool.

— Você estava escondendo de mim. — Digo. Eu quis muito uma bebida. Especialmente quando estava ferida... e na companhia do cavaleiro.

Ele volta e abre o licor. Levantando a garrafa, despeja o líquido na ferida.

Sibilo por entre os dentes. Merda, mas isso dói.

— Você não precisa fazer isso! — Eu grito.

Na minha frente, o Ceifador enrijece, seus ombros ficam tensos e ele não parece nem um pouco emocionado por eu estar em agonia no momento.

— Estou pagando uma dívida. — Repete.

Semântica. Ele está tentando ajudar, o que é completamente alucinante, considerando o ódio que este homem nutre por toda vida humana.

Fome abaixa o álcool, então solta sua couraça, encolhendo os ombros antes de colocá-la no chão. Seus dedos vão para a barra de sua camisa preta, e eu tenho apenas um momento para me perguntar o que ele está fazendo antes de...

Riiiiip.

Ele remove uma tira de tecido da barra de sua camisa, levando-a até meu ombro.

Os olhos de Fome pousam nos meus por um momento.

— Não leia nada nisso.

Oh, estou planejando ler a porra da série inteira de Fome atuando de forma anormal e o que isso significa.

Seus dedos se atrapalham e sua expressão é cada vez mais tumultuada enquanto ele envolve o pano em meu ferimento. No momento em que tira a bandagem, parece abertamente irritado.

Ele pega sua armadura e a coloca de volta.

— Vamos.

O Ceifador segue em direção ao seu cavalo, sem esperar que o siga.

Olho para ele por um momento, antes de pegar meu vestido descartado e colocá-lo desajeitadamente, apertando os dentes quando tenho que mover meu ombro machucado. Meu cinto é igualmente

difícil de segurar, mas desta vez o cavaleiro não tenta ajudar.

— Ana! — Ele grita novamente, claramente irritado por estar demorando tanto para a mulher ferida se vestir.

Fome pode ter seus momentos de bondade, mas ele ainda é um idiota.

Meu olhar vai para a garrafa de bebida destilada no chão. Nos últimos cinco anos, bebi um pouco de licor precioso e o pouco que bebi foi feito muito, muito longe do Anjo Pintado. Elvita tinha uma regra estrita contra drogas e álcool, que ela obrigava todas as meninas a obedecer.

Mas agora Elvita se foi.

Pego a garrafa de licor e despejo seus restos em minha boca, apreciando o ardor.

Outra coisa que lerei dele: o fato de que, em algum momento, Fome conseguiu encontrar um álcool melhor para limpar minha ferida e ele o embalou. Esse é um nível de consideração que nem consigo imaginar o cavaleiro tendo.

— Ana.

Deixo a garrafa e volto para Fome, deixando-o me ajudar a voltar para seu corcel. Quando ele se une a mim na sela um momento depois, estremeço um pouco com a pressão de seu corpo contra o meu. E quando sua mão envolve minha perna, me sinto muito feliz com isso.

Por favor, Deus, me diga que isso é apenas o álcool.

Fico quieta por um longo e tenso minuto.

— Então. — Finalmente digo. — Vamos conversar sobre o que...

— Não.

— Nem mesmo...

— Não.

— Mas...

— Droga, Ana... não.

Alguém se sente desconfortável em cuidar de mim.

Sorrio um pouco.

— Awww, acho que você não se importa nem um pouco com minha companhia.

— Você está me fazendo reconsiderar.

— Absurdo. — Inclino contra o cavaleiro, me permitindo desfrutar da sensação dele ao meu redor. — E adivinha? Eu também não me importo com sua companhia.

É melhor que seja culpa do álcool.

Capítulo Vinte e Um

Em Registro, a próxima cidade grande para a qual cavalgamos, as pessoas se alinham nas estradas da velha rodovia em ruínas, esperando Fome. Eles se alegram quando o veem, seus rostos exultantes.

Meu estômago revira com a visão e por um momento, meu horror é tão forte que sinto que estou engasgando com a respiração.

O que estão pensando? Que o cavaleiro vai poupá-los? Ou apenas fizeram essa suposição como nossa cidade fez? Que talvez se jogarem itens valiosos o suficiente em sua direção, ele esqueceria seu propósito e os pouparia?

E também Fome tem muito ódio dentro dele para fazer qualquer coisa além de matar, matar e matar.

A maioria dos olhos do nosso público está fixada em Fome, que é uma cabeça mais alta do que eu na sela. No entanto, eu também recebo muitos olhares. Posso dizer que eles estão tentando descobrir como eu encaixo nisso. Um ou dois deles encontram meu olhar e sorriem hesitantemente para mim.

Não se sintam tão tranquilos, tenho vontade de gritar. Eu também não posso impedi-lo. Meu ombro lateja, ecoando meus pensamentos.

— As pessoas nessas cidades sempre se voltam contra você? — Eu pergunto, observando a multidão.

— Com mais frequência do que você possa imaginar. — Murmura Fome.

E agora estou imaginando vividamente uma flecha cravada no coração. Isso poderia acontecer tão facilmente. Mas não acontece. Assim como minha cidade, esta acredita que pode vencer esse monstro.

Nós passamos pelas ruas e para onde quer que eu olhe, vejo edifícios pré-apocalípticos que foram reaproveitados em outra coisa. Estábulos, bares, mercados de produtos agrícolas, açougues, lojas de roupas feitas em casa, lojas de bicicletas, curtumes, forjarias e assim por diante.

Ao que parece, Registro se deu bem. Até hoje, pelo menos.

Em algum momento, outro homem a cavalo se separa da multidão, entrando na rua para acenar para o cavaleiro.

Eu me inclino contra Fome. Mais uma vez, imagino vividamente uma flecha me cortando.

— Relaxe, flor. — Diz o Ceifador, lendo minha linguagem corporal. — Este é um dos meus homens. — Fome nos leva para ele.

— É bom vê-lo novamente, Fome! — Grita o homem. — Temos uma casa nos arredores da cidade que preparamos para você!

— Ótimo. — Diz Fome. — Leve-nos lá agora.

O olhar do homem se move do cavaleiro para mim, então ele vira o cavalo para frente e começa a se mover.

Até agora, não tinha pensado em ser vista com o cavaleiro. Fome me acorrentou e trancou como uma verdadeira prisioneira. Mas agora as algemas se foram e o Ceifador está com o braço sobre minha coxa.

Eu sei o que parece. Mesmo se nunca tivesse estado no negócio de

sexo e intimidade, saberia como era isso.

Como Fome e eu estávamos juntos.

Olho por cima do ombro para o Ceifador, mas seus olhos estão no cavaleiro à nossa frente. Um sorriso sinistro curva seus lábios.

Merda.

A empolgação desse homem significa que provavelmente estamos todos fodidos.

Seguimos o outro homem por várias ruas laterais. As pessoas ainda ficam paradas e apenas se viram, mas a multidão está um pouco menor aqui, agora que saímos da via principal.

Logo os edifícios que antes estavam agrupados se espalham cada vez mais até que parece que deixamos a cidade completamente.

Viajei mais longe no último mês do que antes e a maior parte do que vi são ruínas, não apenas de pessoas, mas também de cidades e edifícios antigos. Vivemos em um mundo de segunda mão, que se agarra aos últimos vestígios daquela época antes das verdadeiras dificuldades.

Mas então, ao lado de edifícios reaproveitados e casas dilapidadas, existem as casas como a que está à nossa frente. Casas que mais parecem palácios.

Quem quer que more aqui, vivia muito bem.

Nós cavalgamos até a entrada circular. Vejo alguns homens do Ceifador vagando pela propriedade, mas são o casal mais velho e dois adolescentes carrancudos que estão em frente à casa que chamam minha atenção. Ao lado dos quatro está uma mulher idosa.

Provavelmente, estou olhando para três gerações de família, todas esperando por nós.

Fome se aproxima, tão perto que posso ver o sorriso hesitante no rosto da mulher de meia-idade e posso ver as mãos trêmulas de seu marido. Eles estão vestidos com suas melhores roupas, embora na maior parte da minha vida eu tenha invejado famílias como esta, famílias cujo privilégio os protegeu da maioria dos desconfortos da vida, sinto um profundo medo por eles agora. Sua boa sorte fez com que fossem notados pelo pior tipo de homem.

O Ceifador detém seu corcel e posso praticamente sentir sua tontura. Assim que ele está prestes a descer do cavalo, agarro sua coxa, meus dedos cravando no músculo.

— Por favor, o que quer que você esteja prestes a fazer... não faça. — Eu digo baixinho.

Fome se aproxima do meu ouvido.

— Esta é a parte divertida, flor. Agora, deixe-me ir.

Ele se solta do meu aperto, saltando de seu corcel e fico sentada sozinha.

Fome leva um momento para agarrar sua foice e então ele se aproxima da família, suas botas esmagando ameaçadoramente contra o cascalho da entrada. Ele é uma visão assustadora. Você não pode olhar para ele por mais de alguns segundos sem perceber que este não é um homem terreno.

Enquanto o Ceifador avança, seus homens se aproximam da família.

Oh, Deus.

Os meninos antes taciturnos agora parecem intimidados e o casal de meia-idade parece absolutamente apavorado. Apenas a mulher mais velha não está nas garras do medo; ela parece mais resignada, como se já tivesse visto isso antes.

Fome se aproxima da família, sua foice pairando sobre eles. Ele está de costas para mim, mas ainda estou tensa de nervosismo.

— B-bem-vindo a nossa casa. — A mulher gagueja.

— Sua casa? — O Ceifador diz incrédulo. Ele inclina a cabeça. — Receio que meus homens tenham mentido para vocês se fizeram parecer que eu era um convidado.

Fecho meus olhos. Não posso assistir a isso.

— Talvez devêssemos dar-lhe uma recepção honesta. — Ele continua. — Homens?

É o grito da mãe que faz isso por mim.

— Pare! — Eu digo, meus olhos se abrindo.

Pode ter sido o grito da mãe que me levou a fazer algo, mas foi o olhar da avó que me tocou. Ela e eu trocamos olhares e me lança um olhar que diz, mas o que você pode realmente fazer, garota? Não pode lutar contra uma tempestade e esperar vencer.

Os homens de Fome me ignoram. No momento em que estou lutando para descer do cavalo, eles arrastam a família para longe.

Fome se volta para mim então, estreitando os olhos.

Ainda estou tentando sair da sela, o que é especialmente difícil

com um ombro machucado. Acabo meio que caindo do cavalo, gritando enquanto caio no chão, a ação empurrando meu ferimento.

O Ceifador se aproxima de mim. À distância, posso ouvir as vozes crescentes da família. O som disso aperta meu estômago. Ninguém acha que as coisas vão piorar tão rapidamente... até que isso aconteça.

Nem mesmo eu previ esse tipo de escalada e eu sei disso.

Quando Fome se aproxima, ele me coloca de pé com força.

— Desafie-me novamente e tornarei a situação muito pior. — Ele promete.

Eu levanto meu queixo.

— Foda-se.

Em resposta, ele agarra o pulso do meu braço bom e me puxa para a porta da frente da casa. Ao longe, os gritos aumentam. Estou tremendo, cheia de medo e desesperança. Isso e raiva. Raiva ardente e justa.

Fome abre a porta da frente. Lá dentro, mais homens do Ceifador aparecem.

— Reúna as pessoas desta cidade e encontre um prédio grande o suficiente para caber a todos. — Anuncia Fome. — Esta noite quero que haja uma celebração em minha homenagem.

Capítulo Vinte e Dois

Sou despejada sem cerimônia em uma sala.

— Você deve ficar aqui. — Diz Fome.

— Ou então o quê? — Pergunto desafiadoramente.

O cavaleiro se aproxima.

— Fique. Aqui. Dentro.

— Ou. O. Que?

Sua boca se curva em um sorriso sinistro.

— Bem. Lembre-se de que você pediu.

Antes que eu possa soltar as palavras, Fome me agarra novamente e me puxa para cama.

— O que você está...?

O Ceifador me joga no colchão. Assim que estou lutando para me sentar, ele se deita na cama, seu joelho indo para o meu peito.

Eu me debato o melhor que posso contra ele; não é muito, meu ombro ainda lateja e estou cansada depois de um dia na sela.

— Saia de cima de mim. — Rosno.

Em vez de fazer apenas isso, Fome agarra a parte inferior da minha camisola manchada pela viagem. Há uma pausa momentânea, quando percebo exatamente o que ele está prestes a fazer.

— Não. — Eu digo.

Ele o faz.

Agarrando a barra do vestido improvisado, ele arranca uma tira de tecido, em seguida, usa-a para amarrar um dos meus pulsos na cabeceira da cama. Eu puxo contra, mas é alarmantemente segura.

— Então essa é a sua perversão? — Pergunto irritada. — Não pensei que fosse um homem de escravidão, mas novamente, não pensei que fosse tão mau.

Fome arranca outra tira do vestido e está rapidamente passando de uma camisola velha para algo um pouco mais lascivo. Não desaprovo totalmente.

Eu me debato, tentando manter meu outro pulso fora das garras de Fome. Mas é o braço ferido, então meus esforços são insignificantes. Fome prende meu pulso em questão de segundos. Ele lida com meu braço ferido com mais cuidado do que eu esperava enquanto o move em direção à outra cabeceira da cama. Ainda dói muito.

Ele amarra meu pulso à cabeceira da cama, depois se senta sobre as pernas.

— Pronto. — Diz ele, avaliando seu trabalho. — Agora você não pode se meter em muitos problemas.

— Você está brincando comigo. — Eu digo.

— Eu virei busca-la mais tarde. — Ele diz, se afastando da cama. — Até então, comporte-se.

Porque eu consigo arrumar muitos problemas assim.

... diz a prostituta na cama.

Ok, correção: porque consigo arrumar muitos problemas, dadas as minhas circunstâncias.

O Ceifador sai do quarto, seus passos ficando cada vez mais fracos enquanto se afasta.

— E se alguém olhar para aquela porta por muito tempo. — Ouço-o gritar à distância. — Irei estripá-lo e o alimentar com suas entranhas enquanto estiver morrendo.

Jesus.

Acho que terei que me comportar.

Droga.

Fico ali por horas, presa naquela maldita cama.

E do lado de fora do meu quarto, posso ouvir as pessoas se movimentando, gritando ordens umas para as outras. Infelizmente, a mesma procissão terrível de pessoas chega às portas de Fome, assim como nas cidades anteriores. E assim como todas as outras interações infelizes, essas também não terminam bem.

Posso ouvir os gritos, mas pior, ouço o estalar de uma fogueira em algum lugar próximo e posso sentir o cheiro da fumaça. No início, cheira como a fumaça deveria, mas quanto mais tempo queima, mais... enjoativo e carnudo fica o cheiro.

Engasgo um pouco quando percebo o porquê. Inclino meu rosto no ombro, tossindo como se pudesse de alguma forma tirar o cheiro e o gosto do meu nariz e garganta. É então que percebo que estou encostada no braço machucado e a bandagem que o cobriu por horas simplesmente... desapareceu.

O cavaleiro tem uma magia estranha e terrível.

Quando as sombras se aprofundam e o dia se transforma em noite, a procissão de pessoas diminui.

Por um tempo, tudo o que ouço é o estalo da fogueira. Mas então, aquele som é interrompido por passos sinistros que apenas podem pertencer ao Ceifador. Eles ficam cada vez mais altos até que param no limiar da sala.

Logo Fome aparece na porta.

— Bem, olhe quem é. — Eu digo. — O idiota da hora.

Ele entra no quarto, em silêncio. Sinto um arrepio pelo braço, com aquela espreita silenciosa dele. Quanto mais perto ele chega, mais rápida minha respiração fica. Posso ver sua foice. Está amarrada às costas, a lâmina formando um arco ameaçador sobre seu ombro.

O cavaleiro vai até a cama.

Deixa cair algo sobre o colchão antes de alcançar um dos meus pulsos amarrados, sem esforço separando o tecido que me manteve cativa por horas.

Ele se inclina sobre meu corpo para alcançar meu outro braço machucado, mas hesita quando ouve minha respiração ofegante.

— Você está... com medo? — Sua voz é tão baixa que me faz estremecer.

— Você parece encantado. — Respondo.

Ok, talvez não encantado, mas definitivamente curioso.

— Ficarei encantado quando você realmente parar de lutar contra

todas as minhas decisões. — Ele responde, rasgando minha segunda algema improvisada.

Sacudo meus pulsos, tentando fazer o sangue fluir de volta para eles.

— Então você ficará encantado quando eu morrer.

— Ficarei aliviado quando você morrer. — Diz ele, movendo suavemente meu braço ferido de volta ao meu lado. O movimento o faz pulsar com violência. — Você é capaz de fazer até a cabeça de um imortal latejar.

Eu zombo, sentando enquanto Fome pega algo da cama. Um momento depois, alguma peça de roupa me acerta.

— O que...? Você acabou de jogar?

— Coloque o vestido.

— O vestido? — Pego a roupa amassada e a sacudo. — Espere, o quê? Por quê?

O Ceifador suspira dramaticamente. Para um filho da puta do mal, ele é tão exagerado e dramático.

— Você deve questionar tudo? — Ele diz. — Porque eu disse.

Coloco a peça de roupa de lado.

— A menos que você mesmo me force, não usarei um maldito vestido.

A verdade é que eu poderia colocar o vestido; provavelmente pareceria menos ridículo do que a camisola enorme e manchada da viagem que estou usando, mas foda-se esse cavaleiro e suas

exigências.

Fome dá outro suspiro.

— Bem, pela última vez pedirei com educação: Coloque. Isto.

— Não.

Na escuridão, juro que vejo aquele seu sorrisinho malvado aparecer.

— Bem.

Bem?

Fico perplexa, mesmo quando ele se aproxima de mim. Mas então puxa a adaga do cinto.

— O que você está...?

Ele agarra meu vestido pela gola e.... riiiip. Arrasta a lâmina pelo tecido. Enquanto faz isso, revela minha pele.

— Que porra você está fazendo? — Quase pareço escandalizada.

— Esse era o seu único vestido, certo? — Fome diz, como o idiota que ele é. — Pena que está arruinado. Agora, coloque a porra do vestido.

— Acha que me importo em me expor? — Eu me importo. — Andarei por aí com o peito nu antes de colocar...

— Seus sapatos vão a seguir. — Ele alcança minhas botas, sua lâmina ainda preparada.

— Ok...ok! — Digo, principalmente porque é difícil encontrar um par de sapatos decente hoje em dia. — Eu o odeio, mas tudo bem. —

Murmuro.

Pego o vestido enquanto ele me olha como aço. Eu sei que ele não vai embora, então não me incomodo em pedir. Já perdi bastante poder de jogo hoje.

Deslizando para fora da cama, tiro os restos da minha camisola, em seguida, sacudo o vestido, tentando determinar como é. Parece ser cor de vinho, mas não posso ter certeza na escuridão. Tem peças brilhantes o suficiente para que eu possa dizer que é ostentoso.

Uma linha de botões está atrás do vestido e preciso fazer uma pausa para desabotoar cada um. Uma vez que a abertura está larga o suficiente, coloco o vestido. Eu o puxo para cima, sentindo o corpete frisado e a saia com babados que é cortado alto na frente e baixo nas costas. Fica um pouco solto, mas funciona bem o suficiente.

E de repente, tenho um flashback das minhas noites no bordel, usando vestidos apertados, pintando o rosto na frente da penteadeira.

Estou bonita novamente e na verdade, não gosto muito desse fato.

— Feliz? — Pergunto mal-humorada, virando-me para o cavaleiro.

— Mmm. — Ele faz um som evasivo.

— Você precisará abotoar para mim.

— Faça você mesma. — Ele responde.

— Não consigo alcançar os botões, senhor nunca-usei-a-porra-de-um-vestido-antes-e-não-tenho-nenhuma-ideia-de-como-um-realmente-funciona.

Ele me encara.

— Ou... eu não poderia usar. — Acrescento.

Depois de um momento, ele se aproxima de mim. — Onde estão?

— Os botões? — Pergunto. — Nas minhas costas... ao longo da minha espinha.

Fome joga sua adaga na cama, liberando suas mãos. Grosseiramente, ele agarra meu ombro bom e me vira para que minhas costas fiquem de frente para ele. Sinto o toque de seus dedos enquanto ele une o tecido. Desajeitadamente, o Ceifador tenta e tenta novamente fazer os pequenos botões cobertos de tecido passar pelas pequenas aberturas do tecido. Meu estômago fica tenso com seu toque e não posso deixar de sentir sua respiração enquanto ela agita o cabelo contra meu pescoço.

Não deveria reagir desta forma a ele, não quando ele literalmente me amarrou na cama.

Cento e vinte anos depois, o Ceifador termina de me abotoar. Eu puxo o cabelo que inadvertidamente ficou preso no vestido e me viro.

O cavaleiro já está saindo.

— Siga-me. — Ele chama por cima do ombro.

Hesito, meus olhos se movendo para a cama onde o Ceifador jogou sua lâmina apenas alguns minutos atrás. Por capricho, inclino-me sobre a cama e agarro a arma, enfiando-a em uma das minhas botas. Dias atrás, eu não era corajosa o suficiente para esconder uma faca em meu corpo, mas muita coisa mudou nesse tempo.

Dou alguns passos, certificando-me de não cortar meu tornozelo.

Eu realmente desafiarei a ira do cavaleiro fazendo isso?

Penso nas horas que passei amarrada à cama enquanto dezenas de pessoas morriam.

Sim, acho que farei isso.

Agora que a adaga está segura, caminho para fora do quarto.

No meio do corredor, Fome olha por cima do ombro. Acho que ele apenas quer ter certeza de que estou atrás dele, mas no momento em que me avista, dá um segundo olhar, tropeçando e parando.

Agora, isso é uma reação.

Ali no corredor, a luz das velas ilumina melhor minha roupa e Fome usa essa luz para me observar, começando pela barra do vestido, que na verdade é uma cor vermelha profunda, e movendo seu olhar para cima. Ele parece não saber o que o atingiu.

Levanto uma sobrancelha.

— Tem certeza que não gosta de sexo? — Pergunto. — Você está olhando para mim como se estivesse pensando nisso.

O cavaleiro afasta o olhar do meu corpo, encontrando meus olhos.

— Não estou olhando para você de forma alguma.

— Sim, está. Definitivamente parece que pode me comer. Eu sou muito boa em rapidinhas...

Fome rosna e.... rosna! Em resposta, para meu deleite.

— Chega disso, Ana. — Seu olhar vai para minhas botas emprestadas e sua expressão irritada se aprofunda.

— O quê? — Pergunto defensivamente. — Você me deu um vestido, não sapatos.

Ele olha para o céu e depois volta a andar mais uma vez.

— Vamos, flor.

— Você ainda não me disse para onde estamos indo. — Anteriormente, ele mencionou algum tipo de celebração, mas não ouvi nada sobre isso desde então. O vestido, no entanto, parece se adequar à ocasião.

Fome não responde e um estremecimento passa por mim. Quaisquer que sejam seus planos, não podem ser bons.

Lá fora, seu cavalo já está esperando por ele, junto com vários de seus homens. O fedor gorduroso de fumaça e corpos carbonizados é mais forte aqui e preciso engolir minha bile crescente.

Vários dos guardas olham para minhas pernas expostas. Um deles olha de minhas panturrilhas para meu rosto e levanto as sobrancelhas para ele.

Quer dizer, de verdade? Estamos literalmente respirando restos mortais e ele quer olhar para um par de pernas bem torneadas?

Que vergonha.

O Ceifador dá um passo na minha frente.

— Você quer um vestido também? — Ele pergunta ao ofensor.

Levanto minhas sobrancelhas. Presumi que o cavaleiro não tivesse notado esse tipo de interação não verbal.

Aparentemente, eu estava errada.

O homem gagueja alguma resposta.

— Não? — O cavaleiro interrompe. — Então pare de foder a garota com os olhos.

Com isso, o Ceifador me agarra pela cintura e me puxa para seu corcel. Um segundo depois, me segue e então estamos cavalgando para a escuridão.

Ainda estou processando essa pequena troca.

Olho por cima do ombro para Fome.

— Você sabe o que é foder com os olhos? — Eu tenho uma estranha vontade de rir.

O ceifador olha para mim.

— Eu não nasci ontem.

Olho para ele um pouco mais e então sorrio, meus lábios se abrindo.

— O quê? — Ele pergunta.

— Nada.

— O quê?

— Bem, se não soubesse melhor, diria que você está com ciúmes.

— Flor, eu não fico com ciúmes.

— Uh huh.

— Que tom é esse? — Ele exige.

— Que tom? — Pergunto inocente.

— Você não acredita em mim? — A voz de Fome se eleva com sua indignação e é música para meus ouvidos. Isso é do que sentia falta com o Ceifador. Posso jogar com um homem, mas com um cavaleiro... achei que estivesse fora do meu elemento, mas parece que eles também podem se comportar como homens.

— Não estou com ciúmes. — Insiste.

— Claro. — Digo, colocando uma mecha de cabelo escuro atrás da minha orelha.

— Porra, Ana. Pare de brincar com sua voz. Eu não estou com ciúmes.

— Não sou eu quem está ficando nervoso. — Digo, balançando meus pés para frente e para trás. Deus, estou gostando disso.

Fome solta um rosnado frustrado, mas não responde.

Eu sorrio pelo resto da viagem.

Capítulo Vinte e Três

Logo chegamos a um enorme armazém, algo feito de folhas de ferro, com pequenas janelas manchadas. É claramente uma estrutura de antes, quando grandes quantidades de mercadorias precisavam ser armazenadas e processadas.

Agora, no entanto, uma suave luz de velas brilha dentro, dezenas e dezenas de pessoas estão entrando no prédio. Pela aparência de seus trajes formais, os homens de Fome espalharam a notícia de que o cavaleiro estava dando algum tipo de celebração esta noite.

Não sei quantos residentes da cidade foram realmente tolos o suficiente para vir. Parece muitos, mas novamente, Registro é uma cidade grande; talvez esta seja apenas uma pequena parte de seus cidadãos. Espero que a grande maioria da cidade soubesse melhor do que cair nos truques deste cavaleiro. Espero que estejam fugindo agora, usando esse tempo para empacotar suas coisas e fugir.

Ainda assim, uma onda de náusea aparece com a visão de todas as pessoas que decidiram vir aqui esta noite, seja por curiosidade ou fé equivocada.

Nenhuma deles notou a fogueira acesa na nova propriedade de Fome ou o fato de que as pessoas que foram ver os cavaleiros não foram mais ouvidas desde então?

— O que você está planejando? — Pergunto ao Ceifador enquanto ele nos leva até a frente do prédio.

— Sempre com tanto medo de mim. — Ele reflete, puxando seu

cavalo para uma parada. — Talvez eu simplesmente queira me divertir como os humanos fazem.

Ele desce do seu corcel, sua foice nas costas. Olho para a lâmina curva; parece muito mais ameaçadora aqui, entre todas essas pessoas.

Fome se vira e me alcança.

— O que você fará com eles? — Sussurro.

— Isso não é para você se preocupar.

— Fome. — Eu digo, meus olhos implorando para ele.

Sua expressão é implacável.

— Desça.

— Não posso assistir mais derramamento de sangue. — Eu digo. — Não vou.

O cavaleiro me agarra rudemente então, me puxando de seu corcel. Estremeço um pouco quando meu ombro machucado é empurrado.

Ele me coloca no chão, mas ao invés de me deixar ir, se aproxima.

— Farei o que eu quiser, flor. — Diz suavemente.

E agora minha trepidação anterior floresce em pavor de corpo inteiro.

Fome me leva para o prédio, sua mão no meu ombro ileso. Avanço como um prisioneiro andando na prancha.

Nós entramos e as pessoas ao nosso redor saem do caminho.

Alguém tentou fazer o enorme depósito parecer menos com uma

velha pilha de metal corroído e mais com um salão de baile. Um pano brilhante foi colocado ao redor da sala e pendurado nas vigas. Lustres de madeira e ferro pendurados em vigas de metal, as velas já pingando cera.

Pratos de comida estavam espalhados ao longo das mesas, na sala e há bacias de água e enormes barris do que deve ser vinho ao lado de uma pirâmide de xícaras.

E do outro lado da sala, uma cadeira luxuosa foi colocada, é o único assento em todo o edifício, então é claramente destinada à Fome.

O cavaleiro nos guia nessa direção. Perto dali vários guardas vagam. O cavaleiro gesticula para eles e vários se aproximam.

— Pegue outra cadeira para mim. — O Ceifador exige.

Os olhos dos homens se voltam para mim e posso ver a confusão.

Por que ela recebe tratamento especial?

Sinto muito pessoal, gostaria de saber a resposta.

Eles correm para cumprir as ordens de Fome e em poucos minutos, outra cadeira é arrastada para dentro e colocada ao lado de Fome.

— Sente-se. — Diz o cavaleiro, soltando meu ombro.

Eu franzo a testa para ele, mas sento-me.

O Ceifador se move para sua própria cadeira, removendo a foice de suas costas antes de se sentar. Ele pousa a arma nas pernas, recostando-se.

— Por que você está fazendo isso? — Pergunto, olhando para o mar de pessoas que estão rapidamente enchendo a sala. Eles se mantêm nas bordas, formando grupos nervosos. Algumas almas corajosas ousaram servir-se de comida, mas a maioria das pessoas parece ser da opinião de que é melhor deixar a comida como está.

Tolos! Quero gritar com eles. Por que ficaram quando poderiam ter fugido? O cavaleiro não terá pena de vocês. Ele não sabe o que é pena.

Fome levanta uma sobrancelha para mim.

— Achei que você gostaria que fizesse algo mais humano. Vocês, mortais, não adoram festas?

Essa resposta apenas faz meu coração bater mais forte.

— Olha. — Diz ele, apontando para as mesas cheias de aperitivos e bebidas. — Sequer destruí a comida.

Ainda.

Nós dois sabemos que ele o fará. Ele sempre faz.

Seja o que for, é mais um dos truques cruéis de Fome.

Uma banda começa a tocar samba e é uma combinação horrível, essa música alegre com os rostos assustados dos cidadãos de Registro.

Sento-me na cadeira, começando a me contorcer quanto mais tempo nada acontece.

Pessoas; mães, pais, amigos, vizinhos, todos estão começando a relaxar. Lentamente, o barulho na sala aumenta conforme as pessoas conversam.

Sem aviso, o Ceifador agarra sua foice e se levanta do trono, sua armadura de bronze brilhando à luz das velas.

E de repente silêncio. Eu nunca vi uma multidão ficar quieta tão rapidamente.

Ele levanta os braços.

— Comam, dancem, divirtam-se. — Diz o cavaleiro, olhando para eles.

E se Fome pensou que suas palavras de alguma forma começariam a noite, ele pensou errado.

Ninguém se move. Pessoas antes estavam comendo, alguns estavam até mesmo dançando, mas agora ninguém se mexe um centímetro. Até a música parou. Na verdade, acho que o cavaleiro lembrou a todos que esta celebração é um pouco surreal demais para ser confiável.

Fome recosta-se em seu assento, segurando sua arma como um cetro, uma careta no rosto. Quanto mais as pessoas ficam presas no lugar, mais irritada fica a expressão dele.

— Malditos. — Ele finalmente diz, batendo a base de sua foice no chão de concreto rachado. — Comam! Sejam felizes! Dancem!

Assustadas, as pessoas começam a se mover, algumas se arrastando em direção às mesas de comida, outras se arrastando em direção ao espaço aberto em frente à banda. Posso ver o branco dos olhos de algumas pessoas.

Ainda está silencioso, então o Ceifador aponta sua arma para os músicos.

— Seus inúteis sacos de carne, façam o seu trabalho.

Eles se atrapalham, algumas notas discordantes saindo de seus instrumentos enquanto tentam fazer música. Assim que começam a tocar uma música, as pessoas vão para a pista de dança, começando a dançar de forma rígida.

Meu estômago aperta com a visão e minha pele parece úmida, como se fosse pega fazendo algo que não deveria.

O cavaleiro olha para todos eles, um olhar sombrio em seu rosto. Isso, mais do que tudo, me deixa nervosa. A maneira como Fome os encara... como uma pantera avaliando sua presa.

E de repente, o cavaleiro se vira para mim, meu coração pula uma batida com o olhar predatório em seus olhos.

— Bem? — Ele diz.

— Bem o quê? — Pergunto.

— Eu estava me referindo a você também. Dance. — Ele acena para o espaço à nossa frente.

Nessa zombaria de festa? Acho que não.

— Com quem? — Pergunto. — Você? — Eu rio, embora o som soe falso. — Eu não irei sozinha. Dançar é para casais.

Realmente não acredito nisso, mas o pensamento de dançar agora me deixa vagamente doente.

Fome arqueia uma sobrancelha, um sorriso lento e perverso se espalhando por seu rosto. Em vez de me responder, estende a mão.

Olho para sua mão, então para ele novamente.

— O que você está fazendo?

— Você queria um parceiro. — Ele diz devagar, como se eu fosse a idiota da cidade.

— Você não pode estar falando sério.

O cavaleiro se levanta, prendendo a arma nas costas mais uma vez. Ele se move na minha frente e estende a mão mais uma vez.

Puta merda. Ele está falando sério.

Olho para aquela mão. A parte mesquinha de mim quer dizer não, apenas para desfrutar de humilhar o Ceifador por alguns segundos, mas a parte racional e assustada sabe que zombar desse homem não acabará bem para mim.

Então pego sua mão.

Deve ser mais um truque do cavaleiro. Mas então ele me leva para a pista de dança, onde dezenas de pessoas estão dançando rigidamente. Eles nos dão um amplo espaço.

— Você sabe dançar? — Pergunto.

Em resposta, Fome me puxa para ele, colocando a mão na minha cintura. A outra aperta minha mão.

— Você age como se essas suas atividades humanas irrelevantes fossem de alguma forma difíceis. — Enquanto o cavaleiro fala, ele começa a me conduzir em uma dança. Não é nada formal ou estruturado, mas seus movimentos têm um fluxo especializado. Ele se move como um rio sobre as rochas e novamente me lembro de sua alteridade.

Hesitante, sigo a liderança do Ceifador. Não sei onde colocar minha mão livre. Então a coloco sobre um ombro coberto de armadura.

Por alguns minutos, simplesmente olho para os meus pés, tentando descobrir os passos. Mas quanto mais olho para minhas botas, mais me distraio com o cabo escuro da adaga de Fome.

— Não desaparecerão. — Diz Fome, sua voz altiva.

Eu pulo, sentindo que fui pega em flagrante. Olho para o cavaleiro com os olhos arregalados.

— Seus pés. — Ele esclarece.

Olho em seus olhos verdes luminosos. A luz das velas os faz brilhar como pedras preciosas.

— Isso é ridículo. — Murmuro, principalmente para afastar minha mente do fato de que a luz da vela está fazendo mais do que apenas refletir em seus olhos. Cada plano agradável de seu rosto é destacado pela luz, seu cabelo caramelo brilha quase tão intensamente quanto sua armadura.

— Este é o seu mundo e seus costumes. — Diz ele. — Estou apenas cedendo a eles.

Agora mesmo, devo dar uma réplica astuta ou desviar o olhar e me desligar. Não faço nem um. Estou presa sob o olhar fascinante dele.

A maneira intensa como Fome está me olhando me faz sentir como se houvesse um raio em minhas veias. E não posso deixar de notar que apesar da curva cruel de seus lábios, o Ceifador é

inimaginavelmente bonito.

Finalmente, afasto os olhos, olhando para todos e tudo o mais, exceto ele.

— Desconfortável? — Ele pergunta, apertando minha mão.

— Um pouco. — Admito.

— Bom. Isso significa que você não esqueceu o que eu sou.

Pressiono meus lábios. Ele acha que é por isso que estou desconfortável? Ah se ao menos ele percebesse que, apesar do quão horrível é, eu ainda estaria disposta a fodê-lo. E não pelo bem da humanidade. Olhar para ele me faz esquecer que pessoa de merda ele é.

Seu olhar permanece em mim enquanto nos movemos e luto para ignorá-lo. Ajuda que a cada poucos segundos acidentalmente pise nos pés de Fome. Isso é perturbador o suficiente para ignorar seu olhar.

— Alguém já disse que você é uma merda em dança? — Ele pergunta, chamando minha atenção de volta.

— Sempre posso contar com você para um elogio. — Digo sarcasticamente.

— Por que você é tão terrível nisso? — Fome pergunta, curioso.

— Fui paga para foder as pessoas, não para lhes ensinar a dançar.

A música termina e puxo minhas mãos de volta. O Ceifador, no entanto, é mais lento para me soltar, sua mão demorando na minha cintura.

Seus dedos pressionam e ele me puxa em sua direção.

— Fique perto. — Ele sussurra em meu ouvido.

Estreito meus olhos para ele.

— Por que?

O canto de sua boca se curva para cima. Depois de um momento, seu olhar se levanta, absorvendo o resto do salão. E assim, meu pulso começa a acelerar.

Ele passa por mim, voltando para sua cadeira e eu fico na pista de dança, o olhando.

— O que ele tem sobre você? — Uma voz masculina pergunta.

Quase pulo com o som. Olho para o homem que se aproximou do meu lado. É um dos guardas de Fome, acho que pode ser o mesmo que estava olhando para minhas pernas antes.

— O que? — Pergunto, confusa.

— O que ele tem sobre você? — O homem repete. — Ou você está com ele por escolha?

Eu o observo.

— Por que você se importa? — Pergunto.

O homem levanta um ombro em resposta, seu olhar passando rapidamente pelo meu rosto. Ele mostra interesse demais por mim.

Eu me afasto dele.

O Ceifador está recostado em sua cadeira, uma perna jogada sobre o joelho, seus dedos tamborilando ao longo do braço. Sua agitação está de volta. O cavaleiro encara o salão cheio de gente como se estivesse enjoado. Não parece importar que ele os forçou estarem

ali ou que muitos deles pareçam preocupados.

Meu coração está acelerado e minha respiração também. Estou perfeitamente ciente da adaga em minha bota.

Perto de mim, o guarda de Fome permanece, como se tivesse mais a dizer, mas precisava recuperar minha atenção.

Eu me viro para ele.

— O que você ainda está fazendo perto de mim?

Ugh, pareço o Ceifador. Aquele desgraçado infernal está me influenciando.

O guarda abre a boca, sua expressão fica entre a ira e a defensiva.

— Chega. — Diz Fome, interrompendo-nos. Sua voz explode pelo salão.

A música para e as pessoas encerram a conversa. No silêncio, os pelos dos meus braços se arrepiam.

Finalmente, o guarda se afasta de mim, embora pareça relutante em fazê-lo, assumindo um posto perto de uma das portas.

Eu olho para Fome, que ainda está sentado em sua cadeira, sua foice na mão. Aquela sensação horrível na boca do estômago está de volta.

— Chega dessa farsa. — Ele diz mais baixo agora, sua voz aveludada e sinistra. — Todos vocês sabem quem eu sou. Todos vocês procuram me aplacar. Mas vejo o excesso, reconheço a fome e a ganância que move todos vocês. Isso me enoja.

Erguendo sua foice, ele bate sua base contra o chão.

Sob nossos pés, o piso de concreto racha, fissuras se abrindo ao longo de sua superfície, cada uma saindo do Ceifador como os raios de sol.

As pessoas soltam gritos de surpresa e muitos começam a correr em direção às portas, mas os guardas de Fome estão bloqueando as saídas.

O cavaleiro sorri.

É aquele sorriso que aumenta meu medo.

Pare ele!

Meu coração parece que está na garganta quando eu pego minha adaga. Corto minha perna enquanto a retiro da bota, mas a dor mal é registrada por causa do zumbido em meus ouvidos.

Detenha-o antes que seja tarde demais.

Eu avanço, me aproximando de Fome. Seus olhos viram para mim, mas sua mente está claramente em outro lugar.

Pare ele. Agora.

Eu me aproximo do cavaleiro e bato minha faca na mão abaixada de Fome com toda a força que consigo reunir. Corta carne e músculo, a lâmina prendendo o cavaleiro à cadeira.

Imediatamente, a terra para de tremer e as fissuras param.

Fome segura a respiração enquanto eu cambaleio para longe. Ele move sua atenção para a ferida. Não consigo ouvir nada além da minha própria respiração irregular enquanto espero que ele reaja.

Após vários segundos, os olhos do Ceifador se erguem,

encontrando os meus. Espero ver raiva neles; em vez disso, vejo traição.

— Isso foi um erro. — Ele diz suavemente.

Sob mim, o chão se abre mais uma vez e uma coisa afiada com vinhas surge das profundezas. Mal tenho tempo para registrar que sua ira agora está focada em mim antes que a planta me envolva, apertando e apertando.

Desesperadamente, tento me libertar da planta, mas o movimento apenas parece torná-la mais firme. Espinhos florescem ao longo das vinhas, me cutucando em lugares diferentes.

Com a visão, alguém grita e então parece que todos estão gritando. As pessoas começam a debandar mais uma vez, movendo-se o mais rápido que podem para as saídas.

O Ceifador coloca sua foice no colo, então alcança a adaga com a qual foi empalado. Calmamente, Fome puxa a lâmina de sua mão, me lançando um olhar pensativo enquanto a joga de lado.

— Ninguém vai a lugar algum. — Ele diz casualmente. Novamente, sua voz parece carregar o caos crescente.

Sombras espessas e espinhosas sobem além das janelas, crescendo e crescendo como espectros avultados. Alguém em sua tentativa desesperada de escapar quebra uma das janelas na frente dessas sombras e apenas então eu percebo que o que estou vendo lá fora são arbustos, arbustos que se tornaram tão densos e altos que efetivamente bloqueiam as saídas.

Lá fora, o céu pisca, iluminando essas plantas. Um instante

depois, um trovão explode acima.

Fome se ergue, agarrando sua foice e girando-a na mão como se estivesse se familiarizando com seu peso. Sua armadura de bronze cintila e brilha sob a luz das velas enquanto ele se move.

— Vamos. — Diz ele para o salão em pânico. — A festa está apenas começando.

A terra estremece novamente e o chão quase se desintegra. Dezenas e dezenas de plantas surgem das profundezas, prendendo pessoa após pessoa, até que todo o salão de baile parece uma espécie de selva devastadora. Os gritos são quase ensurdecedores enquanto as pessoas lutam inutilmente para sair.

Eu me esforço contra minha própria planta que me prende com força, os espinhos cravando em minha pele.

— Pare! — Eu imploro ao cavaleiro.

Fome olha para mim, com um brilho de raiva em seus olhos.

— Lidarei com você mais tarde.

Ele enfrenta a multidão de convidados presos, sua atenção provocando outra rodada de gritos petrificados. Tudo sobre Fome neste momento é ameaçador, seu corpo, sua arma, sua expressão.

Lá fora, os relâmpagos continuam e os trovões explodem. Em segundos, a chuva começa a tamborilar no telhado de ferro, ficando mais alta a cada segundo.

Lentamente, o cavaleiro avança, caminhando em direção a um homem grande com papadas pesadas que está preso a uma árvore atarracada. Eu vejo o homem lutar para fugir, mas é inútil.

O cavaleiro agarra o rosto do homem, seus dedos cravando-se em suas bochechas.

— Você quer que eu pare? — O Ceifador pergunta. Mal posso ouvi-lo por causa da chuva forte, dos gritos e soluços ecoando pelo salão.

O homem acena vigorosamente.

Fome o observa.

— Hmmm... e o que você estaria disposto a fazer para me impedir? — Ele pergunta.

O homem se contorce sob seu olhar.

— Farei qualquer coisa.

— Agora? — Fome diz. O Ceifador olha para mim e arqueia uma sobrancelha, como se isso fosse alguma piada interna.

— Você tem certeza sobre isso? — O Ceifador pressiona, sua atenção voltando para a vítima.

O homem está visivelmente suando, mas consegue acenar com a cabeça.

— Tudo bem. — Diz Fome. — Eu pararei.

O homem parece aliviado.

— Mas...

Eu fico tensa. Aí está, a oferta farpada que espero do cavaleiro.

— Bem, se quiser que eu salve todas essas pessoas. — Diz Fome. — Eu preciso de algo de você.

Fome pode ser uma criatura divina, mas agora parece o diabo das histórias.

— Qualquer coisa. — Seu prisioneiro diz novamente.

— Sua vida pela deles. — Diz o Ceifador.

Minha boca fica seca. O cavaleiro gosta de fazer isso, testar os limites de nossa humanidade, tudo para que ele possa provar alguma coisa sobre como os humanos são uma merda.

O homem faz uma pausa. Há terror em seus olhos. Seu olhar percorre as outras pessoas que estão igualmente presas nas garras das plantas letais de Fome.

Antes que o homem possa responder, a árvore que o segura agora o liberta. Ele tropeça para frente, mal conseguindo se segurar antes de cair.

— Bem? — O Ceifador diz. — Fique de joelhos, então. — Enquanto ele fala, Fome gira sua foice novamente, a lâmina brilhando à luz das velas.

O homem está visivelmente tremendo, seus olhos fixos na lâmina do Ceifador. Ele não se ajoelha. Fome dá um passo em sua direção e o homem foge, indo em direção à porta protegida.

— Como eu pensava.

Em seis passos rápidos, o cavaleiro está em cima dele. O Ceifador balança sua foice poderosa e com um golpe certeiro ele decapita o homem.

O salão irrompe em uma nova onda de gritos, estes mais altos e mais desesperados do que nunca.

Minha náusea aumenta quando a cabeça do homem atinge o chão com um baque molhado e quase vomito ao ver sua boca se abrindo e fechando em choque.

Há sangue por toda parte e o salão se enche de gritos agudos de todos os outros humanos presos.

— Todos vocês tiveram uma chance de redenção. — Anuncia Fome, seu olhar sobre eles. — Mas sua vontade é fraca.

O Ceifador se afasta do corpo, em direção a outra pessoa, esta uma mulher.

Ela abre a boca.

— Não...

Seu apelo é interrompido. Fome balança sua foice, separando a cabeça da mulher de seus ombros. O sangue jorra quando o corpo desmorona na planta que a contém.

Meus gritos agora se juntam aos outros.

O cavaleiro adora o gosto da morte.

Fome passa para a próxima pessoa e então a próxima e a próxima, aquela arma terrível cortando cada um. Impiedosamente ele executa os habitantes da cidade presos, até o chão brilhar com sangue. Aquelas que ele não alcança são lentamente apertadas mais e mais forte pelas árvores e arbustos até que eu ouço o estalo de ossos.

E agora os gritos não são apenas aterrorizados, são agonizantes.

Em algum momento, minha voz fica rouca de tanto gritar e preciso fechar os olhos para evitar a carnificina. É tudo tão

excessivamente cruel.

A planta que me enjaulou ficou desconfortavelmente apertada, mas ao contrário de algumas pessoas no salão, ela não quebrou nenhum osso ou esmagou meus pulmões.

Parece que uma eternidade se passa antes que o armazém fique em silêncio. O único barulho que resta é o tamborilar forte da chuva e meus soluços. Mesmo assim, mantenho meus olhos fechados.

Ouço o baque molhado das botas de Fome enquanto ele caminha através do sangue em minha direção. Um gemido sai dos meus lábios e uma lágrima escorre pela minha bochecha.

— Abra os olhos, Ana.

Balanço a cabeça.

A planta que está me segurando se solta. Estou presa nela há tanto tempo que minhas pernas sem sangue se dobram, fracas demais para me manter de pé. Antes de atingir o solo, o Ceifador me pega.

Agora abro meus olhos e vejo seus olhos tempestuosos. Atrás de sua cabeça, a foice impiedosa, presa às suas costas mais uma vez.

Posso sentir o cheiro de sangue nele e posso sentir a pressão molhada de suas mãos em meu corpo.

Outra lágrima de medo escorre. Pensei que fosse corajosa, esfaqueando sua mão antes. Tolamente pensei que se o machucasse, eu poderia realmente ser capaz de direcionar sua raiva para longe dessas pessoas e para mim.

Em vez disso, apenas inflamei sua fúria.

— Você é o melhor da humanidade que já vi até agora. — A voz de Fome é sedosa. — E devo dizer que não estou muito impressionado.

Com isso, ele me pega em seus braços e começa a caminhar para a porta, chutando a cabeça estranha do seu caminho enquanto o faz. A bile sobe pela minha garganta mais uma vez.

— Coloque-me no chão. — Digo, com um tremor na voz.

— Então você poderá me apunhalar novamente? — Ele solta uma risada. Posso ouvir o barulho suave de suas botas enquanto elas passam por poças de sangue. — Acho que não.

As únicas pessoas que ficaram de pé são os homens de Fome. Eles olham estoicamente para a carnificina, mas por dentro devem estar surtando. Eu sei que estou pirando e já vi isso muitas vezes antes.

— Por que você é assim? — Sussurro olhando para sua mandíbula salpicada de sangue.

Mau. Violento.

A linha da mandíbula parece endurecer quando ele me olha. — Por que você é assim? — Ele retruca. — Apunhalou minha mão.

— Então você matou o salão inteiro por causa disso?

— Eu ia matá-los de qualquer maneira. — Enquanto ele caminha, as árvores e arbustos se abrem, formando uma espécie de passagem para nós.

— Como você pode ser uma coisa celestial? — Pergunto enquanto saímos do prédio. Lá fora, a chuva está caindo forte, me ensopando em segundos. — Você confunde compaixão com violência e

misericórdia, com traição. — Mais lágrimas escorrem. — E se há uma coisa na minha vida que eu lamento, é ter salvado você. E se pudesse voltar atrás e desfazer tudo, eu o faria.

— Você escolheria não me ajudar? — Fome diz, olhando para mim, a chuva escorrendo de seu rosto. Apenas pelo seu tom e pelo olhar em seus olhos, eu sei que bati em algo sensível.

— Depois do que você fez? — Eu digo. — Em um instante.

— Depois do que eu fiz? — Um músculo na bochecha de Fome pulsa e a chuva parece cair mais forte. — Esta não é uma guerra que comecei, é apenas aquela que estou terminando.

Olho para ele, meu cabelo escuro grudado em minhas bochechas.

— O que você está fazendo não terminará nenhuma guerra, é apenas o mal pelo bem do mal.

Acima, o céu pisca e por um instante, o rosto de Fome parece desumanamente severo.

— Como você ousa me julgar... você, que não é nada. — O Ceifador diz, parando. — Nada além de pós de estrelas consciente de si mesma. Em cem anos, você suas crenças mesquinhas terão desaparecido, sua lembrança será lançada na terra e tudo o que fez será espalhado pelos ventos. E eu ainda existirei como sempre existi.

— Deveria ficar incomodada com isso? — Pergunto. — Que em cem anos você ainda existirá como uma coisa sem alma e purulenta, enquanto pela primeira vez na minha vida descansarei um pouco?

Fome me lança um olhar irritado. Um segundo depois, ele me levanta e por um instante, acho que me matará como fez com todos os

outros. Mas então percebo que seu cavalo está bem atrás de mim, se misturando à noite escura.

Ele me coloca com força na sela e mal consigo me ajustar enquanto Fome me segue, seu corpo pressionando o meu.

Agarrando as rédeas, ele estala a língua e seu cavalo dispara.

A chuva e o vento batem em meu rosto, mas quase não sinto. Estou dormente. Talvez seja por isso que não percebo imediatamente que Fome está cortando os campos em vez de pegar a estrada principal. As plantações crescem ao nosso redor como fantasmas na escuridão.

O céu pisca, iluminando o mundo. Por um instante, posso ver claramente os talos de cana-de-açúcar ao nosso redor, mas, quando olho para eles, começam a murchar, suas folhas parecendo garras compridas e onduladas me alcançando.

O céu pisca de novo e de novo, um trovão parece encher todo o céu. A chuva cai como sangue de uma artéria.

É uma viagem de pesadelo, que apenas piora com a presença sombria e proibitiva do Ceifador nas minhas costas.

Estremeço quando vejo nossa casa ao longe, iluminada por velas. Estamos voltando e é uma sensação terrível, sobreviver a toda essa morte, como se tivesse perdido o barco para a vida após a morte e tudo o que me resta é definhar ali.

O cavaleiro quase nos leva para dentro de casa antes de parar o cavalo. Alguns guardas vagam pela propriedade, mas agora que chegamos, eles começam a se aproximar. Devem ver algo na

expressão da Fome, porque param a vários metros, não ousando se aproximar.

O Ceifador desmonta e antes que possa me mover, ele estende a mão e me puxa de seu cavalo também.

Eu o olho.

— Posso sair sozinha.

— Pode agora? Isso é novidade para mim. Está sempre insistindo em tirar o melhor proveito.

Espere, isso foi uma piada sexual?

Não tenho mais do que um momento para processar isso antes que Fome me arraste pelo pulso para dentro de casa, me levando de volta ao quarto em que estive amarrada o dia todo.

Naturalmente, luto contra seu aperto, tentando puxar meu pulso; o que não detém o cavaleiro. Na verdade, tenho a impressão de que ele quer uma luta.

Quando chegamos ao quarto, ele praticamente me joga para dentro e eu tropeço para frente antes de me virar.

Bem, se ele quiser uma porra de luta, eu lhe darei uma. Já estou fantasiando sobre enfiar essas botas enormes em suas bolas.

Ele me segue pelo quarto, seu corpo pingando água da chuva. Eu também estou encharcada, a água deslizando pelas minhas pernas.

— Bem? — Eu digo com raiva. — Por que você não vai embora?

O Ceifador franze a testa para mim, parecendo prestes a dizer algo. Em vez disso, ele volta para a porta e a fecha com o salto da bota.

Então se vira, desembainhando sua foice e jogando-a na cama.

— Vou embora quando quiser. — Diz ele.

A raiva faz meu rosto ficar vermelho.

— Saia.

Ele segue em frente, ignorando minhas palavras completamente.

— Você me olha como se eu fosse um monstro, mas não sou aquele que passou anos infligindo tortura a um prisioneiro indefeso. Os horrores que suportei...

— Você acha que não conheço a dor? — Pergunto. Minha voz sai mais alta e com mais raiva do que pretendo. — Perdi meus pais quando eu era adolescente, minha tia abusou de mim e meus primos não fizeram nada para impedi-la, mas isso não me impediu de chorar por todos eles quando você matou minha cidade inteira. E então, sem nada, tive que me defender sozinha e me considero sortuda por aquela cafetina ter me encontrado. Eu tinha dezessete anos quando comecei a vender meu corpo. Dezessete. Ainda apenas um adolescente.

Dou um passo à frente enquanto falo, diminuindo a distância entre nós.

— Você acha que não conheço a dor? Degradação? Poderia ficar sentada aqui a noite toda contando a você sobre os horrores que suportei, os clientes que me bateram, que me estupraram, que me disseram que eu era inútil enquanto me usavam. Apenas porque isso não me quebrou completamente, não significa que não entendo todas as maneiras pelas quais podemos nos machucar. Portanto, não aja

como se você tivesse inventado a dor. É um insulto para o restante de nós.

Quanto mais eu falo, mais a raiva de Fome parece desaparecer de seu rosto. Quando eu termino, meu peito está arfando com as emoções, lágrimas de raiva ardendo meus olhos, sua expressão é quase suave.

Você também sentiu, seu rosto parece dizer. O horror do sofrimento. Ele parece confortado e estranhamente devastado por isso.

— Vê? — Ele diz baixinho. — Veja como sua espécie é terrível, eles machucam seus filhos. Diga-me que não tenho justificativa para matar todos eles.

Lanço um longo olhar para ele.

— Você não tem justificativa para matar todos nós.

Ele dá um passo à frente, sua armadura roçando meu peito.

— E o que você acha que que é uma justificativa, florzinha?

— Deixe-nos em paz. E se somos horríveis e estamos condenados a morrer, nos mataremos. E se não formos, não o faremos. — Enquanto falo, uma das minhas lágrimas de raiva escorre. Esperançosamente a última. Cansei de chorar na frente desse homem.

O Ceifador levanta a mão. Ele faz uma pausa por um momento, olhando para aquela lágrima, então a enxuga.

Eu não sei o que fazer com esta situação ou com ele. Há menos de duas horas, ele matou horrivelmente um armazém inteiro cheio de pessoas. Amanhã ele provavelmente acabará com o restante da cidade. Por que se incomoda em ser gentil comigo? Qual é o ponto?

Fome ainda está perto demais e por um momento, seu olhar cai para os meus lábios. É um choque ver o desejo óbvio em seus olhos.

Eu conheço esse olhar.

Mas quando acho que ele pode agir sobre quaisquer pensamentos acalorados que estejam passando por sua cabeça, ele pega minha mão e me leva para fora do quarto e para a sala de estar, onde um grande fogo ruge na lareira. Ele nos leva até lá.

— Sente-se. — Ele diz.

Eu faço uma careta, mas obedeço.

O Ceifador libera minha mão, indo para cozinha mal iluminada. Ele fica longe tempo suficiente para eu voltar minha atenção para o fogo. Torço meu cabelo, espremendo a água dos cachos.

Ainda estou encharcada, mas o fogo mais do que compensa o leve frio.

Fome retorna com um jarro, uma bacia e um pano. Ele para ao meu lado e coloca os itens no chão.

— O que você está fazendo? — Pergunto.

— Você está ferida.

Na verdade, tenho dezenas de pequenos cortes da planta nojenta em que fiquei presa. E há meu ombro machucado.

— Por que você se importa? — Pergunto.

— Eu não sei. — Ele franze a testa enquanto fala.

O Ceifador despeja a água do jarro na bacia e mergulha o pano. Então, pegando meu braço, ele começa a limpar minhas feridas,

passando a toalha sobre as pequenas marcas de punção sangrando que pontilham minha pele.

Isto é ridículo.

Tento retirar minha mão, mas o cavaleiro a segura com força, recusando-se a parar e o fico olhando trabalhar.

Metodicamente, ele limpa um dos meus braços, depois o outro, sendo extremamente diligente com o ferimento no ombro. Então passa para o meu pescoço e peito. Enquanto faz isso, vejo sua mão ferida. O machucado ainda está aberto, sangrando, mas ele não fez menção a isso e não dá nenhuma indicação de que dói. Mas deve. Eu sei que ele sente dor.

Sinto um sussurro de vergonha. Até este monstro sente mais remorso pelo que fez a mim do que eu pelo que fiz a ele.

Você não matou centenas de milhares de pessoas.

Há isso.

Fome para, tirando sua armadura. Por baixo do metal, sua camisa molhada está colada ao peito. Depois de um momento, ele a tira também.

Estremeço ao vê-lo. Pela primeira vez em cinco anos, vejo sua pele nua e as estranhas tatuagens verdes brilhantes gravadas nela.

Linhas e linhas serpenteiam ao redor de seus pulsos como algemas e mais fileiras delas caem sobre seus ombros e ao redor de seus peitorais, dando às marcas a aparência de um colar folheado pesado.

Os símbolos parecem escritas, mas não estão escritas em nenhum

idioma que vi antes. Fome recomeça a limpar minhas feridas e continuo olhando para seu peito. Antes, achava que Fome parecia um príncipe mítico. Agora ele se parece muito mais com a criatura arcaica de outro mundo que é.

— Inniv jataxiva evawa paruv Eziel. — Diz ele.

Minha respiração para por um momento enquanto as palavras passam por mim, causando arrepios.

— A mão de Deus é pesada. — Ele traduz. Seus olhos se voltam para os meus. — Você estava se perguntando o que dizem, não é?

Aceno, minhas sobrancelhas se juntando.

— Que língua...

— A que Deus fala.

Eu paro, olhando para as palavras um pouco mais.

— Pegarei suas safras e as jogarei fora, para que nada cresça. — Fome continua sem minha orientação. — E muitos terão fome e muitos perecerão. Pois essa é a vontade de Deus.

Aí está, a prova de que tudo deveria acontecer.

Fica em silêncio por um longo tempo. Então, mais suave, Fome diz:

— Sempre fui destinado a ser o cruel. — Seus olhos se voltam para mim e pela primeira vez, há algo mais que raiva naquela íris verde assustadora. — Peste, com todas suas doenças, sempre foi perversamente atraído pelos humanos. E Guerra foi criado a partir dos desejos humanos. Terríveis como meus irmãos são, eu sou pior.

Depois de tudo que vi o Ceifador fazer, acredito nele. No entanto, se você tivesse me perguntado qual dos quatro irmãos era o mais terrível, eu não teria colocado Fome no topo da lista.

— Como você pode ser pior do que Peste e Guerra? — Pergunto.

Ele termina de limpar minhas feridas e deixa o pano de lado. Sentando-se de cócoras, ele passa os braços sobre os joelhos.

— Antes de sua espécie construir edifícios sofisticados e criar tecnologia que rivalizasse com Deus... antes disso, eu existia.

Já ouvi muitas histórias dos dias que antecederam os cavaleiros. Mas não ouvi muito sobre o mundo antes disso. O passado profundo a que ele está aludindo.

— Os humanos oravam por mim, se sacrificavam por mim, matavam e morriam por mim. — Os olhos de Fome brilham muito enquanto fala; ele não parece são. — Eles entregavam suas vidas a mim para que eu pudesse poupar sua espécie.

Suas palavras me fazem pensar no homem desta noite, aquele que foi convidado a morrer pelo restante de nós. Ele não foi capaz de fazer isso, mas Fome faz parecer que outros o fizeram antes.

— E você? — Pergunto. — Você os poupou?

Ele levanta um ombro.

— Às vezes.

Às vezes é melhor do que nunca, o que é seu histórico atual. Mas eu entendo. Este cavaleiro sempre foi implacável e sem consciência. Ou talvez pensar nele assim o esteja forçando a se encaixar em algum modelo humano quando está me dizendo que às vezes a fome

simplesmente é natural. O bem e o mau não têm nada a ver com isso.

— Sou mais velho do que muitas das montanhas pelas quais passamos. — Diz ele. — Eu vi o mundo antes que os humanos o tocassem.

E ele verá o mundo depois que os humanos o deixarem.

— E Morte? — Pergunto, mudando um pouco de assunto.

— O que tem ele? — O Ceifador pergunta.

— Você mencionou ser pior que Peste e a Guerra. — Digo. — Mas e a Morte?

Fome prende meu olhar por um longo minuto, então me dá um leve aceno de cabeça, como se estivesse concedendo um ponto para mim.

— Nada é pior do que ele.

Capítulo Vinte e Quatro

Partimos no dia seguinte, muito depois dos homens de Fome já terem saído.

Eu uso o tempo extra para encontrar uma roupa melhor, um jeans que realmente sirva (o manterei para sempre) e uma camisa preta. Até tenho tempo de fazer um bule de café. Cantarolo enquanto aqueço a água no fogão.

— Você parece inadequadamente feliz.

Eu grito, girando e segurando meu peito enquanto Fome entra na cozinha, com sua balança na mão.

— Oh meu Deus, avise a uma garota. — Digo encostando-me no fogão por uma fração de segundo antes que o metal quente me faça afastar.

— É isso que você diz a todos os seus clientes? — Fome pergunta, colocando a balança na mesa.

Estreito meus olhos para ele.

— Isso é outra piada de sexo?

O canto de sua boca se curva.

Olho com curiosidade.

— Pensei...

Pensei que Fome não fazia sexo. Claro, você não precisa transar com um humano para zombar do ato.

Ao invés de terminar minha pergunta, meu olhar se move sobre o rosto do Ceifador. No momento, ele me desestabiliza, principalmente porque parece tão... não horrível. Realmente não sei o que fazer com isso, assim como realmente não sei o que fazer com sua gentileza da noite anterior.

Meu olhar vai para a balança na mesa. Ao contrário de sua armadura e foice, os dois pratos de metal parecem velhos e gastos.

— Por que você nunca os mantém fora? — Pergunto. Desde que comecei a viajar com o cavaleiro, apenas a vi algumas vezes.

— Eu as tirei agora.

Eu o olho.

— Você sabe o que quero dizer.

Ele olha para a balança, considerando-as.

— Talvez eu me importe mais com a morte do que com justiça.

— É para isso que servem? — Pergunto. — Justiça? — Presumi que fossem para pesar merda.

Ele aponta o queixo para o fogão atrás de mim. — Sua água está fervendo.

Eu volto para a panela, xingando baixinho. Sinto-me perturbada, desequilibrada e a culpa é de Fome.

— Beba seu café. — O Ceifador diz nas minhas costas. — Sairemos em breve.

Ele começa a se afastar, então faz uma pausa.

— Oh. — Diz ele por cima do ombro. — E enquanto estiver nisso,

me sirva uma xícara.

Ao longo de nossa viagem, fico olhando por cima do ombro para Fome.

— O quê? — Ele finalmente pergunta, seu olhar se fixando em mim.

Balanço a cabeça.

Ele suspira.

— O que quer que esteja em sua mente, é só dizer.

— Você está diferente hoje.

Ele arqueia uma sobrancelha, seus olhos verdes brilhando.

— Diferente como?

— Eu não sei. — Murmuro, observando seu rosto como se ele contivesse as respostas. — Isso é o que estou tentando descobrir.

Poderia ter sido simplesmente o que eu disse na noite anterior? Fome abriu uma exceção para mim desde que nos reunimos, mas quando expliquei um pouco sobre meu passado conturbado, sua atitude mudou e permaneceu.

E agora ele tem agido... não mais agradável necessariamente, mas eu não sei, mais compreensível talvez?

Passamos o dia todo viajando. Muito depois do sol se pôr, ainda estamos na sela. Quando tenho certeza de que Fome me fará dormir em seu cavalo novamente, ele sai da estrada.

— O que você está fazendo? — Bocejo.

— Encontrando um lugar para você descansar. — Ele não parece particularmente satisfeito com isso.

Meu estômago revira com isso.

— Eu não quero parar. — Não se isso significar que Fome pode matar outra pessoa.

— Não seja ridícula. — Diz ele. — Eu sei que você está cansada.

— Estou bem, juro.

Há uma longa pausa, então...

— Qualquer estranho que você busca proteger, morrerá de qualquer maneira. No momento em que passarmos por eles, suas terras ficarão enegrecidas, o solo se tornará implacável. Uma morte rápida é mais gentil.

Balanço a cabeça.

— Por favor. Apenas continue.

Mas ele não quer. Apenas quinze minutos depois, o cavaleiro direciona seu corcel para uma estrutura escura. Fome vai em direção ao que parece ser uma casa e salta de sua montaria.

Eu não descerei do cavalo, não mesmo.

Mas então Fome me agarra pela cintura e me puxa facilmente de seu corcel. Colocando-me no chão, ele me segura perto e olho em seus olhos.

— Por favor, não, Fome.

Ele suspira.

— Embora aprecie que você sempre presuma o pior de mim, está errada desta vez.

Franzo a testa, confusa.

— Não entendo...

— Vá para dentro e veja por si mesma.

Olho para a estrutura sinistra e quase digo, você primeiro. Mas então, sei como esta história termina.

Com muitos e muitos cadáveres.

Ignorando meu medo, vou em direção à porta. Apenas quando estou parada na varanda é que entendo o que o Ceifador quis dizer.

Arbustos pressionam a porta, bloqueando quase completamente sua visão.

Fome se aproxima e afasta as plantas com a mão. Está muito escuro para ver qualquer coisa com clareza, mas as plantas parecem estar se enrolando para revelar a porta da frente apodrecida.

Uau, super ansiosa para tocar nessa maçaneta...

Mas não preciso fazer. O Ceifador passa por mim e gira a maçaneta. A porta se abre e cai completamente

— Encantador. — Diz Fome.

Eu lanço um olhar cético para a casa abandonada. Realmente não quero entrar. Os favores sexuais que faria agora por uma boa cama.

Com um suspiro, eu entro.

Folhas mortas rangem sob minhas botas e ao longe, ouço algo se

agitando. Tem cheiro de mofo e podridão, as poucas coisas que minhas mãos roçam, parecem pegajosas, como a casa estivesse se desfazendo.

Pode-se dormir em pé? Porque agora eu gostaria de tentar.

Fome entra atrás de mim e o ouço chutar algo para o lado com a bota. Ouço um guincho e um som de corrida enquanto alguma criatura invisível foge.

Entro no que era provavelmente a cozinha. Há uma velha geladeira no canto, a superfície danificada e manchada. Os armários estão descascando e alguns caídos no chão.

Saio e entro em outro cômodo, onde uma velha máquina de lavar está de lado, com a porta aberta. Tenho certeza de que há algum tipo de ninho dentro da coisa...

Sério, foda-se esse lugar.

Fome destrói uma panela quebrada.

— Ainda quer dormir aqui?

Olho para ele.

— Você fez isso de propósito.

O cavaleiro chuta a panela para longe.

— O quê? Escolher uma casa abandonada para dormir? Florzinha, não me insulte... foi tudo ideia sua. Mas se não gosta, posso pegar meu cavalo... — Ele começa a caminhar para porta.

— Espere! — Grito atrás dele. Entre isso e outra morte, prefiro este lugar.

Fome volta para me enfrentar.

— Sério. — Diz ele, erguendo as sobrancelhas. — Você realmente quer fazer isso?

— Não é.... não é tão ruim. — Eu digo, varrendo os destroços para o lado com meu pé para fazer um lugar para mim no chão.

Ele zomba em resposta.

— Pensei que você, entre todas as pessoas, gostaria de um lugar sem humanos. — Responde, enquanto eu sento.

Cheira a vermes ali. Vermes úmidos. Ugh.

— Como este lugar está vazio? — Tudo foi feito para e por eles.

Ele faz uma careta e resmunga para si mesmo:

— A única coisa pior do que as criações humanas são as criações humanas podres. — Ele pontua suas palavras esmagando algo sob sua bota.

Mas enquanto fala, o cavaleiro se senta perto de mim, encostando as costas em uma parede próxima e cruzando os braços sobre o peito. Não deve ser muito confortável usar toda aquela armadura agora, mas ele não reclama e não faz nenhum movimento para tirá-la.

Acho que realmente faremos isso.

Então é melhor ficar confortável.

Eu me deito, colocando minha cabeça em seu colo. Imediatamente, seu corpo fica rígido.

— O que você está fazendo? — Ele exige.

— Acalme-se. — Eu digo, me estabelecendo. — Não estou tentando tirar sua virgindade. Acontece que você é a coisa mais limpa desta casa.

Ele não diz nada sobre isso, mas também não tira minha cabeça de suas pernas.

— Não tenho apetite por carne mortal. — Ele fala.

Imagine isso. Fome sem apetite.

— Por que diz isso? — Eu pergunto, curiosa. Enquanto falo, lembro como ele olhou para os meus lábios na noite anterior. Ele pareceu me desejar então...

— Você sempre traz o assunto sobre sexo à tona. — Diz ele. — Como se esperasse que eu sucumbisse a alguma natureza vil.

— Você sucumbiu à sua raiva. — Respondo. — A luxúria é realmente tão diferente?

— Não é a mesma coisa. — Ele parece defensivo.

— Hmmm... — Eu digo.

— Estávamos conversando sobre seus pontos fracos. — Diz ele. — Não meus.

— Ah, sim. — Eu me mexo, minha bochecha roçando contra sua coxa. — Minha fraqueza por sexo.

Ficamos em silêncio. Então...

— Essa postura não combina com você, flor.

— Oh, tenho uma postura agora? — Levanto minhas sobrancelhas enquanto falo. — Para lhe dar crédito, transformei minha fraqueza em

uma arma. Em um mundo onde as pessoas acreditam que o apetite por sexo é um pecado, empunhei minha sexualidade como uma espada.

— Sob essa... imagem que você construiu para si mesma, você é inteiramente uma pessoa. — Diz o cavaleiro. — Não é?

Eu o olho.

— Somos todos uma pessoa. — Eu digo.

Já vi a alma nua dos homens no quarto e a maior coisa que aprendi é que as pessoas não são o que parecem. Quase morri por um homem que tinha a reputação de ser gentil e um criminoso local me pagou para segurá-lo a noite toda, apenas para que pudesse chorar em meus braços.

Fome encontra meus olhos e bem ali na escuridão, toda sua postura desaparece. Seu ódio e raiva são uma lembrança distante.

Mantemos o olhar um do outro por mais tempo do que deveríamos. Tempo suficiente para notar que, mesmo com sua armadura, o brilho de seus grifos ainda ilumina sutilmente seu queixo e bochechas.

— Há alguma coisa sobre nós humanos que você goste? — Eu finalmente pergunto.

— Gosto de suas histórias. — Ele admite, sua voz como veludo na escuridão.

— Nossas histórias? — Pergunto incrédula.

— Não soe tão surpresa.

— As histórias são a coisa mais humana sobre os humanos. Claro que estou chocada.

Ele não tem nada a dizer sobre isso.

— Que tipo de história você gosta? — Pergunto.

— Aquelas em que muitas pessoas morrem. — Ele diz.

Estendo a mão e dou um empurrão brincalhão em seu peito.

— Não. Não, você não gosta. Aposto que você gosta de romance.

— Não.

— Aposto que sim. Acho que ninguém consegue resistir a um bom romance.

— Pare com isso, Ana. — Diz ele. Mas juro que sua voz tem um sorriso.

Talvez eu esteja apenas imaginando.

— Bem. — Eu digo, me mexendo para ficar mais confortável em seu colo. — Agora precisa me contar uma.

— Não.

— Vamos, apenas uma pequena história para dormir... e um cafuné na cabeça. Sabe, como uma oferta de paz por não roubar sua virgindade.

— O que a faz pensar que sou virgem? — Ele pergunta.

Suspiro e me sento.

— Você não é virgem? Que escandaloso!

Fome me empurra de volta para seu colo.

— Tudo bem, contarei uma história

— Conte-me sobre sua primeira vez. — Eu digo.

— Não.

— Bem. As primeiras vezes são sempre complicadas de qualquer maneira. Conte-me sobre sua segunda vez.

— Ana.

Sorrio na escuridão. Valeu a pena.

— Estou brincando. — Digo. — Conte-me uma história que goste... com um cafuné. — Acrescento.

O Ceifador me encara.

— Eu nem sei o que é um cafuné.

Pego sua mão e a coloco no meu cabelo.

— Aqui está minha cabeça, agora, você coça. Realmente Fome, é bastante óbvio.

Seus dedos congelam no meu cabelo. Então, muito lentamente, acariciam meus cabelos escuros, rapidamente pegando as mechas.

— Ai. — Eu digo.

Esse é o problema com cabelos cacheados.

Ignorando-me, o Ceifador começa a brincar um pouco com meu cabelo. Definitivamente não é um cafuné, mas me distraio assim mesmo.

— A história? — Eu falo.

— Garota impertinente. — Ele diz suavemente, sem desviar o

olhar do meu cabelo. — Você gostaria que eu lhe contasse a história de Ma'at?

— O que é Ma'at? — Pergunto.

— Ela é a deusa egípcia da harmonia e da justiça.

— Deusa egípcia? — Repito. Já ouvi falar do Egito antes, mas o Egito antigo... parece muito distante no tempo e no espaço para ter qualquer valor ou significado para mim.

— Ela é real? — Pergunto. Bem, se os quatro cavaleiros realmente existem, talvez outras divindades também existam.

— O conceito dela é real.

— Hmph. — Que resposta tola.

— Não me venha com esse barulho. — Diz Fome. — Eu era um conceito igual a Ma'at até que recebi forma.

— Então ela é real. — Digo.

— Ela, como eu, é uma das muitas construções humanas. E se Deus quisesse que ela representasse a divindade, Ele a teria feito existir. Acontece que eu e meus três irmãos nos encaixamos melhor em Seu plano.

Seu plano para matar todos nós.

— Sua explicação dói minha cabeça. — Eu digo.

— Você realmente não deveria entender essas coisas. — Porque você é uma humana patética.

Ele não disse essa última parte, mas definitivamente estava pensando nisso.

— Então, você a conhece... Ma'at? — Pergunto.

Fome suspira, como se eu tivesse perdido completamente o ponto.

— Tudo bem, tudo bem, esqueça que perguntei. Agora, conte-me a história dela.

Os dedos de Fome correm pelo meu cabelo, prendendo um pouco. Eu me pergunto o quão crespo meu cabelo ficará quando ele terminar.

— Quando o mundo começou a ser criado, Ma'at foi criada com ele. Ela era justiça, harmonia, paz e ordem dada a forma...

— Então ela era uma pessoa. — Digo.

— Uma deusa. — Fome corrige, soando um pouco irritado. — E apenas na religião egípcia. Ela era uma mulher alada com uma pena de avestruz no cabelo, que representava o caminho reto e verdadeiro. Viver uma vida para Ma'at significava seguir o espírito e o fluxo do universo.

Fome tem uma voz rica, que atrai e eu ouço extasiada, a estranha história que ele está contando.

— Os antigos egípcios acreditavam que quando morressem, seu coração seria pesado contra a pena de Ma'at. E se tivesse vivido uma vida boa e justa, seu coração seria mais leve que a pena dela e seguiria para uma vida após a morte de paz eterna.

— Mas se cometesse um grande mal, seu coração revelaria seus atos perversos na balança e pesaria mais do que uma pena. Em vez de seguir em frente para uma vida após a morte bem-aventurada, seu

coração seria dado a Ammut, o devorador, uma fera horrível e sua alma seria forçada a vagar pela terra, inquieta e perdida, para sempre. — O cavaleiro fica em silêncio e eu percebo que é o fim de sua história.

Claro que Fome gostava desse tipo de história.

— Realmente funciona assim? — Pergunto. — A vida após a morte?

O Ceifador faz uma pausa.

— Não. — Ele finalmente diz. — Não. O ser humano é toda a dor e punição que uma alma pode suportar. O resto... o resto é muito melhor. Mas apenas vocês, tolos humanos, pensariam de outra forma.

Eu deixei isso penetrar.

— Essa foi uma história estranha. Por que gosta dela?

Outra pausa, está um pouco mais longa.

— Acho que se você pensar a respeito por muito tempo, descobrirá.

Bem, isso parecia muito difícil. Era melhor deixar passar.

Capítulo Vinte e Cinco

O cavaleiro não deve ter se movido a noite toda, porque quando acordei de manhã, ainda estava sobre suas pernas.

Eu pisco, tentando focar meus olhos.

— Porra, finalmente. — A voz de Fome surge e me concentro nele.

Ele me encara, parecendo muito acordado e mal-humorado.

Sento-me, sacudindo o resto do meu sono, então imediatamente gemo, levando a mão ao pescoço dolorido.

— Por que você não me empurrou para longe? — Reclamo. — Ficarei com o pescoço torto o dia todo.

— Oh, acredite em mim, fantasiei sobre isso, flor.

Agora que estou longe dele, o cavaleiro se levanta rapidamente, cruzando a sala como se estivesse tentando colocar a maior distância possível entre nós.

Meus olhos percorrem tudo ao nosso redor e pode não ser de mim que está fugindo. À luz do dia, este lugar parecia muito pior do que à noite. As paredes estão cobertas de anéis de mofo e os cantos abrigam o que espero ser ninhos de vespas abandonados. O teto cede precariamente e o chão está coberto de fezes.

Fome viu tudo isso e ainda não me empurrou de seu colo? Eu teria. Olho para onde vi o cavaleiro pela última vez. E se não soubesse melhor, diria que Fome é um cavalheiro.

Que pensamento perturbador.

Encontro o Ceifador do lado de fora, onde ele verifica os arreios do cavalo.

— Para onde vai seu cavalo? — Pergunto enquanto me aproximo.

Fome se volta para mim, sua expressão turbulenta.

— Você quer dizer quando eu o deixo sozinho? — Ele diz. — Onde ele quiser, imagino.

— E ele simplesmente volta para você quando precisa dele? — Pergunto, rolando meu ombro ferido distraidamente; minha lesão parece muito, muito melhor. Acho que uma boa noite de sono no colo do Ceifador era tudo que eu precisava. — Você não precisa se preocupar com ele fugindo?

— Ele pode ser um cavalo. — Diz Fome. — Mas não nasceu de cavalos. Foi formado a partir do éter com um propósito e um propósito somente: ajudar-me de todas as maneiras.

É tudo o que ele diz sobre o assunto, é tudo o que diz afinal. Ainda usa a mesma expressão tempestuosa quando me levanta em seu cavalo. Sem palavras, ele sobe atrás de mim e conduz seu cavalo de volta para estrada.

Acima, nuvens escuras se juntam, mas não é apenas o clima que parece ameaçador. Posso praticamente sentir o humor opressor de Fome se abatendo sobre mim.

— Então... — Começo.

A noite anterior se desenrola em minha mente. Ainda quero saber sobre a vida sexual suja de Fome, porque sou bisbilhoteira.

— Não quero conversar. — Enquanto ele fala, o céu parece escurecer visivelmente.

— Mas...

— Não force. — Ele me corta. Como se para pontuar seu pensamento, ouço um estrondo distante e uma grande gota de chuva cai no meu nariz.

Olho para o céu.

Espere. É possível que ele tenha poder sobre...?

— Você não é virgem. — Digo, olhando para as nuvens cinzentas.

— Você de repente não entende sua própria língua? Eu não quero conversar.

— Bem, eu quero. — Insisto. — E realmente quero discutir o fato de que você já transou com uma mulher antes... ou foi um homem? — Suspiro com o pensamento excitante. — Por favor, me diga que era um homem!

Fome não responde e na verdade, o céu parece clarear um pouco.

Hmmm...

— Talvez devêssemos falar sobre o fato de que você me deixou dormir no seu colo por uma noite inteira.

Uma grande gota d'água cai em minha bochecha.

Lá vamos nós.

Às minhas costas, o cavaleiro fica rígido.

— Poderia pensar que você se preocupa comigo... — Digo,

provocando-o.

Outra gota de chuva atinge meu rosto, depois outra e outra.

— Chega.

As gotas de chuva vêm cada vez mais rápido.

Maravilha das maravilhas, isso está funcionando. E agora eu não tenho uma, mas duas revelações para refletir, a mais óbvia é o fato de que o cavaleiro claramente tem algum poder sobre o clima, o que puta merda, é assustador.

Mas então há outra revelação, que de alguma forma é ainda mais alucinante do que a capacidade de Fome de afetar o clima.

— Você se preocupa comigo, não é? — Eu digo, chocada.

E de repente, o Ceifador puxa as rédeas, fazendo seu cavalo parar.

Sem dizer uma palavra, ele desmonta do cavalo e se afasta.

— Onde você vai? — Chamo, atrapalhando-me para sair da sela. Eu faço isso sem jeito, com uma careta quando a ação puxa meu ombro.

Acima, o céu está ficando preocupantemente escuro e a chuva está caindo cada vez mais forte, as gotas de chuva picando quando atingem minha pele.

— Espere! — Chamo atrás de Fome, correndo.

Ele se vira, me encarando.

— Um dia desses, sua incapacidade de ouvir irá matá-la.

Eu me aproximo tanto do cavaleiro que nosso peito quase roça.

Ele está me olhando com raiva. Estendo a mão e toco sua bochecha, pela primeira vez não contendo meus impulsos básicos. Quando ele começa a recuar, surpreso e um pouco horrorizado, minha mão envolve seu pescoço e puxo sua cabeça em minha direção.

Ficando na ponta dos pés, pressiono meus lábios nos dele e o beijo.

Capítulo Vinte e Seis

Eu não sei o que estou fazendo. Quer dizer, eu quero, já fiz isso tantas vezes que consigo beijar melhor do que escrever meu próprio nome, mas não sei por que estou fazendo isso agora, com o cavaleiro de todas as pessoas.

Por um longo momento, Fome fica imóvel contra meus lábios. Então, quase como se não pudesse evitar, sinto sua boca se mover contra a minha.

Doce Mãe de Deus, o cavaleiro sabe beijar, e está respondendo ao meu!

Um raio de luz desce do céu. Com um estalo alto, atinge uma árvore, fogo e madeira explodindo com o impacto.

Um grito de surpresa sai da minha garganta e recuo.

Uma fração de segundo depois, Fome tropeça para longe de mim.

— Que porra é essa, Ana? — Ele diz, seus dedos indo para sua boca.

Ao nosso redor, granizo começa a cair, os aglomerados crescendo a cada segundo.

Amaldiçoando, o Ceifador diminui a distância entre nós mais uma vez, protegendo meu corpo com o seu.

Meus olhos finalmente se movem para ele.

— Você realmente pode controlar o tempo. — Eu digo. Não consigo esconder a admiração na minha voz.

— O que isso tem a ver com alguma coisa? — Fome diz, olhando para mim. Depois de um momento, suas sobrancelhas sobem. — Foi por isso que você me beijou? Para testar uma maldita teoria sua? — Mesmo quando ele pergunta, seu olhar se desvia para meus lábios.

Posso praticamente sentir o calor de sua raiva. Acho que a única coisa que pode irritar o cavaleiro mais do que ser beijado é ser beijado pelos motivos errados.

O canto da minha boca se levanta. Definitivamente não deveria gostar de brincar com ele, as pessoas tendem a morrer quando isso acontece, mas não posso evitar; ele é divertido de provocar. Aceita tão mal.

Meus olhos vão para seus lábios.

— Isso... e eu estava curiosa.

Eu ainda estou curiosa. Ele parecia pecado contra meus lábios. E porra, agora tudo que quero é fazer novamente, nem que seja para ver outra árvore explodir.

Fome volta para seu cavalo.

— O quê? — Chamo atrás dele. — Eu disse algo errado? Não fique irritado... você fica muito menos bonito quando está irritado.

Em resposta, ele rosna.

Eu sorrio. Muito divertido de provocar.

O resto da viagem é cheio de silêncio, silêncio pesado e tenso. Atrás de mim, Fome avança.

Mesmo que o pior da tempestade já tenha passado, literal e

figurativamente a chuva ainda cai sobre nós. Não há como escapar, mas não é totalmente desagradável. Esfria minha pele contra o calor sufocante do dia.

Continuamos pela estrada, seguindo uma das antigas rodovias do Brasil. Ao que parece, a coisa foi consertada repetidamente desde sua criação. Ali, as fazendas diminuem, substituídas por campos ondulados, florestas densas e verdejantes.

E de vez em quando passamos por uma pousada, mas é só. Não passamos por nenhum viajante hoje e por isso, fico imensamente aliviada. Os homens de Fome devem ter feito um trabalho adequado alertando as pessoas sobre sua chegada.

Meu próprio humor está leve até que leio uma placa na estrada.

— Vamos para São Paulo? — Pergunto.

— Bem, se está se referindo à cidade à nossa frente, então sim, nós iremos.

São Paulo é um daqueles grandes lugares do meu mundo. É uma daquelas cidades da qual você quer fazer parte porque as coisas aconteceram lá. Sempre imaginei que seus cidadãos fossem mais cultos, mais sofisticados, mais viajados, apenas mais.

E agora o Ceifador destruirá tudo.

Quando entramos na cidade, não posso deixar de prender a respiração. O lugar é enorme e parece continuar indefinidamente. Existem blocos e blocos de arranha-céus até onde a vista alcança.

Porém, apesar de sua extensão, há uma desolação em São Paulo e aos poucos, entendo o porquê. Muito do que vejo é entulho. Existem

blocos e blocos de edifícios desabados; algumas áreas estão tão completamente destruídas que os destroços bloquearam as ruas. Mais de uma vez, Fome precisou voltar atrás e encontrar uma rota alternativa quando a original foi obstruída. Parece que São Paulo abandonou este bairro da cidade.

E do nada, Fome diz:

— Você não me beijará novamente.

— O quê? — Pergunto, piscando para afastar meus pensamentos.

— Concorde com isso.

— Concordar com o quê? — Estou tão perdida.

Um momento depois, minha mente entende o que ele diz.

— Oh, beijar você? — Pergunto. — Não, não concordarei com isso. — Digo isso principalmente para irritá-lo, mas também porque... sinto curiosidade.

— Ana. — Ele diz meu nome como um aviso.

Apenas para ser uma idiota, pego sua mão e entrelaço meus dedos com os dele, levo seu braço até minha boca. Suavemente, pressiono um beijo nas costas de sua mão, depois outro contra o lado de seu pulso, então...

— Droga, Ana, pare.

Ele puxa seu braço e tenho que apertar meus lábios para parar de rir do fato de que o horrível e assustador Fome está fisicamente segurando seu braço longe de mim para me impedir de beijá-lo novamente.

— Deus, acalme-se, Fome. — Eu digo. — Apenas estou brincando com você.

— Não é engraçado.

— Bem, é claro que não é engraçado para você. — Digo. — A piada é às suas custas.

Quanto mais nos movemos por São Paulo, mais inquieta fico. Não vi ninguém nas ruas. Todas as histórias que ouvi sobre este lugar o faziam parecer animado. Estavam erradas?

Quando olho para uma das janelas, vejo uma figura espiando para fora. Quando a mulher me nota, ela se afasta. Dentro de outro prédio, vejo uma cortina farfalhar.

Trepidação percorre minha espinha.

Talvez, realmente talvez não sejam pessoas ali, afinal.

— Fome, você acha que esta será uma daquelas cidades onde as pessoas tentam matá-lo?

Seus dedos tamborilam contra minha coxa.

— É adorável.

Bem, porra. Isso não parece divertido.

Os homens de Fome advertiram claramente o povo de São Paulo de nossa chegada. Mas agora me pergunto o que exatamente essas pessoas ouviram sobre o cavaleiro.

Pelo que parece, nada de bom.

Infelizmente para Fome, e para mim, esta cidade pode realmente ter gente suficiente para lutar.

Não sei quanto tempo cavalgamos por aquela metrópole, o único som são as batidas constantes dos cascos do cavalo de Fome, quando um homem e um cavalo aparece. Seu cavalo se move devagar, tornando sua aparência um tanto assustadora, como a calmaria antes da tempestade.

Ele usa um grande chapéu de caubói se aproxima e grita:

— Ei amigo, estou aqui para levá-lo à propriedade onde você ficará.

Olho para Fome, mas o cavaleiro tem uma expressão estoica.

Logo, ele acena para o homem que se vira, saindo na nossa frente.

— É um dos seus homens? — Pergunto.

— Talvez... talvez não. — Diz Fome. — Vocês todos são tão parecidos.

— Bem, isso é super reconfortante. — Respiro fundo. — Então, isso é uma armadilha?

— Apenas há uma maneira de descobrir.

Caminhando diretamente para ela, ele quer dizer.

— Esta não é a maneira correta de lidar com uma situação assim. — Digo. Fome não aprendeu nada com seu tempo em cativeiro?

— Ficará tudo bem, florzinha.

Expiro. Acho que terei que esperar, porque para o bem ou para o mal, estou junto com ele.

Seguindo o homem à nossa frente, entramos em uma parte da cidade que não parece tão desolada. Na verdade, parece que o povo

ali se deu ao trabalho de revitalizar este bairro de São Paulo. Pode se ver isso na pintura fresca e nos jardins bem cuidados pelos quais passamos. Há parques imaculados e fontes ladrilhadas com água borbulhante.

Meu olhar permanece em uma dessas fontes. Água corrente significa canos e infraestrutura que a maioria das cidades não tem dinheiro para se preocupar.

Os prédios ao nosso redor parecem robustos e bem cuidados. Existem lojas que vendem tinturas e remédios, floriculturas, joalherias, lojas de mantas e tapetes.

As pessoas que moram ali ainda não apareceram, mas de vez em quando ouço o murmúrio de conversa abafada ou o choro de um bebê infeliz.

Nós saímos da cidade, os prédios diminuindo de cada lado. Honestamente, pensei que este lugar não tivesse fim, de tão grande.

As lojas pelas quais passamos deram lugar a casas de jogos, tabernas e casas de massagem. Cheguei a localizar um bordel com o logotipo de uma mulher de peito nu pintado na placa.

No momento que vejo, sinto um aperto no estômago, como se eu devesse estar lá em vez de ali, vestida com uma calça jeans e uma camisa em vez de um vestido, meu rosto sujo e meu cabelo desgrenhado. Este foi o tempo mais longo que fiquei sem trabalhar e me sinto culpada.

Talvez porque esteja muito feliz por estar livre do Anjo Pintado. Livre para não ter que dar prazer a homens com corpos suados, paus fedorentos e mau hálito. Ou para ouvir suas palavras maldosas e

aguentar seus rudes e às vezes sádicos toques. E oh Deus, estou feliz por não ter mais que fingir do anoitecer ao amanhecer. Os falsos gemidos, a risada forçada e os olhares artificiais de luxúria. Estou muito feliz por me livrar de tudo isso.

Chegamos ao limite da cidade e os edifícios são substituídos de um lado por campos agrícolas e do outro por uma enorme muralha fortificada. Homens armados nos observam das torres de guarda ao longo dela. No momento em que os vejo, entendo por que esta cidade é tão rica.

Drogas.

Claro, uma grande cidade como São Paulo seria um ponto de apoio para cartéis. E pelo cheiro, estão cultivando essas drogas ali também.

Meus olhos se fixam nos guardas pelos quais passamos, arcos e flechas seguras frouxamente em seus punhos. Eles nos encaram, sem sorrir. Sem medo, sem surpresa ou qualquer outra emoção. Vejo um deles cuspir, mas essa é a extensão da reação deles.

Pelo menos ainda não atiraram em nós. Isso seria uma merda.

À medida que Fome passa, as terras agrícolas que posso ver começam a definhar, como sempre acontece quando o cavaleiro passa por um lugar. Um dos guardas armados grita, apontando para algo em seu lado da parede. Em seguida, vários deles estão gritando uns com os outros, depois conosco. Alguns apontam suas armas em nossa direção.

— Flor, acho que nossa chegada não foi avisada adequadamente. — Diz Fome.

Assim que ele fala, lança um olhar punitivo para eles. A terra se revolta, sacudindo o solo violentamente. A parede parece balançar para frente e para trás antes de desabar completamente e os homens tombam com ela.

Agora que os guardas estão no chão, várias plantas rompem a superfície da terra, crescendo em questão de segundos, suas vinhas enrolando-se ao redor dos homens.

Eu viro minha cabeça antes que possa ver mais. Ainda ouço seus gritos agonizantes.

— Posso admitir algo para você? — Fome diz casualmente. — Eu gosto quando eles lutam.

À nossa frente, o cavalo da nossa escolta recua. O homem consegue se manter na sela, mas antes que o cavalo ou o cavaleiro possam se orientar, outra planta explode do solo próximo. Ataca como um chicote, envolvendo-se ao redor do cavaleiro e arrastando-o para longe do animal. Ele grita, mesmo enquanto mais galhos finos o seguem, ultrapassando-o até que fica completamente enredado.

Fome passa por ele sem um segundo olhar. À nossa frente há mais campos e mais guardas e, assim que passarmos por eles, mais morte. Muito mais morte. Os homens caem em massa, junto com a parede que estavam defendendo.

Bem quando acho que o Ceifador eliminou todo mundo, mais aparecem. E a cada morte, juro que o cavaleiro às minhas costas fica cada vez mais vertiginoso.

Logo, avisto um portão grosso à nossa esquerda, barrando nossa entrada. À medida que nos aproximamos, noto formas estranhas

penduradas no arco de ferro forjado. Apenas quando estamos a cerca de dez metros de distância, no entanto, percebo que essas formas são homens desmembrados, suas cabeças em lanças, seus peitos rachados pendurados no portão bloqueado.

Com a visão, meu estômago revira.

— Acho que...

Fome mal tem tempo de diminuir a velocidade de seu cavalo antes de eu me inclinar para o lado da sela e vomitar. Já vi inúmeras mortes nas mãos do cavaleiro; por que esses cadáveres seriam os únicos a me fazer vomitar está além de mim.

— Por favor, não me diga que isso significa que você precisará de outra refeição. — Diz o Ceifador.

— Jesus. — Eu digo, recuperando o fôlego. — Você é um idiota.

Eu me endireito no momento em que o cavaleiro me entrega o cantil que passei a carregar comigo. Sem dizer nada, pego dele e engulo água o suficiente para lavar o gosto da minha boca. Mesmo enquanto faço isso, meus olhos voltam para a parede por conta própria. Meu estômago revira novamente com a visão, mas consigo me controlar.

Ao olhar para os cadáveres, percebo que reconheço um dos rostos. É o homem da última cidade, aquele que conversou comigo no baile antes do inferno explodir.

A inquietação desce pela minha espinha. Estes são os homens de Fome. Devem ter avisado o povo de São Paulo da chegada do cavaleiro e feito exigências em nome dele. E.... alguém não recebeu

essa notícia muito bem.

Eu abaixo o cantil, distraidamente tampando-o.

— Melhor? — O Ceifador pergunta.

Aceno, afastando meus pensamentos.

— Sim.

Fome levanta a mão em direção ao portão. A maior parte da parede ao redor já foi derrubada, os homens arrancados de seus postos.

Acima, as nuvens escurecem para a cor de um hematoma e o ar já úmido parece ficar ainda mais pesado. Esse é todo o aviso que recebo.

Um raio cai do céu bem na nossa frente e...

ESTRONDO!

Eu grito com o som ensurdecedor quando o relâmpago atinge o arco de ferro forjado. As portas gradeadas abaixo se abrem com um guincho metálico, madeira se estilhaçando em todas as direções. Os corpos exibidos explodem da parede também, membros voando em todas as direções.

À distância, ouço gritos de pânico.

— Ah, muito melhor. — Diz Fome, com um sorriso na voz.

Ele estala a língua e seu cavalo começa a andar novamente, caminhando sobre os restos fumegantes do portão.

Uma longa entrada de automóveis ladeada de palmeiras corta entre campos de plantas de maconha, levando a uma grande mansão. Entre aqui e ali, as pessoas gritam ordens. Vários homens correm em

direção ao portão antes de tropeçarem e pararem ao nos ver.

Posso vê-los processando a cena diante deles, os portões derrubados, o cavaleiro, a foice, o cavalo...

E de repente, eles pegam suas armas.

O Ceifador não perde tempo em despachá-los, suas plantas subindo do chão e se retorcendo ao redor dos homens até que os ossos quebrem e o sangue flua. E então atropelamos estes homens também e tenho que me impedir fisicamente de vomitar novamente ao ouvir os sons molhados de carne sendo esmagada sob os cascos.

Nós viajamos assim, com um tapete de carne cobrindo nosso caminho. Há uma quantidade aparentemente infinita de homens e apesar de todo o poder do cavaleiro, temo o chefe do cartel com o qual estamos lutando.

Seguimos pela estrada circular, meu olhar passando pela casa palaciana na minha frente. Os homens estão se movendo para defender a casa, arcos encaixados e prontos.

Uma flecha passa sibilando, depois outra. Eu travo os olhos em uma flecha que vem direto para mim...

Rápido como um raio, Fome estende a mão e pega o projétil, a ponta a centímetros do meu peito.

O Ceifador faz um som profundo em seu peito.

— Essa foi a coisa errada a fazer.

Abaixo de nós, o solo estremece, abrindo-se completamente. Plantas grossas e de crescimento rápido explodem de uma dúzia de lugares diferentes, prendendo quem quer que consigam pegar.

Entre os gritos de pânico, alguém começa a aplaudir. Olho em direção ao som. Um homem mais velho, com o cabelo grisalho, está entre os homens apanhados nas armadilhas de Fome. Ele, entretanto, não parece preocupado com sua situação.

— Não me impressiono facilmente. — Diz o homem, olhando primeiro para mim, depois para o Ceifador. — Mas você, meu amigo, me impressionou.

Este deve ser o dono da casa. Não consigo imaginar que tipo de homem ele é se consegue suportar toda essa carnificina sem ter medo.

— Como ele ainda está falando? — Sussurro para Fome. O cavaleiro é mais de matar primeiro, perguntar depois.

— Estou deixando. — O Ceifador responde suavemente.

— Admito. — Continua o homem, me avaliando. — Presumi que você teria seios menores.

Atrás de mim, o Ceifador bufa. Suavemente, ele desmonta, cruzando a calçada de paralelepípedos em direção ao homem enredado. A foice de Fome está amarrada em suas costas, um aviso aberto sobre quem ele é e o tipo de violência que pode causar.

Bem, se as colheitas mortas, a parede derrubada e os corpos ensanguentados não alertassem o suficiente.

— Insultar-me não lhe fará nenhum bem. — Diz Fome, casualmente tirando sua foice enquanto caminha em direção ao homem.

— Então você me matará? — O homem pergunta.

— Não. — Diz o Ceifador. — Eu o atormentarei, depois o matarei.

O homem mais velho o avalia. E de repente, ele ri.

— Você é ruim para os negócios Ceifador, mas seria um ótimo tenente. E se a situação fosse diferente, eu poderia até ter tentado contratá-lo pessoalmente.

— Você matou meus homens. — Fome aponta a cabeça atrás dele, em direção aos restos do portão. — Sem mencionar que seus homens tentaram matá-la. — Ouço o tom de raiva do Ceifador enquanto ele aponta a cabeça em minha direção. — Então foda-se seus elogios e suas opiniões.

— Devo me desculpar por defender minha vida e propriedade, Ceifador? — O homem pergunta. — Porque se for, então foda-se. — Ele diz à Fome.

Na sequência de suas palavras, há um silêncio oco e atormentado. Eu engulo, me preparando para a ira do cavaleiro.

Fome se aproxima mais.

— Homens como você são a razão pela qual todos estão morrendo. Você é a razão de eu matar.

Com as palavras do Ceifador, sinto um eco de sua antiga dor e minha mente volta ao dia em que encontrei seus restos mortais mutilados.

Fome levanta sua foice e me preparo para mais decapitações.

— Eu posso ajudá-lo. — O homem diz rapidamente. Agora ele não parece tão calmo.

O Ceifador faz uma pausa.

O que Fome está fazendo?

Não consigo ver muito o rosto do cavaleiro, mas presumo que ele esteja avaliando o homem.

— Diga-me, escória. — Diz Fome. — Que uso um monstro como você poderia ter agora?

— Seus homens estão mortos. Os meus não.

Sim, os três homens que sobraram. O resto deles estava espalhado em montes atrás de nós.

— Posso encontrar meus próprios homens. — Diz o Ceifador. Mesmo assim, ele não desce a lâmina na garganta do homem.

O que ele está esperando?

— Aposto que eles não podem fazer as coisas da maneira que meus homens podem. — Diz o homem. — As pessoas podem saber quem você é, mas você não conquistou a confiança delas. Não como eu.

— Sim? — Fome pergunta, divertido.

— Você precisa de algo? Posso pegar para você. Quer algo feito? Posso estalar meus dedos e fazer isso. Tudo que meus homens precisam fazer é mencionar meu nome e as pessoas se tornam úteis.

— E qual é o seu nome? — O cavaleiro pergunta, escárnio escorrendo de sua voz.

— Heitor Rocha.

Começo pelo nome. Até eu já ouvi falar de Heitor Rocha. Ele não é apenas parte do cartel do sudeste do Brasil; ele *é* o cartel do Sudeste.

Meu coração começa a bater forte.

Como porra acabamos ali, de todos os lugares?

Fome não reage às palavras de Heitor, mas também não desce sua foice na cabeça dele.

Meu Deus, com certeza ele não está levando essa oferta a sério.

Os olhos do Ceifador percorrem a estrada circular, passando por uma elaborada fonte gorgolejante onde peixes nadam sob nenúfares, até o último homem de Rocha, que ainda está preso nas garras das plantas de Fome.

— Onde está sua esposa, mortal? — O cavaleiro pergunta. — Onde estão seus filhos? — Onde está minha vantagem? Fome parece dizer. E se ele acha que Rocha não percebe isso, está subestimando terrivelmente como nós, humanos, somos espertos.

— Ambas as minhas esposas e meu único filho morreram.... Mas você, sendo todo-poderoso, já sabia disso, não é? — Heitor desafia, olhando para o cavaleiro.

O Ceifador não se abala com a acusação. Ele encara Heitor um pouco mais, então chegando a algum tipo de decisão, diz:

— Eu não posso morrer e quaisquer atentados contra minha vida serão recebidos com minha vingança.

Espere, o quê?

As plantas sobrenaturais do Ceifador afrouxam seu controle, liberando os homens de Rocha.

Ah meu Deus, ele está poupando Heitor Rocha? Heitor Rocha?

O chefe do cartel sai da árvore que o prendia, endireitando sua camisa passada.

— Você quer manter sua vida? — Fome pergunta a ele.

— Acho que deixei isso bem claro. — Diz Heitor, passando a mão pelo cabelo grisalho.

— Fique de joelhos. — Diz o cavaleiro.

Heitor olha para ele sem expressão. — Eu não entendo.

— Fique de joelhos. — Repete Fome.

Relutantemente, Rocha se abaixa.

O Ceifador estende sua foice em direção a Heitor, fazendo com que o chefe do cartel recue um pouco.

— Beije a lâmina e jure sua lealdade. — Diz Fome.

Heitor hesita e agora vejo seu orgulho. Ele não previu esse tipo de degradação.

Depois de um momento, ele se inclina para frente e beija a lâmina o melhor que pode. Assim que termina, olha para Fome, as sobrancelhas levantadas como se dissesse: você está satisfeito? Seu lábio sangra um pouco de onde ele deve ter cortado.

— Agora, seus homens. — Diz o Ceifador.

Heitor olha para seus homens, que ficaram para trás desde que se desvencilharam das plantas de Fome. Rocha se levanta, gesticulando para que os outros se aproximem.

Posso ver a raiva queimando em seus olhos enquanto se dirigem para o cavaleiro. Eu não conheço esses homens, mas considerando que

conhecem pessoalmente Heitor, devem ser homens poderosos por si próprios. E Fome está zombando desse poder.

Um por um, os homens de Heitor se ajoelham e beijam a foice de Fome. O Ceifador não faz nenhum movimento para firmar sua arma enquanto eles juram lealdade e ao final da provação, muitos dos homens estão com os rostos ensanguentados.

Assim que o último homem se levanta, os olhos brutais do Ceifador se viram para mim. Agora posso ver o quão perto da superfície está sua violência. Ele acena para que eu avance com a mão.

Droga, eu realmente tenho que fazer algo.

Eu me movo lentamente para fora do cavalo, sem fazer papel de boba desta vez quando desmonto, graças a Deus. Atrás de mim, o corcel de Fome se afasta; atravessando a calçada antes de entrar nos campos mortos ao nosso redor.

Até o cavalo tem o bom senso de se afastar.

Atravesso o amplo pátio, onde o cavaleiro espera. Tenho a atenção de todos e minha pele arrepia. Não me interpretem mal, nas circunstâncias certas, eu me exibiria sob atenção excessiva. Mas estas não são as circunstâncias certas e os olhares que estou recebendo agora variam de eu-te-odeio e -foda-se-sua-puta.

Que grupo de bons cavalheiros.

Eu me movo para o lado do Ceifador e sua mão vai para o meu ombro ileso.

O olhar de Fome se move para a mansão.

— Esta é a nossa casa agora.

Nossa casa?

Que porra, Fome. Como se o alvo nas minhas costas já não fosse grande o suficiente.

— Todos vocês nos servirão. — Continua o cavaleiro. — E espero que você... — Ele aponta sua foice para Heitor. — Traga-me pessoalmente o jantar. E prepare meu banho. E... — Ele aperta meu ombro. — O de minha companheira.

Jesus. E se houvesse um momento para não irritar um humano, agora seria. Mas é como se o cavaleiro estivesse deliberadamente provocando o chefão, esperando que ele se quebre sob a tensão.

— Claro. — Heitor responde suavemente. Seus olhos estão frios, mas ele sorri como se nada disso o incomodasse. A visão daquele sorriso vazio é quase tão assustadora quanto o sorriso nefasto do próprio Fome.

Eu terei minha garganta cortada esta noite. Estou certa disso.

Os olhos de Heitor fixam-se em mim novamente, movendo-se sobre meu corpo de maneira luxuriosa.

— Quem é? — Ele pergunta, me dando o mesmo tipo de olhar que um cliente faria depois de me comprar por uma noite. Como se eu fosse dele para fazer o que quisesse.

Eu preciso lutar contra uma careta.

O olhar de Fome vai de Rocha para mim. A expressão do cavaleiro não muda, mas posso vê-lo pesando suas palavras.

Finalmente, ele diz:

— Alguém importante. Dê a ela o mesmo tratamento que me daria.

Meu coração acelera com suas palavras e por um momento, lembro como foi pressionar meus lábios contra ele e descobrir que beija tão cruelmente quanto mata.

Fome me encara por mais alguns segundos, seu olhar se movendo para meus lábios. Quase posso acreditar que ele está pensando naquele beijo também. Aquele do qual sentiu raiva.

— Entre para podermos discutir o que você gostaria que eu fizesse. — Diz Heitor, nos interrompendo.

Eu pisco, me afastando de Fome.

O chefe do cartel recua em direção à mansão, sem olhar para trás para ver se estamos seguindo ou não. Seus homens se alinham ao seu redor e é claro que, apesar de seus lábios ensanguentados e juramento de lealdade, Rocha ainda é o homem no comando.

Fome começa a avançar, aparentemente alheio à situação. Corro atrás dele.

— O que você está fazendo? — Eu pergunto, mantendo minha voz baixa.

O rosto de Fome está desprovido de emoção.

— O que eu sempre faço.

— Não, isso não é o que você sempre faz. — Digo calorosamente, minha voz baixa. — Eu vi o que você sempre faz. — Ele esfaqueia as pessoas e quanto mais tagarelas são, mais horrível são suas mortes.

Os olhos do Ceifador se viram para mim.

— É quase como se você não confiasse em mim.

Gah!

— Eu não confio em você! Mas o mais importante, não confio em nosso anfitrião... e você também não deveria.

— Eu não o faço. — A voz do Ceifador está gelada. Ele olha para mim, e algo na minha expressão chama sua atenção. Ele se vira completamente, seus olhos brilhando de curiosidade. — Mas diga-me, florzinha: o que você quer que eu faça?

Como o caçador que é, ele viu meus pensamentos sombrios.

Separo meus lábios para falar.

Mate-os. Mate-os como você faz com todos os outros.

Eu não posso forçar as palavras. Uma coisa é ver o Ceifador matar, outra coisa é encorajá-lo. Mas quero que esses homens morram. Não faz sentido negar.

Pela primeira vez desde que desmontamos, Fome me dá um sorriso malicioso, parecendo encantado.

— Você sentiu o gosto de sangue, não é, florzinha?

— Não estou dizendo isso...

— Chega. — Sua voz não aceita nenhum argumento. — Estou ciente da depravação moral de Heitor. E ao contrário de você, eu sou a mão de Deus, o que significa que escolho quando e como os humanos caem.

Isso não acabará bem. Simplesmente sei disso.

Nem mesmo cinco minutos depois de entrarmos, Fome já está em uma conversa profunda com os homens de Heitor, claramente fazendo sua vontade conhecida e examinando a logística.

O cavaleiro adquiriu o hábito de recrutar homens terríveis para cumprir suas ordens, mas até agora, esses homens não passaram de traidores e capangas. Essas pessoas, no entanto, são assassinos profissionais; eles parecem usar sua maldade como um casaco.

Uma figura passa na minha frente, bloqueando minha visão de Fome.

— Uma mulher como você não deve se preocupar com esse assunto tedioso. — Diz Heitor.

Olho para cima e encontro os olhos do traficante. São olhos gentis. Eu não esperava isso, que ele tivesse olhos bondosos. Não que signifique alguma coisa. Muitos homens com olhos bondosos foram rudes comigo. Acho que prefiro os olhos de Fome; ele tem o olhar mais verdadeiro que já conheci.

Heitor me pega pelo cotovelo.

— Por que não mostro seu quarto?

Tudo sobre esse homem me agita, desde seus olhos enganosos até sua atitude misógina e sua oferta enganosamente inocente. Olho para Fome, pela primeira vez, desejando que ele aparecesse e se intrometesse.

Heitor segue meu olhar.

— Certamente você não precisa da permissão dele para tudo. — Diz ele, lendo meu olhar.

— Você ficaria surpreso. — Respondo.

— Vamos, vamos. — Diz o homem mais velho, puxando meu braço e me conduzindo. — Fome estará exatamente onde você o deixou.

Estou acostumada a atender às necessidades dos homens. Talvez seja por isso que deixo Heitor me guiar sem protestos mais fortes.

Esfrego meu braço enquanto nos afastamos da sala principal, as vozes atrás de nós ficando cada vez mais fracas. Heitor abre uma porta que dá para um pátio.

Saio e um momento depois, ele me segue. A porta clica atrás de nós, soando alto. Ou talvez sejam apenas meus sentidos que estão aguçados agora que estou sozinha com o traficante.

Seu braço se move para minhas costas e ele coloca a palma da mão perturbadoramente baixa, logo acima da curva da minha bunda.

Meus olhos piscam, mas ele está ocupado olhando para a frente, como se nada estivesse errado.

— Por aqui. — Ele diz, me pressionando.

Atravessamos o pátio com seus jardins bem cuidados, contornando um lago decorativo antes de entrar em outra ala da propriedade.

— Como uma mulher como você se enreda com um homem como o Ceifador? — Heitor pergunta casualmente.

Sinto minha garganta se contrair quando olho para ele. Ele ainda está olhando para frente.

Aposto que ele me machucaria na cama. Muito do que aprendi no bordel é como ler as pessoas.

Eu levanto um ombro.

— Circunstâncias ruins.

— Eu diria que suas circunstâncias são muito boas. Afinal, ele não a matou.

Agora Heitor olha para mim e um calafrio desce pela minha espinha. Seus olhos são gentis, frios e gentis. Isso deixa meus nervos à flor da pele.

— *Ele* não fez isso. — Mas outros podem.

Deixei a última parte não dita da frase ficar no ar entre nós.

Rocha me encara mais um pouco, depois de repente, para, virando-se para uma porta que não percebi.

— Ah. — Ele diz. — Aqui estamos. Seu quarto.

Ele abre a porta e olho para dentro, pensando que tudo isso é uma armadilha e estou prestes a morrer. Mas Heitor me levou a um quarto, um quarto muito feminino. Tem pinturas de belas mulheres em molduras douradas, vasos cheios de flores frescas, uma cômoda incrustada com madrepérola e um enorme espelho que se apoia na parede oposta. Mas a característica mais impressionante do quarto é a enorme cama de dossel, de tecido transparente ao longo dos postes esculpidos.

Este é claramente um quarto destinado a uma mulher, talvez uma amante? Quem quer que seja esta mulher, ou talvez existam várias mulheres, está vazio agora.

Entro, meu olhar indo para o teto, onde um lustre delicado está pendurado.

A mão de Heitor desliza pela minha bunda e aperta. Apenas assim, minha atenção se afasta do quarto opulento para o homem que me levou ali.

— Aproveite o seu quarto. — Diz ele, seus olhos demorando em mim, sua expressão dizendo, *eu possuo você*.

Por um momento, não reajo. Nos últimos cinco anos, fui condicionada a aceitar atenção não solicitada, foi assim que consegui novos clientes, mas o antigo condicionamento é encontrar novos. Não quero a atenção, não de Heitor e além disso, acho que ele fez isso para me rebaixar.

Minha velha programação finalmente se encaixou. Entro no espaço de Heitor.

— É preciso muito mais do que agarrar minha bunda para me possuir. — Digo, minha voz baixa, íntima. — Mas agradeço a tentativa, mesmo assim.

Há uma faísca de... algo nos olhos do homem. Talvez seja curiosidade, talvez interesse. Ou talvez Heitor pensasse que eu era um desafio conquistável e agora ele está percebendo que até eu tenho dentes afiados.

Ele segura meu olhar por mais um segundo.

— Você saberá quando eu estiver tentando possui-la. Talvez mais cedo do que imagina.

Rocha vira as costas e se afasta, os sapatos estalando no chão.

Muito depois que ele se foi, minha pele ainda se arrepia.

Definitivamente morrerei em breve.

Capítulo Vinte e Sete

Naquela noite, sento-me com Fome na grande sala de jantar de Heitor Rocha, inquieta enquanto nós dois esperamos pelo jantar.

— Esta é uma má ideia. — Sussurro para o cavaleiro.

Ele se recosta na cadeira, colocando uma perna sobre o joelho.

— Relaxe um pouco, flor.

Abro a boca para responder quando vários dos homens de Heitor entram na sala, cada um carregando um prato de comida. O próprio Heitor não está em lugar nenhum.

Tanto por nos servir.

— E onde está o seu chefe insuportável? — Pergunta o Ceifador, percebendo a ausência de Rocha. — Acredito que pedi a ele e não a todos vocês que me servissem.

Um dos homens murmura algo vago sobre Rocha estar na cidade vizinha, fazendo arranjos em nome do cavaleiro.

É mais provável que Heitor está onde quer que queira; nem mesmo Fome pode obrigá-lo a agir de outra forma.

O Ceifador olha para os homens, mas apenas quando eu penso que ele pegará sua foice e começará a estripá-los, se inclina para trás em sua cadeira e os deixa colocar os pratos de comida na mesa.

— Você aí. — Chama Fome, apontando para um dos homens.

Os olhos do homem se movem para o cavaleiro. Não é medo o que vejo na íris escura, mais como cautela. Acho que é isso que você

consegue quando está acostumado a lidar com sociopatas.

O Ceifador gesticula para que se aproxime, enquanto os outros homens colocam seus pratos na mesa e voltam para a cozinha.

— Sim? — O homem pergunta, indo em direção à Fome.

— Pegue um prato. Sente-se.

Talvez eu estivesse errada antes. Talvez Fome planeja matar alguém agora.

O homem hesita por apenas um momento, depois se afasta, voltando com um prato.

Hesitante, ele se senta à nossa frente.

— Sirva-se. — Ordena o Ceifador. — Há muito aqui e quero que você experimente de tudo. — Ele parece quase benevolente, como se ele mesmo tivesse preparado os pratos.

O guarda observa Fome por apenas um ou dois segundos antes de pegar cada comida, colocando um pouco disso e daquilo em seu prato até que esteja bem cheio.

— Agora. — Diz Fome. — Coma.

Demoro mais do que deveria para perceber que o cavaleiro não matará o homem, como eu presumi. Ele está usando-o como um testador de alimentos, certificando-se de que os pratos preparados não estejam misturados com veneno.

— E o vinho... não se esqueça de experimentar. — Encoraja o cavaleiro.

Nós dois observamos o homem em silêncio enquanto ele come e

bebe durante a refeição. Os olhos do guarda são duros enquanto obedece às ordens de Fome, mas ele acaba com tudo.

Quando fica claro que não desmaiará, o guarda se levanta.

— Eu esperava comer com Heitor. — Diz Fome casualmente e fico impressionada pelo cavaleiro realmente se lembrar do nome do homem.

— Eu o avisarei que sentiu sua falta. — Responde o guarda. — Tenho certeza que ele lamenta a ausência.

— Sim? — Fome pergunta. Os dois homens se encaram. Logo, o canto da boca do Ceifador se curva em um sorriso torto. — Você encontrará Heitor e o trará de volta para cá. Ele e eu teremos uma conversinha.

Meu estômago fica tenso com o pensamento de um dos próprios homens de Rocha forçando seu chefe a fazer algo. Por tudo que ouvi, a lealdade é um grande problema nos cartéis. Mas a fúria de Fome está mal controlada agora. E estou na mira de tudo isso.

O Ceifador se inclina para frente quando o homem sai da sala e começa a se servir. Quando não sigo o exemplo, Fome também me serve.

— Eu não posso dizer como é revigorante sentar ao seu lado e não ser bombardeado com todos os seus pensamentos mesquinhos. — Diz Fome, servindo-nos uma taça de vinho. Colocando a garrafa na mesa, ele pega a sua.

Olho para o cavaleiro. Hoje estou distraída, é verdade. Distraída por nossa entrada violenta em São Paulo, pela brutalidade mal

disfarçada de Fome e pelo toque não solicitado de Heitor.

Antes de saber exatamente o que estou fazendo, me levanto.

O Ceifador estende a mão e coloca a mão sobre a minha.

— Fique.

— Isso é um pedido ou uma ordem? — Pergunto. Não sei se é algo na água, mas como Rocha, não quero seguir ordens no momento.

O cavaleiro vira os olhos para mim.

— Faria diferença? — Ele pergunta, suas palavras afiadas.

Olho para ele por um tempo.

Sim. Faria.

E hoje não quero jogar.

Deslizando minha mão sob a dele, começo a sair.

Acho que o cavaleiro chamará os homens de Heitor para me impedir.

Em vez disso, ele diz:

— Bem, se é assim que você se sente a respeito, então é um pedido.

Paro e respiro fundo. Eu sei que para Fome admitir qualquer coisa é um grande negócio e talvez em outro dia ficaria satisfeita com sua resposta, mas depois de Heitor, estou cansada de ser forçada a encaixar em papéis que os homens têm cortado para mim.

— Para que isso funcione... realmente funcione... você terá que me respeitar. — Eu digo, ainda de costas para o cavaleiro.

— Uma tarefa difícil com um humano. — Ele responde.

Não sinto raiva, mas já senti o suficiente. Começo a me mover em direção à saída novamente.

— Mas suponho que posso abrir uma exceção para você. — Acrescenta.

Olho para trás, aborrecimento fervendo logo abaixo da minha pele. Mas os olhos do Ceifador estão cheios de alegria. Ele está sendo brincalhão e pela primeira vez, brincalhão não envolve a morte de alguém.

É esse olhar, mais do que tudo, que me convence a ficar. Não que eu seja uma ótima companhia no momento.

Quase volto para o meu lugar.

— Você está de bom humor esta noite. — Ele comenta.

— Você é quem está dizendo isso. — Respondo.

— Meu humor está ótimo... ou ficará, assim que eu estripar nosso hospedeiro. — Há um silêncio, então Fome acrescenta: — Você ainda está irritada por eu ter deixado Heitor viver, não está?

Qual é a utilidade de mentir? Eu estou irritada e não me importo se isso me torna uma pessoa de merda.

— Entre outras coisas. — Eu digo.

Fome levanta suas sobrancelhas, parecendo absurdamente encantado.

— Oh, há outras coisas com as quais você também está irritada? Muito fascinante. Que truque mágico é ganhar a ira de uma mulher

sem tentar nada.

Eu olho para o meu prato.

— Deus, você daria um ser humano fantástico. Encaixa perfeitamente no perfil dos meus clientes.

— Cuidado com as palavras.

— Por quê? — Desafio, agora voltando meu olhar ardente para o cavaleiro. — O que você poderia fazer comigo que já não tenha sido feito antes? Estou cansada de tomar cuidado com minhas palavras e observar minhas ações. Estou cansada, porra, de ter cuidado com pessoas que não merecem isso.

E de repente, levanto-me e pego minha delicada taça de vinho. Não sei o que estou fazendo até que ergo o braço e a jogo na parede oposta. O vidro se estilhaça com o impacto e respingos de vinho caem no papel de parede enfeitado, escorrendo.

É bom destruir as coisas de Rocha, coisas que provavelmente custam uma fortuna e que Fome está aproveitando neste momento. É tão bom na verdade que, presa no momento, pego a toalha de mesa e puxo com força, enviando comida e louças para todos os lados. Pratos de porcelana caem no chão, quebrando ao despejar seu conteúdo. O som de toda aquela elegância quebrando é música para meus ouvidos. Não consigo me sentir mal por minhas ações. Não hoje e não entre os lobos pelos quais estou cercada.

Apenas quando tudo acaba, eu enfrento o cavaleiro novamente, minha respiração um pouco pesada.

— Finalmente. — Diz Fome, um sorriso curvando os cantos de

seus lábios. — Uma pitada de seu fogo.

Capítulo Vinte e Oito

O cavaleiro se levanta, sua cadeira raspando atrás dele. Alguns pedaços de comida caem de seu colo enquanto ele faz isso, mas parece não notar.

Diminui a distância entre nós, parecendo tão assustador e intimidante como sempre. O Ceifador chega tão perto que nossos peitos quase se tocam, mantendo contato visual o tempo todo.

Ainda estou com raiva, mas agora há essa confusão. Presumi que atuar assim irritaria Fome. Em vez disso, ele está olhando para mim como se eu fosse o vinho que deseja provar.

O cavaleiro pega minha mão, a sua própria tornando a minha pequena e então me leva para fora da sala. Dane-se ele e a mim, mas sigo em frente como se não tivesse aprendido minha lição da primeira vez com Heitor.

— O que você está fazendo? — Pergunto enquanto ele me puxa, movendo-se pela casa expansiva. — Não está irritado? — Pergunto.

— Por você perder o controle? Florzinha, estou encantado. Suas travessuras foram o melhor entretenimento depois de muito tempo.

Realmente? Matar pessoas de repente ficou entediante?

O Ceifador e eu saímos do prédio principal e cortamos o pátio.

— Onde estamos indo? — Pergunto.

— Para o meu quarto, é claro. — Ele responde.

Tropeço em meus pés.

Fome olha para mim e sorri secretamente, como se soubesse exatamente onde minha mente está.

Meu olhar vai para seus lábios, uma percepção repentina e chocante me atinge: eu quero beijá-lo novamente. Não para provocá-lo ou para distraí-lo, mas para provar aqueles lábios novamente e sentir a pressão de seu corpo contra o meu.

Quero muito.

— P-por quê? — Pergunto.

Ele me dá outro olhar carregado e sinto esse olhar direto no meu núcleo.

— Você prefere que eu a deixe na porta do seu quarto? — Ele pergunta.

— Não. — Respondo rapidamente e ugh, quero me encolher. Pareço uma adolescente com tesão.

A boca do Ceifador se curva para um lado e o mundo parece girar em seu eixo. Fome para em uma porta no final do corredor. Ele abre e mantém a porta aberta para mim.

Entro. O local já está iluminado por velas, as chamas dançando em arandelas de ferro forjado.

Eu me movo em direção a uma mesa lateral que tem um globo feito inteiramente de pedra incrustada. Giro um pouco antes que minha atenção se mova para a pilha de livros ao lado, seus nomes pintados na capa.

— Sim, por favor, explore meu quarto. — Diz Fome, sua voz cheia de sarcasmo.

— Não deveria? — Pergunto, levantando uma sobrancelha enquanto me viro para ele. — Você me convidou aqui, afinal.

Fome nada diz sobre isso, o que considero como capitulação, por isso continuo investigando seu quarto. Observo os tapetes, olho o bar no canto da sala, as pinturas, toco a escultura de um homem nu com um grande pau. Claramente um pensamento melancólico da parte do artista, e olho a cama. O tempo todo sinto o olhar da Fome em mim.

Espero que ele faça algum tipo de movimento; afinal foi ele quem me levou ali. Ele quem tinha desejo nos olhos e sugestão nos lábios. Mas sequer se aproxima.

Tão estranho.

Enquanto me observa, Fome começa a soltar sua armadura de bronze. E agora meu sangue esquenta. Isso é o que eu estava esperando.

Ele não demora muito para tirar tudo. A visão do cavaleiro em sua camisa preta e calça me fez engolir em seco. A luz das velas não faz nada além de aumentar sua beleza, dançando sobre sua mandíbula afiada, maçãs do rosto salientes e lábios cheios. Ele me observa como uma pantera, os braços cruzados sobre o peito.

A visão faz meu coração acelerar e meu abdômen apertar da maneira mais estranha...

Ainda assim, sinto-me relutante em me aproximar do cavaleiro, agora que reconheço meu próprio desejo. Não quero o que quer que isso seja entre nós que se pareça com as outras experiências que tive, mas não sei como fazê-lo diferente. É por isso que, quando meu olhar se fixa na balança de bronze do Ceifador, eu me movo até ela em vez

do cavaleiro.

Apenas tive alguns vislumbres desse instrumento desde que comecei a viajar com o cavaleiro.

Toco a balança, atraída por sua estranha existência. Os delicados pratos circulares estão polidos. Há uma série de símbolos gravados em cada um e acho que são as mesmas marcas que cobrem seu corpo.

— Você vai me dizer para que serve a balança? — Pergunto.

— Para pesar itens.

Olho para o cavaleiro.

— Imaginei isso. — Toco um lado da balança com o dedo, o prato raso de metal balança um pouco com o contato antes de parar. — Por que um cavaleiro precisa pesar algo? — Pergunto.

Fome passa o polegar sobre seu lábio inferior, me observando por um momento, como se estivesse decidindo alguma coisa.

— É uma métrica para pesar o coração dos homens. — Finalmente diz. Ele caminha para meu lado, sem perceber que eu estava tentando colocar espaço entre nós. — A balança representa a verdade, a ordem, a paz... essencialmente, o mundo como deveria ser. — Continua ele. — E se os humanos forem dignos desse mundo, a balança julgará.

Eu o olho, meu coração batendo um pouco mais rápido com sua proximidade. Demoro alguns segundos para processar o que ele disse.

— Isso soa como a história que você me contou. — Digo. — Aquela sobre a deusa egípcia que pesava os corações dos homens. Ela também tinha uma balança.

— Ma'at e eu temos muito em comum. — Diz o cavaleiro suavemente.

Eu toco um dos pratos rasos novamente. E de todos os seres que deveriam empunhar tal instrumento, o cruel e violento Fome parece ser o pior candidato para o cargo.

— Gostaria de ver como funciona? — Ele pergunta.

Sim. É uma engenhoca sobrenatural que pode aparentemente medir algo tão intangível como paz e verdade.

Concordo.

O Ceifador sorri um pouco e alcança seu cinto, onde prendeu uma adaga.

Eu dou um passo para longe dele.

— O que você está fazendo? — Pergunto quando ele levanta a lâmina.

— Você não achou que seria indolor, verdade? — Ele levanta uma sobrancelha. — Preciso de um pouco do seu sangue para que isso funcione. — Ele estende a mão e acena para mim. — Agora, deixe-me ver seu dedo.

Eu não dou a ele.

O cavaleiro me olha

— Será apenas uma picada. Nada mais.

— Eu vi sua definição de picada, é um pouco mais intenso do que a minha própria definição.

— Bem. — Ele começa a guardar a adaga.

Eu o observo.

Bem, se ele estivesse interessado em machucá-la, já o teria feito.

— Espere. — Digo.

Ele me olha.

Estendo meu dedo indicador.

Seu olhar vai para os meus olhos. Ali seu olhar permanece. Sem desviar, ele segura minha mão e levanta a lâmina mais uma vez. Posiciona minha mão sobre um dos pratos.

— Isso pode doer. — Diz ele.

Antes que eu possa reagir, ele passa a adaga na ponta do meu dedo.

Há um breve lampejo de dor, então várias gotas de sangue caem no prato. O prato se abaixa quando recebe o peso do meu sangue, depois se levanta e abaixa novamente, até ficar um pouco mais baixa que a outra frigideira vazia.

Meus olhos voltam para Fome.

— O que isso significa?

— Isso significa que você é uma pessoa decente e boa.

Eu o olho, incrédula.

— Decente e boa? — Pergunto. — Salvei sua bunda uma vez. Isso não me rendeu nenhum ponto no céu?

— Você também tentou matar minha bunda, caso tenha esquecido, então não.

— Bem. Vamos ver como sua sagrada balança o avalia. — Eu desafio.

Fome sorri para mim. Usando a manga da camisa, ele limpa meu sangue primeiro do prato, depois limpa a lâmina. Logo leva o pulso até a bandeja.

Em um movimento rápido, ele corta a pele e deixa seu sangue cair no prato.

Espero seu sangue cair na balança e descer. Em vez disso, o prato começa a se levantar, subindo ainda mais à medida que mais sangue pinga sobre ele.

A parte mais enervante de tudo isso é a outra balança vazia. Na história do cavaleiro sobre Ma'at, havia pelo menos uma pena sendo pesada contra o coração dos homens. Ali, não há nada, absolutamente nada.

Fome fica parado com braço ensanguentado estendido, aqueles olhos verdes sinistros me observando enquanto a balança continua pendendo a seu favor.

— Posso ser mais cruel do que você. — Ele admite. — Mas meu coração ainda é mais puro.

— Sua balança está obviamente quebrada. — Digo. — Não há como sua alma ser mais pura do que a minha.

E se realmente acreditar que está é a balança da verdade, justiça e paz, então Fome de alguma forma deveria ter seu prato mais baixo. E de todos os demônios que habitam esta terra, ele é o pior deles.

O que significa que a balança está manipulada.

Deus nos odeia e ama seu ceifeiro do mau.

Há um longo silêncio e nesse silêncio, sinto a proximidade do cavaleiro. Mais uma vez, isso me lembra que ele pegou minha mão e me trouxe aqui. Que tudo isso é apenas um prelúdio para... para o que vem a seguir.

Viro-me para o cavaleiro e seguro a respiração com a visão. Vê-lo sem toda aquela armadura pesada parece íntimo. Principalmente quando nós dois estamos em seu quarto.

— Por que você me trouxe aqui? — Pergunto.

Você sabe por quê, seus olhos parecem dizer.

Expiro, meu pulso acelerando. Desde que entrei no quarto, sinto-me preocupada de que esta noite possa se desenrolar como todas as outras experiências que tive no bordel, mas agora percebo o quão errada estava. Ninguém, ninguém jamais me fez sentir tão autoconsciente quanto Fome. Ninguém nunca me fez desejá-los tanto, apesar de todas as coisas terríveis que fizeram. Nem mesmo Martim, o primeiro garoto que amei.

Apenas o cavaleiro.

Minhas mãos se movem para a camisa, que estou vestindo, prontas para tirá-la.

Fome segura minhas mãos. Seus dedos apertam os meus. Olho para nossas mãos entrelaçadas.

— Nem tudo é sobre sexo, flor. — Ele diz. Aquela voz baixa e aveludada parece me esfregar em todos os lugares certos.

Ao contrário de suas palavras, minha reação a ele tem tudo a ver

com sexo.

— O que mais há? — Pergunto.

Por que ele me levou ali então, se não para intimidade?

Olho para Fome então e na luz fraca, o vejo como ele realmente é. Algo antigo e cheio de segredos; um ser que tem pensamentos e sonhos que um mortal como eu não pode esperar compreender.

— Você acha que eu vivi por eras para ser consumido por algo tão insignificante quanto sexo? — Ele pergunta suavemente. — Tudo vai e vem. Animais, plantas... até pessoas. Todos vocês são tão... transitórios.

— Então, o que o consome? — Ele sorri.

— Coisas que duram. — Seu olhar não se afasta do meu e Deus me ajude, sinto algo naquele olhar. Não desejo, não atração, embora haja bastante de ambos, mas conexão crua.

Ele solta minhas mãos e não sei o que fazer. Não sei o que o Ceifador quer ou o que eu quero, mas ele basicamente disse não ao sexo, então não tenho certeza do que mais...

Fome se aproxima e envolve meu rosto, seu olhar procurando o meu. Ao seu toque, o desejo mais.

— A verdade é que você é a única humana de quem eu realmente gosto.

No que diz respeito aos elogios, este é, no mínimo, medíocre. Mas vindo de Fome, sinto-me amolecer.

A atenção do Ceifador desvia-se para minha boca e permanece. E

de repente, acho que Fome pode ser uma merda quando se trata de suas opiniões sobre sexo, porque ele está me olhando com aquele olhar faminto novamente.

Ouve-se uma batida na porta e em um instante, o momento e toda sua inesperada doçura se vão.

O cavaleiro pragueja baixinho.

— Quase me esqueci daquela varíola[3] humana, Heitor.

Ao ouvir seu nome, fico rígida.

A ação é sutil, mas o olhar de Fome imediatamente se afasta da porta para mim.

Seu olhar se estreita.

— Por que é que toda vez que Heitor é mencionado, você fica nervosa?

— Eu já disse o porquê... porque ele é tão malvado quanto nós, humanos.

O Ceifador inclina um pouco a cabeça, ainda me observando.

— A meu ver, sou de quem você mais deveria ter medo, não um ser humano velho com um ego superdesenvolvido e uma consciência subdesenvolvida.

— Você não me machucará. — Digo. — Ele sim.

Fome me observa por mais um momento antes de estender a mão, deslizando sob minha camisa. Seguro a respiração com o contato. Sua palma quente corre sobre minha pele, em seguida, pousa na cicatriz irregular de onde seus homens me apunhalaram. Homens que estão

mortos há muito tempo.

— Caso tenha esquecido, eu já a machuquei. — Diz ele. — E quanto a Heitor, por que você acha que ele a machucará?

— Porque é isso que ele faz. — Respondo.

E se o Ceifador precisar de provas, tudo o que tem que fazer é lembrar como o chefe do cartel mandou matar, desmembrar e pendurar os homens dele para serem exibidos em seus muros. Éramos inimigos de Rocha antes de chegarmos e agora somos inimigos dele. E quando tiver a chance, homens como ele eliminam seus inimigos.

Fome ainda observa minha expressão com cuidado.

— O que você não está me dizendo?

Jesus, este homem é implacável.

— Quer dizer, além do fato de que sabemos que ele não tem medo de matar? — Pergunto.

Outra batida vem do outro lado da porta.

— Além disso. — O Ceifador diz.

Quase não falo do meu pequeno encontro com Rocha. É uma coisa tão pequena e me orgulho de cuidar do meu próprio negócio. Mas o cavaleiro não deixará passar e não me importo o suficiente para esconder isso dele.

— Mais cedo. — Digo. — Quando Heitor estava me mostrando meu quarto, ele agarrou minha bunda.

— Ele fez o quê? — A inflexão de Fome não muda, mas de repente ele está muito mais ameaçador.

— Ele apertou minha bunda. — Não foi nada, quase acrescento, mas foda-se aquele idiota.

Mais uma vez, os olhos do cavaleiro percorreram meu rosto. Tudo o que ele vê faz com que um músculo de sua mandíbula pulse.

A batida na porta vem novamente e o Ceifador tira sua atenção da minha. O sorriso cruel com que me familiarizei, agora floresce em seu rosto.

— Já passou da hora de lidar com esse incômodo. — Ele pega sua foice e caminha até a porta. Para si mesmo, eu o ouço dizer: — Talvez eu corte suas mãos. Heitor não precisa de mãos para me ajudar. Ele também não precisa de pernas.

Puta merda.

Fome toca a maçaneta da porta, então para.

— Eu já volto. — Ele me diz. — Fique no meu quarto o tempo que quiser.

E então sai.

Capítulo Vinte e Nove

Eu não fico no quarto de Fome.

Não há nada de intrinsecamente errado com o quarto, mas ficar ali parece muito com esperar e eu realmente não quero sentir que estou esperando por outra pessoa no momento.

Infelizmente, esperar é exatamente o que acabo fazendo na minha cama. Não tenho certeza de quanto tempo pensei que levaria Fome para lidar com Heitor, mas os minutos passam e o corredor do lado de fora do meu quarto está dolorosamente silencioso.

Espero pelo som de passos, quaisquer passos, em direção a esta ala da propriedade, mas nenhum vem. Espero tanto tempo que as velas cônicas pingam até diminuir, espalhando cera por todos os castiçais que as prendem.

Espero até minhas pálpebras ficarem pesadas e eu cair no sono...

Clique.

Meus olhos se abrem, meu coração acelera por algum motivo estranho. O quarto está escuro como breu, as velas já se queimaram em algum ponto.

Sento na cama, tentando descobrir o que me acordou. O quarto está tão escuro que é difícil distinguir qualquer coisa. Ouço outro ruído suave e percebo que está vindo da porta. Eu a tranquei antes, mas agora juro que parece que a maçaneta gira.

Um momento depois, a porta de fato se abre. A luz fraca do corredor entra, delineando uma figura masculina. Há algo na mão ao

seu lado.

Meus músculos ficam tensos.

Fome é a única pessoa em quem eu realmente confio para entrar no meu quarto à noite e isso porque ele não esconde sua própria marca do mal como o restante de nós. Mas se fosse Fome, ele seria maior, seus ombros mais largos e seu torso mais estreito.

Ele provavelmente também não daria a mínima em ficar quieto. O intruso entra no quarto e uma luz distante brilha em sua mão.

Uma lâmina.

Jesus.

O intruso nem hesita, indo direto para cama.

Mova-se, Ana!

Há um candelabro de latão na mesinha de cabeceira ao meu lado. Silenciosamente, eu o alcanço, agarrando a base de metal fria. E então espero, embora isso quase me mate.

A figura chega tão perto que vejo que é um homem. Ele não para até estar ao lado da cama. Inclina, estendendo a mão para minha garganta, sua lâmina subindo também.

Posso ver tudo se desenrolar por um momento, como ele me subjuga primeiro, depois se move para cama. E a partir daí... bem, eu gostaria de não saber o que acontece quando um homem perverso está totalmente no controle desse tipo de situação, mas a prostituição não é um conto de fadas.

Eu levanto o candelabro e o bato o mais forte que posso no meu

agressor. Erro sua cabeça, em vez disso, acerto a mão do homem que empunha a faca com um tinido pesado. Uma voz masculina familiar grita quando sua lâmina é arremessada.

Os cabelos da minha nuca se arrepiam.

Heitor.

Claro que é ele. Ele é o único ousado o suficiente para fazer isso.

— Vadia. — Ele amaldiçoa, se lançando para minha arma.

Em pânico, balanço o candelabro novamente. Desta vez, acerta sua cabeça com um baque surdo.

Heitor grunhe, caindo sobre mim e por um momento horrível, penso que está me atacando. Balanço novamente, mas desta vez, quando o candelabro o atinge, tudo que ouço é um som suave e gutural. A mão no meu pescoço desliza para longe e o homem acima de mim fica imóvel.

Por vários segundos fico ali, respirando forte enquanto seu peso morto me esmaga.

Eu... o matei?

Sinto um pouco de remorso com a ideia.

Estou mais preocupada com a possibilidade de que, se ele não estiver morto, acordará e realmente irá querer terminar o que começou. Minha mente está confusa, meu pulso martelando em minhas veias.

Com um grande suspiro, empurro Heitor de cima de mim. Ele escorrega da cama, caindo em uma pilha no chão de madeira.

Mexa-se. Mexa-se. Mexa-se.

Eu sigo para porta com as pernas trêmulas. Apenas quando chego ao limiar é que me lembro da faca.

Porra.

E se Heitor acordar, eu quero ser a única com uma arma.

Prendo a respiração enquanto corro de volta para pegar a faca, mantendo meus olhos treinados no homem caído ao lado da cama, certo de que ele me atacará assim que me aproximar. Mas o corpo não se move enquanto meu olhar percorre a cama em busca da arma, nem se move quando a vejo em meus lençóis e a agarro pelo cabo.

Recuo, meus olhos fixos no chefe do cartel, então me viro e corro para porta. Quando estou no corredor, corro como se minha vida dependesse disso, grata por ainda estar totalmente vestida.

Onde está Fome? O pensamento aterrorizante ecoa uma e outra vez na minha cabeça. A última vez que o vi, ele estava planejando cortar Heitor. Mas Heitor estava no meu quarto, suas mãos e pernas muito intactas.

Desacelero até parar, então olho para trás no corredor, forçando-me a pensar através da nuvem de adrenalina e medo me levando para frente.

Devo verificar o quarto do cavaleiro para ver se ele está lá. Esse seria o primeiro passo lógico.

Sem outro pensamento, volto para o corredor. O quarto de Fome fica bem ao lado do meu e quando paro em frente a ele, espero como o inferno que Heitor não acorde.

Timidamente, abro a porta. Lá dentro está completamente escuro e apenas posso presumir que as velas ali queimaram até sua base.

— Fome? — Sussurro, entrando na ponta dos pés.

Nada.

— Fome? — Repito, desta vez um pouco mais alto.

Eu tateio meu caminho ao redor do quarto, tentando sentir se ele ou alguma de suas coisas ainda está ali. Tenho quase certeza de que toco aquela escultura fálica, mas meus dedos não tocam a balança de Fome, sua armadura ou o próprio Fome, o que acho uma coisa boa. Uma parte de mim estava com medo de tropeçar em seu corpo.

Saio do quarto e sigo para o corredor mais uma vez.

E se o Ceifador não está em seu quarto e claramente não está com Heitor, então onde estaria? E mais importante, em que estado ele está?

Chego ao final do corredor e saio desta ala da casa, a adrenalina ainda fervendo em minhas veias. Lá fora, o ar frio da noite bagunça meu cabelo encaracolado. Velas e lamparinas a óleo brilham de dentro do prédio principal da propriedade. Mesmo dali, posso ver figuras se movendo dentro. Nenhum deles, porém, é o cavaleiro.

Fico naquele pátio por um tempo obsceno, debatendo para onde olhar em seguida e o quanto devo fazer minha presença conhecida.

Antes que eu possa me decidir, a porta da casa principal se abre e um homem sai para o pátio.

Congelo. Acho que ele ainda não me viu.

— Apenas darei uma olhada nele. — Diz o homem a alguém

dentro da casa

— Não faça isso! — Alguém grita lá de dentro. — O último homem perdeu um dedo.

O guarda que posso ver agora hesita.

— Sério cara, deixe o patrão se divertir e vamos nos divertir. — Diz o guarda lá dentro.

Meu estômago revira. Tenho quase certeza que sou a diversão do chefe. Quanto à diversão dos guardas...

O homem relutantemente entra novamente no prédio e ouço uma porta se fechando.

Então, o único som é a minha espiração irregular.

Querido Deus, o que aconteceu com Fome? Eles o emboscaram? Está muito ferido?

Lentamente, o pânico se instala em minha mente e começo a pensar com clareza novamente.

Uma coisa é absolutamente óbvia: não posso ficar ali fora. E se Heitor não estiver morto, e seria muito bom esperar que sim, então ele retornará para seus homens. Quando o fizer, todos saberão que estou viva.

Tenho minutos para fazer algo enquanto ainda tenho a vantagem.

É a coisa mais difícil do mundo chegar ao prédio principal, mas me forço a fazê-lo. Lentamente, me movo pelos arredores da mansão, olhando pelas janelas. Lá dentro, os guardas parecem se reunir, vários deles saindo do saguão e indo para o jardim da frente.

Caminho ao redor do edifício enorme, prendendo a respiração para não encontrar mais nenhum guarda ou, Deus me livre, o próprio Rocha.

Minha boa sorte continua. Chego à frente do prédio, mantendo-me nas sebes.

Na estrada circular, entre os restos sombrios das plantas não naturais de Fome, seis homens se aglomeram ao redor de algo, alguns deles zombando. Eu vejo um deles balançar algo, então ouço um som molhado e carnudo.

Deixe o chefe se divertir e vamos nos divertir.

Meu estômago revira e preciso fechar os olhos.

Fome. Fome terrível e impiedoso, está sendo torturado. O mesmo homem que apenas algumas horas atrás me tocou suavemente e admitiu que gostava de mim.

E se tivesse dado a ele um motivo para reconsiderar seu ódio, esses homens o obliteraram totalmente.

Eu observo e tento não adoecer enquanto eles zombam, xingam e atacam o cavaleiro. O melhor que posso esperar é que ele já esteja inconsciente e além da dor.

Preciso fazer algo, qualquer coisa.

É quando me lembro do peso em minha mão. Em meio a todo o meu pânico, quase me esqueci da faca que ainda estou segurando.

Merda, eu a usarei?

As vozes dos homens surgem, interrompendo meus pensamentos.

— Fui eu quem atirou nele, então ficarei com a lâmina. Você pode ficar com a armadura.

— Bem, não quero nada, considerando que vou preparar o corpo.

— Você pode ficar com o cavalo.

— Foda-se, essa coisa odeia humanos. Quase arrancou minha mão antes.

— Onde porra está Heitor? — Alguém interrompe.

— Não espere por ele. Está lidando com a vigarista com quem esse cara veio aqui.

Algumas risadas silenciosas.

— Randy, velho bastardo.

Meu aperto na arma fica mais forte.

Acho que poderia usar a lâmina afinal.

Enquanto tudo isso acontece, alguém traz uma carroça puxada por cavalos, dois corcéis já atrelados a ela. Os homens se divertem um pouco mais e mesmo na escuridão, eu os vejo brincando com a foice de Fome e agarrando pedaços de sua armadura. Quase como uma reflexão tardia, eles carregam as peças do cavaleiro na carroça.

Quando estão prestes a fechar a traseira da carroça, a porta da frente se abre e um dos homens de Heitor sai correndo.

— O chefe foi atacado e a mulher do cavaleiro se foi.

Capítulo Trinta

Bem, foda-se.

Eles encontraram Heitor, ou Heitor os encontrou e gastei todo o meu tempo pensando na ideia doentia desses homens de entretenimento.

Quase como um só, os guardas correm de volta para dentro da mansão, deixando de lado as coisas do cavaleiro.

Para meu completo choque, todos desaparecem. Cada um. É claro que estão mais preocupados com o bem-estar de seu chefe e sua ira, do que com Fome.

Fico parada por vários segundos, esperando que um deles volte. Quando tudo está quieto, respiro fundo.

Agora é a única chance que terei.

Com o coração acelerado, corro para o carrinho, afastando a certeza de que alguém me verá.

Quando chego na carroça e olho dentro, preciso conter um grito. Há uma flecha na cabeça do cavaleiro e ele está coberto de sangue. E como da primeira vez que o conheci, está sem as extremidades, embora elas não estejam longe. Vejo seu antebraço e duas mãos apoiadas no carrinho ao lado dele. Não posso dizer que outros ferimentos ele tem, mas o que posso ver dele é sangrento e deformado.

— Ei! O que você está fazendo? — A voz vem da direção dos estábulos.

Eu olho por cima do ombro. Um homem que não vi antes agora está caminhando em minha direção, o propósito na rigidez de seu corpo.

Merda. Volto para Fome, começando a entrar em pânico.

Esperava fugir com o Ceifador antes que alguém percebesse, mas o tempo para isso já passou. Posso ouvir os passos do guarda, diminuindo rapidamente os últimos metros entre nós.

Meu medo e pânico se dissolvem; tudo o que resta é uma resolução implacável. Eu giro para enfrentar o homem...

— Você. — O guarda diz, me reconhecendo. Ele estende a mão para me agarrar.

Antes, eu era toda hesitação. Agora, sou toda ação.

Eu o acerto, a faca segura na minha mão. É muito fácil afundar minha lâmina em sua garganta. Posso ver o branco dos olhos do guarda quando ele alcança seu pescoço.

Puta... puta merda.

Retiro a lâmina. Quando faço isso, um rio de sangue jorra da ferida.

Oh, Deus. Dou um passo para trás quando o homem cambaleia para a frente e cai de joelhos.

Olho para a faca por um momento, depois para o pescoço do homem. A ferida está suja, sangue pingando por toda parte.

Seguro a respiração e sinto um choque momentâneo, logo substituído por mera sobrevivência. Com a faca ainda segura em

minha mão, corro para a frente do carrinho e me levanto para o assento do condutor. Agarrando as rédeas, dou-lhes um movimento agitado.

Os cavalos entram em ação. O som da carroça rolando no caminho de cascalho é barulhento e nosso progresso é dolorosamente lento. Bato nas rédeas repetidas vezes até que o ritmo dos cavalos aumenta.

Saímos da garagem e nos dirigimos para entrada da frente em ruínas da propriedade.

Olho por cima do ombro. Na casa enorme, acho que vejo homens se movendo, mas ninguém tenta me impedir. Eles estão distraídos no momento, mas mesmo assim, duvido que tenha mais do que alguns minutos de tempo. Então, os homens logo perceberão que a carroça foi embora e irão atrás de nós.

Minha boca seca com o pensamento.

Olhando para frente novamente, eu conduzo o cavalo adiante. Seguimos pela longa estrada, colheitas mortas de cada lado de nós. Os cadáveres e as plantas destruidoras que cobriam esta estrada antes foram removidas, tornando a viagem relativamente mais tranquila.

Meu batimento cardíaco está tão alto que é quase tudo que posso ouvir. Parece levar uma eternidade, mas finalmente passamos sob o arco em ruínas e conduzo os cavalos de volta para estrada principal.

Meu pânico aumenta. Não há como ultrapassar os homens de Heitor, não enquanto Fome estiver gravemente ferido.

O que precisamos é de tempo. É hora do Ceifador se curar. E de

repente, puxo as rédeas, parando os cavalos.

Saltando do assento, coloco a faca na bota e assim que tenho certeza de que não cortará meu tornozelo, vou para a parte de trás. Abrindo, agarro Fome sob seus braços e começo a levantar, rangendo os dentes por causa de seu peso puxando meu ombro machucado. Eu me forço a não concentrar na sensação de umidade de seu sangue ou em seus muitos ferimentos grotescos enquanto arrasto seu corpo para fora da carroça e o coloco suavemente no chão.

Caminhando até a frente, onde fica o banco do condutor, pego as rédeas e as agito. Imediatamente os cavalos começam a se mover e solto a correia de couro das minhas mãos quando a carroça dá um solavanco para frente, os cavalos puxando-a para frente.

Correndo de volta para o cavaleiro, o agarro por baixo dos braços e o levanto o melhor que posso.

— Sinto muito. — Sussurro. Sinto muito que foi feito a ele e pela dor que estou prestes a infligir, arrastando-o para longe.

Eu o arrasto para fora da estrada e para os campos escuros que ficam em frente à propriedade de Heitor, um déjà vu me percorrendo. Odeio Fome e já fiz isso antes, odeio que ele e eu sejamos obrigados a encenar novamente nosso primeiro encontro horrível. Acima de tudo, odeio a sensação de pânico que tenho toda vez que vejo a flecha projetando-se de seu rosto e a maneira como estremeço quando seu corpo esbarra em pedras e outros escombros.

Não sei quando aconteceu, quando comecei a cuidar de Fome. Ou talvez sempre tenha me importado com ele, mesmo quando agia como monstruoso e apenas menti para mim mesma por um tempo. Não sei

que tipo de humano horrível isso me torna.

Ao longe, ouço gritos.

Eles sabem que partimos.

Empurro meu corpo até seus limites, me forçando a mover mais rápido para que possa nos levar o mais longe possível da estrada.

Não tenho certeza de até onde consigo chegar, apenas de que arrasto o cavaleiro até não poder mais.

Minhas pernas se dobram e desmorono, o corpo do cavaleiro caindo sobre o meu. Depois de recuperar o fôlego, reajusto nós dois para que Fome não caia sobre mim, mas ele está preso em meus braços. Então inclino minha cabeça sobre seu o cavaleiro.

O meu corpo treme de tanto esforço, e há uma sensação de mal-estar no estômago, que tento dizer a mim mesma é apenas medo por minha própria vida. Mas cada vez que olho para Fome, esse sentimento se aprofunda.

Minha mente não para de repetir todas as coisas terríveis que ouvi e vi aqueles homens fazerem ao cavaleiro no escuro. Não admira que o Ceifador nos odeie com tal maldade profana.

Eu também.

Meus pensamentos são interrompidos pelo som de cascos de cavalos na estrada. Eles ficam mais altos por um longo tempo e espero que se aproximem de nós. Mas não o fazem. Os cavaleiros avançam pela estrada, sem parar para olhar o campo morto em que nos escondemos.

Solto um suspiro trêmulo assim que eles passam.

Seguros, por enquanto.

Olho para o Ceifador. Sua cabeça está caída sobre meu braço e a visão faz meu peito doer da pior maneira.

Estendo a mão trêmula afasto uma mecha de cabelo emaranhada, meus dedos saindo com sangue. Essa flecha ainda está saindo do rosto de Fome e ele não será capaz de se curar até que seja eliminada. E ele precisa disso. Agora.

Engulo a bile, sabendo o que preciso fazer.

Movendo minhas mãos para a ferida, observo ao redor, engasgando um pouco com a sensação de sangue e pedaços. A flecha atingiu seu rosto perto do olho, mas não foi até o fim, o que significa que terei que puxá-la pelo caminho que entrou.

Exalo uma respiração instável. Pelas bolas de Satanás, mas não quero fazer isso. Realmente não quero. Mas aqueles homens ainda estão por aí procurando por nós, Fome e nem eu, estaremos realmente seguros até que ele acorde novamente.

Tirando minhas pernas de debaixo do cavaleiro, coloco-o suavemente no chão.

Agora vem a parte nojenta.

Ajoelhando-me sobre ele, pego a haste da flecha. Mordendo meu lábio inferior, eu puxo. Nada acontece.

Envolvo minha mão com mais força ao redor do projétil, estremecendo com o sangue escorrendo entre meus dedos e tento novamente.

Nada ainda.

Por que eu?

Finalmente, me deslocando para obter um ângulo melhor, puxo com força, balançando um pouco para frente e para trás. Faz ruídos horríveis de umidade, mas se solta. Então, de forma terrivelmente lenta, começa a desalojar.

Obrigada, porra...

A ponta da flecha se agarra a um pedaço de carne.

Engasgo novamente.

Puxo novamente e mais uma vez ele se solta antes de atingir mais tecido.

Paro para pressionar minha boca contra o ombro.

Você pode fazer isso, Ana. Está quase acabando.

Ignorando a náusea, puxo, balançando a haste da flecha para frente e para trás. Com um som final de sucção, o projétil desliza para fora.

Preciso engolir meu grito, que é meio alívio, meio horror, enquanto jogo a flecha de lado.

Preciso verificar o resto dele.

Deus, eu odeio isso. Odeio isso ainda mais do que a descoberta de que realmente me importo com essa criatura insuportável.

Forço minhas mãos de volta em Fome e começando com sua cabeça, passo os dedos sobre ele, procurando por outros ferimentos. Um de seus braços termina no pulso, o outro em seu cotovelo. Também encontro feridas abertas em seu pescoço e uma de suas

pernas, como se os homens de Heitor tentassem e não conseguissem remover os apêndices.

Todo o processo é horrível. Fome está tão silencioso que não há dúvidas de que morreu.

Assim que termino, estendo a mão e toco o rosto do Ceifador novamente com a mão ensanguentada e trêmula. Este monstro terrível e complexo. Na maioria das vezes ele é a coisa mais perversa em qualquer lugar, mas agora... agora Heitor e seus homens detêm esse título.

Meus dedos percorrem a bochecha de Fome. Estou muito perto de me perder, mas me forço a permanecer forte, apenas mais um pouco. Então, em vez disso, me estico ao lado do Ceifador, colocando a mão em seu peito, apenas para que, quando ele acordar, não esteja sozinho.

E então espero.

O ar fresco da noite agita meu cabelo e balança os caules mortos de cana-de-açúcar ao meu redor. É uma noite estranhamente pacífica, dado o quão horrível tem sido. Respiro fundo várias vezes.

Eu matei um homem, talvez dois, se Heitor não sobreviver ao meu ataque.

Ainda me lembro como foi fácil enfiar aquela faca na garganta do homem, como foi fácil cortar a pele e os tendões. Lembro-me de como me senti sem remorso naquele momento e sei, no fundo, que faria novamente se alguém me encontrasse e Fome escondidos ali.

Olho para o cavaleiro, franzindo a testa. Eu faria tudo novamente por este homem, porque perverso ou não, violento ou não, Fome pode

ser o único ser que realmente me viu e cuidou de mim. E.... posso ser a única pessoa que realmente o viu e cuidou dele.

Isso nos tornou relutantemente leais um ao outro.

Esse pensamento permanece comigo enquanto a noite continua. E de vez em quando, ouço homens gritando e cavalos galopando para cima e para baixo na estrada mais próxima, mas apenas uma vez alguém para neste campo. Mesmo assim, é apenas por alguns minutos agonizantes. Então ouço o cavalo deles recuar e respiro fácil novamente.

Não sei quanto tempo fico imóvel ao lado do Ceifador, ali com o céu infinito acima de nós e os vastos campos ao nosso redor. Parece que o tempo passa, mas em algum ponto, sinto Fome... vindo à tona.

Ele geme, o som aperta meu peito. As lágrimas que contive agora começam a escorrer.

— Olá. — Digo a ele, minha voz hesitante. Estendo a mão e acaricio seu rosto suavemente. — Sou eu... Ana.

Ele faz um barulho imperceptível e tenta mover a cabeça, mas a coisa toda é tão dolorosa que precisa respirar algumas vezes antes de continuar.

— Você está seguro. — Digo, a mentira vindo facilmente aos meus lábios. — Foi emboscado por Heitor e seus homens. — Sussurro em seu ouvido. — Eles estão nos procurando no momento, então precisamos ficar quietos.

Sob meu toque, o cavaleiro fica imóvel.

Ele desmaiou novamente?

Mas então ele alcança meu braço, deixando escapar um som de dor quando percebe que o seu próprio se foi. No luar fraco seus olhos se movem para os meus. Não há como fingir a desesperança em seu olhar.

— Sinto muito. — Sussurro, minhas lágrimas começando a cair mais rápido. — Sinto muito. — Eu me movo então e com cuidado para não o empurrar muito, puxo o cavaleiro em meus braços e acaricio seus cabelos.

Fome está tremendo, mal posso imaginar sua dor.

Sussurro minhas desculpas sem parar. E então, segurando-o contra mim, desmorono. Choro por cada coisa terrível que aconteceu com ele nas mãos de homens maus. E então choro por todas as coisas terríveis que aconteceram comigo nas mãos de homens maus, coisas nas quais eu normalmente não me permito pensar. Entrego-me a toda a dor e sofrimento que parece ter sido infligida desnecessariamente a nós.

Este mundo é um lugar cruel.

— Eu não culpo você por nos odiar. — Sussurro. — Não. Gostaria de poder... isso tornaria as coisas muito mais fáceis... mas não faço. — Eu o seguro contra mim novamente na escuridão, nos balançando juntos.

Sinto os braços do cavaleiro me envolverem da melhor maneira que podem e na escuridão, acho que o ouço chorar. O som me quebra. Pressiono um beijo em seu cabelo emaranhado de sangue.

Nós dois ficamos assim por muito tempo, abraçados e totalmente vulneráveis. E pela primeira vez acho que o Ceifador frio e sem

coração pode não ser tão frio e sem coração, afinal.

Em algum momento, as lágrimas secam e tudo o que resta é o conforto da presença um do outro.

— Isso... é.... perturbadoramente familiar. — Diz Fome, a dor envolvendo suas palavras. Sua cabeça e parte superior do corpo estão no meu colo. Minhas pernas há muito adormeceram, mas não ouso movê-lo.

Então acho que finalmente compreendo os motivos do Ceifador quando eu dormi em seu colo.

— Você... estava... certa. — Ele sussurra.

Sobre Heitor, ele quer dizer.

— Dane-se estar certa. — Sussurro de volta. — Como está se sentindo?

— Uma merda. — Diz ele. — O que aconteceu? Como você...?

— Escapei? — Pergunto, terminando sua frase por ele. — Heitor veio me procurar. — Mesmo agora, uma mistura de medo e raiva cresce dentro de mim.

Fome fica rígida em meu colo.

— Ele...?

— Machucou-me? — Termino por ele. — Ele tentou, mas posso contar um segredo? — Não espero que o Ceifador responda antes de me inclinar e sussurrar: — Você não fode com uma prostituta. Podemos ser coisas de pesadelos.

— Estou... quase com medo. — Diz ele.

Sorrio, aliviada que o cavaleiro está bem o suficiente para tentar o humor.

— Como você... o impediu? — Ele pergunta.

— Bati nele com um de seus candelabros idiotas.

Fome solta uma risada, embora termine com um estremecimento.

É reflexo, estendo a mão e acaricio seu cabelo para trás, tentando confortá-lo. E deve ser minha imaginação, mas juro que o Ceifador se inclina para o toque.

— Não sei se ele está vivo ou não. — Admito.

— Espero que esteja. — Diz Fome e suas palavras são muito ameaçadoras. — Ele e eu temos negócios inacabados.

Um arrepio desce pela minha espinha. Como pensei antes que Heitor fosse tão assustador quanto Fome é um mistério. Ele não se aproxima do Ceifador.

— O que mais... aconteceu enquanto eu estava fora?

Fico em silêncio por um longo momento, lembrando de todas as atrocidades da noite.

— Eu matei um homem. — Admito.

Acho que vejo as sobrancelhas de Fome se erguerem. Ele tenta se sentar um pouco.

— Como isso aconteceu? — Ele parece muito curioso.

Não consigo encontrar seu olhar quando digo:

— Ele me pegou logo depois que o encontrei...

— Depois que você me encontrou? — Fome se repete. Há uma nota estranha em sua voz e acho que ele percebe a mesma coisa que eu antes, que não apenas o salvei, mas lutei e matei por ele também.

— Conte-me o resto do que aconteceu. — Ele exige suavemente. — Não deixe nada de fora.

Faço exatamente isso, continuando acariciando seu cabelo enquanto conto as últimas horas.

Ele fica quieto durante a maior parte do tempo, embora juro que nesse silêncio algo sutil muda entre nós. Não sei o quê.

Depois que termino de contar a ele o que aconteceu, ele fica lá, pensativo.

— Duas vezes agora você me salvou. — Ele finalmente diz. — Por quê? Por que fazer uma coisa dessas quando lhe trouxe tanta dor? — Ele parece desesperado para saber a resposta.

Gentilmente, coloco minha mão em seu rosto.

— Não sei, Fome. Porque sou uma tola, suponho. E porque sou muito curiosa. Mas acima de tudo, porque gosto de você tanto quanto você gosta de mim.

E pela forma como os olhos do Ceifador brilham na escuridão, tenho certeza de que se ele tivesse mãos no momento, as estenderia e puxaria meus lábios nos dele. Em vez disso, nós dois olhamos um ao outro.

— O que aconteceu com você depois que me deixou? — Pergunto gentilmente.

Eu sei que isso estragará o momento, mas não posso deixar de

perguntar. Ele foi brutalizado.

Seus olhos se afastam de mim.

— Fui emboscado. — É tudo o que ele diz sobre o assunto.

Emboscado? Quero perguntar, mas é claro que foi e doeu. Claramente ainda dói.

— Sinto muito. — Digo novamente, porque é a única coisa que consigo pensar em dizer.

Os olhos de Fome voltam para os meus.

— Você não tem nada para se desculpar.

— Não estou me desculpando. Estou me desculpando pela humanidade.

Com isso, Fome fica em silêncio.

— Deus realmente nos odeia? — Pergunto suavemente. Agora parece ser o momento apropriado para essa pergunta.

— Não tanto quanto eu.

— Isso não é uma resposta.

O rosto de Fome fica sóbrio.

— Sua espécie está ficando sem tempo. — Diz ele.

E de todas as coisas assustadoras que vi e ouvi esta noite, essa pode ser honestamente a mais assustadora. Qualquer que seja o teste celestial que a humanidade recebeu, estamos falhando.

O Ceifador solta um gemido.

— Você está bem? — Pergunto, meu coração pulando com o som.

— Ficarei. É apenas uma dor breve. Passará em breve. — Ele diz, sua voz tensa. — Mas me distraia, flor. Conte-me sobre sua vida.

Meu olhar vai para ele.

— Quer saber sobre meu trabalho no bordel?

— Quero saber sobre você. — Ele responde e não pela primeira vez esta noite, as palavras de Fome enviam um calor agradável pelo meu corpo.

— Quão longe devo voltar? — Pergunto.

Em resposta, o cavaleiro suspira, como se eu tivesse pegado uma coisa simples e a tornado excessivamente complicada.

— Oh meu Deus, acalme-se, começarei do início.

Não posso ter certeza na escuridão, mas acho que o vejo sorrir, apenas por um momento.

— Nunca conheci minha mãe. — Começo. — Quer dizer, a conheci, mas não me lembro disso. Quando eu tinha dois anos, ela morreu ao dar à luz meu irmão, que também morreu... ou talvez ele tenha morrido antes dela, ainda não sei toda a história.

Meu pai me criou sozinho, mas ele era um bom pai. Chamava-me de sua princesinha e lembro que ele passava na minha escola para deixar guloseimas do supermercado em que trabalhava. — Eu não tinha me lembrado disso até agora e o pensamento me enche de um calor dolorido.

— O que aconteceu com ele? — Fome pergunta.

— Ele morreu de complicações de diabetes quando eu ainda era

uma menina.

Ali, eu cobri quase a primeira metade da minha vida. A melhor metade, para ser honesta.

— Depois da morte dele, fui morar com minha tia. — Agora faço uma pausa.

Fome espera que eu continue.

Começo a acariciar seus cabelos, mais para me confortar do que a ele.

— A vida com ela era... — Procuro por uma palavra apropriada que não desonre os mortos, mas então não consigo encontrar nenhuma. Finalmente, balanço minha cabeça. — Desagradável.

— Por que? — O tom do Ceifador é cuidadosamente neutro.

— Ela costumava me bater... por tudo. — Ela tinha um chicote de cavalo que mantinha por perto para esse propósito. — Eu não conseguia fazer nada direito. — Ainda sinto uma velha e opaca queimação de vergonha quando me lembro de sua decepção constante. — Na maioria das vezes, fico aliviada que ela se foi. — Admito, as palavras me fazendo sentir culpada.

— Você quer me dizer que sente algo diferente de alívio? — Fome diz e posso ouvir a surpresa em sua voz.

Franzo a testa.

— Claro. Ela era minha tia.

— Então? — Fome diz. — O que isso tem a ver com alguma coisa?

— Ela se importava comigo... à sua maneira. Ela me deu um lugar

para dormir, comida e roupas. Não foi uma experiência alegre, mas foi algo.

O cavaleiro solta um gemido incrédulo.

— O quê? — Pergunto. — Você acha que não?

— Não é o suficiente, flor, nem de perto o suficiente. — Diz ele. — Então, novamente... — Ele acrescenta. — Eu não deveria esperar nada melhor de gente como os humanos.

— As pessoas não são tão ruins. — Digo.

O Ceifador se reajusta um pouco, gemendo enquanto o faz.

— É claro que você nunca foi torturada por eles.

Pressiono meus lábios. Ele tem razão. Estamos no meio de um campo nos escondendo para salvar nossas vidas e os homens atrás de nós não apenas se deleitam com a morte, eles também desfrutam de uma boa dose de sofrimento.

Nós dois ficamos em silêncio e assim ficamos por um longo tempo. Eu continuo acariciando seu cabelo. Ao longe, ouço o barulho de mais cascos de cavalos. Nós dois ficamos completamente imóveis. Mas como da primeira vez que ouvi o barulho, eles não param para verificar o campo.

Assim que as batidas dos cascos vão embora, Fome diz:

— Você não acabou de me contar sobre sua vida.

Olho para ele.

— Eu sei que você gosta de histórias, mas não tenho certeza se a minha é o que você está procurando. — Não há justiça, nem paz e

harmonia, exceto pelas aparições que Fome fez, não há nada de particularmente sobrenatural nisso.

— É exatamente o que estou procurando.

Tento não interpretar essa afirmação ou a maneira como ele está olhando para mim. Começarei a pensar que este homem está realmente interessado em mim e essa é uma suposição perigosa de se fazer quando se trata do cavaleiro.

Expiro.

— Eu não quero falar sobre isso. — Admito. Eu me dou um pouco de crédito por ser honesta.

— Por quê? — O cavaleiro pergunta curiosamente.

Desvio o olhar.

— Não tenho vergonha do que fazia para viver, mas... — Mas de certa forma, tinha. — Elvita me encontrou pouco depois de chegar a Laguna. — Eu estava com fome, desamparada e cheio de culpa. Na minha cabeça, destruí Anitápolis. — Ela tinha um olho para meninas desesperadas e quebradas.

— Ela me levou de volta ao bordel, me deu comida e uma cama... em troca do trabalho. — Faço uma pausa. Gosto de falar sobre sexo quando sou eu quem o exerce sobre os outros; particularmente não gosto de discutir isso quando sou a vítima. — Ela... me treinou por algumas semanas. — Digo.

Fome fica terrivelmente silencioso.

— É um choque ver sexo assim. — Eu não estava completamente protegida, mas também nunca estive em um bordel antes. — E em

algum ponto, me uni... — Respiro fundo. — E foi isso que fiz nos últimos cinco anos. Atendi homens e mulheres de muitas maneiras que você pode imaginar... e algumas você provavelmente não pode.

Fome não diz nada.

— Eu... não sei mais o que dizer a você. — Não creio que o cavaleiro esteja particularmente interessado em um relato detalhado de meus muitos encontros sexuais. — Fiz amizade com as mulheres com quem trabalhei. Algumas delas morreram muito jovens e outras deixaram o bordel, seja por outro trabalho, para se casar ou...

— E quanto a você? — O Ceifador interrompe. — Você já pensou em sair para outro trabalho... ou se casar?

Meu olhar volta para ele. Tento ler sua expressão, mas está muito escuro.

— Eu quase saí... uma vez. — Digo. — Eu me apaixonei.... mas ele partiu meu coração.

A boca de Fome se contrai, assim como seus olhos, seus olhos parecem tristes.

— Você merece coisa melhor do que esta vida deu a você, Ana. — Ele finalmente diz. — Muito, muito melhor.

Olho para o Ceifador. Por conta própria, meu polegar acaricia sua têmpora.

— Você também, Fome. Você também.

Capítulo Trinta e Um

— Tudo bem. — Diz o cavaleiro muito depois, no momento em que o céu começa a clarear. Ele se senta. — Estou pronto.

O Ceifador estende a mão e na luz fraca, vejo o contorno de sua foice. É um choque ver essa arma enorme. Em algum momento, ela reapareceu.

Meu olhar se move para o peito do cavaleiro e com certeza, posso ver o brilho de sua armadura. Imagino que em algum lugar perto de nós está sua balança também.

Fome agarra sua arma e seguro a respiração. Não percebi que sua mão cresceu novamente.

Meu olhar vai para o outro braço. Aquele ainda não terminou a cura, embora seu antebraço e mão tecnicamente estejam ali. Ainda assim, parecem mais finas e menos carnudas do que deveriam.

— Pronto? — Ecoo confusa. — Pronto para quê?

O Ceifador leva duas tentativas, mas consegue se levantar.

Ele olha para mim, um sorriso puxando o canto de seus lábios.

— Ora, para vingança. O que mais?

Fome desequilibra, mas quando tento ajudá-lo, ele me dispensa. Com o braço ruim. Ainda está encolhido, crescendo. Não posso dizer em que estado suas pernas estão, mas a ferida no pescoço parece quase curada.

— Você ao menos sabe para onde vai? — Pergunto, abaixando-me

para agarrar a balança do cavaleiro, que na verdade está ali perto. Não sei por que estou me preocupando em pegar isso. Fome parece feliz em deixá-la para trás.

Ele faz um barulho indignado.

— Claro que sim. Posso sentir o mundo inteiro por meio de minhas plantas.

Isso é.... inquietante.

Mas por mais estranha que seja a afirmação, deve ser verdade porque, nem dez minutos depois, acabamos na estrada.

A faixa de terra parece completamente abandonada, embora eu saiba que vários homens cavalgaram para cima e para baixo nesta estrada nas últimas horas. Fome caminha em direção à entrada principal da propriedade.

— Isso parece familiar. — Digo. É uma cidade diferente e um ano diferente, mas o mesmo cavaleiro brutal que precisa se vingar das pessoas que o machucaram.

Fome para, olhando por cima do ombro para mim.

— Eu sei que você acha que estou com raiva. — Diz ele como se lesse minha mente. — E na maior parte do tempo estou, mas...

Ainda está muito escuro para ver com clareza, mas juro que ele está me dando mais um daqueles olhares famintos.

— Eu não deixarei você. Não quis deixá-la na primeira vez que nos encontramos. Minha mente estava uma bagunça, Ana. Deixe-me punir as pessoas que precisam ser punidas, para que possa pensar em algo diferente dessa necessidade urgente de matar.

À distância, ouço o barulho constante de cascos de cavalos. Ao contrário das batidas anteriores, estas são lentas e constantes. Fome avança novamente, em direção ao barulho que vem da propriedade.

Ele começa a andar, o arco mutilado aparecendo. Eu o sigo, o medo florescendo dentro de mim devido o confronto à frente.

As batidas dos cascos ficam mais altas, ouço o ranger de rodas sobre as rochas e o murmúrio de vozes masculinas. O som dessas vozes envia outra onda de medo. Eu luto contra o instinto urgente que me diz para correr.

Fome apenas para quando passamos sob o arco e entramos novamente na propriedade. Ele fica parado sob o céu azul profundo, observando o que parece ser uma carroça puxada por cavalos enquanto se aproxima. Olha por cima do ombro para mim e me chama para o seu lado.

— Por que estamos fazendo isso novamente? — Pergunto.

— Acalme-se, Ana. — Diz o cavaleiro, usando minhas palavras contra mim. — Esta é a parte divertida.

Meu estômago revira. A ideia de diversão de Fome envolve inevitavelmente sangue e dor.

Na luz escura da manhã, posso apenas perceber que há dois homens conduzindo a carroça, embora, pelo que parece, outros estejam sentados na parte de trás.

— O que é isso? — Ouço um dos homens dizer.

— Prepare-se. — Diz Fome enquanto a carroça se aproxima de nós.

Ele não dá nenhuma outra indicação de que algo está para acontecer. Mas então eu sinto, o mais leve tremor sob meus pés.

Uma fração de segundo depois, o chão se abre com um gemido. À nossa frente, a carroça de madeira range quando as plantas do cavaleiro crescem abaixo dela, forçando-a se inclinar e a tombar. Os homens gritam quando são derrubados. Apenas o cavalo consegue se manter de pé.

Acima, o céu escuro parece agitar-se à medida que nuvens espessas se acumulam.

O Ceifador dá a volta, em direção à parte de trás da carroça, assobiando uma melodia enquanto caminha.

Vários dos homens já estão se levantando.

— Que diabos? — Alguém diz.

— Não é o diabo. — Diz Fome. — Apenas o Ceifador.

E então ele começa a matar.

O cavaleiro abaixa sua foice sobre homem após homem, assobiando o tempo todo. Alguns deles conseguem fugir da carroça, disparando em todas as direções.

Acontece que uma dessas direções é o meu caminho.

Presumo que o homem está se dirigindo para a saída da propriedade, mas quanto se aproxima, mais percebo que vem direto para mim.

Soltando a balança do cavaleiro, giro e saio correndo, indo direto para o arco.

Apenas consegui correr alguns metros, no entanto, antes que o homem atinja minhas costas, caio no chão. Desesperadamente, tento me arrastar para longe.

Antes que possa, uma mão áspera me vira. Mal olho para o rosto sombreado quando suas mãos vão ao redor da minha garganta e ele começa a apertar.

— Eu vou matá-la! — O homem grita por cima do ombro. — E farei isso se você não nos deixar ir.

O assobio para.

Estou sufocando e tudo que quero fazer é arrancar os dedos do homem da minha garganta, mas tenho uma faca na minha bota.

Minha perna está meio presa sob o homem e apenas consigo levá-la parcialmente em minha direção antes que ele apoie seu peso na perna, mas é o suficiente.

Tateio em busca do cabo, mesmo quando minha visão começa a nublar. Meus dedos encontram e retiro a lâmina, me cortando no processo.

Sem hesitar, bato a faca em seu lado.

O homem grita, seu aperto afrouxando. Sou capaz de inspirar uma grande golfada de ar, mas então suas mãos agarram meu pescoço mais uma vez.

Retirando a lâmina, o esfaqueio novamente.

Ele grunhe, mas me segura rápido.

Meu Deus, deixe-me ir.

Antes que possa apunhalá-lo novamente, uma bota chuta o homem para longe de mim.

Fico ali ofegando enquanto Fome se aproxima do homem, sua bota caindo na garganta do meu atacante. Ao ver o Ceifador, meu agressor faz um barulho assustado.

Fome tem uma expressão implacável enquanto olha para o homem, sua foice nas costas. Atrás dele, relâmpagos disparam em direção à terra, iluminando a armadura e o cabelo do cavaleiro.

BOOOOM! BOOOOM-BOOOM-BOOOOOM!

— Nunca, jamais, foda com o que é meu. — Diz ele.

E então esmaga a traqueia do homem.

Por vários segundos, não me movo, minha respiração saindo em ofegos pesados. Quase imediatamente, o crepitar do trovão e os flashes dos relâmpagos desaparecem. Apenas então percebo como tudo está silencioso.

Fome se apodera de mim e me levanta em seus braços. Meu corpo ensanguentado encontra o seu inflexível.

— Porra. — Digo, minha voz trêmula enquanto meus braços vão ao redor de seu pescoço. Inclino minha testa contra seu peito.

O aperto do cavaleiro aumenta.

— Você está bem? — Ele pergunta.

Aceno contra ele.

Depois de um momento, eu digo:

— Você está bem? — Pergunto.

— Agora estou.

Fecho meus olhos, deixando suas palavras passarem por mim. Ele se preocupa comigo e caramba, é tão bom ser cuidada e abraçada. Qualquer que seja a proximidade que nós dois construímos nos campos ao nosso redor, ela não foi embora.

Quando abro meus olhos novamente, olho ao redor para os corpos que jazem espalhados.

— Eles estão todos mortos? — Pergunto.

Ele me encara, seu olhar ficando distante. Depois de um momento, diz:

— Agora estão.

Assim que recupero o fôlego, Fome me coloca no chão e se aproxima da carroça virada. Ele usa suas plantas para consertar a coisa, então passa um minuto acalmando os cavalos assustados ainda presos a ela.

Depois que parece tê-los acalmado, Fome volta para a carroça e se coloca no banco do condutor.

Ele dá um tapinha no espaço vazio ao lado dele.

— Vamos Ana, vamos encontrar Heitor e bater um papo com o desgraçado.

A viagem de volta à propriedade parece muito mais curta do que a de ida. Acima de nós, o céu continua clareando, ficando uma cor cinza-azulada.

Ao som de nossa carroça entrando, vejo vários homens

avançando. Ainda está escuro o suficiente para que a maior parte do que nos rodeia tenha uma tonalidade profunda e sombria; deve ser por isso que demoram tanto para nos reconhecer.

No momento em que o fazem, as plantas de Fome brotam do solo, arrebatando os homens. Um coro de gritos surge enquanto nossa carroça sobe pelo caminho circular.

À nossa frente, a porta se abre e uma forma familiar sai.

Heitor.

Eu me encolho um pouco ao vê-lo.

O Ceifador olha para mim, observando minha expressão. Quando ele volta sua atenção para Heitor, o olhar de Fome permanece no ferimento na têmpora do homem.

— Que porra... — Sua voz morre e ele empalidece ao ver o cavaleiro. — Como você está...? — Seus olhos se movem sobre o Ceifador. Ele cambaleia para trás. — Mas eu o vi morrer.

Fome se levanta, então lentamente sai da carroça, seus passos ecoando no ar da manhã.

— Você claramente se esqueceu do que eu disse antes. — Diz ele. — Então deixe-me lembrá-lo: eu não posso morrer e mais importante... atentados contra minha vida serão recebidos com vingança.

Rocha se vira então, provavelmente para fugir de volta para dentro de sua mansão. Com um estalo violento, a passarela pavimentada sob ele se abre e um arbusto espinhoso cresce cada vez mais, seus galhos finos bloqueando a porta, mesmo quando tentam

alcançar o chefe do cartel.

Heitor tropeça para trás e se vira para encarar o cavaleiro.

— Você não vai a lugar nenhum. — Diz Fome.

Não consigo ver a expressão do cavaleiro quando ele se aproxima do homem, mas apenas pela postura rígida de seus ombros, posso dizer que ele está fervendo.

— Perguntarei apenas uma vez. — Diz o Ceifador, sua voz sinistra. — O que você fez com Ana?

Minhas sobrancelhas levantam com a menção do meu nome.

Heitor fica parado, cercado pelas plantas de Fome de um lado e o cavaleiro do outro.

— Quem? — Rocha pergunta. Então seus olhos se voltam para mim e juro que uma irritação passa por seu rosto em um instante. — Quer dizer a vadia com quem está? — Ele diz, apontando o queixo em minha direção. Ele aponta para sua têmpora. — Ela me atacou.

É a resposta errada.

O Ceifador se aproxima de Heitor, sua foice nas costas.

— Na maioria das vezes, não dou a mínima para os humanos que mato. — Diz o cavaleiro. — Mas você... para você abrirei uma exceção.

Minha respiração para.

— Por favor. — Diz Heitor, levantando as mãos de forma apaziguadora. — Juro que tudo isso foi um mal-entendido. Diga-me o que precisa e eu fare... está praticamente pronto.

Vejo Fome inclinar sua cabeça.

— Você e eu somos homens maus. Não vamos mentir um para o outro... estamos além das palavras agora.

Fome estende sua mão para Rocha. Alguma coisa muda no ar e espero que uma das péssimas plantas do cavaleiro cresça do solo.

Mas a terra não se abre e nenhuma flora sobrenatural surge de suas profundezas. No entanto, enquanto observo, o homem parece engasgar com a própria respiração.

— O que você está fazendo comigo? — Heitor engasga.

— Você nunca parou para se perguntar como mato as plantações? — O Ceifador diz. — Porque se tivesse, poderia ter considerado o fato de que o que eu faço com elas posso fazer com você também. Os humanos são apenas outro tipo de colheita, no final das contas.

Um arrepio me percorre.

— O que você está experimentando. — Continua Fome. — É a sensação de seu corpo morrendo, pequenos pedaços de cada vez. Mas isso não acontecerá imediatamente. O que garantirei.

Eu vi em primeira mão como Fome faz as colheitas murcharem. Não consigo imaginá-lo fazendo a mesma coisa com um humano, ou que ele possa prolongar a experiência para torná-la o mais agonizante possível.

E parece angustiante. Heitor se encolhe, gritando de dor que não consigo ver.

— Por favor. — Ele murmura. — Eu posso... ainda ajudar... sinto muito... mal-entendido.

Há uma pausa, então ouço a risada baixa do Ceifador.

— Um mal-entendido? Não, não, meu amigo. Uma coisa foi tentar me machucar. Mas então você tentou machucá-la. — Fome olha por cima do ombro, me lançando um olhar. No brilho lilás da manhã, o cavaleiro me encara com uma espécie de intensidade fervorosa.

Com aquele olhar, um calor espontâneo se espalha. O cavaleiro já me defendeu várias vezes e não posso deixar de me sentir... querida.

Fome percebe que é minha fraqueza? Para uma garota que nunca foi verdadeiramente amada, é assim que me envolvo.

— No momento em que você a tocou. — O Ceifador continua. — Tornou-se um homem marcado. — Enquanto Fome fala, a terra treme. Mais do pavimento ao redor dos dois homens se abrem e várias trepadeiras insidiosas crescem delas. As plantas deslizam com facilidade sinistra sobre o moribundo, envolvendo-se em seus tornozelos e mãos. — Mas então foi atrás dela.

As palavras de Fome são pontuadas por um estalo nauseante e Heitor grita.

— Diga-me, homem mau. — Diz o Ceifador. — O que você pretendia fazer com ela?

A única resposta de Heitor é choramingar enquanto as videiras ficam mais apertadas.

— Pretendia recitar a poesia? — Outro estalo, outro grito agonizante. — Ou jurar lealdade? — Outro estalo, seguido por um gemido. — Foi levar comida ou roupas, elogiá-la? — Snap, snap, snap.

Heitor está chorando abertamente.

— Ou para dizer a ela o quão indigno de seu tempo era? —

Rachadura.

O homem soluça e Fome o encara.

Estou presa no lugar, minha respiração engatada na garganta. Não tenho ideia do que o cavaleiro está fazendo ou como me sinto a respeito, mas não consigo desviar o olhar.

Há uma pausa. Então...

— Não. Você estava ali para estuprá-la. E meu amigo, nós dois estamos descobrindo que nada atiça mais minha raiva que tentar prejudicar minha flor.

Rachadura, rachadura, rachadura.

Seguem-se mais gritos, depois gritos agonizantes e sem fôlego.

Fome se agacha ao lado de Rocha e ri.

— Você não morrerá, Heitor. Ainda não implorou o suficiente. Mas irá. E mesmo assim farei demorar. Porque, acredite ou não, você não é a pior coisa do mundo.

O Ceifador se inclina para perto.

— Eu sou.

Capítulo Trinta e Dois

Preciso me forçar a respirar enquanto Fome se endireita.

Ele me defendeu. Quer dizer, torturou um homem e matou vários outros, então provavelmente deveria me concentrar em como isso é ruim.

Mas há muito aceitei que não sou santa.

Portanto, estou me concentrando no fato de que nas últimas duas horas, Fome deixou muito claro que sente algo por mim. Algo mais profundo que lealdade. Minha pele formiga, meu corpo inteiro eletrizado pelas emoções estranhas que estou sentindo.

Fome se levanta, voltando para carroça. Seus olhos brilham com todos os tipos de emoções, a mais proeminente delas é uma ameaça. Mas quando se fixam nos meus, suavizam e por um momento juro que vejo algo ao mesmo tempo esperançoso e vulnerável dentro deles. Tão rápido quanto a expressão vem, desaparece novamente.

O Ceifador se move para o lado da carroça e estende sua mão boa para mim. Sangue está espalhado por sua armadura e a visão de seu traje ensanguentado está em desacordo com seu cavalheirismo atual.

Seguro sua mão e o deixo me ajudar. Assim que desço, ele solta minha mão.

— Tenho uma última coisa que preciso fazer. — Ele diz suavemente.

Abro os lábios para responder, mas o cavaleiro já está se virando e caminhando de volta para propriedade, notando Heitor por tempo

suficiente para que a planta que o segura saia de seu caminho. Com o movimento, Heitor grita, o som se transformando em um gemido.

Quando Fome chega à porta da frente, a planta que bloqueia a entrada agora se enrola sobre si mesma, murchando para que o cavaleiro possa passar. Fome levanta uma bota e dá um forte chute na porta. A madeira se estilhaça e a porta se abre, batendo na parede interna.

Ao longe, posso ouvir vários gritos assustados vindos da casa. Fome para na soleira, captando qualquer visão que esteja esperando por ele.

Começo a me mover novamente, indo para a mansão assim que o cavaleiro entra. Passo por Heitor, meus olhos encontrando os dele por um momento.

O outrora orgulhoso chefão do tráfico não é nada mais do que um homem quebrado, sua pele cinza e murcha, seu rosto pálido e seus membros contorcidos em ângulos não naturais.

— Por favor... — Ele sussurra.

É aqui que eu deveria sentir pena. Pena que deveria sentir por pessoas que realmente merecem.

Meu olhar se desvia e passo por ele, entrando na mansão.

À minha frente, os homens restantes de Heitor estão amontoados na sala de estar, com as armas no chão. Eles se ajoelham diante do Ceifador, suas cabeças inclinadas, como se pretendessem servi-lo fielmente.

Como se a noite anterior não provasse com dolorosa clareza de

quanta lealdade eles são realmente capazes. Estes últimos homens devem ter percebido que apostaram no cavalo perdedor.

— Oh, isso é precioso. — Diz Fome. — Acho que atirar em mim foi apenas um acidente? — Ele está claramente se lembrando da mesma coisa que eu.

Um dos homens olha para cima e meus olhos se arregalam quando noto o quão doente ele parece. Como se sua própria vida estivesse murchando diante dos meus olhos...

Deve ser o mesmo talento terrível que Fome demonstrou em Heitor.

— Não queríamos machucá-lo. — Diz o guarda, olhando para Fome. — Heitor nos obrigou.

— Acha que eu realmente me importo com seus motivos? — Fome pergunta. O chão abaixo de nós treme, então começa a se levantar, o piso de mármore rachando conforme os ladrilhos são removidos. Cambaleio, apoiando-me contra uma parede próxima enquanto uma floresta de plantas se ergue do solo, envolvendo-se ao redor dos homens.

Mesmo em seus estados enfraquecidos, alguns tentam fugir. É inútil, é sempre inútil. Os galhos e as trepadeiras saltam como cobras atacando, envolvendo-os.

Meu estômago revira com os ossos quebrando e os gritos agonizantes dos homens.

O Ceifador sai da sala e vem até mim. Ele fecha os olhos, inspirando e expirando.

Quando ele os abre novamente, ele diz:

— Está feito.

— O que está feito?

O cavaleiro me lança um olhar significativo.

Não sei se sinto isso ou se apenas junto as peças, mas percebo o que Fome quis dizer. A população de São Paulo acabou.

Essa é outra coisa com a qual nunca me acostumarei, que o cavaleiro possa matar impiedosamente cidades inteiras em questão de minutos.

Deve haver algo em minha expressão, porque Fome me olha sério.

— Vamos. — Ele diz. — Está realmente chateada com isso?

Sim. Claro que estou chateada com absolutamente tudo, exceto talvez pelas últimas doze mortes que testemunhei.

Mais gentil do que seu humor parece indicar, Fome pega meu braço e me leva adiante através da selva de videiras emaranhadas e membros humanos. Atravessamos a sala e saímos para o pátio.

— Onde estamos indo? — Pergunto, sentindo como se estivesse andando em transe.

— Seu quarto. — Diz o cavaleiro e há uma nota em sua voz...

Eu o olho, mas seu rosto não me diz nada sobre seu humor.

Atravessamos o pátio e entramos na ala da propriedade que abriga o quarto dele e o meu. Endureço um pouco quando vejo a porta do meu quarto aberta.

Fome solta meu braço e vagueia à minha frente, descendo o corredor antes de entrar. Sou mais lenta para me aproximar, meu coração começa a acelerar quanto mais perto chego. É uma reação ridícula; eu sei que Heitor está aprisionado em uma das horríveis plantas do Ceifador, mas ainda tenho que respirar fundo várias vezes e forçar minhas pernas a se moverem em direção ao quarto.

Lá dentro, o olhar do cavaleiro percorre os arredores, observando a cama amarrotada, os candelabros e as poucas gotas de sangue no chão. Depois de um momento, ele se move para um armário próximo e abre a porta. Posso ver roupas femininas penduradas dentro. Aparentemente, Heitor mantinha este quarto abastecido para qualquer pobre coitada que se hospedasse ali.

Fome começa a arrancá-los, um por um, deixando-os cair no chão.

— O que você está fazendo? — Pergunto.

— Você ficará no meu quarto. — Ele diz, sem olhar para mim.

— Por que? — Pergunto curiosa. Quer dizer, não sou contra esse acordo, apenas me irrita que Fome seja mandão.

Ele recolhe a pilha de roupas.

— Acho que a resposta é autoexplicativa. — Diz ele. — Você foi emboscada quando estava sozinha. Eu não quero que isso aconteça novamente.

Sinto um aperto no peito, que estou tentando ignorar.

O cavaleiro passa por mim, as roupas leves e rendadas esvoaçando debaixo do braço.

— Estas nem são minhas. — Digo, observando-o sair.

— Agora são. — Ele responde suavemente.

Sigo atrás dele, para seu quarto. Paro na soleira, me sentindo fora do lugar. Talvez seja toda a carnificina que vimos ou apenas que as coisas entre eu e o cavaleiro mudaram para um território desconhecido, mas de repente me sinto esticada como uma corda de arco.

Fome, por outro lado, não parece compartilhar do meu humor.

Ele joga minhas roupas novas nas duas gavetas de cima de uma cômoda próxima, depois fecha. Virando-se, ele me encara mais uma vez.

Minha atenção se concentra no ferimento acima de seu olho, aquele feito pela flecha. Agora está quase curado, mas ainda parece um pouco vermelho e em carne viva. Meu olhar cai para o braço que foi amputado no cotovelo. Nas horas entre quando o encontrei e agora, está reformado, mas ainda parece carnudo de uma forma nada natural.

— Isso doí? — Pergunto, acenando para o braço.

— Ficará bem. — Diz ele.

Considero isso um sim.

Ele aponta para cama.

— Continue.

Minhas sobrancelhas se juntam.

— Sobre o que está falando?

Ele me lança um olhar especulativo.

— Dormir. Tenho certeza de que você precisa depois da noite que tivemos.

Oh. Claro. Estou seriamente questionando o estado da minha mente ao não entender o que ele queria dizer. E agora que mencionou dormir, posso senti-lo me puxando.

Mas ainda hesito.

Fome suspira.

— O que foi?

— Eu realmente não quero entrar. — Digo, indicando meu corpo respingado de sangue e sujo.

Ele levanta uma sobrancelha.

— Este lugar será deixado para os abutres em um ou dois dias. Ninguém se importa.

— Não quero dormir suja de sangue. — E o sangue daqueles outros homens. Os que esfaqueei. Ignoro um estremecimento.

O cavaleiro acena para o banheiro conectado ao seu quarto.

— É todo seu.

Hesito por apenas um momento. Então caminho até lá. Abro a torneira, uma faísca de esperança me enchendo ao ver a água corrente.

Tirando as roupas, entro enquanto a banheira enche, a água fria é refrescante. Não esquenta, nem mesmo quando enche completamente. Talvez seja por isso que não fico muito tempo. Ou talvez seja o fato de que posso ouvir o cavaleiro rondando seu quarto como uma criatura enjaulada.

Esfrego minha pele até que esteja em carne viva e lavo meu cabelo até ter certeza de que estou limpa. E então estou fora da banheira, destampando o ralo e me enrolando em uma toalha, minha cabeça muito mais clara do que quando entrei no banheiro.

Quando entro no quarto de Fome, vejo que o cavaleiro finalmente conseguiu se acomodar. Está sentado em uma cadeira ao lado da cama, olhando para sua mão crua. Tem uma expressão triste e preocupada no rosto, que faz meu estômago revirar.

Como se sentisse meu olhar sobre ele, olha para cima, nossos olhos se encontram. Por um momento, a expressão que ele me dá é de vulnerabilidade nua e novamente, reajo fisicamente ao vê-lo.

Atravessando o quarto, caminho até Fome e silenciosamente pego sua mão boa, dando um puxão.

— O que você está fazendo, Ana? — Ele pergunta.

— Para começar, estou tentando tirar sua bunda da cadeira. — Digo, dando outro puxão em seu braço. É bom conversar assim com ele, como se estivesse restabelecendo nosso relacionamento anterior.

O cavaleiro se levanta com relutância, embora pareça desconfiado de mim. Não sei porque; passamos pelo inferno e voltamos nas últimas doze horas. Entrelaço meus dedos nos dele e o levo até o banheiro.

Assim que entramos, empurro-o em direção à banheira de porcelana.

— Entre. — Eu digo.

Fome olha para a banheira como se nunca tivesse visto nada tão

desagradável em sua vida.

— Eu não quero tomar banho.

— Meu Deus. Apenas entre.

Ele me lança um olhar carrancudo por cima do ombro, mas dá um passo em frente, com armadura sangrenta e tudo.

É minha vez de soltar um longo suspiro de sofrimento.

— Você precisa se despir primeiro.

Os olhos do Ceifador brilham.

— Isto é ridículo. — Mas mesmo enquanto fala, começa a se despir.

Primeiro tira as botas; então parte por parte, solta sua armadura, a expressão dizendo claramente que odeia tudo isso. E ainda assim não há timidez ou constrangimento quando se trata de tirar a roupa. Não que ele tenha algo do que se envergonhar...

Ele me olha descontente, mesmo enquanto tira a camisa, em seguida, deixa cair a calça e tudo o que usa por baixo, jogando o resto de suas roupas do lado da banheira.

Sou eu que preciso manter minha expressão desinteressada, porque Santa Mãe de Deus, mesmo fazendo cara feia para mim, Fome é o homem mais lindo que já vi em toda a minha vida. Cada centímetro dele é músculo esculpido, seus ombros largos afinando até uma cintura estreita e um pau que é de alguma forma bonito, apesar do fato de estar tão aborrecido quanto o resto de Fome.

Meu olhar percorre seu corpo, demorando-se em suas tatuagens

brilhantes, que apenas parecem realçar sua aparência.

— Bem? — Ele pergunta. — Terminou de olhar?

Preciso reprimir um sorriso. Fome é surpreendentemente divertido de se estar por perto, pelo menos quando não há ninguém presente para ele matar.

Abro a torneira e tampo o ralo, então saio do banheiro, pegando uma roupa branca transparente da cômoda de Fome que acabou sendo um vestido que parece ser quase do meu tamanho.

Puxando-o sobre mim, volto ao banheiro. O cavaleiro ainda está nu e de pé; a única diferença é que agora ele cruzou os braços sobre o peito.

Aceno para a banheira.

— Sente-se.

— Sou eu quem dá as ordens. — Afirma.

Como se eu pudesse esquecer.

Caminhando até ele, dou um tapa em sua bunda.

— Sente-se.

Ele me lança um olhar fulminante, mas estou acostumada com os homens realmente gostando dessa merda. É estranho perceber mais uma vez que o cavaleiro não é a maioria dos homens.

Mas... Fome se instala, lentamente inclinando suas costas contra a banheira enquanto olha para mim. Fecho a torneira e dou a volta.

Há um banco atrás dele, provavelmente onde um criado poderia sentar e ajudar o ocupante a tomar banho. Pego uma toalha e uma

barra de sabonete e me sento naquele banco.

— Deveria gostar disso? — O Ceifador diz, mal-humorado para caralho, de costas para mim.

Levantando meu vestido transparente, fico atrás do cavaleiro, me ajustando de modo que meus pés fiquem mergulhados na banheira e o torso de Fome esteja aninhado entre minhas coxas.

Ao pressionar minhas pernas, sinto o cavaleiro ficar tenso.

Inclinando-me para baixo, mergulho a toalha na água. No meu caminho de volta, digo baixinho em seu ouvido.

— Você poderia, se realmente se permitisse.

E então arrasto o pano em seu peito.

Ele agarra uma das minhas pernas, provavelmente para removê-la e o resto de mim de perto.

— Acredite ou não. — Digo em tom de conversa. — Não estou tentando seduzi-lo.

Não que eu me importasse...

O pensamento desliza, espontaneamente.

— Eu não pensei que estivesse. — Diz Fome. Sua mão ainda está na minha perna e ele parece que vai me afastar, mas não faz nada por um momento.

Mergulho o pano de volta na água, um pouco do meu cabelo roçando seu pescoço e ombro enquanto faço isso.

— Então por que você não relaxa? — Pergunto, passando o pano para cima e para baixo em seu peito, tentando não deixar minha

mente se demorar no quão atraente ele é.

— Eu não gosto... — Ele parece se conter, então exala. — Não quero que você cuide de mim.

Eu me movo para seus braços, limpando bem, meus olhos observando os grifos verdes que envolvem seus pulsos como algemas.

— Alguém já cuidou de você? — Pergunto, meu tom leve.

— Eu não preciso de ninguém. — Ele diz e posso ouvir a irritação em sua voz.

Eu não digo nada, em vez disso, seguro seu braço ferido e gentilmente passo o pano sobre a área totalmente curada.

— Todo mundo precisa ser cuidado. — Finalmente digo, mergulhando o pano na água.

— Não minha espécie.

— Especialmente sua espécie.

Fome se vira para me olhar, o ferimento acima de seu olho ainda vermelho e aproveito o movimento para segurar seu queixo. Eu o deixo observar minhas características enquanto coloco o pano em seu rosto. Tão perto dele, aprecio o quão selvagem e bonito ele é. Sim, bonito e selvagem.

Com muito cuidado, limpo as bordas da ferida. Enquanto faço isso, sinto a mão de Fome subir pela minha perna, depois descer, a ação causando arrepios.

Isso tudo termina no momento em que o pano toca sua ferida aberta.

Ele sibila com o toque, tentando desviar a cabeça. Mas entre meu aperto em sua mandíbula e minhas pernas prendendo-o no lugar, não há como escapar.

Aparentemente, esta lesão não está tão curada quanto imaginei.

— Pare com isso. — Ele diz, seus dedos apertando minha perna.

— Apenas... fique quieto. — Eu digo, minha atenção na ferida.

Ele não faz isso, ao invés, tenta se livrar do meu aperto como um gato selvagem.

— Oh, pelo amor de Deus, pare com isso. — Eu digo, segurando sua mandíbula com mais força. Não é como se Fome não pudesse lidar com a dor. Isso foi exatamente o que ele fez nas últimas doze horas. E não é nada comparado ao que suportou.

Os olhos do cavaleiro piscam e seu olhar se estreita, mas ele me ouve.

Metodicamente, termino de limpar seu ferimento, depois o resto de seu rosto.

Ele me observa enquanto trabalho, franzindo a testa profundamente. Mas depois de um minuto ou mais, senta novamente.

Passo de seu rosto para seu cabelo, colocando o pano de lado para correr meus dedos por seus cachos caramelo. Ao meu toque, ele fecha os olhos e sinto um pouco de satisfação, pois até os cavaleiros gostam de uma boa massagem na cabeça.

— Você não reagiu à minha nudez. — Diz ele do nada.

Oh, eu reagi. Precisaria estar morta para não. Mas mantenho isso

para mim.

— Deveria? — Pergunto.

Ele abre os olhos.

— No passado, as pessoas o faziam.

Isso me faz parar e me pergunto novamente que tipo de homem era Fome antes de ser capturado e torturado.

— Estou acostumada a ver homens nus. — Respondo suavemente.

Embora eu não esteja acostumada a ver homens como Fome. Ele se destaca nesse aspecto.

— Hmm... — Ele reflete. Sua mão começa a se mover para cima e para baixo na minha perna novamente, seu toque está me deixando estranhamente sem fôlego.

Há quanto tempo não tenho ninguém?

Não consigo lembrar. A verdadeira luxúria é uma coisa rara quando você se satura de sexo. Todo o processo torna-se um pouco mecânico, infelizmente.

— Você gostaria que eu lavasse... o resto? — Minha voz não soa como a minha. Está muito baixa.

Fome hesita. Então...

— Não. Eu terminei com este maldito banho desde antes de entrar. — Mas assim como eu, sua voz não soa como deveria; está mais rouca do que o normal. E então, é claro, hesitante, como se ele brincasse com a ideia de tocá-lo mais abaixo.

Fome se levanta, saindo da banheira para pegar uma toalha e tenho que me esforçar para não olhar seu traseiro.

Deus me ajude, mas você poderia quicar uma moeda nessa bunda e eu não deveria pensar em coisas como está sobre o cavaleiro. Especialmente depois que fiz aquela grande declaração sobre não ser afetada por sua nudez.

Porque, sabe a minha boceta? Oh, ela sentiu.

Saio do banheiro enquanto Fome se troca, tentando ser uma pessoa decente.

Assim que volto para o quarto, a cama do cavaleiro acena para mim. Agora que o perigo passou e minha adrenalina se esgotou, posso sentir a exaustão se instalando em meus ossos.

— Durma um pouco. — Diz Fome atrás de mim, enxugando seu cabelo. — Ninguém a incomodará.

Não sobrou ninguém para me incomodar, ninguém, exceto o próprio cavaleiro.

— O que você fará? — Pergunto por cima do ombro, mesmo enquanto me movo até a cama, deslizando para os lençóis macios.

— O que faço de melhor.

Meus olhos encontram os dele.

— Farei todos aqueles homens sofrerem.

Capítulo Trinta e Três

Um ruído suave de batidas me acorda.

Pisco meus olhos lentamente, absorvendo a luz escura que cobre o quarto.

Devo ter dormido o dia todo.

Bocejando, me sento e esfrego meus olhos.

Há um momento feliz de ignorância, onde não consigo me situar. E então o momento passa e minhas lembranças inundam minha mente.

Ah, foda-se.

Aperto a ponta do meu nariz, como se de alguma forma isso fosse fazer tudo ir embora.

Tap-tap-tap. Esse som novamente.

Meu olhar se move em direção a ele.

Fome se inclina contra uma parede próxima, seus dedos batendo na lateral do copo de vidro que ele segura. Olha-me de forma engraçada.

Sento-me um pouco mais reto, acordando rápido agora que percebo que tenho toda a atenção do cavaleiro.

— Que horas são? — Pergunto, olhando para fora da janela, onde o céu é um roxo acinzentado.

O Ceifador não responde, apenas bate os dedos ao longo da

lateral do copo. Ele parece totalmente intocado, como se nunca tivesse sido massacrado.

— Você está melhor? — Pergunto.

— Mmm... — Ele responde distraidamente, aqueles olhos verdes afiados ainda me observando.

— O quê? — Finalmente pergunto, porque seu foco está ficando estranho. — Há um inseto grande no meu cabelo ou algo assim?

— Você se arrepende? — O cavaleiro pergunta, sua voz neutra.

— Arrepender-me do quê? — Mas então vejo em seus olhos.

Salvá-lo.

Presumo que ele esteja se referindo à noite passada.

— Devo? — Pergunto.

Ele toma um gole de sua bebida, me observando como se eu fosse algum tipo de quebra-cabeça que ele não consegue decifrar.

— Por que você fez isso? — Ele pergunta.

— Salvá-lo? — Levanto minhas sobrancelhas enquanto o olho. — Porque você precisava ser salvo.

Ele franze a testa e tenho certeza de que odeia o quão simples faço a situação parecer.

Pensei que estivéssemos além disso. Presumi que a noite anterior nos aproximou, mas agora ele parece cético e distante.

Meu olhar se move para longe do Ceifador e para fora da janela. Não consigo ver a casa principal, mas posso senti-la.

O pensamento me deixa vagamente nauseada.

— Está todo mundo...?

— Morto? — Fome acaba para mim.

Aceno minha cabeça.

Ele toma outro gole.

— Infelizmente.

Sinto que se o Ceifador pudesse, ele os teria mantido vivos por tanto tempo quanto ele foi mantido vivo e sofrendo.

Ele levanta o copo.

— Quer um? — Ele pergunta, dispersando meus pensamentos.

— Sim. — Respondo, antes mesmo de poder considerar o fato de que comer primeiro pode ser a melhor opção. Depois da noite que tivemos, o álcool soa como uma dádiva de Deus.

Fome se levanta, indo para o bar situado no canto de seu quarto. Há uma garrafa já colocada e com choque percebo que enquanto eu dormia, o Ceifador se movia pelo lugar. Deveria estar mortificada com o pensamento, especialmente considerando o que aconteceu da última vez que um homem entrou em meu quarto enquanto eu dormia, mas tudo o que isso faz é deixar meu estômago apertar estranhamente.

Fome pega um copo de baixo do balcão e o coloca ao lado do seu. Desarrolhando a garrafa, derrama o líquido âmbar em ambos os copos. O Ceifador pega seu próprio copo, leva-o aos lábios e o joga de volta, tomando tudo de um só gole. Ele se serve de outra bebida e pega os dois copos.

Saio da cama e o encontro no meio do quarto, pegando o copo dele. Agora que dormi e os inimigos de Fome estão mortos, a realidade da noite anterior se instala.

Eu me movo para cama, sentando pesado no colchão. Tomo um longo gole do licor. Não queima tanto quanto deveria, então tomo outro e outro, minha mão começa a tremer incontrolavelmente.

— Eu matei um homem. — Finalmente digo, meus olhos levantando para encontrar os de Fome. O pavor repousa como uma pedra em meu estômago.

— Presumo que você não gostou da experiência tanto quanto eu? — Ele diz.

Um som pequeno e agonizante escapa de mim. Cubro meus olhos e levo minha bebida de volta aos lábios, engolindo o resto de uma vez. É um licor suave, ainda mais suave por causa da minha consciência culpada. Pelo menos está começando a me aquecer de dentro para fora, aliviando um pouco dessa culpa.

— E se serve de consolo. — Diz ele. — Agradeço tudo o que você fez para me ajudar... inclusive matar.

Solto uma risada vazia... e então começo a chorar.

Começa como um soluço, mas rapidamente se transforma em soluços de corpo inteiro. Depois que começo, não consigo parar. Essa tristeza me domina. Minhas mãos ainda tremem e matei um homem, muitos mais homens morrerão, e não tenho a menor ideia do que estou fazendo ou por que me sinto tão compelida a ajudar esse demônio...

— Ei. — Fome diz, sua voz ficando gentil, muito gentil. — Ei.

Ele caminha para frente e se ajoelha. O cavaleiro pega meu copo, colocando-o de lado, junto com o seu.

Ele abre minhas pernas, apenas para que possa se aproximar, sua armadura rígida contra a parte interna das minhas coxas. Em seguida, Fome segura meu rosto em suas mãos, cobrindo e enxugando minhas lágrimas.

— Não chore.

Levanto meu olhar para ele, me sentindo miserável.

Seus olhos se fixam em uma lágrima. Ele franze a testa ferozmente, seus olhos agonizam. — Você me salvou. — Ele diz.

— Isso realmente deveria me fazer sentir melhor? — Pergunto, minha voz fraca. — Você apenas matará mais pessoas.

Suas sobrancelhas se juntam, como se esta fosse a primeira vez que ele considerasse isso uma má ideia.

Solto uma risada miserável.

— Você dá má fama a Deus.

Fome força sua própria risada.

— Você dá aos humanos um bom dia.

Meu peito aperta com isso e por um momento, sou distraída da tristeza pela lembrança de seus lábios nos meus e a pressão de seu corpo.

Assim como seu corpo me pressiona agora.

O Ceifador continua me encarando, seu olhar intenso. Bom demais.

Acho que ele pode me beijar.

Não estou exatamente no melhor momento para um beijo, mas Fome está me olhando como se estivesse disposto a me fazer mudar de ideia. Suas mãos ainda estão em minhas bochechas, posso sentir sua respiração e seu rosto está tão perto, tão perto. E então há seus olhos selvagens e boca perversa, agora minha culpa foi esquecida.

Bem quando acho que o Ceifador vai se inclinar, ele solta as mãos.

— Você deve estar com fome. — Diz ele.

Sinto uma onda de desapontamento, minha miséria voltando.

— Estou chocada por você lembrar que preciso comer. — Digo.

— Caso você tenha esquecido, florzinha, eu sou Fome. A fome é a única coisa que nunca esqueço. — Diz ele. Ele pega minha mão e me coloca de pé.

— Caso você tenha esquecido. — Digo, deixando-o me levar para fora do quarto. — Minha fome no passado passou desapercebida para você.

Ele me ignora, me puxando para frente, para fora desta ala da propriedade. Atravessamos o pátio, a armadura de bronze de Fome captando os últimos fragmentos da luz fraca.

Novamente, a visão dele me tira o fôlego. Parece um herói lendário com sua altura impressionante e forma musculosa, tudo envolto em uma armadura de aparência mítica. É quase impossível imaginar que há menos de um dia ele estava morto.

O Ceifador olha por cima do ombro para mim então, pegando o olhar maravilhado no meu rosto. O canto de sua boca se curva em um sorriso malicioso e seus olhos parecem dançar. Acho que ele pode me provocar, mas não o faz. Simplesmente me lança um olhar secreto e se vira para frente mais uma vez.

Apenas depois de entrarmos no prédio principal é que me lembro dos homens enredados em suas plantas.

Eu paro, meus olhos indo para a espessa parede verde de arbustos que brotaram do chão. Desde a última vez que vi os homens, as plantas floresceram e suas trepadeiras começaram a subir pelas paredes, obscurecendo quase completamente o foyer. Outras plantas também criaram raízes, se estendendo sobre os móveis, de modo que o lugar parece uma estranha paisagem de fantasia. Entre tudo isso, não vejo um único corpo.

— Onde eles estão? — Pergunto, meus olhos procurando a escuridão crescente.

— Os homens? — O Ceifador pergunta. — Eu os movi.

Volto minha atenção para Fome.

— Como?

Ele arqueia uma sobrancelha.

— Mesmo depois de tudo que você viu de mim, ainda questiona minhas habilidades?

Quando não respondo, ele diz:

— Mandei as plantas movê-los.

Faço uma pequena careta com a imagem.

— Por que fez isso? — Pergunto.

— Por mais que eu goste de ver humanos mortos, pensei que isso poderia arruinar seu apetite.

Sem dúvida sim, mas quando isso passou pelo pensamento de Fome?

Isso era... incomumente atencioso da parte dele.

— Bem, de nada. — Ele acrescenta, porque não pode simplesmente deixar uma gentileza ir sem de alguma forma estragá-la.

Olho para a folhagem um pouco mais, maravilhada com a visão estranha, agora que eu sei que não há nenhum corpo escondido dentro dessas plantas.

— Nunca fui particularmente compreensivo com as dificuldades dos vivos. — Diz Fome enquanto olhamos para as plantas. — Mesmo antes de sua espécie me dominar.

Eu o olho. Há algo na inclinação de seu rosto e no brilho em seus olhos que me lembra de lugares selvagens e indomados. Ele estava certo quando disse que tinha mais em comum com as montanhas e nuvens do que com os humanos.

Isso não me faz gostar menos dele. Na verdade, sua estranheza o torna mais atraente. Eu conheço os homens, os conheço muito bem. O que não conheço é esse ser, com seus poderes não naturais e mente sobrenatural.

A única coisa humana nele é sua crueldade.

Pegando minha mão mais uma vez, Fome me leva para fora. Atravessamos a sala de jantar e ao passar pela mesa gigante no meio dela, percebo que foi apenas na noite passada que estraguei o jantar do cavaleiro, para seu deleite. Esta lembrança parece de uma vida atrás.

Passamos por uma porta estranha. E do outro lado está uma cozinha enorme.

Ao contrário de outras casas nas quais já estivemos, não há ninguém na cozinha. É claro pelas paredes sem adornos e as bancadas nuas que apenas os criados permaneciam neste espaço.

— Não sobrou ninguém para preparar uma refeição para você. — Diz Fome. — Estamos por nossa conta, infelizmente. — Na verdade, ele parece vagamente preocupado com isso.

— Acho que posso administrar. — Digo. Ao contrário de algumas pessoas que conheço, tive que cozinhar para mim mesma nos últimos anos. Uma pontada de tristeza me atinge quando percebo que nunca mais terei aquelas refeições exageradas, onde eu e algumas das outras garotas do bordel nos amontoávamos na cozinha, todas conversando e rindo enquanto cozinhávamos e limpávamos.

A vida no Anjo Pintado não era de todo ruim. Realmente não.

Conectada à cozinha há uma despensa onde parece que a maior parte da comida está armazenada. Há enormes sacos de arroz e farinha, potes de várias frutas, salames secos e ervas pendurados nas vigas mestras e assim por diante. Tem até alguns itens pré-fabricados, como a cesta de pão de queijo que fica intocada na prateleira e o saquinho de lascas de mandioca.

Fome se move em direção a um queijo e olha.

— Isso cheira a morte. Estou imensamente intrigado.

Olho para o cavaleiro. Não percebi que ele estava planejando comer ao meu lado. Isso... pode realmente ser divertido.

— Dê-me um segundo. — Digo a ele.

Ele me olha assim que saio da despensa e entro novamente na cozinha. Apenas estou ali tempo suficiente para pegar uma faca e depois volto para o lado do cavaleiro.

Aproximando-me do queijo, corto uma fatia e entrego a ele.

— Bem, de nada. — Eu digo, jogando suas palavras anteriores de volta para ele.

Ele pega o queijo, um brilho brincalhão em seus olhos. Tirando a cera, ele dá uma mordida.

— Ugh. — Ele faz uma careta. — Tem gosto de morte também. — Com isso, deixa cair o resto de sua fatia de queijo no chão, seu olhar movendo-se para a próxima comida que desperta seu interesse.

— Como que é? — Pergunto, observando-o se mover ao redor do espaço.

Fome chega ao fundo da despensa, onde uma porta aparece na parede. Ele a abre e desaparece no que parece uma adega.

— Como é o quê? — Ele grita. — Morte? — Posso ouvi-lo remexendo. — Ele é um idiota, isso sim... aha!

Fome volta um momento depois com uma garrafa de líquido âmbar em uma mão e vinho na outra, segurando-os como prêmios de

guerra.

— Não Morte. — Digo, estremecendo ao pensar no quarto cavaleiro, aquele que Fome claramente conhece bem demais. — Ser Fome e comer comida.

Ele se aproxima.

— Sabe, para uma garota que fez da profissão se deitar de costas, você tem uma mente muito curiosa.

Eu tento não ficar irritada com a descrição de Fome sobre o que uma prostituta faz. Deitada de costas! Cumprir fantasias é um trabalho muito difícil.

Em vez disso, digo:

— A curiosidade também é uma ferramenta útil para o trabalho sexual. — Muito prática.

— Mmm. — O Ceifador responde, tirando a rolha do licor. Ele toma um gole direto da garrafa.

— Ah. — Ele suspira. — Isso tem gosto de morte também.... Mas uma versão muito melhor. Thanatos em sua forma mais atraente.

É a segunda vez que Fome menciona o cavaleiro em minutos.

— Realmente ele tem uma personalidade? Morte? — Pergunto, intrigada.

Fome me lança um olhar que afirma claramente que sou um idiota.

— Eu? — Ele pergunta.

Eu pego a garrafa dele.

— A raiva não é uma personalidade. — Provoco.

Não digo que há não muito tempo Fome foi quem insistia em que ele não tinha uma personalidade.

Ele pega de volta.

— Mas a atitude é.

E o Ceifador tem atitude ilimitada.

— Tudo bem. — Admito. — Você fez o seu ponto.

— Hmm. — Ele diz, me observando enquanto toma um gole do licor.

Percebo enquanto vejo sua garganta trabalhar, que realmente quero aqueles lábios em mim. E aquelas mãos, mãos que cortaram tantos, quero que deslizem sobre minha pele.

Quero que aliviem essa dor crescente que sinto quando estou perto dele.

Fome abaixa a garrafa, lançando-me um olhar desconfiado.

— O que está pensando? — Ele pergunta.

Inferno, não admitirei meus verdadeiros pensamentos.

— Apenas estou pensando em Thanatos. — Respondo.

Resposta errada.

Seu olhar penetrante fica ainda mais nítido.

— O que quer que você pense dele. — Diz ele. — Ele não merece essa expressão em seu rosto.

— Expressão? — Pergunto, tocando minha bochecha.

— Como se você quisesse transar com ele.

Não é a Morte quem quero foder...

Oh Deus, realmente não deveria querer isso. Porque com Fome já tenho muitos problemas.

Mas eu também tenho problemas, acho. Simplesmente não são do tipo assassinar.

— Então, onde está Thanatos? — Pergunto.

A expressão de Fome escurece.

— Não.

— Não o quê? — Pergunto, pegando a garrafa dele.

— Não, não direi onde ele está enquanto ainda tem essa expressão em seu rosto.

Ainda parece que quero foder Fome? Não é bom.

E o fato de que o cavaleiro se preocupa com quem me atrai também não é bom.

Levo a garrafa aos lábios e dou um gole distraído. O rum apimentado desce pela minha garganta, me acalmando.

Engulo e abaixo a garrafa.

— Acredite em mim quando digo que não quero ter nada a ver com Thanatos. — Digo a ele.

O Ceifador deve acreditar em mim porque, depois de um momento, ele parece mais suave.

Depois de um momento, Fome diz:

— Ele dorme.

Eu dou a ele um olhar confuso.

— Você quer dizer Thanatos? — Pergunto. — A Morte dorme? O que isto quer dizer?

— Quer dizer que ele ainda não voltou à terra. Dois de meus irmãos vieram antes de mim. Thanatos virá depois.

Rapidamente minha mente tenta juntar as peças do que ele diz. Ouvi histórias dos dois primeiros cavaleiros, Peste e Guerra, matando nações distantes. Mas eles não apareceram por ali.

— Então, vocês vêm em ondas? — Pergunto.

Ele sorri nefasto com minhas palavras.

— Algo parecido.

— Peste e Guerra... os dois que vieram antes de você... já se foram? — As histórias que ouvi sobre esses cavaleiros são antigas e desgastadas pelo tempo. — É por isso que você está aqui... acordado?

— Essencialmente. — Diz Fome.

Franzo minhas sobrancelhas.

— E Morte... está dormindo?

O Ceifador concorda.

— Nas profundezas da Terra.

Isso não é perturbador nem nada.

— Por que vocês quatro não vieram ao mesmo tempo? — Pergunto. — Por que prolongar o processo de nos matar? — E se há

uma coisa em que os humanos são bons, é salvar suas peles. Parece que seria infinitamente mais fácil erradicar todos de uma vez do que aos poucos.

— Por que de fato? — Fome concorda. — Eu me perguntei a mesma coisa. Deixe-me perguntar: por que nascimento e morte não acontecem ao mesmo tempo?

— Isso não faz sentido. — Digo, tomando outro gole do rum que seguro.

— É preciso viver antes de morrer. — Continua o cavaleiro. — Há uma certa ordem nas coisas... mesmo nas coisas divinas... especialmente nas coisas divinas. Meus irmãos e eu aparecemos quando é necessário, porque essa é a natureza de nosso propósito... e é a natureza de seus destinos.

Capítulo Trinta e Quatro

O cavaleiro compartilha muito de si esta noite. Quer dizer, muito, muito mesmo. Mais do que nunca. É isso que mais me impressiona enquanto vasculho os itens da despensa, pego as lascas de mandioca e o pão de queijo, coloco no chão também.

Não consigo decidir se Fome sempre esteve disposto a compartilhar essas partes de si mesmo e agora estou confortável o suficiente para fazer essas perguntas a ele... ou se é quem agora se sente confortável o suficiente para respondê-las.

Pego uma cesta cheia de figos secos e outra de castanhas de caju e coloco no chão. Tem um rolo de salame e outra cesta de castanhas-do-pará. Pego esses dois itens finais e sento chão, minhas costas contra um saco de arroz.

— Não sentarei no chão. — Diz Fome, me olhando com desdém.

— Então fique de pé. — Respondo. Quer dizer, eu realmente não me importo.

Ele coloca a garrafa que ainda segura em um dos balcões próximos. Então, sem avisar, me pega e começa a me levar para longe da comida, parando apenas para pegar o rum de onde estava ao meu lado.

— Ei! — Protesto. — Eu estava confortável.

— Você gostará. — Ele insiste.

— Ah sim, porque você entende meus desejos de modo muito melhor do que eu.

Fome me olha, de forma quente e agora estou pensando em sua boca novamente... e aquelas outras partes dele que vi antes.

Mal registro que cruzamos a cozinha e entramos na sala de jantar.

O Ceifador chuta uma cadeira e me senta nela. Um momento depois, ele coloca o rum na mesa.

— Para você se divertir até eu voltar. — Ele diz em meu ouvido.

Com isso, ele sai da sala de jantar. Posso ouvi-lo farfalhar na despensa. Quando volta, traz a cesta de pão, as castanhas e o salame.

Olho para ele, as sobrancelhas levantadas.

— Você está realmente... me servindo?

— Estou trazendo o jantar. — Ele me corrige antes de sair mais uma vez.

Um minuto se passa e Fome retorna com o vinho e o resto da comida, deixando cair o queijo sem cerimônia na mesa, a faca que usei agora projetando-se do centro dele.

— Você está me servindo. — Digo incrédula.

Ele puxa a cadeira ao meu lado e se senta, então segura minha cadeira e a arrasta para ele. Puxa-me tão perto que suas coxas estão coladas as minhas e não há outro lugar para olhar além dele.

Isso é.... aconchegante.

O Ceifador estende a mão sobre a mesa e tira a garrafa de rum de onde está.

Eu o olho com curiosidade, sem saber o que o cavaleiro está fazendo.

Ele encontra meu olhar, um sorriso malicioso em seus lábios e então segura meu queixo.

— O que você está...?

O cavaleiro leva o rum aos meus lábios.

— Isto flor, sou eu servindo você.

E então ele me alimenta.

Eu o observo enquanto bebo e talvez seja minha imaginação, mas seus olhos parecem queimar.

Tento não olhar, mas a visão dele, de sua pele bronzeada aqueles lábios cruéis e sensuais e seu olhar volátil, está fazendo meu estômago se sentir leve e agitado. Acho que nunca estive perto de alguém tão incrivelmente bonito.

Fome não tira a garrafa dos meus lábios por muito tempo e não paro de beber, nós dois nos observando.

Mais uma vez, sinto aquela sensação leve e arejada no estômago, aquela que me faz sentir que posso voar.

É o álcool, digo a mim mesma.

Sem desviar o olhar, o cavaleiro finalmente tira o licor de meus lábios e o leva para os seus.

O calor se acumula no meu ventre.

O Ceifador bebe e bebe... e bebe. Ele não para até secar o licor.

Ele coloca a garrafa vazia na mesa com um tinido pesado.

— Você gostaria de outra demonstração? — Ele pergunta.

— Demonstração? — Repito perdida. Ainda estou presa ao fato de que Fome acabou de beber todo o rum.

Sua boca se curva em um sorriso.

— Interpretarei isso como um sim.

Fome se levanta e antes que eu possa chamá-lo de volta, ele se dirige para a cozinha. Retorna alguns minutos depois com álcool suficiente para matar um pequeno exército.

Ele coloca seu saque na mesa, derrubando um pouco de nossa comida.

— Você tem um problema com a bebida. — Declaro.

Não que eu o culpe. E se Elvita não tivesse uma política de não uso de drogas para suas meninas, eu provavelmente teria caído na mesma armadilha anos atrás.

— Eu mato humanos aos milhares e esse é o meu problema? — Ele pergunta. — Que bebo demais?

Ele faz uma observação justa.

— Eu também tenho um problema com a matança. — Mesmo.

Na verdade, deveria ter mais problemas com isso, especialmente considerando todas as transgressões que Fome cometeu contra mim e meus entes queridos. Mas cheguei a uma estranha espécie de paz com quem e o que é o cavaleiro. Quero que ele pare, mas não posso pará-lo.

E se for brutalmente honesta, não sei se deveria.

Os humanos podem ser terríveis. Talvez seja isso que nós

merecemos.

Fome não para de beber. Ele bebe, bebe e bebe mais ainda. É bebida suficiente para matar um homem três vezes. Mas o Ceifador parece bem. Honestamente, ele nem parece tão fodido.

Enquanto acaba com o álcool, tenho como missão pessoal limpar a maior parte da comida à minha frente. Bebo um pouco também.

Entre tudo isso, passamos a fazer perguntas um ao outro sobre tudo e qualquer coisa.

— Com quantos homens você já esteve? — Fome pergunta, bebendo uma taça de vinho.

— Sexualmente? — Pergunto, pegando um punhado de nozes. — Eu não sei. — Coloco uma das castanhas de caju na boca. — Muitos.

— Com quantas mulheres você já esteve? — Ele segue em frente.

— Trinta e Três. — Respondo sem perder o ritmo.

Suas sobrancelhas sobem.

— Você manteve a contagem?

— Elas são parceiras de cama mais memoráveis. — Respondo. Eu como mais algumas nozes. — E quanto a você? — Pergunto. — Com quantas pessoas você já esteve?

Fome toma um longo gole de seu vinho, seu olhar ficando distante.

— Eu não sei. Não me lembro do número.

Eu dou a ele um olhar estranho.

— Então por que você achou que eu lembraria?

— Porque você é humana e se importa com as coisas humanas. Eu, por outro lado, não. — Com isso, ele termina sua bebida.

Fome se inclina para frente para encher seu copo.

— Por falar em coisas humanas, que talentos estranhos você tem? — Ele pergunta.

— Eu posso foder um homem até quase deixá-lo cego. — Digo prestativamente.

Ele exala.

Ah, ele acha que desisti das piadas de sexo desconfortáveis? Pobre homem.

Eu dou ao Ceifador um olhar inocente.

— Posso demonstrar se você....

— Vamos deixar meus olhos fora disso. — Diz ele, levando a taça de vinho agora cheia aos lábios. — Já perdi as duas mãos no último dia. Odiaria que meus olhos se fossem também.

Apesar de suas palavras, juro que ele parece meio intrigado.

Pessoalmente, estou muito mais que intrigada.

— Então, além de cegar os homens. — Diz ele. — O que mais você gosta de fazer? Ler? Cantar? Dançar? Espere, esqueça esse último. Eu sei que você não pode dançar porra nenhuma.

É uma coisa tão rude de se dizer, mas uma risada escapa de qualquer maneira. Eu tenho um fraquinho pela personalidade idiota de Fome.

— Foda-se. — Eu respondo com bom humor.

— Mmmm... — Novamente ele me dá um olhar especulativo, como se estivesse interpretando minhas palavras literalmente.

O pensamento aquece minha pele.

— Posso tocar piano. — Digo com cuidado, respondendo à sua pergunta anterior. — E posso tocar uma melodia se for simples o suficiente.

Mas o cavaleiro não parece ouvir e agora minha mente está de volta em como seria ter essa coisa anormal em mim e dentro de mim.

Meus pensamentos são interrompidos quando do nada, a foice e a balança de Fome se formam bem diante dos meus olhos, os dois itens se solidificando bem no meio de nosso banquete improvisado, a balança derrubando uma garrafa vazia.

Olho para eles.

— Isso...?

— Normalmente acontece? — Fome diz. — Bem, se ficar longe deles por tempo suficiente, sim.

— Quanto tempo é tempo suficiente? — Pergunto.

O Ceifador estende a mão e levanta a foice da mesa.

— Costumava tentar descobrir exatamente isso quando era mantido em cativeiro.

Com a palavra cativo, olho bruscamente para ele. Isso é algo que não discutimos esta noite. O cativeiro de Fome. E a julgar pelo som de sua voz, é por um bom motivo. Apenas seu tom me dá arrepios.

O cavaleiro coloca a foice em seu colo.

— Acordava sendo cortado.

— Cortado? — Pergunto horrorizada.

Seu olhar verde vai para o meu e quase posso ver sua dor, além da antiga raiva.

— Bem, se tivesse sorte, simplesmente ficaria preso. E se não... — Seu olhar fica distante, me preparo para o que quer que ele esteja prestes a dizer. — E se tivesse azar, seria pregado nele ou empalado.

Empalado...?

A comida no meu estômago de repente não está tão boa.

Ele coloca a foice em seu colo, seus dedos movendo-se sobre as marcas gravadas nela.

— Mas foram aqueles tempos de azar em que minhas poucas posses se manifestaram. Eles as levavam embora, é claro... não que isso importasse. Mantinham-me muito ferido e fraco para usá-los ou qualquer um dos meus poderes.

Minha mente está evocando imagens, imagens terríveis, e me dói fisicamente imaginar Fome assim. Não consigo imaginar o quão ferido ficou ao ser incapaz de usar seus poderes.

— Eles quebraram meu espírito também. — Ele admite baixinho, olhando para o vinho em sua taça. Como se o lembrete fosse doloroso demais para suportar sóbrio, ele leva a bebida aos lábios e engole tudo em três longos goles.

Estendo a mão e aperto a perna do cavaleiro.

— Sinto muito. Verdadeiramente. — Não sou uma pessoa violenta, mas ouvir suas palavras e ver sua expressão está puxando todos os meus instintos de proteção.

Ele foi enviado aqui para matar humanos, provavelmente porque somos um pouco perversos demais para Deus, e de alguma forma conseguimos provar à Fome que somos ainda piores do que a reputação que nos precede.

O cavaleiro cobre minha mão com a sua e a aperta. Ao toque, meu coração começa a acelerar de maneira que nada tem a ver com medo ou ansiedade.

— Como você escapou deles? — Pergunto.

Nunca ouvi essa parte da história.

— Um dos homens baixou a guarda e adormeceu enquanto eu estava me curando. Consegui reunir força suficiente para despachá-lo e aos outros que estavam de guarda. Então me libertei e.... você sabe o resto.

Ele estende a mão e pega uma garrafa de cachaça. Tirando a tampa, toma um gole do líquido claro.

Eu o olho, absorvendo toda sua raiva e toda a sua dor. É principalmente disso que ele é feito. Mas entre tudo isso, vi vislumbres de algo mais suave, mais gentil, algo que cresceu apesar das crueldades que ele suportou e de seu próprio impulso inato para nos matar.

Inclinando-me para frente, agarro a foice de Fome com as duas mãos, tirando-a de seu colo.

O cavaleiro me observa atentamente, mas não se incomoda em me impedir. Deixo de lado e pego a garrafa de cachaça na mão dele.

— Pegando todas as minhas coisas, não é? — Ele pergunta, embora me deixe tirar a bebida de suas mãos.

Levo a garrafa aos lábios e tomo um longo gole. Esta é talvez, a bebida mais alcóolica do que já bebi em uma noite.

Abaixo a garrafa, olhando para ela.

— Você quis dizer o que disse sobre o álcool? — Pergunto, me lembrando do que ele me disse há muito tempo.

— O que foi que eu disse?

Meus olhos se voltam para os dele.

— Que um pouco de álcool lava a lembranças de todos os tipos de pecados?

A Fome sorri, embora não haja humor nele.

— Eu beberia isso profundamente se sentisse o contrário?

Tento não pensar muito a respeito. Que talvez Fome realmente tenha momentos de arrependimento e ódio de si mesmo, assim como eu.

Muito deliberadamente, coloco a cachaça na mesa e me inclino para perto de Fome, meus joelhos roçando na parte interna de suas coxas. O álcool está me tornando corajosa.

— Então, talvez isto limpe a lembrança desse pecado.

Com isso, eu o beijo.

Capítulo Trinta e Cinco

Seus lábios são macios como cetim. Não me lembro disso da última vez que o beijei.

E como da última vez que o beijei, Fome não reage imediatamente. Acho que está chocado. A única razão pela qual o beijo continua é porque eu quase bebi meu peso em álcool e minha autoconfiança está no auge.

Mas então os lábios do Ceifador começam a se mover e de repente ele devolve o beijo com uma paixão que estou lutando para igualar. Ele estende a mão, me pegando pela cintura. Com um puxão hábil, me leva para seu colo.

Eu me reorganizo de modo que acabo montando nele. O cavaleiro me segura com força contra seu corpo, suas mãos movendo-se para meus quadris. O tempo todo, seus lábios devoram os meus.

Fico chocada ao sentir que sob mim ele está duro. Vejo sua aparência excitada, leio seu interesse em sua linguagem corporal, mas esta é a prova real de que Fome sente desejo, e por mim, mais do que todas as pessoas.

Minhas mãos deslizam para suas bochechas, segurando seu rosto. É assustador como neste momento, posso simplesmente deixar de lado todas as maldades que ele cometeu. Tudo porque internamente há algo que me chama. Talvez seja aquele cerne de bondade que vislumbrei. Talvez seja seu horror ou sua vulnerabilidade. Talvez não seja nada e eu simplesmente me iludi pensando que somos iguais.

As palmas das mãos de Fome deslizam pelos meus lados, seus dedos pressionando a pele das minhas costas. Tudo enquanto sua boca trabalha a minha. Ele separa meus lábios e tenho um momento de surpresa por ele realmente saber como beijar, e como beijar bem.

Com quantas mulheres o cavaleiro esteve?

Fome se afasta, sua respiração irregular.

Por quê? Seus olhos parecem perguntar. Por que você me beijou?

Meu pulso acelera.

Por que de fato?

Porque gosto de fazer escolhas erradas e você parece a pior de todas.

Apesar de meu desejo muito real e poderoso de fazer muito, muito mais com o cavaleiro, começo a me afastar. Estou tentando me controlar.

Ele segura meus quadris.

— Afastando-se tão cedo?

Agora que ele me tem nas mãos, é impossível me afastar.

— Estava cedendo à minha curiosidade. — E se ceder a isso, então as linhas serão cruzadas esta noite, linhas que realmente não deveria cruzar. — Beijar você novamente foi... — Mágico. Intrigante. Viciante. — Um erro. — Digo, tentando me convencer desse fato.

Ainda posso sentir o gosto de Fome na língua e meus lábios estão em carne viva, tudo isso está confundindo minha mente.

— Foi um erro. — Ele concorda. — Mas vamos cometer outro e

outro. Podemos nos arrepender de todos eles amanhã.

Minhas sobrancelhas se levantam.

Ele está falando sério?

Observo seu rosto perverso e bonito. Uma coisa é ceder a um homem bonito em um momento de fraqueza. Outra coisa para essa divindade é testar seus impulsos humanos em mim. E embora eu o queira, não tenho certeza se quero qualquer consequência que possa vir disso.

E haverá consequência.

Mas merda, estou curiosa. Fatalistamente.

— Tudo voltará a ser como era amanhã? — Pergunto.

Fome me dá a impressão de que sabe que ganhou.

— Deveria.

Eu observo seu rosto e depois de apenas um momento de hesitação, me inclino e a boca do Ceifador está de volta na minha como se nunca tivesse partido.

E me entrego à sensação.

Agora que não estou me segurando e ele não está me segurando, é como uma faísca acendendo, pegando, queimando e crescendo. E nós dois estamos sendo consumidos por tudo isso. Movo contra ele, meu corpo querendo mais, acostumado a ter mais. O que não estou acostumada é não estar no controle do meu desejo.

Como se quisesse deixar claro, interrompo o beijo.

Fome quase geme.

— Você está pensando demais, florzinha.

Dou-lhe um empurrão brincalhão, mesmo observando seus olhos brilhantes com pálpebras pesadas e lábios inchados.

Sorrio um pouco com isso.

— Eu já disse que estou começando a achar sua abrasividade cativante?

Fome franze a testa, mas seus olhos suavizam. Pego sua mão, entrelaçando deliberadamente meus dedos entre os dele. Paro enquanto olho para nossas mãos entrelaçadas. Há apenas um dia, a mão que estou segurando se foi. Agora fico maravilhada ao ver seus dedos, fortes e inteiros. São até um pouco calejados, por mais estranho que isso possa parecer.

— São realmente como eram. — Eu digo.

Meus dedos se movem até seu pulso e Fome me observa preguiçosamente, me deixando explorá-lo.

Uma braçadeira de bronze cobre seu antebraço, videiras e flores marteladas no metal. Eu puxo.

— Você pode tirar isso? — Pergunto.

Sem palavras, Fome faz o que eu peço, soltando a armadura e jogando-a de lado. Eu empurro sua manga, meus olhos pegando os grifos verdes brilhantes que circundam os pulsos.

Rastreio as marcas, meu dedo formigando um pouco, como se simplesmente o ato de tocar as formas tivessem algum poder.

Isso é uma maravilha. Tenho a sensação mais estranha, como se o

universo estivesse passando por ele e eu apenas toquei a borda.

— O que você está pensando? — Ele pergunta.

Fome zombou de mim por pensar demais um minuto atrás, mas agora parece faminto por meus pensamentos.

— Tantas coisas. — Eu digo.

— Enumere-as.

— Acho que parecem algemas. — Digo, virando seu pulso para frente e para trás enquanto olho para as marcas. — Mas são lindas e me lembram que você não é humano no mínimo e gosto disso em você. — Depois do silêncio, acrescento: — Para ser sincera, gosto muito delas em você.

O álcool soltou meus lábios.

Fome me encara com uma expressão ilegível. Depois de um segundo cheio de tensão, ele se inclina para frente e agarra minha nuca, puxando meus lábios de volta aos dele.

E se antes eu pensava que éramos uma faísca, isso não é nada comparado com a intensidade crua agora. Os dedos do Ceifador estão emaranhados no meu cabelo, prendendo-se em todos os tipos de nós enquanto ele me puxa para mais perto. Solto seu braço, minhas mãos se movendo para os lados de seu rosto.

E se ele é o universo, sinto que estou entrando nele com este beijo.

Ele geme contra mim e é o som mais sexy que já ouvi, principalmente porque eu sei o quanto custa para ele ceder a esse estranho lado humano.

Sua língua toca a minha e posso sentir o gosto do álcool nele.

Esta é uma péssima ideia.

Eu o beijo mais forte, indiferente. Essa sensação leve e arejada está de volta, como se pudesse flutuar para longe se ele me soltasse.

A verdade é que, ideia ruim ou não, isso parece certo. Fome viu meu lado feio e raivoso; e eu vi seu lado suave e vulnerável. Lutei com ele, amaldiçoei seu nome, até tentei matá-lo. Esta parece ser a última opção que nos resta.

Suas mãos voltam para minha cintura, demorando-se ali apenas por um momento antes de se moverem mais para baixo.

Ele agarra meus quadris e se levanta, me levando no processo. A cadeira atrás dele bate e minha coxa bate contra a mesa, quase nada é registrado quando meus braços envolvem seu pescoço.

Fome me leva para longe da mesa e acho que está voltando para seu quarto. Com o pensamento, meu núcleo aperta.

Mas antes de sairmos da sala, o cavaleiro me empurra contra parede, prendendo-me no lugar. Fome segura meu queixo, me forçando a olhá-lo.

— Esta noite, eu não quero nenhum de seus lindos truques humanos. — Ele avisa.

Eu expiro, recostando-me na parede. A maneira como me olha, sinto-me totalmente aberta.

— Você gosta dos meus pequenos truques. — Eu digo, sem fôlego, um sorriso puxando meus lábios.

Ele aperta meu queixo um pouco mais forte.

— Eu não sou um de seus clientes obstinados. Não quero sua postura. Quero a mulher crua e com raiva que tentou me matar. A mesma mulher que me salvou.

Minha garganta funciona.

— Eu... não tenho muita experiência em ser genuína. — Admito. Perdi minha virgindade no Anjo Pintado. Apenas fiz isso profissionalmente.

— E não tenho muita experiência em ser humano. — Diz Fome. — Mas agora nós dois tentaremos, porra.

Eu nem tenho um momento para parecer chocada antes que os lábios do Ceifador colidam contra os meus mais uma vez, sua boca de alguma forma com raiva e fome.

E então, como a maré, sou arrastada para baixo.

Em todos os lugares que ele toca, minha pele parece viva. Sua perna fica entre minhas coxas, pressionando contra meu núcleo enquanto me beija. Com a sensação, suspiro em sua boca.

Sei que ser genuína não é tão difícil, afinal. Não quando você pulsa pela pessoa que está te devorando.

Minhas mãos estão em seu cabelo, seu cabelo sedoso e fino, perco-me nele.

Em algum momento, ele nos afasta da parede e me carrega para fora da sala de jantar, passando pelo grosso nó de plantas que tomou conta da sala principal da propriedade. O Ceifador chuta para abrir a porta do pátio e então estamos do lado de fora.

O ar quente da noite roça minha pele. Ao nosso redor, posso ouvir criaturas noturnas chamando umas às outras, sem saber que há um Apocalipse acontecendo entre elas.

Eu sei que deveria esperar para despir o cavaleiro até chegarmos ao seu quarto, mas, talvez seja o álcool ou a tensão sexual, talvez seja simplesmente o fato de que este homem realmente sabe como trabalhar seus lábios, eu não sei. Estou simplesmente impaciente.

Alcanço a armadura de Fome, minhas mãos encontrando o metal duro. Ele deixa meu corpo escorregar por suas mãos para que possa agarrar a gola decotada do meu vestido transparente...

Riiiip. Ele rasga no meio, me expondo quase completamente.

Acho que não sou a única impaciente.

Eu dou ao Ceifador e sua armadura um olhar desesperado.

— Bem, isso não é justo.

Uma risada baixa escapa dele e sinto um arrepio.

Com dedos hábeis, ele solta a armadura, retirando-a peça por peça. Uma vez que está apenas de camisa e calça, meus lábios estão de volta nos dele, minha pele nua pressionada contra o tecido preto ainda o cobrindo.

Eu o puxo enquanto o beijo e juntos, nós dois tiramos apressadamente o que resta de sua roupa.

Fome me puxa para perto, me deleito com a sensação de sua pele nua contra a minha. Ele é muito mais alto do que eu e precisa me levantar para me beijar melhor. Minhas mãos vão para seus ombros, em seguida, deslizam para seus bíceps...

— Espere, espere. — Eu digo, interrompendo o beijo. — Coloque-me no chão.

Os olhos do Ceifador estão turvos, mas ele faz o que eu digo. Em vez de ficar em seus braços, me afasto dele.

Seu olhar se estreita e parte do desejo que o obscurece agora desaparece.

— O que foi? — Ele pergunta.

— Quero olhar para você. — Eu digo.

— Você quer olhar para mim. — Ele repete sem emoção.

Meu olhar o percorre, daquele rosto bonito e perverso que eu praticamente memorizei até as partes menos familiares de seu corpo. Seus ombros são agradavelmente largos e há aquelas tatuagens brilhantes que envolvem seu pescoço e parte superior do peito como uma espécie de colar grosso. A luz pálida ilumina as plantas ao nosso redor.

Meu olhar se move para baixo, sobre um peito musculoso que Deus deu a ele porque, por qualquer motivo, Fome tem que andar por aí parecendo um bebê enquanto mata a todos nós. Seu peito se reduz a uma cintura fina e...

Este é um homem bem-dotado.

— Bem? — Ele diz. — Seu cérebro humano primitivo está satisfeito? — Ele pergunta.

Eu lanço para ele um sorriso de lobo, me aproximando mais uma vez. — Você é muito bonito. — Digo.

— Bonito? — Ele diz ironicamente.

Vou para seus braços. — É um elogio.

Ele faz uma careta com isso.

O cavaleiro me pega, levando-me para frente. Mas em vez de me carregar para seu quarto, alguns passos depois o Ceifador me coloca no chão úmido. Ele abre minhas pernas para que possa se ajoelhar entre elas, seu olhar movendo-se sobre meu corpo.

Sem me dar qualquer tipo de indicação, Fome se inclina para frente e pressiona um beijo no meu abdômen. A partir daí seus lábios roçam minha barriga. Sua boca faz uma pausa nas cicatrizes em meu estômago, as que seus homens me deram.

— Perdoe-me. — Ele diz, tão baixinho que quase não ouço.

Engulo. Não pensei que o cavaleiro se arrependesse de qualquer ação sua.

Meus olhos encontram os dele. — Está no passado.

Ele se senta um pouco, colocando a mão nas minhas cicatrizes enquanto procura meu rosto. — Acho que você é extremamente corajosa. — Diz ele. — E sua compaixão é incomum e admirável. Devo-lhe minha vida duas vezes e isso não é pouca coisa. E para que conste. — Ele acrescenta. — Você também é bonita. Excessivamente.

Sinto meu rosto esquentar com todos os elogios.

— Por que você está me dizendo isso?

Seus olhos estão fixos nos meus.

— Porque você é humana e imagino que goste muito mais de

elogios do que eu. E por qualquer motivo insuportável, quero lhe dar muitos. — Meu coração começa a bater forte. — Agora. — Diz ele, um sorriso malicioso curvando-se ao longo de seus lábios enquanto se arrasta sobre mim. — Chega disso.

Ele pontua o pensamento tomando meus lábios. Sua boca é exigente e tudo sobre o beijo parece íntimo.

Envolvo minhas pernas ao redor dele. Ele está duro e pronto, mas ao invés de pular direto para o sexo, começa a se mover pelo meu corpo, me beijando enquanto caminha.

Suas mãos se movem para meus seios, seus polegares tocando meus mamilos.

Eu ofego enquanto Fome se move mais e mais, passando pelo meu umbigo, passando pela minha pélvis...

Ele para de me beijar por tempo suficiente para abrir minhas pernas. Acho que está apenas me olhando e me admirando da mesma maneira que eu o admirei antes, mas então se inclina para minha boceta...

Porra, espere.

Eu o pego pelos cabelos.

— Você não deveria... você não deveria fazer isso. — Digo, minha voz sem fôlego.

Oh Deus, eu preciso contar a ele sobre as partes mais corajosas de fazer sexo com uma prostituta. Isso pode ser um obstáculo.

— Porque não. — Não é nem uma pergunta. Minhas palavras claramente nem começaram a persuadi-lo. Ele começa a descer

novamente.

— Espere! — Grito, parando-o mais uma vez.

— Não me diga que você ficou tímida de repente? — Ele parece muito divertido com esse pensamento.

Divertido e impaciente.

Para um homem que não respeita sexo, ele está ansioso para fazer.

Eu engulo.

Oh Deus, como resolverei isso? A maioria dos meus clientes simplesmente sabe.

— Já estive com muitas pessoas. — Digo.

Ele apenas levanta as sobrancelhas, como se não visse a relevância.

— E?

Lambo meus lábios, meu coração acelerado.

— Eu não sei... que tipo de... doenças posso ter.

Tive ataques de várias doenças. Nada ficou, mas às vezes, com essas coisas, desaparecer não significa necessariamente que tenha ido embora.

Os dedos de Fome tocam minha pele e meu coração quase para na garganta.

— Então, está preocupada que eu pegue algo de você? — Ele diz, me observando.

Meu orgulho está em ruínas no chão, mas aceno com a cabeça, sentindo-me muito, muito jovem e inadequada. Posso sentir o calor subindo em minhas bochechas.

Os dedos de Fome me apertam.

— É estranhamente... comovente de sua parte se preocupar comigo, mas pelo amor do seu Deus vingativo, posso por favor, beijar sua boceta agora? — Mesmo enquanto fala, Fome se inclina para trás e tenho que segurá-lo novamente pelos cabelos. Ele suspira, mesmo enquanto inclina o rosto para mim. — E agora?

— Você entende o que estou dizendo? — Pergunto, porque não tenho certeza se ele sabe.

— Não pego doenças. — Diz o Ceifador. — Agora, pode me soltar?

Ele não pode pegar doenças.

Ele não pode pegar doenças.

Solto seu cabelo.

Fome coloca seus antebraços na parte interna das minhas coxas.

— Obrigado. — Ele diz.

E então se inclina e me dá um tipo muito diferente de beijo.

Capítulo Trinta e Seis

Santa Mãe de...

Quase levito do chão.

Faz tanto tempo desde que os lábios de alguém tocaram minha boceta, que quase esqueci a sensação aguda, quase dolorosamente sensível que vinha com isso.

A boca de Fome se move sobre meus lábios externos, quase me devorando.

Preciso abafar um gemido. Sai mesmo assim.

Em resposta, eu o sinto sorrir contra mim.

Meu Deus.

Olho atordoada acima de mim para o céu escuro, tentando lembrar como Fome e eu chegamos ali, com seu rosto pressionado contra meu núcleo.

Deveríamos ser inimigos, certo?

Não acho que os inimigos façam isso...

Sua língua desliza para dentro de e solto um grito. Meu coração está batendo forte e graças a Deus, está começando a garoar, porque essa situação está começando a me fazer suar.

As mãos de Fome deslizam sobre minhas coxas enquanto seus lábios trabalham em mim e acho que ele está sentindo tudo de mim. Mas então sua boca encontra meu clitóris...

Eu me afasto dele, ou pelo menos tento. Suas mãos se transformam em algemas, me prendendo no lugar.

— A menos que você queira que as coisas fiquem muito interessantes, sugiro que pare de se contorcer. — Diz ele.

Eu paro para olhar o Ceifador.

— As coisas poderiam ficar mais interessantes do que isso? — Pergunto sem fôlego. Quer dizer, um cavaleiro do Apocalipse está fazendo sexo oral em mim.

Fome responde beliscando meu clitóris e puta merda. Eu me contorço, me contorço como se minha vida dependesse disso.

O Ceifador se afasta.

— Odeio fazer ameaças. — Diz ele.

Mentiroso. Ele adora essa merda.

O chão ao nosso redor começa a tremer.

— O que está acontecendo? — Pergunto distraída. Começo a me sentar e o cavaleiro me empurra de volta.

Ele me dá um sorriso malicioso.

— Você sempre foi muito curiosa para o seu próprio bem, não é? — Ele estala a língua. — Humana travessa.

Eu o olho, completamente confusa, quando com o canto do meu olho, algo se move.

Antes que que eu possa registrar o que é, grito.

E então isso me toca!

— Que porra é essa?! — Quase escapo do domínio de Fome porque sua garota aqui aprendeu a lição na noite anterior: não ficar esperando que coisas ruins aconteçam comigo.

Fome ri, então me imobiliza, mesmo quando aquela coisa envolve meu pulso; um momento depois, outro objeto sombrio desliza ao redor do meu outro pulso. E é quando percebo que são as plantas do Ceifador.

Ele literalmente cultivou plantas para me manter no lugar.

Fome continua rindo de onde está entre minhas pernas.

— Você realmente achou que eu faria isso da maneira humana?

Parecendo pontuar suas palavras, outras duas vinhas se enrolam em meus tornozelos.

Oh, isso é tão confuso.

— Você está usando seriamente suas plantas para me impedir de me mover? — Pergunto.

Sua única resposta é outro beliscão no meu clitóris. Mais uma vez, tento me afastar da explosão quase insuportável de prazer, mas desta vez sou mantida no lugar.

Por malditos arbustos.

Esta pode ser a situação mais estranha de todas e se já estive em muitas situações estranhas.

— Você é uma aberração pervertida. — Digo a ele.

— Shhh... — Fome diz, sua voz vibrando contra o meu núcleo.

— Um maníaco por controle pervertido. — Corrijo.

Ele pressiona outro beijo em mim assim que desliza um dedo dentro.

Doce Jesus.

Agora que sou incapaz de escapar, Fome impiedosamente move sua boca sobre meu clitóris de uma forma absolutamente enlouquecedora enquanto me toca.

Isso é demais, mas presa no lugar como estou, não posso escapar.

— Fome... Fome... — Eu ofego. — Por favor... por favor... por favor...

Ele adiciona outro dedo dentro e...

Arqueio para ele, deixando escapar um grito sem fôlego quando um orgasmo violento me rasga. Ele se estende indefinidamente e a boca do Ceifador está em mim o tempo todo.

Mesmo depois que meu orgasmo acabou, ele não se afasta.

— Pare... pare! — Eu imploro. — Por favor. — Estou tremendo com o clímax. Acho que não aguento muito mais.

Relutantemente ele se afasta, movendo-se pelo meu corpo até que nossos peitos fiquem alinhados um com o outro.

Sinto seu pau pressionado com força contra minha coxa e acho que ele entrará agora que estou tão molhada quanto o Atlântico, mas em vez disso, ele opta por apenas me olhar, absorvendo minha expressão.

Fome puxa meu cabelo para trás.

— Você vai se comportar?

— Sobre o que é mesmo que você está falando? — Pergunto, minha voz ainda sem fôlego.

Inclinando a cabeça, ele observa minha expressão um pouco mais.

— Hmmm. — Ele bate no lado da minha bochecha enquanto pensa. — Talvez eu deva atormentar você mais. Eu amo tanto atormentá-la... — Ele começa a se mover para baixo...

— Espere... espere! — Bom Deus.

Ele faz uma pausa, seu olhar de volta para mim.

— Eu quero tocar em você também.

Fome não estava se movendo antes, mas agora parece ficar completamente parado. Posso vê-lo hesitar e não tenho ideia do que faria um homem totalmente excitado meditar sobre uma mulher implorando para tocá-lo.

Então sem palavras, ele permite que aquelas monstruosidades abandonem seu domínio sobre mim.

Eu me sento, rolando meus pulsos enquanto Fome parece recuar. Ele não relaxa como costuma fazer, esperando que as pessoas o sirvam. Na verdade, parece um pouco distante, como se não conseguisse falar.

O cavaleiro não está acostumado a isso. Ele está acostumado a pegar o que quer e a ser tirado, mas permitir que alguém lhe dê algo sem nenhum motivo subjacente? Isso parece exigir algum esforço.

Sigo para frente, movendo-me para onde ele está ajoelhado. Suavemente, coloco minhas mãos em seus ombros.

— Deite-se. — Eu digo suavemente.

O homem que não se curva para ninguém agora segue minhas ordens sem reclamar, embora seus olhos me encarem com um pouco de desconfiança.

Deslizo minhas mãos sobre suas coxas, sorrindo um pouco quando seus músculos ficam tensos sob o meu toque.

— Relaxe, isso será divertido. — Digo, massageando um pouco suas pernas.

Eu me movo entre suas pernas, ajoelhando-me diante de seu pau. Posso sentir a terra escorrendo do meu cabelo e pelo pescoço. Isso parece muito mais primitivo do que estou acostumada. Mas neste caso, diferente é bom.

O pau de Fome está tentadoramente perto e por um momento deixo a tensão esticar.

Meu olhar encontra o do Ceifador e o ar está praticamente estalando com seus nervos. Eu me inclino, meu hálito quente soprando sobre sua ereção. Em reação, ele estremece.

Sorrio.

— Florzinha, com base no olhar que você está me dando, sinto que deveria ficar preocupado...

Antes que ele possa terminar o pensamento, envolvo minha boca ao redor dele, minha mão se movendo para a base.

Fome solta a respiração.

Não dou a ele um momento para se recuperar. Minha boca

começa a trabalhar, para cima e para baixo, para cima e para baixo.

Ele solta um gemido sexy.

Fome estava certo, é claro. Ele deveria se preocupar. Farei com que ele reconsidere o sexo. Total e completamente.

Ele será meu quando terminar.

Uso todos os truques que tenho com ele, desde girar minha língua ao redor da cabeça sensível de seu pau, como segurar suas bolas, até mesmo pressionar um dedo em sua bunda, o último o fazendo se empurrar contra mim.

— Porra. — Ele xinga. — Que tipo de bruxaria é essa?

É a minha vez de ignorá-lo, dobrando meus esforços, minha boca e mão trabalhando nele.

Em resposta, ele geme, seus músculos se contraem. Suas mãos encontram meu cabelo e ele me agarra como se estivesse segurando.

Com minha mão livre, toco suas bolas novamente.

Seus quadris se movem e seu pau pulsa na minha boca.

— Merda, você precisa parar.

Hum, ignore.

— Ana. — Sua voz fica áspera, seu pau continua pulsando contra mim.

Ignore.

— Bem, se quer que as coisas progridam... porra... pare...

Ele me mostrou misericórdia zero. Retribuirei o favor. Continuo

deslizando minha boca sobre ele, minha mão bombeando a base de seu eixo.

— Porra, flor. — O aperto de Fome fica mais intenso em meu cabelo, então ele empurra contra mim quando começa a ter um orgasmo.

Eu o provo, seu esperma enchendo minha boca por um momento antes de deslizar pela minha garganta. Repetidamente ele se move eu o aperto, trabalhando-o até que gentilmente me empurra para longe.

— Tenha misericórdia. — Ele diz, seus olhos turvos encontrando os meus. Suas bochechas estão vermelhas e ele parece completamente fodido.

Abaixo de mim, seus músculos agora relaxam.

Dou a ele um sorriso muito perverso, muito orgulhoso. Ele realmente me implorou por misericórdia. Eu definitivamente quero ouvir essas palavras novamente.

E quero fazer com que ele se sinta bem novamente, apenas para ver seu prazer.

Coloco de lado esse pensamento particular.

Ele me puxa, então respira no meu ouvido.

— Santa merda.

— E pensar que você poderia ter isso o tempo todo. — Eu digo asperamente.

Há uma longa pausa, então Fome solta uma risada surpresa.

— Florzinha, você é talvez, ainda mais tortuosa do que eu.

Seus olhos brilham de alegria. Ele passa a mão pelas minhas costas, parecendo gostar da sensação da minha pele. Mas então seu toque para. Ele desce um pouco e depois sobe.

Endureço contra ele, ciente do que está percebendo agora pela primeira vez.

— Ana.

Meu olhar encontra o dele.

— O que é isso? — Fome pergunta, passando os dedos sobre as linhas que cruzam minhas costas.

Ele me viu nua muitas vezes, mas nunca olhou nas minhas costas.

— Cicatrizes.

— Cicatrizes. — Ele repete calmamente. Muito calmamente. — E de quê?

Já tive essa conversa mais vezes do que gostaria. A maioria dos homens, abençoe seus corações, tenta honestamente ter conversas de travesseiro, mesmo quando estão pagando por meus serviços. Então, fazem perguntas.

— O chicote de cavalos que minha tia particularmente gostava.

— Isso foi o que sua tia fez com você? — Ele diz, horrorizado.

Concordo.

Ele me mexe um pouco para ver as cicatrizes. Tudo o que vê o faz se sentar ainda mais.

Começo a me mover, mas ele me mantém no lugar, inspecionando minhas costas.

— Há dezenas de vergões. — Diz ele, horrorizado.

Eu não achei que ficaria perturbado por algo assim. Ele inflige pior nas pessoas o tempo todo.

— Estou ciente. — Lembro-me com muita clareza da queimadura afiada e dilacerante quando minha pele se abriu, da dor forte e persistente que durou dias e dias depois que os ferimentos sararam.

— Por que ela batia em você? — Ele pergunta. Fome geralmente não mostra sua raiva, mas a ouço em sua voz agora.

Eu levanto um ombro.

— Variava. Às vezes, era porque me esquecia de fazer minhas tarefas. Às vezes era porque era muito lenta... ou muito preguiçosa. Às vezes eu dizia algo que não gostava e às vezes era apenas um olhar.

— Um olhar. — Repete Fome. Ele me olha como se não pudesse entender. — E você ainda morava com ela?

— Eu era uma criança. — Digo um pouco na defensiva. — Não tinha outro lugar para ir.

— Qualquer outro lugar seria melhor.

Lanço um olhar depreciativo.

— Falou como um homem que nunca foi impotente.

— Tenho estado impotente.

Minha respiração fica presa. Claro. Não sei como esqueci.

Ele traça minhas cicatrizes um pouco mais.

— E você se pergunta por que desprezo sua espécie.

Minha garganta aperta. O que ele está dizendo é terrível, mas não sinto seu ódio; agora sinto sua empatia. E se há uma pessoa que entende minha dor, seria ele.

— Eu não deveria dizer isso. — Admito. — Mas às vezes... às vezes... Deus, isso é perversamente fodido... às vezes agradeço que você e os outros cavaleiros estejam nos matando.

Fome para, aqueles olhos verdes enervantes me observando.

Talvez eu não devesse ter dito nada. Realmente não quero fazê-lo acreditar que está fazendo uma boa ação ao nos exterminar.

Esfrego minhas têmporas, sentindo que preciso me explicar.

— Quando penso em tudo o que foi feito comigo e outras pessoas como eu, quando penso em cada ato maldoso que vi... atos sem remorso ou um segundo de pensamento... às vezes parece que há algo fundamentalmente errado com a natureza humana. Não entendo por que podemos ser tão odiosos um para o outro.

Sinto vergonha enquanto falo, mas então, no rastro de minhas palavras, leveza, como se eu tivesse me aliviado.

— Por que você não me contou? — Fome pergunta.

— Que às vezes odeio as pessoas tanto quanto você? — Pergunto. — Deveria? Isso teria mudado alguma coisa?

O olhar que ele me dá diz claramente que, sim, teria.

Há uma longa pausa. Finalmente, o Ceifador diz:

— E se você se sente assim, por que fica irritada quando mato?

Uma risada vazia escapa.

— Nem sempre odeio a humanidade. E mesmo as pessoas que fazem coisas ruins nem sempre são ruins.

Fome me dá um olhar incrédulo.

— Como sua tia e a mulher que a entregaria a mim.

— Elvita. — Digo.

— Foda-se ela e o nome dela também. — Diz Fome. — Você não pode dar alguém como se fosse um saco de farinha ou um castiçal. Você é uma pessoa.

O cavaleiro percebe que basicamente disse que os humanos têm algum valor inerente? Essa é nova...

— E você não pode bater em alguém rotineiramente e fingir que ainda a ama. — Ele continua.

— Você não sabe disso. — Digo, minha voz saindo como um sussurro, porque ele tocou em algo real e profundo. — Não é tão preto e branco.

— Você está falando sério? — Pergunta incrédulo. — Estamos falando sobre as pessoas que a machucaram, Ana. Como pode defendê-la? — Fome parece indignado em meu nome.

— Eles me deram um lar quando ninguém mais o fez. — Argumento.

— Eu teria feito isso. — Ele diz.

— Devo me arrepender de não ter saído para o pôr do sol com o homem que assassinou minha cidade inteira?

— Eles eram a escória que abusaram de uma criança... e abusaram

de mim.

No momento em que as palavras saem de sua boca, sua mandíbula se fecha e se abre.

Abro a boca para discutir com ele um pouco mais quando se levanta, pegando-me no processo.

— Chega disso. — Ele diz, me levando para a ala da propriedade onde ficam os quartos. — Quero provar essa sua boceta de novo e porra, as concessões que eu faria apenas para colocar sua boca astuta de volta no meu pau...

Concessões? Agora isso despertou meu interesse. Talvez eu ainda consiga meu momento de salvar a humanidade, afinal.

Um boquete para acabar com todo derramamento de sangue. Realmente quero fazer isso.

Capítulo Trinta e Sete

No final da manhã seguinte, acordo em uma cama que não é minha. O que realmente, não é tão estranho, agora que tenho algum tempo para processar onde estou.

Quarto de Fome. Casa de Heitor.

Sento-me, apenas para perceber que meus lábios estão inchados e minhas roupas se foram, meu cabelo está uma bagunça do caralho e minha cabeça...

Porra... não tenho uma dor de cabeça tão forte sabe-se lá quanto tempo.

Um momento depois, a náusea vem à tona.

Há um banheiro luxuoso, mas parece estar em uma cidade diferente, porque está muito longe. Há um vaso decorativo perto da cama.

Isso terá que servir.

Mal tenho tempo de chegar até ele, completamente nua, antes que meu estômago se livre de tudo o que comi e bebi nas últimas doze horas.

Enquanto vomito, a noite anterior volta em todos os seus detalhes sinistros.

E oh, foi horrível.

Agarro o vaso de cerâmica e vomito novamente, embora desta vez não tenha certeza se é por causa do álcool ou da lembrança das

minhas escolhas ruins, muito ruins.

Ainda posso sentir o toque de Fome na minha pele, seus lábios pressionados contra minha boceta.

Eu o deixei me comer. Bom Deus. Deixei um cavaleiro do Apocalipse me comer.

Com a lembrança, sinto-me corar. Eu, a prostituta profissional, corando por sexo oral, nada menos.

Mas Pai, tenha misericórdia, também gostei. E então houve nossa conversa dolorosamente real. Ele viu minhas cicatrizes, ficou com raiva por mim.

Soltei uma respiração instável. Alguém realmente ficou irritado por mim? Havia minhas amigas no bordel. Izabel em particular sabia sobre as surras e ela xingou minha tia uma ou duas vezes. Mas mesmo sua indignação nunca teve o mesmo tipo de profundidade e peso que a de Fome. Ele olhou para mim na noite anterior como se eu merecesse coisa melhor, como se pudesse, ele voltaria no tempo e apagaria minha dor ou puniria aqueles que a causaram.

E não posso deixar de ficar... comovida. Emocionada.

O que é terrivelmente problemático, porque tudo entre mim e Fome deve voltar a ser como era. Esse foi o acordo.

Então, preciso parar de pensar nele como se as coisas entre nós tivessem mudado.

Quando percebo que não vomitarei, vou até a cômoda e tiro um vestido transparente da gaveta de cima, este da cor vermelha.

Há uma jarra de água pela metade e um pouco de pão

amanhecido ao lado da minha cama, minha garganta se aperta com a visão.

Fome deixou isso para mim?

O calor se espalha pelo meu ventre.

Pare com isso, Ana. Ele é apenas um babaca mandão de quem você é amiga relutantemente.

... amigo com benefícios.

Isso é tudo.

Como o pão e bebo a maior parte da água, então com o estômago enjoado, rastejo de volta para a cama de Fome.

Mas quando fecho meus olhos, tudo que vejo são as lembranças do que fizemos nesta cama pelo resto da noite. Sem sexo, mas tudo o mais.

Pelo menos acho que não houve sexo... as coisas ficaram um pouco embaçadas no final.

Não ajuda que a lembranças das mãos hábeis de Fome e aquela boca cruel contra minha pele estejam despertando minha luxúria.

Tudo voltará a ser como era amanhã? Perguntei.

Idiota, idiota, idiota.

Minha mente nunca apagará essas lembranças. E até que aconteça, as coisas não serão as mesmas entre nós.

Logo, Fome aparece.

Eu ouço seus passos pelo corredor. A cada passo que ele dá, meu

coração acelera. Os passos param do lado de fora do quarto e a porta se abre.

Mesmo que esteja curvada, de costas para a porta, ainda posso sentir os olhos do cavaleiro em mim. Minha pele formiga com a consciência.

Em seguida, esses passos novamente. Meu pulso está martelando em meus ouvidos e me sinto mal de ansiedade e do pior tipo de excitação. Ah e náusea legítima. Isso também.

Ficar bêbada é definitivamente superestimado.

Fome para a um metro da cama.

— O que você tem? — Sua voz profunda levanta arrepios ao longo da minha pele.

Deus, ele é horrível.

Ele também claramente não tem problema em voltar ao jeito que as coisas eram.

Enterro meu rosto no travesseiro.

Ele ao menos sabe sobre ressacas? Porque do contrário, não sei se tenho energia para explicar.

Também odeio que sua voz esteja fazendo minhas bochechas esquentarem e minha dor de cabeça latejar contra minha têmpora.

— Tudo. — Murmuro, puxando os cobertores para perto de mim. — Quero esquecer as últimas vinte e quatro horas.

— Isso exigiria mais álcool.

Eu gemo.

— Nunca mais. — Grito. Apenas a lembrança de todos aqueles licores diferentes me deixa engasgada.

Fome continua ali.

— Seus arrependimentos estão alcançando você?

— Eles conversaram comigo um pouco. — Eu digo.

— E?

E?

Eu me viro para enfrentar o Ceifador.

— E o quê?

Fome está me olhando de forma estranha, mas não posso dizer se são minhas palavras ou me ver tão obviamente doente. Ele se agacha ao lado da cama e estende a mão, tocando minha pele. No momento em que faz isso, tenho um flashback da noite anterior.

Braços emaranhados, pernas emaranhadas, seus beijos descendo em meus seios e entre minhas coxas...

Tenho que respirar para me acalmar, apenas para afastar essas lembranças.

— Nós... fizemos sexo?

Ele franze a testa.

— Você não se lembra?

— Eu me lembro da maior parte da noite passada... — O suficiente para saber que nós dois deixamos as coisas sair do controle.

Ele faz uma careta, mas não se afasta. O olhar do Ceifador

observa meu rosto, toda a sua expressão cheia de desejo. Em resposta, sinto meu estômago apertar de uma forma muito primitiva.

Ele roça os nós dos dedos contra minha bochecha, a ação dolorosamente gentil.

— O quê? — Pergunto.

Fome balança a cabeça e se dirige ao meu jarro de água vazio.

— Você quer mais? Eu sei que os humanos precisam de uma quantidade absurda dessas coisas...

Meu estômago se agita.

— O que você está fazendo? — Minha voz sai um pouco rouca.

Aqueles olhos verdes dele se movem para mim. No momento, não parecem tão apáticos quanto deveriam.

— Esta é uma pergunta capciosa?

Eu não quero o Ceifador idolatrando-me. Isso faz coisas estranhas para minha mente e meu coração.

— Fizemos um acordo ontem à noite...

Fome devolve o jarro.

— Tudo bem. — Diz ele, parecendo despreocupado. Ele vira a cabeça em direção ao vaso em que vomitei e franze o nariz. — Eu a deixarei cuidar de si mesma. Pegue o que você precisa e me encontre na frente da propriedade em uma hora.

Fome mantém distância enquanto me limpo e por um lado, estou absurdamente grata por isso, mas por outro... não sei. Sua ausência parece como se um vazio se abrisse em mim, um que eu não sabia que

existia e está me deixando inquieta. E isso, por sua vez, me deixa com raiva de mim mesma.

— Garota estúpida. — Murmuro. Estúpida por se importar e estúpida por afastá-lo.

Minha cabeça ainda lateja e meu estômago está agitado. Andar a cavalo deve ser divertido.

Pego alguns itens que quero levar comigo, entre eles a adaga de Rocha, porque foda-se esse cara. Eu os coloco em uma bolsa que encontro no armário.

Deixo os antigos aposentos de Fome e atravesso o pátio. No chão estão os restos das roupas da noite anterior. Meu olhar vai para elas e calor se acumula na minha barriga.

Pare de pensar sobre isso, Ana.

Entro no prédio principal e quase saio. As plantas lá dentro se espalharam, quase engolindo a sala. Olho para trás por onde vim e pela primeira vez, registro que do lado de fora também as plantas do pátio aumentaram de tamanho, parecendo recuperar a maior parte do espaço.

Encarando a sala mais uma vez, respiro fundo.

Não há mortos aqui. Tudo bem.

Com esse pensamento, passo através da vegetação, meu cabelo fica preso em alguns galhos estendidos.

Quando chego ao jardim da frente, Fome está esperando por mim, seu cavalo selado e pronto. Sem palavras, ele pega a bolsa que estou segurando e a prende em seu corcel.

Sigo atrás dele, respirando fundo para firmar meu estômago.

O Ceifador se vira para mim.

— Antes de irmos...

Espero que termine a frase. Em vez disso, ele estende a mão, inclinando a palma na direção dos meus pés.

Minha pele formiga e posso sentir a magia de Fome se desenrolando ao nosso redor.

— O que você está fazendo? — Pergunto-lhe.

— Sendo travesso. — Ele diz.

Depois de ver o comportamento normal de Fome, não consigo imaginar como é uma travessura. O que eu sei é que definitivamente devo ter medo.

Mas não sinto isso. Apesar de toda a sua brutalidade, sei que este homem não me machucará. Sei disso com uma certeza que não posso explicar.

Aos meus pés, a terra úmida se move. Dela surge um pequeno rebento verde. Observo fascinada, enquanto ele cresce diante dos meus olhos, os galhos subindo, vários deles tocando minha perna. Folhas e espinhos brotam da planta.

— É aqui que eu finalmente morro? — Pergunto, minha voz calma.

— Não seja tão dramática, florzinha. Já te disse, não pretendo matá-la.

Mesmo enquanto a planta cresce, nem um único espinho me pica,

embora comece a se enrolar ao redor do meu corpo como um amante.

Observo paralisada, como em questão de segundos uma roseira ganha vida ao meu redor. Dela brota um único botão. Olho enquanto o botão cresce, então se abre, revelando as delicadas pétalas esfumaçadas de uma rosa lavanda.

Fico entorpecida com a visão disso.

Fome gerou a mesma flor da primeira vez que nossos caminhos se cruzaram. E agora o fez novamente.

Ele arranca a rosa da planta, removendo seus espinhos. Passa a mão na roseira.

— Eu sei que ela é adorável. — Ele murmura para a planta. — Mas precisa deixá-la ir.

Como se entendesse, a roseira se desenrola.

Assim que me afasto da planta, Fome me entrega a rosa.

— Por quê? — Pergunto, pegando dele. Por que ele cultivou esta rosa para mim depois que destruiu minha aldeia e por que ele a cultivou para mim novamente hoje? É uma daquelas coisas estranhas e aleatórias que me afetam.

— Porque perto de você... — Diz ele. — Sinto o desejo mais estranho de usar meu poder para criar, em vez de destruir.

Não voltamos para São Paulo e por isso, fico absurdamente grata. Mesmo dali, juro que posso sentir o cheiro de decomposição no ar. Não consigo imaginar como seria a morte em uma cidade tão grande.

Não que o evitemos completamente. Heitor podia morar na

periferia da cidade, mas a extensão de São Paulo faz com que passemos quilômetros encontrando cadáveres enrolados em arbustos e árvores.

— Eles sentiram dor? — Pergunto.

Espero uma resposta cruel de Fome. Em vez disso, ele diz:

— Foi rápido.

— Por que matá-los assim? — Pergunto. Agora sei que ele pode fazer um homem murchar com a mesma facilidade com que planta.

— Preferência, principalmente.

É tudo o que ele diz. É quase como se hoje, ele não saboreasse seus atos como costuma fazer. Tento não pensar nisso. É muito fácil ficar esperançosa, como se tivesse o poder de transformar um homem mau com um boquete de cada vez.

Embora possa dizer que meus boquetes sejam transformadores.

Por quilômetros depois de cavalgarmos, a terra fica em ruínas. Talos de milho mortos apoiam-se uns nos outros em montes marrons e quebradiços. Os campos de laranjeiras estão quase murchando. Normalmente, essas plantas não morrem até que passemos por elas, mas hoje, enquanto olho para o horizonte, vejo que a destruição se estende.

Também não termina com as colheitas. Passamos por outra cidade e há tantos cadáveres na estrada que Fome precisa abrir caminho por entre eles. Ao lado de muitos desses corpos, há trailers cheios de objetos de valor. Percebo tardiamente que estamos vendo pelo menos parte da onda de gente que fugiu de São Paulo na frente

do cavaleiro.

— Quando você fez tudo isso? — Pergunto, cobrindo meu nariz contra o cheiro.

Não recentemente, isso é certo.

Ele faz um barulho com a garganta.

— Depois de confrontar Heitor, fiquei um pouco empolgado.

Um pouco empolgado? Isso é dizer o mínimo.

Mas com a menção do traficante, minha mente volta para aquela noite sinistra em que Fome e eu lutamos por nossas vidas. Ainda posso ver o corpo mutilado do cavaleiro mesmo agora e o pensamento aperta meu peito.

Essa lembrança, por sua vez, me leva a outra, a visão da Fome lutando por mim, me defendendo.

Não é nisso que deveria pensar agora. O fato de pensar nisso agora, entre tantos mortos, parece errado.

Tudo isso parece errado.

Pareceu errado desde o momento em que acordei. A leveza no meu estômago, a intimidade que deveria lamentar, mas não me arrependo. Ou que estou totalmente ciente de cada parte de mim pressionando contra cada parte dele como se eu fosse uma virgem que nunca foi tocada antes. E agora isso, ter pensamentos suaves em relação ao Ceifador enquanto cavalgava por um cemitério criado por ele mesmo.

Isso está errado em muitos níveis.

Quando esses pensamentos não estão girando em minha cabeça, minha mente vagueia de volta para a noite anterior e a maneira como ele olhou para mim. A maneira como me tocou. A maneira como me provou.

Com a lembrança, sinto a mesma sensação no estômago. Eclipsa os últimos vestígios da minha náusea. Pela primeira vez, realmente noto isso.

Não é desejo, embora também esteja ali.

A última vez que me senti assim foi com Martim, o fazendeiro que disse que me amava e que tolamente acreditei que se casaria comigo antes de partir meu coração e se casar com uma mulher decente.

Meu Deus.

Na verdade, isso me atinge.

Porra.

Estou me apaixonando por esse psicopata.

Capítulo Trinta e Oito

Tento clarear minha mente.

Fome é apenas um amante realmente bom.

Você está apenas curiosa e já faz muito, muito tempo que você não teve um encontro sexual genuíno.

Ninguém em sã consciência se apaixonaria por um homem que está destruindo cidades inteiras.

— O que há de errado? — Fome pergunta nas minhas costas.

Claro que o cavaleiro perceberia que algo estava errado no instante em que eu reconhecesse meus próprios sentimentos.

— Nada está errado. — Digo muito rapidamente. — Por que pergunta isso?

Há uma longa pausa e de repente, Fome faz seu cavalo parar.

Não, não, não, não, não...

O Ceifador segura meu queixo, me virando para encará-lo.

— O que você está fazendo? Por que paramos? — Meus olhos estão disparando ao nosso redor.

— Olhe para mim.

Quase discuto, mas seria ainda mais suspeito. Forço meu olhar para encontrar o dele.

— O quê? — Pergunto obstinadamente.

Não vejo isso. Não vejo o que acabei de perceber.

Seu olhar se estreita.

— Florzinha, eu sei que algo está errado. Você pode me dizer agora ou eu posso descobrir por conta própria, mas prometo a você: descobrirei.

Meu estômago revira. E se Fome for tão bom em ler as mentes das pessoas como ele é na dança, beijar ou oral, logo descobrirá a verdade rapidamente, apesar do nosso voto na noite anterior, as coisas têm mudado entre nós.

— Eu... apenas não estou me sentindo bem.

— Não. — Ele diz simplesmente.

Porra.

— Então agora você acha que sou uma mentirosa? — Acuso.

— Eu sei que você é uma mentirosa. — E de repente, ele solta minha mandíbula. — Mas guarde seus pensamentos para você. Descobrirei em breve.

Esta nova revelação se assenta como uma pedra no meu estômago.

Apaixonando-se pelo cavaleiro.

Eu não quero me apaixonar. Todo mundo que amei morreu ou me machucou e depois morreu. Meus pais, minha tia, até Elvita.

E então é claro, houve aquela vez em que me apaixonei e tudo correu tão bem quanto o Apocalipse.

Martim tinha acabado de fazer vinte anos quando me conheceu.

Eu já estava no bordel por alguns anos, mas em muitos aspectos ainda era jovem e ingênua quando conheci o fazendeiro.

Ele tinha membros esguios, mas os olhos amáveis e um sorriso gentil, nunca me viu como apenas uma vadia para enfiar o pau dentro. Seus amigos foram os que pagaram pela nossa primeira noite juntos, mas depois disso ele voltou por si mesmo.

As outras meninas me alertaram para não me apaixonar por clientes. Muitas delas foram queimadas no passado por homens que queriam sexo livre ou que tinham complexos de salvador. Mas naturalmente, pensei ser diferente e também pensei que Martim fosse diferente.

Conto: ele não era.

Quando seus pais souberam que ele me amava, ameaçaram deserdá-lo. Sem família, sem fazenda, sem futuro cuidadosamente planejado para o qual foi preparado toda a sua vida. Era isso que ele tinha a perder. Ele tinha lágrimas nos olhos quando me contou. Acho que presumiu que eu entenderia.

A única coisa que entendi foi que o mundo adora chutar quando você está para baixo.

Menos de um ano depois, Martim casou-se com uma respeitável mulher. E justamente quando pensei que meu coração partido se curou, quebrou novamente.

Pouco depois do casamento, Martim tentou me visitar no bordel, mas nem por todo o dinheiro do mundo eu deixaria que me tocasse novamente e ele parecia não querer dormir com mais ninguém no Anjo Pintado. Então foi isso.

A dor que costumava acompanhar a lembrança de Martim é apenas uma sombra do que era. Infelizmente, sinto uma nova emoção, pânico.

Eu não quero me apaixonar novamente. E pelo Ceifador de todas as pessoas.

— Eu descobrirei. — A respiração de Fome faz cócegas em meus ouvidos.

Santo inferno.

— Pode parar? — Pergunto. — Não há nada para descobrir.

— Mentirosa.

Odeio que ele esteja certo e odeio que seja tão astuto. Com toda a probabilidade, o cavaleiro provavelmente não apenas descobrirá meu segredo até esta noite, como também conseguirá pulverizar meu coraçãozinho frágil enquanto faz isso.

Porque essa é a minha sorte.

O sol está se pondo quando Fome nos leva a uma casa obviamente abandonada.

Olho a estrutura dilapidada.

— E eu aqui pensando que você nunca mais iria querer ficar em outro lugar assim.

— Você prefere dormir fora? — Ele pergunta, seus dedos esfregando o tecido obviamente molhado do meu vestido. Choveu intermitentemente o dia todo.

— Você sempre pode consertar o clima.

Ele faz um som zombeteiro.

— Claro que você me pediria para mudar o clima apenas para ficar mais confortável.

— Oh meu Deus, Fome, acalme-se.

— Eu não tenho...

— Não estou tentando obrigar você a fazer nada. Apenas estou lembrando que deu o maior assobio do mundo quando paramos na última casa abandonada. — Digo.

— E você soltou um chiado igualmente grande quando paramos em uma casa ocupada. — Ele responde.

Eu estremeço.

— Sim, porque você ia matar uma mulher.

— E então a trouxe para uma casa abandonada. — Ele diz lentamente, apontando para o prédio na nossa frente.

Humph.

— Tudo bem. — Eu digo a contragosto. — Você fez o seu ponto.

Ele guia o cavalo quase todo o caminho até a porta da frente antes de parar seu corcel e pular. Depois de um momento, desmonto e o sigo para dentro.

Ao contrário da última casa abandonada em que ficamos, essa está em condições muito melhores, relativamente falando. Há até uma bomba manual bem do lado de fora da casa. O local também mostra sinais de que outros viajantes já estiveram nele. Fósforos usados, bitucas de cigarro, um livro surrado, algumas garrafas de bebida

vazias e uma lamparina a óleo de barro que alguém deixou para trás.

Fome se vira, seu olhar encontra o meu. Um momento depois, seus olhos descem para o meu peito. Tardiamente, percebo que meu vestido rosa está molhado, moldando-se perfeitamente aos meus seios. Seios que o Ceifador agora está olhando.

Apenas assim, parece que a noite anterior nunca acabou. Posso ver o desejo de Fome; corresponde ao meu.

Parece que exige um esforço enorme, mas ele finalmente desvia o olhar, seus olhos pousando nos meus enquanto exala.

Isso será mais difícil do que pensei, sua expressão parece dizer. Ou talvez esses sejam meus próprios pensamentos.

O cavaleiro passa por mim então, voltando para fora.

— Por que você simplesmente não traz seu cavalo para dentro? — Eu chamo atrás dele. Ninguém se importa com o que um cavalo pode fazer a este lugar.

O Ceifador volta carregando vários sacos e sua foice. Ele joga sua arma no chão, o metal fazendo barulho ao derrapar no chão.

— Fazê-lo suportar este espaço mofado e apertado? Posso ser mal, mas não sou tanto assim.

Eu dou a ele um olhar engraçado.

— Você é tão estranho.

Tudo em que ele acredita, todas as suas opiniões e suposições, são diferentes de tudo que já encontrei.

— Não, minha flor, é você que é estranha. Lasciva, espirituosa e

muito, excepcionalmente estranha.

Ele coloca os pacotes que carrega em uma mesa abandonada, a madeira inchada e empenada. Em um deles, ouço o tilintar do que devem ser a balança de Fome. Ele, no entanto, volta sua atenção para a outra bolsa. Dela, puxa um cobertor e os restos de comida da noite anterior.

Olho para os itens com apreensão.

— Você arrumou tudo. — Digo. — Para mim.

Ele pensa em mim e nas minhas necessidades mesmo quando não estou por perto, necessidades que ele não compartilha. Meu peito aperta de uma forma quase dolorosa. Mas a sensação é logo seguida pelo medo.

— Parece que você vai vomitar. — Diz o cavaleiro, enquanto coloca o cobertor debaixo do braço.

— Apenas... isso foi gentil da sua parte. É tudo. — Digo como uma idiota.

Ele levanta uma sobrancelha.

— Não sabia que você aceitava a bondade tão bem quanto eu. Na verdade, estou estranhamente satisfeito com isso.

Ele caminha pelo corredor, olhando para uma das salas distantes.

— Há um colchão ali no qual você poderia dormir, mas vai uma revelação... há mais formas de vida crescendo nele do que no resto da casa.

Isso afasta meus pensamentos.

— O chão está bom.

O Ceifador volta para a sala de estar e chuta para o lado uma mesa de centro surrada antes de desenrolar o cobertor, colocando-o no meio.

Assim que termina, Fome dá um passo para trás, parecendo muito satisfeito consigo mesmo. Porque ele fez uma cama para mim. Não importa se não há travesseiro ou lençol para me cobrir. O homem que faz com que todos cumpram suas ordens, fez algo por mim.

Meu coração está batendo forte no peito.

Não sei se consigo fazer isso.

Passei muito tempo trabalhando para não me apaixonar. Não quero que isso acabe agora, nem menos com o Ceifador. Porque o coração partido virá, sempre vem e se o gentil Martim foi capaz de partir meu coração em mil pedaços, o que o terrível e impiedoso Fome fará?

— Bem? — Pergunta o cavaleiro, olhando para mim em busca de algum tipo de reação.

Mecanicamente, vou até o cobertor e me sento.

— Obrigada. — Minha voz soa dura.

Fome me observa.

— Eu descobrirei, você sabe. — Dou a ele um olhar questionador. — O que você tem em mente. — Ele explica.

Meu estômago revira.

Oh, certo.

— Por favor, não. — Digo baixinho.

Tudo o que ele faz é sorrir.

Estou condenada.

Capítulo Trinta e Nove

A chuva bate no telhado e posso ouvir o gotejar constante de vários vazamentos no telhado.

Sento-me no cobertor que Fome arrumou enquanto ele vasculha a casa. Meu estômago está cheio de comer a comida que o cavaleiro preparou. Agora que está escuro, deveria me sentir cansada.

Em vez disso, meus sentidos zumbem. Eu sempre trabalhei a noite, então estou acostumada a ficar acordada quando a maioria das pessoas está se preparando para dormir. No entanto, não estou acostumada com meu coração acelerado e minha pele formigando com a consciência a cada palavra e gesto do cavaleiro.

Agora posso ouvi-lo riscando um fósforo. Ouve-se um silvo e uma explosão de luz. Um minuto depois, ele caminha até onde estou sentada, carregando a lamparina de óleo que vi antes, com um pavio aceso saindo dela. Ele se abaixa no chão ao lado do cobertor, colocando a lamparina ao lado dele.

Dou um tapinha no cobertor.

— Você pode sentar aqui, sabe.

— Esta é sua cama. — Diz o Ceifador.

Chamar esse cobertor de cama é dar muito crédito, mas isso é fofo da parte dele de qualquer maneira.

— Estou acostumada a compartilhar. — Respondo.

À luz da lamparina, nossos olhos se encontram e a noite anterior

silenciosamente se desenrola em nossas mentes. Fome ainda não se moveu.

— Não faça isso estranho. — Digo. — Nada mudou entre nós.

O cavaleiro me lança um olhar penetrante, que faz meu estômago doer, mas ele se move para o cobertor, sentando na minha frente.

Segundos se passam e a gravidade ainda está em seu olhar, como se ele estivesse nadando em águas profundas e quisesse me arrastar junto.

Volto minha atenção para a casa ao nosso redor, ouvindo o cair constante da chuva.

— Pernoites em edifícios abandonados são nosso tipo de coisa. — Eu digo suavemente.

— Mmm.

Deixo meu olhar voltar para Fome e caramba, ele ainda está olhando para mim.

— Pare com isso. — Sussurro.

— Parar o quê? — Ele pergunta, sem desviar o olhar.

Pare de me fazer sentir mais leve que o ar e mais pesada que o ferro. Pare de me encarar.

— Nada mudou entre nós. — Insisto. Não sei como consigo dizer essa mentira com uma voz normal.

O Ceifador sorri para mim então, sua expressão irônica, como se eu fosse a ingênua e ele o único com experiência mundana.

Olho para longe, incapaz de segurar seu olhar. Estou desesperada

por uma distração. Qualquer coisa que me faça esquecer que estou irremediavelmente atraída por ele.

Meus olhos pousam na lamparina a óleo. Não é nada mais do que uma tigela rasa com uma pequena borda comprimida para o pavio. Essa é toda a luz que temos para conversar nesta noite.

— Posso perguntar uma coisa? — Digo.

Em vez de responder, o Ceifador espera que eu continue.

— Por que tudo falhou?

Posso dizer que essa não era a pergunta que ele esperava. Estava esperando uma pergunta sobre nós, mas porra, não, perguntarei a ele algo que me forçará a confrontar meus sentimentos.

— Você quer dizer tecnologia humana? — Ele pergunta.

Concordo.

Há ferros-velhos cheios de automóveis enferrujados e eletrodomésticos, televisores e computadores, aqueles lindos celulares que as pessoas costumavam carregar. Existem aterros sanitários cheios de outras coisas também, coisas para as quais nem tenho nomes, coisas que antes funcionavam, mas não funcionam mais. Sou muito jovem para ter visto carros dirigindo sozinho, aviões voando e máquinas lavando roupas e gelando comida. Tudo soa como bruxaria.

Talvez seja por isso que tudo falhou, não acho que Deus seja um grande fã de bruxaria.

— Tudo falhou porque os humanos se empolgaram. — Responde o cavaleiro. — Foram todas umas crianças travessas que não ouviram quando Deus disse, em Sua maneira silenciosa, para parar. — Diz

Fome. — Então agora Ele está falando mais alto.

— É por isso que Deus está nos punindo? — Pergunto. — Porque somos muito... inovadores? — Já ouvi falar de muitos pecados; não sabia que a curiosidade era um deles.

— Deus não os estão punindo. — Responde Fome sem problemas. — Eu estou. Deus está apenas equilibrando a balança... por assim dizer.

— Isso porque inventamos muitas coisas? — Pergunto.

— Porque o mundo ficou fora de equilíbrio. — Diz ele. — E os humanos são os culpados por isso.

Aí está aquela palavra novamente, equilíbrio. O Ceifador mencionou isso algumas vezes antes. Imediatamente, meus olhos se movem para cozinha, onde tive um último vislumbre de sua balança. Ele a trouxe com o restante de nossas coisas, embora não os desempacotasse adequadamente.

— Existem algumas coisas boas sobre os humanos. — Acrescenta Fome. — E se não houvesse, isso teria acontecido há muito tempo.

Tento processar o fato de que o cavaleiro está admitindo que as pessoas têm alguma bondade. Não digo nada, presa entre o choque e uma espécie de esperança frágil que talvez, talvez não esteja total e completamente ferrada.

Os olhos de Fome se movem para os meus novamente e aquele olhar está de volta. Ele se inclina para frente e estende a mão, seus dedos roçando minhas bochechas.

Ao seu toque, estremeço.

— Você disse que tudo voltaria a ser como era antes. — Acuso, minha voz um sussurro.

— Eu menti. — Não há remorso em seu tom. — Não posso esquecer de como você me salvou e tudo que admitiu desde então. E não posso esquecer como é sua pele contra a minha e o olhar em seus olhos quando a toco. Mas acima de tudo, Ana, não posso ignorar a maneira como você me atrai, de novo e de novo.

Meu coração começa a bater forte, tão alto que tenho certeza de que ele pode ouvir. Essas são coisas que os amantes, verdadeiros amantes, dizem um ao outro e eu não suporto isso. É minha fraqueza. Pergunte a qualquer garota que conheceu muito pouco amor na vida e ela lhe dirá, é assim que nos enganam.

— Diga-me que não está reconsiderando. — Fome diz.

Olho para longe, puxando um fio solto do cobertor.

— Ana.

Relutantemente, meus olhos voltam para os dele e ele vê. Eu sei que sim.

Seus olhos se arregalam e depois de um momento, ele me lança um sorriso triunfante.

— Sim. — Ele me encara um pouco mais e eu o ouço respirar fundo. — Isso é o que você tem escondido de mim o dia todo. — Diz ele, como se finalmente tivesse descoberto.

Mas não acho que o fez. Acho que se Fome conhecesse a profundidade do que estou sentindo agora, ele não ficaria tão satisfeito.

Ele segura meu queixo e puxa meu rosto para mais perto, inclinando-se até que apenas alguns centímetros separem nossos lábios.

— Florzinha, ficarei feliz em lhe dar um bis da noite passada. — Diz ele, em voz baixa. Posso ouvir seu próprio desejo e isso não ajuda em nada neste momento.

Olho para o cavaleiro, sem vontade de falar. Não confio na minha boca; pode deixar escapar cada emoção confusa que estou sentindo agora.

— Estou acostumada a fazer sexo casual. — Admito. — Mas isso... isso não é casual, Fome e não sei como lidar.

Os olhos do cavaleiro estão brilhantes e profundos, parte de mim realmente quer saber o que ele pensa.

— Não estou acostumado a lidar com nada disso. — Diz ele. Ele solta meu queixo e se senta. — Fique confortável. — Ele acena para o cobertor em que estamos sentados. — Eu lhe contarei uma história... com um cafuné... e depois sairei.

Eu franzo a testa na parte da saída, mas então cafuné?

Deito em questão de segundos, Fome sentado ao meu lado.

Sua mão desliza pelo meu cabelo e preciso reprimir um gemido que soa muito sexual porque é muito bom.

— Que tal eu contar sobre quando conheci um dos meus irmãos. — Ele diz pensativo.

— Mmm. — Digo evasivamente, realmente não prestando atenção em suas palavras até...

— Espere. — Começo a me sentar novamente. — Você quer dizer aqui, na terra?

Fome me empurra de volta para baixo.

— Sim.

— Qual irmão? — Pergunto, esquecendo o cafuné. — E o que ele estava fazendo? O que você estava fazendo? O que vocês fizeram um ao outro? — Oh meu Deus, as perguntas que tenho.

Fome continua me acariciando.

— Eu estava indo para o sul do Europa. Já havia deixado o continente e cruzava o Mar Egeu. Estava prestes a chegar a Creta quando encontrei Guerra. — Seu olhar fica distante.

— Nesta forma. — Diz Fome. — É difícil sentir meus irmãos, mas não é impossível. Sabia que Guerra estava perto; podia senti-lo se aproximando de mim, assim como ele deve ter me sentido.

Nunca pensei em pressionar Fome para obter informações sobre seus irmãos. Claramente, deveria.

— Ele me encontrou na praia. — Diz ele.

Tento imaginar isso em minha mente. Fome encontrando Guerra, um de seus irmãos.

O Ceifador fica em silêncio.

— E? — Insisto.

— Ele me disse para ir embora.

— Você fez? — Pergunto.

Os olhos de Fome pousam nos meus, um sorriso irônico no rosto.

— Não se briga com Guerra, nem mesmo em sua forma mortal. Eu o deixei e sua família em paz.

— Família? — Interrompo, chocada.

Que porra?

— Guerra tem família?

— Peste também.

Olho para Fome, tentando processar isso.

— Você quer me dizer que dois de seus irmãos se estabeleceram e tiveram filhos? — Pergunto com cuidado.

Fome concorda.

— ... como? — Eu finalmente pergunto.

O cavaleiro me lança um olhar malicioso.

— É realmente muito simples, flor. Eles transaram com mulheres mortais. Essas mulheres engravidaram. Agora eles têm famílias.

Meus olhos parecem saírem das órbitas. Agora, tudo que este cavaleiro diz é mais selvagem do que a coisa de antes.

— Vocês cavaleiros, podem engravidar as mulheres? — Pergunto.

Jesus. Sequer pensei nisso.

— Posso comer, dormir e fazer quase tudo o que um ser humano pode. — Diz Fome. — Ser capaz de procriar é realmente tão chocante?

— Sim.

É realmente muito chocante.

A próxima pergunta desliza dos meus lábios.

— Você tem filhos?

— Deus, não. — Diz ele. — Tenho certeza disso.

— Você se certificou... — Sento-me novamente. — O que isso quer dizer? Matou seus filhos? — Posso sentir como meus olhos estão arregalados.

O Ceifador me empurra para baixo.

— Isso realmente chocaria você? — Ele pergunta.

— Oh meu Deus, você fez. — Não sei por quê, mas isso muda tudo.

Começo a me levantar e mais uma vez, Fome me empurra de volta para baixo.

— Acalme-se. — Diz o cavaleiro se atrevendo a usar minha própria fala contra mim... — Eles nunca viveram para começar.

Eu o olho, respirando forte, minha mente correndo para alcançar suas palavras.

— Eles nunca viveram...? — Ecoo.

— Tenho o poder de fazer as coisas crescerem e morrerem. — Diz ele. — Posso prevenir a concepção.

Isso é muito mais informação do que eu esperava. Mas também, o sexo com o cavaleiro está de volta na mesa.

Jesus, esse pensamento realmente passou pela minha cabeça?

Fome me olha.

— Você está bem?

Aceno, talvez um pouco rápido demais.

— Estou bem. — Digo, apenas para tranquilizá-lo.

O cavaleiro me olha como se eu não fosse confiável.

— Então Guerra mora em uma ilha? — Começo novamente, respirando fundo algumas vezes para me acalmar. — Com a família dele?

Estou tentando imaginar alguém como Fome sendo pai. Não consigo.

— Mhm. — Diz Fome, ainda me dando um olhar cético. Sua mão se move de volta para o meu cabelo e seus dedos começam a esfregar meu couro cabeludo mais uma vez.

— Então, ele os ama? — Pergunto. — A família dele?

— Porra, eu não sei. — Diz o Ceifador. Depois de um momento, ele acrescenta: — Mas imagino que sim.

Fico ali, tentando descobrir como porra essas mulheres conseguiram domar dois cavaleiros do Apocalipse.

— Isso significa que Guerra não está matando pessoas da mesma maneira que você? — Pergunto.

— Esteve. — Admite Fome. — Mas sim, em algum ponto ele parou... assim como Peste.

— Por quê? — Pergunto, minhas sobrancelhas franzindo.

O cavaleiro franze a testa. Um momento depois, ele se levanta.

— Durma um pouco. Estarei perto.

Com isso, ele atravessa a sala e abre a porta. Fome sai para a chuva, que agora é uma garoa. A porta se fecha atrás dele.

Demora muito mais do que deveria para adormecer.

No início, tudo em que consigo pensar é em sua história e em todas as informações que ele revelou. Mas quando meu choque passa, outras coisas começam a se infiltrar.

Não posso esquecer como é sua pele contra a minha e o olhar em seus olhos quando a toco. Mas acima de tudo, não posso ignorar a maneira como você me atrai.

Fiquei assustada com as palavras do cavaleiro e a expressão em seu rosto quando ele as disse.

Sequer tenho um pau e estou fodida. Então, muito fodida.

Em algum lugar entre um pensamento problemático e o próximo, eu durmo.

BANG!

Pulo acordada, tentando descobrir o que está acontecendo, mesmo quando ouço gritos. O pânico me inunda.

Eu me apoio nos cotovelos quando alguém diz:

— Não mova mais um centímetro, a menos que queira fazer um buraco nesse seu lindo peito.

Meu olhar vai primeiro para o intruso falando, depois para o arco e flecha que aponta para mim.

— Disse que havia alguém na casa do velho Monteiro. — Diz uma mulher atrás dele.

Meu coração acelera.

Bandidos.

Não pensei muito nos bandidos que perambulavam pelas estradas desde que comecei a viajar com Fome. Afinal, quem se aproximasse do cavaleiro morria.

Onde porra estava o Ceifador?

Mais cedo ele disse que sairia e saiu. Apenas não pensei que ele quisesse dizer permanentemente. Mas voltou desde que saiu do meu lado?

E então outro pensamento insidioso se insinua.

E se algo ruim aconteceu com ele novamente?

Outro homem sai de trás daquele com o arco e a flecha e vem até mim. Ele me agarra rudemente pelo braço e me puxa para cima, depois me arrasta até a porta.

Tropeço enquanto sou arrastada para fora de casa e para chuva. Não consigo mais ver a flecha apontada para mim, mas a sinto nas minhas costas.

A escuridão é iluminada apenas pelo brilho fraco de uma lanterna na varanda. Posso apenas ver os três cavalos do grupo, amarrados a uma árvore próxima. O corcel de Fome não está em lugar nenhum.

Talvez eu realmente esteja sozinha. Respiro fundo com isso.

O homem ao meu lado pressiona uma lâmina em minha

bochecha.

— Onde está o outro? — Ele pergunta, sua voz rouca.

— O outro o quê? — Pergunto. Minha mente mal consegue acompanhar os acontecimentos que se desenrolam.

— Não se faça de boba, vadia. Vimos o segundo conjunto de pegadas.

Fome e eu arrastamos a lama para dentro. Sequer pensei nisso.

— Onde está o homem com quem você estava? — Meu captor continua.

Sinto um alívio fugaz por pelo menos esses três não terem feito nada com ele.

Balanço a cabeça.

— Eu não sei.

— Que porra você quer dizer com não sabe? — O homem rosna, me dando uma sacudida violenta. Mal consigo me segurar ao cair na lama.

Lanço um olhar desagradável; anos de brigas de bar prepararam-me para homens como ele.

— Quero dizer que acabei de acordar, seu desgraçado idiota.

A faca deixa minha bochecha por tempo suficiente para o homem erguer o punho e me acertar no rosto.

Minhas pernas se dobram e agora caio no chão. Eu o ouço cuspir, embora não sinta isso com toda a chuva batendo em mim.

— Cadela. Teremos que colocar algumas maneiras em você.

Ao longe, posso ouvir os outros dois bandidos se movendo pela casa.

— Que porra é isso? — Alguém pergunta da porta. Olho por cima do ombro enquanto a mulher sai, jogando a balança de Fome na minha frente. Os pratos de metal tilintam.

Com a visão, sinto uma centelha de esperança.

Talvez o cavaleiro não tenha ido embora.

Mas então me lembro de como ele às vezes sai cavalgando sem sua balança, sabendo que logo ela aparecerá. Ele ainda pode ter ido embora.

Estou me levantando quando o bandido ao meu lado me chuta para frente, me forçando a recuar contra o chão. Minhas mãos afundam na terra lamacenta.

— Bem? — O homem diz. — Responda a ela.

Esses homens realmente não têm ideia de quem emboscaram, mesmo quando as evidências estão bem na cara deles.

Não que isso me salvará.

Olho para a mulher.

— É uma balança, seus idiotas comedores de boceta.

Isso me dá outro chute no lado. Suspiro com o impacto, me curvando.

— O que você achou? — Meu agressor pergunta.

— Nada que valha a pena salvar. — Diz a mulher. — Pelo menos podemos trocá-la. — Ela acena para mim.

Não.

Já fui usada o suficiente em meus vinte e dois anos; não deixarei isso acontecer novamente.

Ouço os passos do terceiro bandido quando ele sai da casa.

— Não quero lidar com traficantes. — Diz ele, vindo em nossa direção. — Pegue o que puder e corte a garganta dela.

Meus músculos ficam tensos com isso. O bandido estende a mão para mim. Agindo por instinto, chuto o homem, errando sua virilha.

— Vadia estúpida. — Ele rosna avançando, sua faca apontada para meu peito.

Mal consigo rolar para longe, a lâmina cravando na terra úmida onde eu estava um momento atrás. O homem me pega pela cintura e me vira de costas, prendendo meu corpo sob um joelho.

Recuo, tentando tirá-lo de cima de mim, mas ele é muito pesado.

Ao longe, estou ciente de que os outros dois bandidos estão arrumando seus cavalos, nos ignorando como se brigas à meia-noite na lama fossem normais.

Meu atacante agarra meu cabelo e joga minha cabeça para o lado, me forçando a mostrar o pescoço. Então, sua lâmina lamacenta é pressionada contra minha pele mais uma vez.

Fico imóvel, meus olhos se movendo para os dele.

É isso.

Sobrevivi a todos os tipos de homens assustadores como uma prostituta, sobrevivi até a um cavaleiro do Apocalipse, apenas para terminar assim.

Tenho uma estranha vontade de rir. Tudo parece tão inútil. Tão, tão inútil.

Atrás de nós, ouve-se um farfalhar na folhagem que rodeia a casa. Meu atacante faz uma pausa. Por cima de seu ombro, pego um vislumbre de Fome saindo das sombras, totalmente vestido com sua armadura, sua foice ao lado.

Ele não foi embora.

Expiro. Nunca estive tão grata por ver o cavaleiro.

Ele parece levemente divertido enquanto seu olhar se move de um bandido para o outro; o tempo, no entanto, o denuncia. A chuva cai sobre nós e atrás do Ceifador, relâmpagos cruzam o céu, iluminando sua forma.

— Bem, quem porra é esse? — Pergunta o líder do grupo, sem saber quem acaba de se unir a eles. Ouço o movimento de madeira contra madeira quando ele agarra uma flecha e a solta.

— A maioria me chama de Fome, embora eu deva admitir, tenho uma predileção especial por Ceifador.

Outro relâmpago desce do céu e por um instante, posso ver o cavaleiro em toda a sua glória malévola. Assim que Fome se revela, a mulher sai correndo pelo quintal.

O cavaleiro nem se incomoda em tentar pegá-la. Em vez disso, ele joga sua foice com uma força impossível. A pesada arma gira de

ponta-cabeça sobre o cabo, fazendo um ruído rítmico de corte enquanto se move para frente.

Com um baque forte, se enterra na parte de trás do crânio da mulher. Suas pernas se dobram e ela cai, morta em um instante.

O homem acima de mim faz um barulho assustado. Ele se vira para mim, e vejo o olhar selvagem em seus olhos...

A lâmina em minha garganta está se movendo, cortando minha pele. Eu grito com a dor, surpresa fazendo meus olhos se arregalarem. Não achei que ele tentaria me matar, não agora que Fome estava ali.

Tento empurrar a faca para longe, mas antes que possa alcançá-la, uma grande planta espinhosa afasta meu atacante e sua faca cai inofensivamente de sua mão.

Sangue quente escorre pelo meu pescoço. Toco a ferida, o líquido escorregando entre meus dedos. Por um segundo, tudo em que consigo pensar é que o homem deve ter cortado uma artéria, mas então haveria mais sangue, certo?

É difícil dizer o que é muito, mas depois de um momento, acho que estou bem. E agora que posso sentir as bordas da ferida, posso dizer que apenas cortou parte do meu pescoço e não é tão profundo...

Uma mão vai para meu ombro.

Olho para cima e vejo Fome ajoelhado ao meu lado, seus olhos verdes focados em meu rosto. Ele parece irritado, vingativo. Mas por trás de todas essas emoções potentes, vejo pânico. Pânico irritado e terrível.

Seu olhar cai para o meu pescoço, onde estou pressionando a

ferida.

— Você está ferida. — Não há emoção nas palavras, mas os dedos do cavaleiro estão segurando meu ombro com força e quanto mais eu o encaro, mais angustiado ele parece.

— Eu ficarei bem. — Respondo. Eu acho.

Seu olhar procura o meu e posso dizer que ele não sabe o que fazer.

Atrás dele, posso ouvir os gritos dos dois bandidos restantes. Não preciso olhar para saber o que está acontecendo com eles.

Continuo olhando para o Ceifador.

Você me salvou. Eu não me incomodo em dizer isso. Ele e eu sabemos.

Fome envolve meu rosto e que estranho, posso sentir sua mão tremendo. E agora que estou olhando, sua expressão está mais intensa do que nunca, sua respiração um pouco áspera.

Ele procura meu rosto e então, deliberadamente diz:

— Fodam-se as coisas voltando a ser como eram.

Com isso, ele me beija.

Capítulo Quarenta

Seus lábios são quentes nos meus e todo aquele medo, choque, dor e adrenalina finalmente me alcançaram. Eu me agarro a ele, como se estivesse segurando minha preciosa vida.

Ele me salvou. Estava a segundos de uma morte rápida e Fome me salvou.

O que eu disse a ele há pouco?

Eu também o ajudei uma vez, embora você não tivesse feito o mesmo por mim.

Eu estava errada. Fome claramente faria o mesmo por mim.

E essa percepção quebra as paredes instáveis que protegiam meus sentimentos.

Dane-se os corações partidos. E de que valem se você morrer e nunca realmente conseguir experimentar algo que valha a pena?

Beijo o cavaleiro com toda a urgência que segurei até agora. Com todo o desejo e esperança, todas as emoções terríveis e maravilhosas que passaram por mim no último dia.

Deus, este homem se sente em casa e isso é mais do que maravilhoso para uma mulher como eu, que nunca teve um lar de verdade.

Fome está me beijando com uma ferocidade igual à minha e ao nosso redor, a chuva está caindo forte, cada gota batendo em minha pele com tanta força que pica. Lava a lama e o sangue que me cobrem,

junto com o resto da minha resistência.

As mãos do cavaleiro escorregam pelo meu rosto e estremeço quando toca meu ferimento.

Seus lábios param, então ele se afasta.

— Ana. — O pânico está de volta em sua voz. Seu olhar vai para o meu pescoço.

— Não é ruim... — Mas mesmo enquanto falo, me sinto um pouco tonta, desorientada.

A mandíbula de Fome flexiona.

— Você é uma maldita mentirosa.

Um momento depois, ele me pega e carrega para dentro. Coloca-me no cobertor que estendeu, então rapidamente tira sua armadura de bronze, o metal tilintando quando ele coloca de lado.

Ele tira a camisa, revelando aquelas tatuagens hipnotizantes que brilham em verde na escuridão. O Ceifador se ajoelha ao meu lado, pressionando a roupa preta contra a minha ferida, estancando o fluxo de sangue.

Não há nenhum lugar para olhar que não seja ele e sou confrontada mais uma vez com meus sentimentos enquanto observo suas feições. O cavaleiro é a coisa mais dolorosamente linda que já vi. Normalmente, se parece com algum príncipe orgulhoso e intocável de uma época passada, mas agora... não parece orgulhoso e intocável. No mínimo, parece jovem, inseguro e desesperado.

Ele se concentra em meu ferimento, mantendo sua camisa pressionada contra minha garganta. Eu me viro para ele e o tecido

preto se espalha contra minha bochecha e nariz enquanto faço isso. Mesmo depois de um dia de viagem, cheira a fresco, limpo. E se Fome fosse totalmente humano, a camisa provavelmente cheiraria a suor e boceta azeda, figurativamente falando, é claro; a única boceta que esteve perto de Fome foi a minha e me orgulho de...

— Ana.

— O quê? — Pergunto, afastando o pensamento.

— Quão ruim está?

— Quão ruim está o quê? — Meu olhar permanece em seus lábios.

— Sua ferida. — Diz ele lentamente, olhando para mim como se eu tivesse crescido duas cabeças.

— Oh. — Afasto um pouco sua camisa para poder sondar as pontas do corte. — Não sei, mas não acho que seja tão ruim. — Quando vejo o olhar do Ceifador, acrescento: — Não estou mentindo.

A lesão dói, posso sentir sua pulsação batendo logo abaixo do meu queixo, mas já passei por coisas piores, muito piores.

Olho para Fome, cujo rosto é iluminado pelo brilho suave de suas marcas. Sua mandíbula flexiona novamente, como se estivesse com raiva, então isso realmente me atinge...

— Você está preocupado comigo. — Digo.

Que coisa mais louca e maravilhosa.

— Claro que estou. — Ele diz, sua voz tão baixa que quase não ouço as palavras.

Sinto o calor espalhar-se por todo o meu corpo. Isso, ainda mais

do que seus elogios, é minha ruína.

Eu o alcanço, movendo-me com confiança. Meus braços envolvem seu pescoço.

Ele me olha chocado.

— O que você está...?

Antes que ele possa terminar a frase, meus lábios encontram os dele e o beijo com o mesmo fervor de antes. Por um ou dois segundos, ele responde... então sua mente o alcança.

Fome me afasta, parecendo com raiva.

— Você vai simplesmente ignorar...?

— Sim. — Eu digo, então meus lábios estão de volta nos dele. Sim, vou ignorar o fato de que um homem acabou de tentar cortar minha garganta. Eu sobrevivi a isso, porra e agora estou flutuando nessa adrenalina alta e preciso sentir o cavaleiro contra mim.

A princípio, Fome não responde e sei que ele está pensando no fato de que estou ferida, está escuro e ele não pode ver o quão ferida estou, ah e que sou uma mentirosa de vez em quando. O que acontece é que minha boca é uma mentirosa muito, muito boa e agora, está fazendo o possível para convencer o Ceifador de que não estou tão ferida.

Ele deve acreditar um pouco, porque logo retribui o beijo, e caramba, como retribui. Seus braços me tocam e ele me embala como se eu fosse frágil, mas me beija como se quisesse me abrir e deslizar para dentro. Seus lábios são quentes nos meus.

Ele se inclina para frente, seu peito encontrando o meu. Calor

irradia dele e apesar de sua reputação ameaçadora, estou impressionada de que, para mim, tudo nele é reconfortante. Seu calor físico, seu toque, seu desejo.

Somos óleo e água; não devemos nos misturar, mas ali estamos. Suas mãos selvagens no meu cabelo. Ainda posso senti-las tremendo, mesmo enquanto me seguram no lugar.

Sinto essa energia dentro dele. Meu coração bate no mesmo ritmo.

Encontro sua calça, puxando.

Ele segura meu pulso.

— Ana...

Ainda está preocupado com meu ferimento.

Meus olhos encontram os dele.

— É apenas um pequeno corte, Fome. Ficará tudo bem. — Sussurro. — Quero isso. E se você também quiser, deixe-me desabotoar sua maldita calça. Por favor.

Ele me encara, debatendo, debatendo...

O cavaleiro solta meu pulso. Expiro, meu coração começando a bater forte.

Quando começo a desabotoar a calça do cavaleiro, as mãos da Fome deslizam pelo meu corpo. Há uma suavidade em seu toque que não existia antes, não consigo decidir se ele está simplesmente preocupado com minha lesão ou se é outra coisa. Seja o que for, me faz parar. Quero saborear isso. Raramente consegui saborear a intimidade.

Botões descem pela frente do meu vestido arruinado e um por um o cavaleiro os desfaz, lentamente tirando a roupa do meu corpo.

Assim que revela meu estômago, suas mãos vão para minhas cicatrizes. Ele hesita, então as beija suavemente.

O Ceifador não pede meu perdão novamente, mas mesmo assim, sinto seu pedido de desculpas. Também sinto outra coisa, algo que parece muito com adoração.

Isso é novo, muito novo. Sinto que muito mais do que minha carne está sendo exposta e vista. Por todo o sexo que tive, sou uma estranha nisso. Sentir-me valorizada, adorada.

Posso sentir um nó espesso de emoção na garganta e meus olhos começam a arder. Cubro os olhos com a mão, mas para meu horror, isso não impede que uma lágrima escorra. Outra segue. Depois outra e outra.

O que há de errado com você?

Fome faz uma pausa.

— Ana? — Ele pergunta e quero rir da incerteza em sua voz.

Requer uma quantidade embaraçosa de força, mas afasto minhas mãos dos olhos. Eu não sei se ele pode ver minhas lágrimas na escuridão, mas...

As sobrancelhas de Fome se franzem quando me observa.

— Você está chorando? — Posso dizer que ele não sabe o que fazer comigo.

— Sim. — Admito.

Fome fica sérios.

— Quer que eu pare? — Ele pergunta, claramente sem entender por que estou chateada.

— Deus, não.

Ele me encara por mais tempo. Há muito pouca suavidade neste homem, e ainda agora, está sendo terrivelmente compassivo.

— Eu não sou humano. — Ele diz. — E não entendo o que você está pensando. Explique.

Solto um suspiro.

— Meus clientes... eles nunca me trataram assim. — Nem mesmo Martim.

Sexo sempre pareceu uma troca. Eu era uma prostituta. Não estava sendo paga para ser adorada. Estava sendo paga para saciar a luxúria de alguém.

A expressão de Fome muda, tornando-se empática, muito, muito empática. Acho que, quando se trata de dor e vulnerabilidade, ele me vê com mais clareza do que qualquer outra pessoa.

Essa sensação quente e desconfortável floresce no meu ventre. Desta vez, não luto contra.

O cavaleiro afasta meu cabelo, seus olhos se movendo entre os meus.

— Esta noite. — Ele diz suavemente. — Você esquecerá todas as maneiras como já foi maltratada. Garantirei isso.

Capítulo Quarenta e Um

Ele não lidera, mas também não espera que eu lidere. Em vez disso, cada toque é recebido com outro toque.

Olho para ele maravilhada enquanto retira minhas botas e o resto do meu vestido antes de tirar seus sapatos e calça.

Como Fome está agindo agora vai contra tudo que me fez acreditar. Ele não deveria ser sentimental, não há espaço para sentimentalismo naquele coração sombrio e ainda assim está me tratando como se eu fosse preciosa.

Nu, ele se ajoelha aos meus pés. Segura um dos meus tornozelos e pressiona um beijo nele, passando seus lábios sobre a minha pele.

Jesus, ele fará tudo lento. Provavelmente não é a melhor noite para isso; a chuva não lavou toda a lama e sangue da minha pele...

Tento tocá-lo, pronta para acelerar as coisas.

Fome segura minhas mãos, entrelaçando seus dedos com os meus, ele prende meus braços acima da cabeça, ficando sobre mim. Posso sentir seu pau duro preso entre nós.

Ele me beija suavemente.

— Sem truques. — Ele murmura contra meus lábios. Se afasta tempo suficiente para que nossos olhos se encontrem.

Depois de um momento, aceno.

Com minha resposta, ele solta minhas mãos. Sua boca volta a beijar minha pele, descendo dos meus lábios até o queixo, clavícula,

esterno e seios.

Fecho os olhos contra seus beijos, absorvendo-os. Cada pressão de seus lábios é indescritivelmente terna. Esse é um lado dele que eu não sabia que existia, que eu não imaginava que pudesse existir e está fazendo coisas estranhas comigo.

Deslizo minhas mãos sobre os ombros de Fome, maravilhada com sua pele lisa. Este corpo dele viu e sentiu muita dor, ao contrário de mim, ele não tem nada para mostrar. Sem cicatrizes, sem desfiguração, apenas uma quantidade alarmante de lembranças do pesadelo.

Envolvo minhas pernas ao redor das dele, as pontas dos meus pés se movendo sobre a parte de trás de suas panturrilhas, tentando sentir cada parte dele de uma vez. Meu coração parece grande demais para meu peito.

Ele desliza as mãos sobre a minha pele, interrompendo seus beijos para apenas me olhar. É a coisa mais estranha do mundo, vê-lo maravilhar-se com a minha forma como se estivesse descobrindo o desejo pela primeira vez. Seu olhar se move para meus olhos e em sua expressão, vejo tudo.

Simplesmente não existo, ele disse uma vez, tenho fome.

Eu vejo seu desejo agora tão claramente, mas não é tão simples como a maioria dos olhares lascivos que os homens me deram no passado. Há um elemento mais profundo nisso e me lembro de outra coisa que ele disse.

Nem tudo é sobre sexo, flor.

O que mais está acontecendo por trás daqueles olhos verdes? Poderia ser.... ele poderia sentir mais por mim?

Afasto o pensamento antes que ele possa afundar suas garras.

Os dedos de Fome se movem para o meu núcleo. No momento em que me tocam, um sorriso travesso curva seus lábios.

— E aqui pensando que teria que prepará-la. — Diz ele, passando o dedo por minha entrada.

Claramente ele subestimou meu desejo.

Afasta a mão e se ajusta até que sinto seu pau ali.

Ele me encara e Deus, é absolutamente magnífico; seus grifos iluminam seus lábios perversos e deixam seus olhos brilhando. Vários fios de seu cabelo caem e se eu não estivesse tão presa neste momento, poderia realmente colocá-los atrás das orelhas.

Mas não é apenas sua beleza que me cativa. Ele não está usando a máscara arrogante que costuma usar durante o dia; não esteve desde que me salvou. Parece tão exposto e vulnerável quanto eu.

— Flor...

Ele inclina os quadris enquanto me olha e seu pau lentamente começa a empurrar.

Seguro a respiração com a sensação de ser esticada e preenchida, merda, acho que estou prestes a ter outro momento.

Minha garganta aperta e meus olhos ardem.

Sério, vou chorar bem quando minha boceta está sentindo o gosto real do céu pela primeira vez? Foi isso que me tornei?

Fome me olha como se eu fosse algum tipo de milagre que ele encontrou e preciso que conter um soluço.

Sim, aparentemente isso foi o que me tornei.

Minhas mãos se movem para o meu rosto novamente.

Não quero que ele me veja assim.

Fome as segura antes que me cubram.

— Não se esconda de mim. — Ele diz. — Tudo que eu quero é vê-la agora.

Suas palavras são insuportavelmente gentis, o que é a última coisa que meu coração sensível precisa agora.

Uma lágrima escorre.

Ele franze a testa ao vê-la.

— Porque você está chorando? — Há uma nota de alarme em sua voz. Seus quadris param e é o pior tipo de agonia.

Fecho meus olhos por um momento.

— Não é nada.

— Abra seus olhos. — O alarme ainda está na voz do Ceifador.

Relutantemente, o faço. Tudo o que ele vê no meu rosto faz com que suas sobrancelhas se juntem.

— O que há de errado?

— Tudo. Nada.

Isso é diferente de qualquer experiência que já tive e ele já me arruinou, me arruinou completamente, por sexo. Minha carreira de

prostituta acabou.

— Você quer que eu pare? — Ele pergunta.

— Não.

Ele não parece convencido.

Droga, terei que dizer algo.

Respiro fundo.

— Apenas... tive tantas decepções na minha vida e isso... isso é bom demais para ser verdade. Sinto que você pode ver tudo no meu rosto. — O que é irônico, considerando a pouca luz que há ali.

O Fome que conheci semanas atrás teria zombado de mim abertamente por isso. Uma parte está certa de que ele o fará agora.

Apenas... não há julgamento em sua expressão. Mas seus olhos têm uma espécie de compreensão pesada. Isso me faz pensar que sua própria dor é profunda o suficiente para reconhecer a minha.

Eu vejo sua garganta se mover enquanto ele observa meu rosto.

— Ana...

Acho que ele está prestes a dizer algo importante.

Seus lábios se abrem, mas então ele balança a cabeça e o momento passa.

Fome se aproxima e me beija, sinto uma mistura agridoce de alívio e pesar. Ele não se assustou com minhas palavras, mas também não me garantirá que não tenho nada com que me preocupar. Ele é Fome, esmaga coisas para se divertir, humanos e suas emoções afetadas acima de tudo.

O cavaleiro começa a se mover novamente e me concentro nisso. Seu pau ainda está me esticando da maneira mais prazerosa.

Fico maravilhada com ele, com isso.

Seu olhar está fixo em mim enquanto empurra para dentro e para fora, dentro e fora. Nós dois olhamos um para o outro com admiração. Nada disso deveria acontecer.

— Eu a vejo. — Diz Fome. Ele se inclina e beija uma pálpebra, depois a outra. — Apenas você.

Minha respiração fica ofegante, então outra pequena lágrima estúpida e rebelde desliza pelo lado do meu rosto.

Gah, meus olhos precisam parar com essa história de choro.

Um momento depois, o cavaleiro a enxuga.

Eu dou a ele um sorriso trêmulo e os olhos da Fome percebem isso.

— Deus tenha misericórdia Ana, disse que nenhum truque humano bonito. — Diz ele, olhando para minha boca, sua voz rouca.

Lentamente, retoma suas estocadas. Cada golpe é profundo, mas de alguma forma faz o movimento parecer suave. Isso me lembra o fato de que gosta de prolongar todos os tipos de coisas: fome, morte e aparentemente sexo.

Minhas mãos deslizam pelo seu peito, sobre seus peitorais e abdômen. Sob meu toque, os músculos se contraem.

Novamente ele faz uma pausa.

— Por favor, se tiver algum cuidado, mulher, pare com isso agora.

— Diz ele, com a voz rouca. — Isso me fará gozar muito cedo.

Eu sorrio. Em resposta, seu pau pulsa dentro de mim.

Meu aperto fica mais forte sobre ele.

Ele gosta dos meus sorrisos.

Fome coloca a mão entro nós e encontra meu clitóris.

— Terei que igualar o placar.

Eu rio, mas rapidamente se transforma em um gemido quando ele me acaricia em dois lugares ao mesmo tempo. Seu ritmo acelera enquanto me olha, absorvendo minha expressão.

— Estou convencido. — Diz ele.

Mal consigo me concentrar o suficiente para dizer:

— Convencido de quê?

— As vantagens do sexo.

Quase não presto atenção em suas palavras. A sensação cresce e cresce dentro de mim enquanto ele continua acariciando meu clitóris. Minhas unhas arranham suas costas.

— Fome...

Meus lábios se abrem, meu peito arfando enquanto, de repente, meu orgasmo me atinge. Grito, puxando-o para perto enquanto onda após onda de prazer me percorre.

Fome penetra em mim cada vez mais forte enquanto seus olhos verdes bebem minha reação. Ele ainda está me olhando quando suas estocadas se aprofundam e respira fundo, como se algo o tivesse

pegado de surpresa. Então com um gemido, ele goza forte e rápido. Parece chocado enquanto me olha, chocado e apaixonado.

Com alguns golpes finais, Fome se solta, rolando para fora de mim. Eu sinto intensamente sua ausência, mas apenas alguns segundos depois ele me puxa de volta.

Então ele começa a rir. E rir, rir e rir. Isso sacode todo seu corpo.

Eu me afasto para olhá-lo. Meu coração aperta ao ver a Fome sorrindo, rindo.

Eu nunca o vi assim. Despreocupado. Feliz.

Tudo porque ele teve uma boceta.

Sorrio, traçando seus lábios com meu dedo. Meu coração está fazendo coisas engraçadas; parece leve e pesado.

— Isso é loucura. — Diz ele contra o meu dedo. — Estou tendo uma experiência humana e pela primeira vez, gosto disso. Merda, mais do que gosto. — Enquanto ele fala, me puxa para perto e beija o lado do meu rosto.

Antes que eu possa responder, ele nos rola para que eu fique presa embaixo dele mais uma vez.

Seu olhar procura o meu.

— Isso é.... quero estar em você novamente. E quero outro sorriso seu. Muitos deles. Seus sorrisos me fazem sentir mais como meu verdadeiro eu.

Meu estômago aperta com isso. Como meu verdadeiro eu. Entendo essa afirmação muito bem. Já faz muito tempo desde que

alguém me viu como algo senão a prostituta Ana, mas quando Fome me olha, eu me lembro.

Passo os dedos sobre sua bochecha e aquela sensação de mais leve que o ar passa por mim.

Entre nós, sinto que ele começa a endurecer. Minhas sobrancelhas se erguem. Não esperava tão cedo.

— Realmente espero que você não tenha planos de dormir esta noite. — Diz ele.

Inclino e o beijo.

— Eu posso adiá-los.

Fome agarra uma das minhas pernas, me abrindo um pouco e com um forte impulso, entra em mim mais uma vez.

Capítulo Quarenta e Dois

— Ana.

Ouço a voz como se estivesse longe.

— Cristo. — Uma mão está sacudindo meu ombro. — Ana!

Forço meus olhos a abrirem, sacudindo o sono.

O cavaleiro está me olhando e ele parece...

Parece assustado.

Começo a me levantar.

— O que foi?

Os olhos de Fome estão por todo o meu corpo.

— Por que você não me contou?

— Contou o que? — Olho para o meu corpo, mas ao fazê-lo, sinto uma dor aguda no pescoço.

Um momento depois vejo o sangue.

Está manchado por toda parte. Em mim, nos lençóis e parece que manchou a maior parte do meu vestido descartado. Está até no próprio Ceifador, o sangue secou em seu peito.

Já vi o cavaleiro coberto de sangue muitas vezes, mas nunca o vi apavorado por causa disso.

Ele inclina meu rosto para o lado.

— Jesus. — Amaldiçoa novamente, observando minha ferida. —

Ana, você me disse que estava bem na noite passada. Eu estava... — Ele esfrega a mão no rosto. — Estava dentro de você ontem à noite enquanto estava sangrando.

Sinto um lampejo de culpa.

— Não é...

— Pare. — Diz Fome. — É ruim assim. Ana, por que você não disse nada?

— Eu me sinto bem. — Respondo.

— Não consegui acordá-la. — Diz o cavaleiro. — Você não está bem.

— Estou acordada agora. — Digo defensivamente.

Acordada, nua, coberta de sangue e fuligem. E de repente, me sinto como uma criança travessa, dormindo com o cavaleiro enquanto estou ferida. Infelizmente, era assim que funcionava no bordel. Ser espancada por um cliente não significava que nenhuma mulher poderia tirar a noite de folga.

— Você precisa de um médico. — Ele insiste.

— Uma agulha e linha servirão. — Bem, uma agulha, linha e um pouco de álcool. Não que eu esteja pronta para mais bebida. Meu estômago se revolta com o pensamento.

Fome me dá um olhar cético.

— Você não pode estar falando sério.

Infelizmente, estou.

No meio da manhã, me lavei e esfreguei meu vestido o melhor

que pude. Visto a roupa úmida, meus seios basicamente visíveis através do tecido molhado.

Fome me mantém perto. Posso praticamente senti-lo vibrando de ansiedade. Por um lado, fico comovida com sua reação. Por outro, tudo o que fizemos na noite anterior foi esquecido em meio a sua preocupação.

Passamos mais de quinze minutos na estrada quando nos deparamos com um pequeno posto comercial.

O Ceifador leva seu cavalo em direção a ele. Antes mesmo de desmontar, ouço um barulho de luta dentro da loja, seguido por um grito que corta bruscamente.

Seguro a respiração. Isso nunca, nunca ficará mais fácil de suportar.

Fome salta do cavalo.

— Espere aqui. — Diz ele por cima do ombro.

Eu não.

Cautelosamente, deslizo para fora de seu corcel, reprimindo um grito quando a ação puxa meu ferimento. Não muito tempo atrás, lutei para descer deste mesmo cavalo depois que o Ceifador acidentalmente perfurou meu ombro com sua foice. O cavaleiro não se preocupou com isso. E claro, era um ferimento mais limpo e talvez não fosse tão ruim, mas ainda assim.

As coisas realmente estão diferentes entre nós.

Fome suspira quando percebe que estou seguindo.

— Ana, você está ferida.

— Estou bem. — Digo.

— Duas palavras que nunca mais acreditarei vindo de você.

Entro na loja atrás dele, estremecendo um pouco ao ver o homem obviamente morto que estava trabalhando atrás do balcão.

— É apenas um arranhão. — Digo, descendo um dos corredores.

Não é apenas um arranhão. Eu olhei no espelho esta manhã, é maior e mais feio do que eu imaginava.

Fome solta uma gargalhada

— Por que você está fingindo que não é grande coisa?

— Você viu minha barriga? — Pergunto. — Comparado a isso, não é grande coisa.

— É muito importante para mim. — Murmura o cavaleiro, a voz tão baixa que quase não ouço.

Encontro a seção de primeiros socorros antes de Fome. Bem ali na prateleira de cima estão agulhas e fio cirúrgico.

— Entendo. — Digo, agarrando os itens. Agora apenas preciso me costurar.

Isso deve ser divertido.

Mordo o lábio inferior, olhando para minha ferida com um espelho de mão que encontrei.

— Talvez não devêssemos fazer isso. — Digo.

O corte parece ainda um pouco sujo e partes dele parecem já ter

começado a formar crostas. Não sei muito sobre como curar feridas, mas acho que fechar algo que pode estar contaminado é uma má ideia.

Fome observa a ferida.

— Então, não devemos fazer nada? — Ele está claramente descontente com esse pensamento.

— Eu não sei. Acho que se conseguirmos limpar o corte no álcool, isso pode ajudar.

Já estou me encolhendo com o pensamento.

Assim que disse isso, o cavaleiro vai para a pequena coleção de vinhos, cervejas e um pouco de licor mais potente atrás do balcão, sem poupar ao homem morto ao lado dele um olhar.

Enquanto ele está lá, pego um recipiente de vidro com álcool isopropílico da prateleira. Respiro fundo enquanto o olho.

Isto doerá.

Fome volta, segurando uma garrafa de rum e um saca-rolhas. Eu o deixo abrir a garrafa e entregá-la para mim.

Em vez de derramar sobre meu pescoço, tomo um longo gole, meu estômago revirando com o gosto.

Muito cedo, cedo demais para mais bebida.

Coloco o rum em uma prateleira próxima, em seguida, abro a tampa do álcool em minha mão, passando-o para Fome.

— O que é isso? — Ele pergunta.

— Álcool para derramar na minha ferida.

O cavaleiro parece confuso. Acho que ele nunca percebeu que havia uma diferença entre o álcool da bebida humana e o material usado exclusivamente para desinfetar.

— Por que você está me entregando? — Ele pergunta.

— Preciso que você faça isso. Eu... acho que não tenho coragem de fazer isso sozinha.

Fome franze o cenho para o álcool, depois olha para mim. Mais rápido do que posso seguir, ele inclina meu queixo e despeja o álcool no corte.

— Porra! — Assobio, minhas pernas quase dobrando. — Puta merda!

Respiro forte, os olhos picando com a queimadura excruciante. Parece que minha ferida está pegando fogo.

Eu o olho.

— Você poderia ter me avisado.

— Você está superestimando o quão bom eu sou.

Faço uma careta, mas honestamente, o homem tem razão.

Olho para o frasco de álcool agora vazio na mão de Fome. Esperançosamente, isso resolverá o problema.

Respiro fundo.

— Deixe-me pegar gaze e então podemos ir.

— Ir? — O cavaleiro pergunta. — Não enquanto você estiver ferida. Esta noite, ficaremos aqui.

Capítulo Quarenta e Três

Minha ferida no pescoço não está boa.

Não mesmo.

Percebo pela primeira vez que logo depois de acordar na manhã seguinte, meu corpo coberto de suor.

Meu corte lateja e quando o cutuco, a dor me invade. Mais do que isso, me sinto um pouco indisposta.

Ele... parece infectado.

Eu me levanto e encontro o espelho compacto que usei antes para dar uma boa olhada. Depois de remover a gaze, inclino o espelho em direção ao corte.

Seguro a respiração. A pele está vermelha e inchada, o ferimento em si é uma visão horrível, a carne uma confusão de cores.

Definitivamente infectado.

Antes que possa pensar duas vezes, pego outro frasco de álcool isopropílico e destampando, limpo a ferida com o líquido desinfetante.

A dor é instantânea e intensa. Um grito agudo escapa da minha boca e quase deixo cair.

A porta se abre Fome corre para o meu lado. Ele percebe minha forma trêmula e o líquido escorrendo do meu ferimento irritado. O cavaleiro pega o frasco das minhas mãos e olha para o rótulo antes de sua atenção se voltar para o meu pescoço.

Suas sobrancelhas franzem.

— É suposto parecer...?

— Acho que não.

Vejo uma miríade de emoções passar pelas feições do cavaleiro, rápido demais para entender.

Ele franze a testa, olhando para o frasco.

— Isso ajudará? — Ele pergunta.

— Espero que sim. — Digo.

O olhar do Ceifador volta para mim.

— O que acontece se não funcionar? — Ele pergunta.

Ele não tem experiência com isso, eu percebo. O cavaleiro mutila e mata, mas não sabe muito sobre cura e as complicações que vêm junto.

— Não vamos nos preocupar com isso, Fome. — Digo, tentando me tranquilizar tanto quanto estou tentando tranquilizá-lo. — Já sobrevivi a muitos horrores para que um simples ferimento no pescoço me derrubar.

Não que haja algo simples nisso.

Ele me encara por muito tempo. Finalmente, diz:

— Procurarei um médico para você.

Eu engulo.

— Ok. — Respondo.

Para ser honesta, estou um pouco assustada com o que pode

acontecer se as coisas continuarem piorando. Termino de empacotar, ignorando minha lesão purulenta o melhor que posso.

Montar é outra história.

Assim que começamos a nos mover, o andar do cavalo puxa meu ferimento. Isso acontece repetidas vezes a cada passo que o corcel dá e não há como ignorar a dor.

E agora minha náusea está aumentando. A princípio tento ignorar, principalmente porque não quero lidar com isso. Mas então começo a suar, mesmo com um arrepio percorrendo meu corpo. Está quente e não deveria tremer tanto.

Fome me aperta com mais força e deixo escapar um pequeno ruído com a pressão. Minha náusea está de repente bem aqui e não-será-ignorada-oh-Deus-me-livre-deste-tormento-amém.

— Você está bem? — Ele pergunta, uma vaga nota de preocupação em sua voz.

Forço minha bile e puxo suas mãos.

— Estarei se você relaxar sua maldita mão.

Depois de um momento, ele faz isso e respiro algumas vezes.

— Estou ficando doente. — Digo. — O corte no meu pescoço. — Gesticulo vagamente para ele. — Não está indo muito bem.

Fome para seu corcel. Com cuidado, ele remove as bandagens e se inclina o suficiente na sela para dar uma boa olhada nele.

Ele sibila enquanto olha para ferida.

— O quê? — Pergunto, ficando nervosa.

— Parece que vai crescer dentes e comer minha cara.

Solto uma risada assustada.

— O que devo fazer? — Realmente não queria fazer a pergunta, mas merda, não sou uma planejadora de contingência. Nem médica. E já colocamos álcool na ferida duas vezes, realmente esperava que funcionasse.

A preocupação surge nos olhos do cavaleiro.

— Você quer dizer, além de encontrar um médico? Eu não sei. Você é a humana. — Ele diz acusadoramente. — Eu não tenho infecções.

Nós dois olhamos um para o outro e sem querer, engulo audivelmente.

— Porra. — Xinga Fome. Então coloca seu cavalo em ação e nós dois cavalgamos como o vento.

Fome

A fome torna os homens desesperados, perigosos. É um estado natural meu, mas não o sinto há algum tempo.

Mas agora, com Ana cambaleando instavelmente na sela, aquele pânico familiar passa por mim. Percebo que odeio isso. Odeio com cada fibra do meu ser.

Forço meu corcel cavalgar o mais rápido que pode, apenas diminuindo a velocidade quando Ana se inclina para vomitar. Acontece apenas uma vez, mas então posso senti-la tremendo. Eu a seguro tão perto quanto ouso, tão perto quanto ela me permite, mas minha armadura é dura e rígida, não pode ser muito confortável.

Isso não é bom.

Soube desde o momento em que vi aquela ferida à luz do dia, mas agora estou entendendo que o corpo humano não deveria tremer com este calor sufocante. Ela também não deveria vomitar.

Com esse pensamento, incentivo meu cavalo mais rápido.

Alguém saberá como curá-la.

Ana

Estamos na estrada há um tempo surpreendentemente longo. Então novamente, talvez não estejamos, talvez a dor tenha se tornado tão perturbadora que os minutos se arrastam. Parece uma vida inteira.

Fome está tão distraído que não se incomoda em matar os campos ao nosso redor. Ficaria tocada se pensasse que de alguma forma é para meu benefício, mas acho que ele simplesmente esqueceu, tão focado em conseguir ajuda.

Um nó duro se forma em meu estômago e sinto um medo real começando a criar raízes.

Não pode ser tão ruim. E nem acho que o corte foi tão profundo.

Mas é longo... e irregular... e havia lama em mim e quem sabe o que na própria faca.

Você acha que eu aprenderia a limpar minhas malditas feridas melhor depois da minha última experiência com infecção.

Mesmo quando a febre começa a piorar, não fico muito preocupada.

Eu me lembro. Em Laguna, as feridas que sofri foram muito piores. Fiquei deitada na cama por algum tempo, mais perto da morte do que da vida. E ainda sobrevivi.

Sou aquela barata que você simplesmente não consegue matar.

Então me inclino contra a armadura de Fome e deixo meus olhos se fecharem, apenas por um momento. Não seria tão ruim escapar de mim mesma por apenas um tempinho.

Acordo com Fome me puxando do cavalo, apenas então porque o movimento esbarra em meu pescoço.

Eu grito de dor. Isso dói tanto, tanto, tanto.

Tento me livrar de seu aperto, mas estou grogue e minha febre crescente está deixando meus membros rígidos e desajeitados.

— Onde estamos? — Pergunto.

— Estou procurando um médico, lembra? — Ele diz, um tom agitado em suas palavras.

Fome avança comigo aninhada em seus braços. Aperto os dentes com a dor de cada passo. E então minha náusea aumenta.

Apenas quero voltar a dormir...

BANG!

Meus olhos se abrem quando Fome derruba uma porta e um gemido escapa dos meus lábios enquanto a dor me percorre.

O Ceifador me olha, franzindo a testa. Algo chama sua atenção e ele olha para cima.

— Eu preciso de um médico. — Ele exige.

Há murmúrios, mas não ouço mais.

Eu viro minha cabeça, aninhando-me o melhor que posso contra o peito de Fome. Em resposta, seus braços me apertam de forma protetora.

Ele diz outra coisa, sua voz irritada.

Está indo muito bem para você, quero brincar, mas me sinto péssima demais para provocá-lo e além disso, o sono está me arrastando novamente...

Minhas pálpebras se abrem e fecham, abrem e fecham, enquanto sou despertada do sono repetidamente. Posso ouvir a voz descontente de Fome e algumas de suas ameaças, então há as vozes alarmadas dos humanos se aproximando de nós.

E se esta é sua versão de ajuda, estou quase condenada.

Mas logo depois que esse pensamento passa pela minha mente, Fome é levado para algum lugar. Ele me carrega o tempo todo e não sou leve, mas ele não parece se incomodar com meu peso.

Eu inclino minha testa contra sua armadura, fraca e cansada. Em resposta, ele pressiona um beijo no meu cabelo.

As coisas estão começando a ficar ruins para mim. Posso dizer porque meus lábios estão rachando e meus olhos parecem cozinhar, mas meus dentes estão batendo e não consigo parar de tremer.

O aperto de Fome tornou-se quase doloroso, mas não tenho mais energia para dizer nada.

E entre tudo isso, está a sensação de muitos, muitos olhos curiosos em mim.

Meus olhos se fecham e quando abrem novamente, estamos dentro da casa de alguém, Fome me levando por um corredor estreito. Então ele me deita em uma cama.

Eu me agarro a ele. Tenho esse medo absurdo de que, no momento em que o deixar ir, não estarei mais segura.

— Florzinha. — Fome diz suavemente, muito suavemente. — Você precisa me deixar ir.

Relutantemente, o faço, abrindo meus olhos por tempo suficiente para vê-lo.

— Por favor, não me deixe.

Ele pega minha mão, entrelaçando seus dedos nos meus.

— Eu não o farei. — O Ceifador diz isso como se estivesse fazendo um juramento para mim.

Agora que tenho sua palavra, relaxo. A cama é macia e me sinto tão mal que é fácil dormir. Não tenho certeza de quanto tempo fico à deriva. Poderiam ser minutos ou horas...

— Por que ela está deteriorando tão rapidamente? — A voz de

Fome parece distante.

Caio no sono antes de ouvir a resposta.

Acordo com a sensação de um pano úmido na minha testa. Abro os olhos e vejo o Ceifador me encarando, com as mãos no tecido frio. Por cima do ombro, outra pessoa segura uma bacia com água. Eu dou a ambos um sorriso cansado.

— Ana. — O Ceifador começa, mas durmo novamente.

Acordo com a sensação de mãos estranhas em mim. Não parecem certas. Estão secas e calejadas, então movem meu corpo como se eu fosse uma marionete.

Tento afastá-las.

— O que você está fazendo com ela? — A voz de Fome me fez abrir os olhos.

Uma mulher mais velha se inclina sobre mim.

— Estou tentando ajudá-la, a menos que você de repente tenha mudado de ideia.

Antes que o cavaleiro possa responder, essas mãos seguram meu queixo e movem minha cabeça para o lado.

A dor explode no meu pescoço e na têmpora.

— Bem, é por isso que ela está tão doente. — Diz a mulher. Sua voz soa como suas mãos, áspera, mas firme e cheia de autoridade. — Está apodrecendo.

— Você pode consertá-la ou não? — O cavaleiro exige.

— Você não pode consertar um humano. — A mulher diz. — Não

somos casas com goteiras ou janelas quebradas.

— Não, vocês são um flagelo em todo o país, mas não estou aqui para brincar de semântica. Agora, me diga o que você pode fazer por Ana. — Diz ele.

— Sem antibióticos? Não muito. — A mulher diz. — Posso limpar e enfaixar a ferida e fazer um cataplasma para tirar o que puder da infecção. Mas duvido que faça muito bem neste momento. Seu corpo terá que lutar contra isso sozinho.

Meu olhar se move para o cavaleiro. Nunca vi aquela expressão em seu rosto, acho que pode ser desespero. Isso, mais do que minha febre, me alarma.

— Eu morrerei? — Pergunto quando ele segura minha mão, apertando-a. Não sei como me sinto sobre isso, morrer.

— Não. — Fome diz isso como um voto. — Não comigo.

Capítulo Quarenta e Quatro

Fome

É estranho ter um corpo. Sinto-me grande demais para isso. Eu sou muito grande para isso. É o maior alívio espalhar minha doença pelos campos. Estragar frutas e envenenar sementes. Sinto-me mais como eu.

Ao contrário dessa... dessa estranha experiência humana que sou forçado a suportar.

Olho para o rosto pálido de Ana, uma sensação quente e espinhosa me dominando.

Seria melhor se eu nunca a tivesse conhecido. E se você não tivesse me salvado anos atrás.

Seus braços eram muito finos e suas bochechas muito magras, mas de alguma forma, você arrastou meu corpo para me abrigar e me ofereceu água, apesar de não conseguir engolir nada. Uma garota humana me escondendo de meus algozes e me dando o pouco que ela tinha.

Você ficou ao meu lado naquela noite agonizante, embora soubesse que a assustava. E quando aqueles homens estavam me caçando e suas vozes chegaram tão assustadoramente perto de nós, tudo que você tinha que fazer era gritar e seu pesadelo teria acabado. Eles teriam me levado de volta para aquela prisão. Eu poderia ainda estar lá.

Mas você não gritou e apesar do medo, não me deixou.

Você me salvou quando tinha todos os motivos para não o fazer.

Você me quebrou.

E no processo eu a quebrei.

E agora temo que a única maneira de estarmos inteiros novamente é juntos, todas suas pontas irregulares aninhadas contra as minhas.

Odeio querer isso.

Mas quero.

Quero estar completo com você.

Ana

Banheiro.

Esse é o pensamento com o qual acordo. Minha bexiga está gritando para ser aliviada.

Os lençóis são puxados para trás então Fome me pega, sua mão segurando cuidadosamente minha cabeça e pescoço.

Devo ter falado o pedido sem saber, porque o cavaleiro me

carrega para fora, passando por vários moradores.

Ele olha para os espectadores.

— Deixe-nos ou morra. — Diz ele.

Em poucos instantes, os curiosos habitantes da casa se afastam.

Acho que estou me sentindo melhor. Ainda febril, ainda exausta, mas pelo menos estou ciente o suficiente para não me molhar.

Fome me leva além das casas vizinhas e para a floresta que faz fronteira com o bairro, não parando até que estejamos sozinhos.

Eu fui ao banheiro muitas vezes enquanto viajava com Fome. Durante cada uma delas, ele me deu privacidade. Mas agora não me solta totalmente enquanto levanta meu vestido.

Alguns segundos se passam.

— Você pode me deixar ir. — Digo.

Tornei meu negócio fazer sexo com estranhos, mas não consigo achar graça em fazer xixi na frente de Fome.

— Você mal se moveu desde que a coloquei naquela cama. — Diz ele. — Prefiro não deixá-la sozinha.

Sinto que estou começando a chorar, embora esteja desidratada demais para chorar de verdade.

— Eu não quero que você... me veja como...

Antes que possa terminar, ele beija meus lábios uma vez, suavemente, para me silenciar.

— Você está sendo ridícula, Ana. Eu não me importo.

Essa é toda a luta que me resta. E então vou ao banheiro bem ali na frente de Fome, enquanto ele ajuda a me segurar.

Estou tremendo de vergonha, fadiga e febre e agora começo a soluçar, meu corpo desidratado conseguindo espremer algumas lágrimas preciosas. Minhas emoções estão todas distorcidas.

Quando termino, Fome ajuda a me limpar e fico entre a mortificação absoluta e a gratidão exausta.

Por que você está agindo assim? Quero perguntar a ele. Você é impetuoso, mesquinho e caprichoso.

Mas não é. Não quando você chega ao coração dele.

O cavaleiro me carrega de volta para casa e me coloca na cama. Puxando uma cadeira para perto, pega um jarro próximo e me serve um copo d'água.

Eu o observo enquanto ele trabalha, sentindo-me cansada e com dores, geralmente indisposta.

— Beba. — Diz ele, entregando-me.

— Tão exigente... — Minha voz nada mais é do que um sussurro. Eu pego a água dele mesmo assim e engulo. Não fica bem no meu estômago, para ser honesta, meu estômago não parece que está se acomodando bem no meu estômago e preciso engolir várias vezes para mantê-lo baixo.

Quanto mais fico acordada e consciente, mais percebo que não estou me sentindo melhor, apenas mais alerta. E mesmo isso é tênue, porque tudo que quero fazer é voltar a dormir e escapar de toda a dor que estou sentindo. Isso me lembra da última vez que lutei contra

uma infecção, quando a cidade ao meu redor foi para o túmulo.

Também pensei ser um caso perdido. Juro que cheguei tão perto de Morte que poderia tocá-lo.

Coloquei a água na mesa de cabeceira ao meu lado. É quando percebo a pequena escultura de Nossa Senhora Aparecida descansando logo atrás do jarro.

Respiro fundo. Não tenho certeza se o cavaleiro acredita em sinais, mas acho que sim.

— Fome. — Digo e minha voz soa toda errada.

Há coisas que preciso contar a ele. Agora, antes que eu perca a chance.

Suas costas enrijecem.

— Não. — Ele diz, seus olhos brilhando. — Não. — Ele repete. — Eu disse, você não está morrendo.

Talvez eu esteja, talvez não. Parece que sim.

Respiro fundo e finalmente admito para ele o que ainda não admiti totalmente para mim mesma.

— Eu te amo. — Meu coração está batendo forte. — Não sei quando comecei e estou muito, muito chateada que eu...

— Pare, Ana. — Diz Fome ferozmente. Há lágrimas não derramadas em seus olhos.

— Mas eu te amo. Muito. E sempre amarei. Quero que você saiba que... — Digo. — No caso...

— Pare. — Fome parece com raiva, porque ele não consegue fazer

as palavras murcharem como pode com as plantas. — Matarei o maldito mundo inteiro se você não parar.

Pressiono meus lábios rachados.

Assim que ele vê que não continuarei, o Ceifador exala, inclinando a cabeça para trás contra a cadeira para olhar para o teto, uma de suas pernas balançando.

— Quando eu disse que gostava de histórias. — Ele diz do nada. — Havia uma em particular que nunca contei.

Eu o olho com confusão. Febre e exaustão me empurram para dormir, mas forço meus olhos a ficarem abertos.

— Na noite em que você me salvou. — Diz Fome, olhando para mim. — Quando você adormeceu, falou. Você disse uma palavra angelical, que deveria ser incapaz de pronunciar.

— Angelical? — Ecoo. — Essa é a sua língua nativa?

Ele concorda.

— Qual foi a palavra? — Pergunto curiosa. Não me lembrava disso.

— Gipiwawewut.

Fecho meus olhos quando sinto aquela palavra me lavar, causando arrepios. Por um momento, simplesmente não ouço, sinto.

Perdão.

— Perdoe-me, Ana. — Diz ele. — Eu sei que fui injusto com você. Sua família, seus amigos, sua vida, tirei isso de você. Não entendia, mas estou começando e sinto muito, sinto muito. Por favor me perdoe.

Eu dou a ele um pequeno sorriso.

— Eu perdoo. — Digo suavemente. — Eu te amo e perdoo...

Juro que por um momento ele parece petrificado. Fome assustador e impiedoso, petrificado.

Eu me recosto na cama e fecho os olhos, respirando fundo enquanto o sono começa a me puxar para baixo.

Espero acordar novamente.

Fome

Houve um momento de paz nos olhos de Ana quando falei a

palavra. Então, assim que ela adormece, aperto sua mão úmida na minha e começo a falar com ela em minha língua natural.

— Nunca poderia ter imaginado que adoraria a inclinação do seu nariz ou o espaço entre seus olhos. Eu sei que você é considerada adorável pelos padrões humanos, mas eu não tenho padrões humanos e Ana, você é a coisa mais linda que já vi. Mesmo quando dorme de boca aberta. Mesmo quando grita comigo, especialmente porque adoro ver seu fogo.

Levo sua mão aos meus lábios e pressiono um beijo em seus dedos.

— Você foi feita da terra. — Sussurro em sua pele. — Posso sentir o universo se movendo através de você e ainda assim você é outra coisa em si mesma.

— Eu nunca quis amar uma humana. Lutei com você com tudo que eu tinha. Você era tudo que eu não deveria querer. Mas então, sua compaixão me perfurou mais profundamente do que qualquer lâmina.

— Senti a terra se mover, senti a trituração das rochas enquanto as montanhas se moviam e o mundo mudava de forma. Nada disso me preparou para você.

— Eu te amo. Talvez mais do que tudo o que sou. E não entendo por que, mas entendo. Eu te amo.

Enquanto falo, suas feições suavizam e o sorriso mais suave curva seus lábios. Mesmo assim, posso senti-la se afastando. Com horror, percebo que o sabor do céu que estou dando a ela está atraindo-a como uma mariposa para as chamas.

Imediatamente paro de falar. Ela me tornou altruísta, até certo ponto, mas ainda sou o mesmo bastardo em minha essência e se a escolha agora é dar a Ana uma morte confortável ou uma vida desconfortável, escolho a última opção.

— Sua mulher irritante, você não me deixará.

Eu fico de pé, a cadeira arrastando para trás.

Preciso consertar isso.

Olho para Ana. Não quero deixá-la, prometi isso antes, mas não esperarei para vê-la morrer. E de todas as coisas, uma porra de uma ferida que eu poderia ter limpado.

Em vez disso, fiz amor com ela.

Um filho da puta.

Tomando uma decisão, saio correndo do quarto e procuro aquela médica. Eu a encontro na cozinha, moendo alguma coisa com um almofariz e um pilão.

— Cure-a. — Eu exijo.

Ela ergue as sobrancelhas.

— Fiz o meu melhor. — Diz ela.

— Não é bom o suficiente. — Ela está escapando. Engulo essas últimas palavras.

— Você não me deu muito para trabalhar. — Enquanto ela fala, continua moendo suas ervas. Sem parar. Nem mesmo olhando para cima.

Lentamente, atravesso a cozinha. Quando chego até ela, dou um

tapa naquele maldito almofariz e pilão. Os instrumentos de pedra caem da mesa e as ervas se espalham por toda parte.

— Cure. Ela.

Agora a médica olha para cima, encontrando meu olhar, não se intimidando com minha presença.

— Como eu disse antes, podemos limpar e curar a ferida. — Diz ela. — Mas a infecção já progrediu muito. — Continua a mulher, como se fosse qualquer tipo de resposta.

Progrediu muito?

— Cure-a. — Repito.

Suas costas se endireitam. O olhar que ela me dá é fulminante.

— Eu não posso. Talvez antes de vocês, cavaleiros, pudéssemos tê-la salvado, mas essa tecnologia se foi... você a destruiu. — Ela faz uma pausa para deixar isso afundar.

E é verdade.

Seu olhar é inabalável.

— Cabe ao seu Deus neste ponto. — Mas não espere muito Dele, seu olhar parece acrescentar.

Eu me aproximo dela.

— Porra. — Sussurro.

Mesmo sem querer totalmente, meu poder ataca, destruindo plantações em um instante. Não atinge as pessoas, mas apenas porque matar humanos exige um pouco mais de esforço e concentração.

A pior parte é que não quero sequer matar. Sou perversamente grato pela ajuda desses humanos imundos e não fico feliz em tirar seu sustento deles.

A médica me encara, como se soubesse que fiz algo terrível.

Volto para o quarto de Ana antes que machuque mais alguma coisa. Há um buraco horrível dentro de mim.

Eu me ajoelho ao lado dela. Ela está muito parada, embora seu peito esteja subindo e descendo rapidamente.

Corpos humanos lamentáveis e inúteis. É claro que ficariam frágeis no momento em que realmente quisesse um deles por perto.

Seguro a respiração enquanto olho para o rosto adormecido de Ana, a realização me percorrendo.

Já vi esse truque antes.

Esta foi a escolha imposta à Guerra e Peste. Eu não entendi isso naquele momento, enquanto dormia profundamente no chão, mas entendo agora.

Todos nós, irmãos, tivemos a escolha de amar como os humanos, com todas as complicações que isso acarreta.

Uma dessas complicações é a morte.

Peste renunciou a tudo em troca da vida de seu amor; Guerra precisou desistir de seu propósito, seu poder e imortalidade foram arrancados dele.

Espero que Thanatos me recuse abertamente.

Estendo a mão, passo meus dedos sobre a bochecha de Ana, em

seguida, sigo seus lábios, meu coração doendo de uma forma como nunca antes. Esta é a sensação de estar realmente vivo, cada emoção tão aguda que é quase dolorosa. Passei tanto tempo dominando minha existência interminável sobre coisas finitas que nunca lhes dei o devido respeito. Não até agora.

Expiro e até isso dói. Pela minha vida, parece que sou eu quem está sendo espremido até a morte por minhas plantas. Não consigo respirar com esse aperto no peito.

Uma gota d'água atinge o rosto de Ana. Então outra. Demoro um segundo para perceber que são lágrimas. Nunca chorei por uma dessas criaturas antes. Nem mesmo Ana.

Ana, que está morrendo...

Inclinando-me para frente, pressiono um beijo em sua testa, meus lábios demorando contra sua pele úmida.

— Você não pode ir, florzinha. — Minha voz treme enquanto falo. — Esta é mais uma ordem que você terá que ouvir.

Não preciso desistir do meu poder para recuperá-la. Ela ainda nem morreu.

Fodam-se os médicos mortais e foda-se a Thanatos, nunca precisei da ajuda deles de qualquer maneira.

Com cuidado, coloco minha mão sobre a ferida de Ana. Abandonei esta parte de mim por tanto tempo que quase esqueci que posso fazer isso...

Reviva.

Agitei os céus e tirei vida do solo, mas direcionar meu poder para

um humano, olhar dentro de um corpo carnudo e tentar entender o que está lá, é como saborear comida pela primeira vez. Chocante e estranho.

Meu poder é realmente muito simples, posso fazer as coisas crescerem e posso fazer as coisas morrerem. Não é exatamente a habilidade de Guerra para curar e não é exatamente a habilidade de Morte de dar vida, mas algum lugar nas águas turvas entre os dois.

A infecção que assola o corpo de Ana é apenas mais uma coisa viva que está dando muito trabalho, muito bom em sobrevivência. Acontece que está matando seu hospedeiro no processo.

Fecho meus olhos e me permito expandir.

Posso sentir a vida se movendo ao meu redor; está em toda parte, no ar, no solo. A terra está repleta de coisas vivas.

Desviando minha atenção da gama de vida que me rodeia, concentro-me em Ana. Ana doente e fraca. Imediatamente sinto o quanto está mais perto da morte do que da vida, mas eu já sabia disso. Coloco o medo de lado para poder consertar as coisas.

Aumento meu foco não apenas em Ana, mas na doença dela. Imediatamente, sinto as bactérias sobrecarregando seu sistema. Ele entrou em sua corrente sanguínea e está ocupado invadindo cada parte de seu corpo. Não que a bactéria seja a única culpada. O sistema imunológico da minha florzinha está causando estragos na tentativa de combater a infecção.

Aproveito para apreciar a magnitude dessa infecção. Tudo por causa de um único golpe de faca.

Meu momento de apreciação passa e assim como todas as outras vezes que encontro uma forma de vida odiada, começo a destruí-la.

Ana uma vez me perguntou por que eu era tão bom em matar. A verdade é que, embora matar seja fácil, fazer milagres é um processo mais complicado. O corpo humano é uma sinfonia de ações e reações, todas entrelaçadas e agora, meu trabalho é ouvir a sinfonia do corpo dela e me mover no ritmo.

E é exatamente isso que eu faço.

Parece que leva uma vida inteira para curá-la, mas deve levar apenas alguns minutos. E então está feito.

E trago Ana de volta para mim.

Capítulo Quarenta e Cinco

Ana

Quando acordo, estou sozinha.

Olho ao meu redor no quarto, que está vazio, exceto pela escultura de Nossa Senhora Aparecida e o copo e a jarra d'água descansando na mesinha de cabeceira.

Sento-me, sentindo-me fraca e com fome, mas fora isso... não muito ruim. Depois de um momento, alcanço meu pescoço. Está coberto com uma gaze macia, que eu arranco.

Pelo que me lembro, esse corte estava muito infectado.

As bandagens e o cataplasma caem e começo a examinar meu ferimento. Não parece inchado e infeccionado. Na verdade, parece... quase curado.

Como isso é possível?

Olho ao meu redor novamente. Vagamente me lembro de Fome me levando para este lugar e então houve aquele incidente divertido com xixi do lado de fora, mas tudo o mais parece um sonho nebuloso de febre. Acho que fiz algumas proclamações bonitas porque tinha certeza de que morreria.

Meus lábios estão rachados e pegajosos, discretamente os limpo antes de pegar o copo d'água ao meu lado. Em cinco tragadas profundas, termino a coisa.

Por alguns bons minutos, meio que apenas sento lá e deixo minha mente se atualizar.

Eu não morri.

Não se pode matar essa barata.

Inspiro delicadamente e sinto o cheiro do meu vestido anteriormente limpo e me encolho. Essa roupa é a única coisa que precisa morrer.

Chutando os lençóis úmidos, saio da cama. Minhas pernas estão trêmulas e honestamente, me sinto um pouco tonta, mas avanço de qualquer maneira, saindo do quarto. Um homem passa pelo corredor e fica boquiaberto ao me ver, fazendo o sinal da cruz.

— Esta é a sua casa? — Pergunto.

Ele concorda.

— Minha esposa tratou de você.

Eu dou a ele um sorriso suave.

— Obrigada pelo cuidado e pela cama.

Ainda me dando um olhar estranho, ele balança a cabeça.

Aponto para a parte de trás da casa.

— É esta a saída?

Novamente, ele dá um aceno trêmulo.

— Obrigada. — Deixo o homem assustado ali, um pouco enervado com sua reação.

Lá fora, o céu está cheio de nuvens grandes e onduladas. Respiro

o cheiro úmido e de terra. Algo inato me puxa além dos prédios espalhados e em direção aos campos além.

A cana ali é de um verde brilhante e ofuscante. E ali, bem no meio disso, está o cavaleiro.

Já vi isso antes, em meus sonhos. Fome está entre as plantações, a foice na mão e é como uma premonição.

É aqui que ele desfaz o mundo, uma folha de grama por vez.

Como se me sentisse atrás dele, o cavaleiro se vira.

Agora mesmo, vejo claramente que Fome é o quê, e não quem. Ele não parece humano. Nem um pouco. É dolorosamente lindo, mas não é um homem mortal.

— Sabe. — Diz ele suavemente. — Todo este campo estava morto há apenas algumas horas.

Não me preocupo em olhar para a cultura em questão.

— Não posso trazer pessoas de volta dos mortos. — Continua ele. — Não sem a ajuda de Thanatos... ou de Deus. — Ele estende a mão para tocar os caules verdes perto dele. — No entanto, posso controlar o fluxo de vida e morte em todas as coisas, como esta cana.

Eu me movo em direção a ele, abrindo caminho entre os arbustos que roçam meus tornozelos.

— Você... fez alguma coisa comigo? — Pergunto.

Não sei como sei, mas sinto que talvez ele soubesse. A ferida está muito curada e então houve a reação daquele homem mais velho em casa; ele olhou para mim como se eu devesse estar morta.

Vou direto para Fome, olhando para seu rosto, tentando ler seus traços. No início, ele não encontra meus olhos, mas quando finalmente o faz, eu fico imóvel.

Ele está olhando para mim como se eu fosse sua única fraqueza.

— Você fez? — Pergunto novamente. — Curar-me?

Ele respira fundo e audivelmente enquanto olha para mim, como se estivesse puxando a vida de volta para si mesmo. Solta sua foice, deixando-a cair no chão.

Fome envolve meu rosto, procurando meu olhar.

— Sim. — Ele diz simplesmente.

No próximo instante, seus lábios estão nos meus. O beijo é feroz, quase desesperado em sua intensidade. Eu o beijo de volta, mesmo enquanto deixo suas palavras penetrarem.

Fome me curou.

Fome, o cavaleiro que odeia os humanos. Fome, que adora matar e sofrer. Ele é responsável por eu estar viva agora.

Ele coloca a mão na minha bochecha, levando minha testa na dele.

— Eu te amo. — Ele diz.

Eu fico olhando para ele por um longo momento, meu ponto esquecido.

Eu te amo.

Essas palavras ecoam em meus ouvidos. Tenho certeza de que o ouvi mal.

Fome parece tão surpreso quanto sei que devo estar.

— O quê? — Pergunto.

— Eu te amo, sua florzinha tola.

Meu coração começa a martelar contra minha caixa torácica.

— É uma percepção bastante infeliz. — Diz ele, sua respiração soprando em minhas bochechas. — Mas apesar de cada uma das minhas convicções, eu amo.

Ele me ama.

Ele me ama. A mim.

Apenas agora está realmente começando a entender.

Os olhos verdes de Fome, que antes eu achava tão enervantes, agora me encaram intensamente.

— Eu te amo. — Ele repete. Não parece mais chocado com essas palavras. Essa certeza motriz que o rege está de volta.

Ele se inclina para me beijar novamente.

No último momento, levo meus dedos aos lábios dele.

— Espere.

Seus olhos se concentram em mim.

Eu sorrio, primeiro para sua boca, depois para seus olhos.

— Eu também te amo. — Digo suavemente. Meu sorriso se alarga, mesmo quando suas sobrancelhas se levantam. Afasto a mão. — Achei que você deveria ouvir isso quando não estou com febre. — Sussurro.

E então deixo Fome me beijar.

Capítulo Quarenta e Seis

Várias horas depois, nós dois estamos de volta ao corcel de Fome.

Ainda estou cambaleando com a admissão do Ceifador de que ele me ama. Sinto-me mais leve que o ar. Alguma coisa já me fez tão feliz antes?

Sem falar que ele me curou.

Fome me segura na sela e seus lábios continuam roçando minha têmpora, como se estivesse tentando pressionar sua adoração em minha pele. Honestamente, não me canso disso.

Há menos de meia hora agradeci e disse adeus aos nossos anfitriões, que, misericórdia de todas as misericórdias, Fome deixou vivos. E agora, pelo que parece, ele deixou o resto da cidade viva também.

Nós dois caminhamos pelas ruas do que descubro ser Taubaté. Como a maioria das outras cidades brasileiras, esta se adaptou à vida após o Apocalipse. Muitos dos antigos arranha-céus e prédios altos estão abandonados ou em ruínas, se não foram removidos completamente e a maioria da população parece ter mudado o centro da cidade para o que um dia deve ter sido a periferia.

Ali, as ruas estão repletas de barracas que vendem de tudo, desde comida de rua até cestas, cobertores, joias, sapatos, louças e assim por diante. Há restaurantes que saem dos prédios e músicos tocando nas esquinas.

Qualquer que seja o tipo de cidade que Taubaté foi, parece que se

refez em algo novo.

À nossa volta, as pessoas vagueiam, mas quando passamos por elas, param com os olhos arregalados. Não há como confundir Fome com outra coisa senão o que ele é, um cavaleiro.

Assim que chegarmos ao que parece ser a parte mais densa de Taubaté, o Ceifador para seu cavalo, pegando sua foice de onde está amarrada às suas costas.

Olho por cima do ombro para ele.

— Por que estamos parando?

Fome sorri para mim.

— Você verá.

— Realmente não quero. — Eu digo, porque tenho a sensação de que sei o que está por vir. A mesma coisa que sempre acontece no final de nossas estadias. E a última coisa que quero é ver essas pessoas morrerem. Não depois de tudo que eles fizeram por mim.

— Não me olhe assim. — Diz Fome. — Isto será divertido.

Diversão?

— Sua ideia de diversão é estripar alguém vivo. — Eu o lembro.

Ele sorri novamente, seus olhos brilhando e esse olhar não faz nada para acalmar meus nervos.

O Ceifador desmonta do cavalo e bate com a foice no chão, assustando os espectadores já assustados. Apesar de ser de conhecimento geral que o cavaleiro é uma má notícia, uma multidão começou a se formar.

O olhar do cavaleiro percorre a crescente multidão.

— Bem, se desejam que sua cidade seja poupada...

— Espere, ficaremos aqui? — Eu interrompo.

Ele me lança um olhar que afirma claramente, por favor, cale a boca.

Fome continua.

— Então estes são meus termos: minha esposa...

— Uau, que esposa? — Eu interrompo novamente. — Espera, eu?

O cavaleiro nem se incomodou em parar desta vez.

— E eu precisamos de um lugar desocupado para ficar e exijo ofertas. Muitas ofertas. Façam isso e não destruirei suas vidas e meios de subsistência.

Eu juro que há uma pausa coletiva, então as pessoas se dispersam.

Bem, isso correu bem.

— Esposa? — Repito para Fome, levantando minhas sobrancelhas. — Que mentiras você tem contado às pessoas enquanto eu estive doente?

O olhar que ele me dá é totalmente nefasto.

— É apenas uma mentira se você não pretende continuar com isso.

Um, não é assim que as mentiras funcionam. E dois...

— Isso é.... uma proposta? — Pergunto. Meu coração bate mais rápido do que deveria. — Porque se for. — Continuo. — Será um não

da minha parte.

Penso em Martim, em como ele me prometeu casamento, depois rompeu sua promessa e meu coração no processo.

Isso não acontecerá novamente.

Com minhas palavras, Fome se vira.

— Não?

— Quero uma proposta de verdade. — Continuo olhando de onde estou na sela. — Com sexo. A aliança é opcional. Rastejar é uma obrigação.

— Rastejar? — Ele solta uma risada incrédula. — Não sou um cachorro implorando por sobras.

— Não, agora você é um cachorro com zero restos. Eu quero sexo, uma promessa de seu amor eterno...

— Agora é uma promessa do meu amor eterno?

— Nem é preciso dizer. — Respondo enquanto os habitantes da cidade começam a se aproximar de nós.

O Ceifador parece irritado.

— Você me aborreceu. — Eu digo. — Então você já é um veterano neste negócio de rastejar.

Um homem mais velho que está se aproximando ouve meu comentário e para minha alegria, parece devidamente escandalizado.

— Isso não foi humilhante. — A mandíbula de Fome flexiona.

— Não sei por que você está tão horrorizado. — Digo, ignorando

seu comentário. — Você literalmente me segurou enquanto eu fazia xixi. — Continuo. É tão horrível quanto uma situação pode ser. — Posso até ter feito xixi em suas botas.

A julgar pelo pulsar na bochecha de Fome, definitivamente fiz xixi em suas botas.

Antes que ele possa responder, o homem mais velho e vários outros moradores da cidade se aproximam de nós. Carregam cobertores, velas, jarros de óleo e licor, leite e cerâmica, joias e cestas de ovos.

— Case-se comigo. — Diz Fome, ignorando-os enquanto me encara.

Minha respiração fica presa por um instante.

— Não.

Ele parece muito irritado. Estou além de alegre.

— Isso não acabou. — Ele diz.

Eu sinceramente espero que não.

Ao pôr do sol, Fome não apenas acumulou bens de um pequeno reino, como também conseguiu nos garantir uma casa. Sequer precisou matar para obtê-lo.

— A mulher que morava aqui morreu e seus filhos não puderam vender o lugar. — Uma das pessoas da cidade me disse antes, quando ela estava me vendo olhar a casa anteriormente fechada com tábuas.

Eu entendo porque ninguém queria o lugar. Não apenas foi construído antes do Apocalipse, portanto, cheio de relíquias que são

inúteis na melhor das hipóteses e perigosas na pior, mas no que diz respeito à praticidade, parece que dá mais trabalho do que vale a pena.

Ainda tem uma garagem cheia de carros enferrujados e utensílios de cozinha cheios de teias de aranha e fezes de rato, pias com torneiras que não veem água há mais de uma década.

Pelo menos os banheiros foram atualizados.

À minha volta, cerca de seis pessoas passam apressadas, varrendo o chão, removendo lençóis mofados e cortinas felpudas.

Atrás deles, Fome está de braços cruzados, ouvindo uma mulher, uma expressão entediada no rosto.

O cavaleiro deve sentir que estou observando, porque olha na minha direção.

Seus olhos brilham quando ele me vê.

— Minha florzinha. Você gosta disso? — Ele chama, apontando para a sala ao nosso redor. É uma pergunta genuína e Deus, ele realmente parece esperançoso, como se sua felicidade estivesse na minha resposta.

Atravesso a sala em direção a ele.

— Você realmente manipulou todos para conseguir para nós a melhor casa. — Eu digo, mesmo que esta não seja a melhor casa de longe.

O cavaleiro me dá um sorriso malicioso quando me aproximo.

— Você prefere que fiquemos em uma casa diferente? Tenho

certeza de que qualquer uma das famílias aqui ficaria feliz se fosse expulsa de suas casas para que pudéssemos nos mudar. Essa é sempre uma opção.

As pessoas ainda estão limpando a sala ao nosso redor, mas agora muitas delas enrijecem.

Seguro um estremecimento.

— Obrigada, não. — Eu digo.

Entro no espaço de Fome.

— Você mencionou antes que estava tentando algo novo. — Digo. Aponto para a casa ao nosso redor. — Como isso é novo?

Fome frequentemente pede às pessoas ofertas e lugares para ficar. Para mim, esse é o mesmo truque que ele sempre usou.

O cavaleiro me puxa para ele.

— Você verá. — Ele sussurra em meu ouvido.

Há uma cadeira perto. Fome a puxa, arrastando-a. Ele se senta nela, me puxando para baixo.

— Deixe-me ir, Fome. — Digo, enquanto ele me apoia em seu colo.

— Não. — Ele diz casualmente, estendendo a mão para brincar com um dos meus cachos.

— Estou falando sério. — Esta situação, Fome sentado em uma cadeira como uma espécie de rei, sempre precedeu coisas terríveis. Eu não quero ficar ali para assistir.

— Assim como eu. — Ele diz.

A ansiedade cresce em minhas veias.

Ele passa o dedo pelo meu braço.

— Relaxe. — Ele respira em meu ouvido.

Mas não consigo relaxar.

— O que você fará com eles? — Pergunto, minha voz baixa para que as pessoas ao nosso redor não possam ouvir.

— Já disse, florzinha: estou tentando algo novo.

Olho para ele por vários segundos antes que a realização me atinja.

— Você não vai matá-los? — Respiro, meus olhos se arregalando. É muito bom ter esperança.

O Ceifador levanta um dedo e traça a crosta em meu pescoço, franzindo a testa ao vê-la.

— Claro que os matarei. — Ele não se incomoda em abaixar a voz e as pessoas na sala conosco olham para ele com os olhos arregalados. — Apenas não farei isso ainda.

Meu olhar procura o dele.

— Por quê?

— Estranha criatura... você gostaria que eu os matasse imediatamente?

— Jesus, Fome. Não. — Nem tenho certeza se ele está brincando. — Apenas... estou curiosa. — Afinal, o Ceifador nunca fez nada parecido antes e eu quero saber por quê.

Ele me encara por um longo tempo. Posso praticamente ver as camadas dele derretendo enquanto me olha.

— Você nunca me pediu para mudar. — Finalmente admite Fome. — Ou ser algo que não sou. Você nunca precisou que eu fosse humano para me aceitar.

Quer dizer, não aceitei muito quando tentei esfaqueá-lo. E acho que nunca aceitei sua crueldade. Mas ele está tecnicamente certo, eu nunca realmente pensei em mudar seu comportamento. Nunca percebi que mudá-lo era uma opção. Isso seria como se ele tentasse remover o humano de mim — totalmente impossível.

— Eu não entendo onde você quer chegar com isso... — Digo, ainda olhando para ele com ceticismo.

— Eu a aceito como você é Ana, com seus comentários obscenos...

— Você gosta disso. — Interrompo.

— E sua curiosidade insaciável, seus truques humanos...

— Você também gosta disso.

—E sua compaixão. — Ele termina. — Especialmente sua compaixão, mesmo em face da crueldade.

— Esta é a minha promessa para com você, florzinha. — Ele continua. — Estarei ao seu lado até o dia da minha morte e adiarei a matança... por enquanto.

Capítulo Quarenta e Sete

Olho para ele por um longo tempo.

— Eu não acredito em você. — Finalmente digo.

Ele ri.

— Bem, de nada.

Puta merda, ele está dizendo a verdade.

O que significa... este é um voto legítimo. Aquele que chega o mais perto possível de um amor eterno.

Estarei ao seu lado até o dia da minha morte.

Tento não desmaiar. Ana Silva não desmaia, principalmente por causa de homens assustadores. Mas chego perto disso. Chego bem perto.

Ele quer ficar comigo. E bônus, realmente não matará. E quem sabe quanto tempo isso durará, mas ele vai tentar. Nunca tentou antes.

Espere um segundo.

Olho ao redor da casa com novos olhos.

Estou tentando algo novo, ele disse. Isso poderia realmente significar...?

— Esta casa é para mantermos? — Pergunto, sem ousar acreditar.

Fome concorda.

Não consigo ter ar suficiente em meus pulmões.

Eu me concentro nele novamente.

— Quero ficar sozinho com você.

O Ceifador quer transar. Bem aqui. Agora mesmo.

Sem desviar o olhar, ele diz:

— Todo mundo fora.

Em questão de minutos, a casa está vazia.

Assim que a última pessoa sai, eu me levanto e tiro o vestido sujo, em seguida, tiro as meias e as botas.

O cavaleiro me observa com os olhos brilhando.

Uma vez que estou totalmente nua, aceno para Fome.

— Agora é a sua vez. — Eu digo.

— Para ficar nu? — Ele pergunta, levantando uma sobrancelha. — Para quê?

Meu Deus.

Eu o olho.

— Eu realmente preciso...?

— Estou brincando. — Diz o cavaleiro e é enervante o quanto se parece comigo.

Ele se levanta e começa a tirar sua armadura de bronze. Fome é mais lento para ficar nu, seu olhar percorrendo meus seios... então minha cintura, meus quadris, as pernas, de volta, seus olhos demorando em minha boceta enquanto seus dedos soltam a

armadura.

— E se soubesse que isso me renderia sexo ansioso, poderia ter desistido muito, muito mais cedo.

Solto uma risada. Nós dois sabemos que o Ceifador lutou contra seus impulsos físicos até o amargo fim.

Leva apenas um pouco mais de tempo para tirar o resto da roupa. À luz do dia, vejo cada centímetro dele exposto. Estou acostumada com sua nudez, mas ainda me tira o fôlego.

Os ombros largos de Fome dão lugar a seus peitorais arredondados e cintura estreita. Seus abdominais são uma glória, mas mesmo eles não conseguem prender minha atenção por muito tempo.

Meu olhar se move para sua ereção.

Paus são meu tipo de coisa. Já vi centenas deles, gordos, magros, longos e curtos. Já vi paus tão pequenos que mal cabia dois dedos ao redor deles e pênis tão grandes que nunca couberam totalmente dentro de mim, sem importar a posição. Havia paus que balançavam para um lado e alguns que cresciam até o dobro do comprimento normal; havia alguns que eram bulbosos e carnudos e outros eram totalmente ofuscados pelas enormes bolas de seus donos. E havia tudo entre eles.

O seu pau é como o resto dele, irritantemente irrepreensível, grosso e longo o suficiente para fazer uma garota se sentir completamente amada, mas não excessivamente para fazê-la se arrepender na manhã seguinte. Seu pau inclina-se com apenas o arco suficiente para atingir o ponto G de uma mulher.

Enquanto o olho, um sorriso se espalha pelo meu rosto.

Isso pode ser a coisa mais blasfema que já pensei, mas Deus claramente fez esse homem para foder. Claro, matar também, mas apenas digo, esse idiota tem sinos e assobios suficientes para tocar uma música para si mesmo.

— Esse seu olhar sempre me deixa nervoso. — Ele diz, estendendo a mão e me puxando contra ele. Ele traça meus lábios, seu lindo pau preso contra minha barriga.

— Diga novamente. — Digo.

Fome me levanta mais uma vez, forçando minhas pernas a envolvê-lo novamente.

— Esse seu olhar...

— Não isso. — Eu rio. — Que você me ama.

Os olhos do Ceifador aquecem enquanto ele me carrega para frente.

— Eu te amo, Ana. — Quando sorrio, ele diz novamente. — Eu te amo, eu te amo, eu te amo. Quer que eu continue? Posso fazer tudo isso...

— Eu te amo. — Interrompo, colocando a mão em seu queixo. — E não posso acreditar que o tenho, seu merda sádico.

Como se quisesse enfatizar meu ponto, me inclino e o beijo. Acho que Fome pretendia nos levar de volta para um quarto, mas apenas alguns segundos depois que minha boca encontrou a dele, minhas costas batem contra uma das paredes da sala de estar, o peito do Ceifador me prendendo no lugar.

Ele me encara enquanto levanta meus quadris, então me abaixa contra ele, enfiando seu pau em mim.

Solto um suspiro com a intrusão repentina. Por um momento não consigo me mover, meu núcleo latejando ao redor do pau de Fome.

Ele se move, deslizando para fora de mim. Faço um som triste, mas então ele empurra de volta e deixo escapar um gemido longo e nada lisonjeiro.

Um sorriso perverso transforma suas feições e...

— Espere.

Fome faz uma pausa, arqueando uma sobrancelha.

Respiro superficialmente, tentando pensar além do grande maldito pau dentro de mim.

— Apenas para esclarecer... — Eu digo. — Não quero um filho. — Agora sei que ele pode usar sua magia contraceptiva para fazer isso acontecer.

O Ceifador me dá uma aparência ilegível.

— Você estar dentro de mim depende disso. — Provavelmente deveria ter discutido isso na primeira vez que fomos íntimos. — Entendido?

Sua mão aparece entre nós e aperta um peito.

— Entendido.

Ele esfrega e essa resposta terá que servir, porque puta merda, este homem sabe o que está fazendo.

Ele não deveria ser bom nisso também; esta é minha profissão,

não dele. O que sei que é completamente ridículo porque Fome me faz sentir incrível e eu não deveria reclamar, mas o homem com o corpo e o pau perfeito é muito bom em usar os dois.

Ele deve ler os pensamentos em meu rosto porque diz:

— Você teve toda essa prática para agradar as pessoas e nenhuma prática em ficar satisfeita.

Eu o olho.

— Nunca agradei ninguém além de você antes de agora.

Ele sorri revelador.

— Tudo bem, você me pegou. Mas... — Ele começa a entrar e sair, dentro e fora absorvendo minha expressão com as pálpebras pesadas. — Não aprendo rápido, florzinha?

Eu não me incomodo em responder a ele. Aqueles lábios perversos me provocaram por semanas e semanas. Envolvo um braço ao redor do seu pescoço e o puxo para perto, beijando-o enquanto nossos quadris se encontram novamente e novamente.

Ele nos puxa para longe da parede e sem se afastar totalmente de mim, nos leva para o chão.

Fome me encara enquanto suas estocadas começam a acelerar, seus quadris batendo contra os meus e seu pau penetra cada vez mais fundo. Ele me dá um sorriso de lobo, seu cabelo cor de caramelo ondulando.

— O quê? — Pergunto.

O cavaleiro balança a cabeça.

— Você é linda e gosto assim.

Enquanto ele fala, a sensação aumenta e aumenta.

— Como? — Minha voz está irritantemente baixa e ofegante.

— Cabelo despenteado, lábios inchados e olhos brilhantes. — Diz ele, devorando minha expressão enquanto seu pau continua a dentro, cada vez mais rápido.

— Você gosta de como pareço toda sexuada. — Eu digo, um sorriso se espalhando pelo meu rosto.

Ele encara meus lábios, paralisado e quase como se não pudesse evitar, começa a sorrir de volta.

Eu levanto a mão e seguro seu rosto em minhas mãos, olhando para ele enquanto me ama. Seu cabelo está preso em meus dedos e seu suor já está começando a se misturar ao meu, em meio a tudo isso, sinto uma profunda conexão com Fome.

— Eu te amo. — Eu digo. Não consigo evitar. E preciso que ele ouça isso uma e outra vez até que pare de se odiar completamente. E mesmo assim direi porque essas palavras parecem me aquecer na luz do sol.

O Ceifador faz uma pausa e faço um pequeno som triste e desapontado.

Ele sorri de volta.

— Tão impaciente.

À nossa volta, ouço um estalo de azulejo. O chão se move e sinto o roçar de uma planta. Roça no meu cabelo, mesmo quando ouço mais

telhas ao nosso redor se quebrando, levantando e deslizando para o lado conforme mais brotos passam.

E esta é a parte de Fome que eu mais amo. Ele sempre será desumano e fará coisas estranhas e desumanas, como cultivar plantas enquanto está dentro de mim.

Inclinando-se, o cavaleiro me beija, enquanto à nossa volta a folhagem continua crescendo. Seu beijo se aprofunda, sou consumida pela sensação de Fome em mim e acima de mim, ao meu redor e...

E de repente, meu clímax me atinge. Grito na boca do Ceifador, puxando-o para perto enquanto cavalgo meu orgasmo.

Ele me acaricia cada vez mais fundo, cada vez mais rápido, suas bolas batendo contra mim até que o sinto engrossar.

Fome geme contra meus lábios quando goza dentro de mim.

Logo, seus impulsos lentos, tornam-se suaves. O cavaleiro encosta a cabeça na minha por um momento, sua respiração ofegante. Posso dizer que ele quer dizer algo sobre o quão incrível é o sexo comigo, porque vamos encarar, minha boceta é uma caçadora de homens, mas não tenho certeza se ele confia em si mesmo o suficiente para fazê-lo.

Em vez disso, ele diz:

— Eu te amo.

E isso é muito, muito melhor.

Desliza para fora de mim, me puxando contra ele um momento depois. Apenas agora posso dar uma boa olhada ao meu redor. Estou cercada por um emaranhado de plantas com flores. Enquanto observo, outra flor brilhante ganha vida.

Tanto para a nossa sala de estar.

Avisto uma flor familiar, a mesma rosa cinzenta que Fome fez crescer para mim no passado.

— Isto é... — Procuro as palavras certas. — Estranho e adorável.

— Esta é a sua flor. — Ele me puxa para mais perto.

— Eu tenho minha própria flor? — Pergunto, levantando minhas sobrancelhas.

Fome traça meus lábios.

— Bem, se não posso fazer as coisas crescerem em você, então terei que fazê-las crescer ao seu redor.

— Isso é para me lisonjear? — Pergunto. — Porque parece muito assustador.

— Estou feliz que você não tenha esquecido totalmente que sou assustador.

Eu pego a rosa lavanda e dou um puxão. Depois de alguma resistência, ela se solta.

Fome faz barulho de desaprovação.

— Você é tão humana... destruindo desnecessariamente uma planta perfeitamente boa.

— Você literalmente fez a mesma coisa antes. — Eu me viro para dar uma olhada no cavaleiro, mas assim que faço isso, posso ver a alegria em seus olhos.

Uma risada escapa de seus lábios e ele dá um aperto na minha bunda.

— Acho que irritá-la pode ser um novo passatempo. — Fome se inclina para me dar um beijo.

Eu o beijo de volta, em seguida, coloco a flor roxa pálida atrás de sua orelha. Afastando-me, admiro a beleza do cavaleiro.

Ele me observa o tempo todo.

— Você me faz sentir as coisas da maneira mais requintada. — Ele admite. — Eu vivi eras e ainda assim com você me sinto jovem novamente.

— Isso é uma coisa boa? — Pergunto. Nunca posso dizer o que Fome pensa ser um elogio.

— O que você acha?

Eu não sei. Talvez.

Mas novamente, sou uma idiota do caralho, então quem sabe?

O que sei é que o cavaleiro passou todo esse tempo na terra empanturrando-se em crueldade, mas há tantas outras experiências.

Talvez ame acima de tudo.

Capítulo Quarenta e Oito

Naquela noite, olho para cama em nosso quarto por um longo tempo, as lanternas dando a tudo um brilho suave.

Nosso quarto.

Isto é tão estranho.

— Não crescerá espinhos. — Diz Fome atrás de mim, me fazendo pular. Eu não o ouvi subir. — A menos, é claro, que seja o seu negócio. Porque eu posso fazer isso acontecer.

Solto uma risada antes de ficar em silêncio mais uma vez.

As camas são uma daquelas coisas comuns que a maioria das pessoas dá por certo. Para mim, no entanto, são uma espécie de alvo móvel. Dormi nelas, fodi nelas, fui espancada e agredida nelas, quase tudo entre eles. As camas são meio que um campo de batalha para mim.

Mas olhando para a cama à minha frente, com seus lençóis macios, estou diante de uma nova realidade. Não é apenas Fome que está mudando.

— Você realmente dormirá bem aí. Comigo. — Eu digo, acenando para o colchão.

Posso sentir o olhar do cavaleiro em mim.

— Não precisamos dormir.

Outra risada escapa. Não consigo nem dizer o que estou sentindo no momento. Há esperança, medo e uma espécie de excitação ansiosa.

— É aqui que você decide rastejar? — Pergunto. Ele já se comprometeu e fizemos sexo. Tudo o que resta é rastejar, bem, isso e realmente me pedir em casamento.

— Coisa petulante. — Fome me agarra pelo queixo e me dá um beijo feroz. Caminha para frente, para o meu espaço, me forçando a recuar até que bato na parede. — Apenas por isso, acho que esta noite a farei implorar.

Eu coloco a mão ao redor do pescoço de Fome.

— Você pode tentar. — Eu digo.

Ele agarra uma das minhas pernas e a engancha ao redor da cintura. Fome está alcançando minha outra perna quando pego sua mão.

— Apenas... não estrague o chão do nosso quarto.

O Ceifador me lança um olhar malicioso.

— Os pisos são superestimados. — Diz ele, se esfregando em mim.

— Fome.

— Ana. — Ele esfrega em mim um pouco mais e esqueci o que estava dizendo. — Além disso. — Acrescenta ele. — Você gosta de mim um pouco selvagem.

Isso é verdade.

— Tudo bem, mas se você quebrar o chão, terá que consertá-los também. — Eu digo, soltando sua mão.

— É assim que será domesticidade? — Fome pergunta. — Longas

discussões sobre pisos? Porque se for assim, de repente vejo as vantagens em fodê-la até te deixar sem palavras.

Solto uma gargalhada.

— Você não é um amante tão bom.

Ele faz uma pausa.

— Como?

Eu luto contra meu sorriso.

— Você me ouviu, Ceifador. Não é tão bom.

Mentiras. Todas as mentiras.

Fome também sabe disso.

— Retire. — Ele exige.

— Não.

Ele pressiona mais profundamente contra mim.

— Retire.

— Não.

— Bem.

Ele alcança o vestido novo que estou usando e rasga minha calcinha também nova. É preciso um pouco mais de esforço para desabotoar a calça, sua ereção saltando livre. O Ceifador nem mesmo a tira completamente, apenas a empurra para baixo o suficiente para dar a seu pau espaço.

Eu levanto uma sobrancelha.

Fome ainda me prende contra a parede, mas agora puxa seus quadris para longe tempo suficiente para se alinhar com meu núcleo.

E então entra em mim.

Suspiro com a sensação avassaladora dele dentro de mim. Tudo na sua presença é exigente. Seu aperto, que me mantém presa no lugar, seu pau, que está forçando minha boceta a ceder por ele e seus olhos, que estão quase me dizendo para me retratar.

Quando não o faço, ele me lança um olhar desafiador. Nas minhas costas, a parede muda um pouco, então...

Crack-crack-crack!

O piso de cerâmica se quebra em uma dúzia de lugares diferentes. Sinto o cheiro forte de solo úmido antes de ver as plantas finas subindo.

— Droga, Fome! — Eu grito.

O cavaleiro não responde, muito ocupado empurrando para dentro e para fora de mim, cada movimento lentamente forçando minha boceta para acomodá-lo melhor.

Separo meus lábios, dez respostas diferentes prontas, mas então o cavaleiro começa a se aproximar, seus quadris batendo contra os meus, fazendo meu corpo estremecer a cada impulso agressivo.

Minha respiração sai ofegante. Nós dois olhamos um para o outro enquanto ele me repreende.

E de repente, o Ceifador sai. Ainda me segurando, me carrega para a cama que foi trazida apenas algumas horas atrás. Ele me joga nos lençóis.

Ao nosso redor, o quarto se transformou em algo fantástico. Várias pequenas árvores agora lotam o espaço, seus galhos espalhando-se pelo teto. E no meio de tudo isso há Fome, com suas tatuagens brilhantes. Ele é muito parecido com este quarto, fantástico.

Antes que possa fazer muito mais do que absorvê-lo, ele me agarra pelos tornozelos e me vira de barriga para baixo. A cama afunda quando ele se junta a mim e sinto seus lábios roçarem a curva das minhas costas.

Ele afasta o cabelo do meu pescoço.

— Retire. — Ele sussurra em meu ouvido.

Ainda está pensando em meus comentários sobre suas habilidades como amante? Porque se ele está...

Arqueio para ele.

— Não. — Respiro.

O cavaleiro beija meu ombro e sinto seu sorriso contra minha pele. Então ele bate em mim.

Solto um pequeno som, meu corpo ficando sem ossos enquanto ele se ajusta. Seu pau bombeia para dentro e para fora implacavelmente, mal posso fazer mais do que socar os lençóis.

Sou toda sensação, incapaz de fazer muito mais do que desfrutar de cada golpe profundo dele.

— Eu ia fazer amor com você lentamente. — Ele diz contra a minha orelha. — Eu seria gentil... e você sabe que não sou gentil por natureza.... mas agora tenho um ponto a provar.

Estremeço ao som de sua voz rouca. Até mesmo ele tem o poder de me puxar profundamente sob seu feitiço, sempre teve.

— Você provará? — Eu ofego. — Ou perderá todo seu tempo conversando comigo?

Seus quadris param e posso sentir aquele olhar não natural nas minhas costas.

Ouço sua risada e um calafrio muito real corre pela minha espinha.

Fome desliza uma mão entre meu estômago e minhas pernas. Ele encontra meu clitóris, mesmo enquanto está se movendo. O cavaleiro rola entre os dedos e... Jesus.

Um gemido baixo me escapa antes que possa detê-lo.

Oh Deus, ele acabará com isso antes que eu esteja pronta. Tudo parece tão inimaginavelmente bom.

— Fome. — Suspiro. Meu clímax está bem aí. Mais um ou dois movimentos e pronto. — Fome, eu...

E se repente, seus dedos desaparecem.

Meu orgasmo, que vinha crescendo, agora diminui.

— Diga. — Ele diz.

— Maldito. — Esse bastardo.

— Apenas me diga a verdade, pequena mentirosa... que eu sou um amante excepcional... e então darei a você seu orgasmo.

— Não. — Respondo. Nem queria gozar naquele momento.

— Bem.

Seus dedos estão de volta ao meu clitóris e de alguma forma, seus golpes pesados e punitivos se aprofundam.

Mais uma vez, meu orgasmo começa a crescer, enrolando-se dentro de mim...

Ele retira a mão.

— Diga.

Não estou orgulhosa disso, mas acho que um soluço escapa.

— Pare de brincar comigo. — Digo.

— Flor, você inventou este jogo. Agora, diga. — Ele ainda está se movendo levemente para dentro e para fora de mim, mas está retendo seus impulsos poderosos, aqueles que me farão gozar.

— Você é o diabo.

— Não. — Fome responde suavemente. — Ele é mais legal do que eu.

A mão do cavaleiro se move de volta para meu clitóris e tudo começa de novo. Tenho me divertido tanto com a brincadeira que não percebi que ele estava me provocando.

Expiro, então arqueio contra ele.

— Você não é um grande amante... — Começo.

Já posso sentir Fome reagindo, pronto para me atormentar um pouco mais.

— Você é o melhor amante que já tive.

É fácil admitir, porque é a verdade. Tudo sobre o sexo que fazemos está emaranhado, nossos membros, nossa vontade, nossa própria personalidade.

Sinto sua respiração nas minhas costas. Finalmente, ele beija a junção entre meu ombro e pescoço.

— Obrigado, flor. — Diz ele. — Você também não é nada mau.

Que porra?

Mas então seus dedos hábeis encontram meu clitóris e ele está entrando em mim, me tocando e me tocando e é impossível lutar...

Grito quando meu orgasmo dispara, chicoteando. Fome continua acariciando meu clitóris, prolongando meu clímax. Mas quando ele faz isso, sinto seu corpo apertar. E então, com um gemido, ele se esvazia em mim, bombeando para dentro e para fora até se esgotar.

Fome finalmente para e então toda essa intensidade se transforma em algo suave. Suas palmas deslizam sobre meus braços, ele beija meus ombros e minhas costas com cicatrizes.

— Tão linda. — Ele murmura contra mim.

Eu me viro e toco sua bochecha, meu polegar esfregando contra sua pele. Ele vira a cabeça para beijar minha palma.

Não entendo esse homem. Ou divindade. Nem mesmo tenho certeza do que ele é.

— Diga-me o que você está pensando. — Diz Fome, me olhando.

Engulo, olhando de volta para ele.

— Isso é bom demais para ser verdade. Você é bom demais para

ser verdade.

Ele ri disso.

— Muito bom para ser verdade? Você me magoa, flor. Não construí uma reputação de violência e destruição para ser tão facilmente elogiado. — Depois de um momento, ele pergunta: — Você ainda está com medo desta cama?

Franzo minhas sobrancelhas. Ele se lembra da minha hesitação?

— Nunca tive medo. — Admito.

Ele deita ao meu lado e me puxa para perto.

— Então no que você estava pensando quando olhava para ela?

— Como eu disse, isso é bom demais para ser verdade. E coisas boas não acontecem comigo.

Os olhos de Fome ficam suaves e é uma aparência atraente nele.

— Isso não é verdade. Não mais. Não para nenhum de nós.

Ele me abraça com força e é assim que começo a primeira noite verdadeiramente vivendo com o Ceifador, em seus braços, em nossa cama, com sua selvageria ao nosso redor.

Capítulo Quarenta e Nove

Não demora muito para a casa ser trazida dos mortos. Logo, todos os móveis antigos da casa são limpos e usados ou descartados. Todas as folhas e ninhos, lixo e restos de animais que antes jaziam espalhados no chão são cuidadosamente removidos.

Talvez pela primeira vez, vejo emergir um lado verdadeiramente suave de Fome. Ele é o único responsável por persuadir o último dos animais vivos que fixaram residência em nossa casa dilapidada. No momento, ele encontrou uma colônia de ratos nas paredes.

Ele se inclina em uma parede exposta, alcançando os pequenos animais. A armadura de Fome se foi, sua foice e balança estão espalhadas ao acaso em nosso quarto. Isso é tão normal quanto o cavaleiro sempre parece e tenho que dizer, ele ainda não parece tão normal.

Ele é muito sexy, muito, muito sexy para simplesmente se misturar. Sem mencionar que suas mangas estão dobradas, exibindo as tatuagens verdes brilhantes em seus antebraços.

Eu o observo enquanto ele recupera um dos animais que guincham, colocando-o em sua mão.

— Você apenas vai atraí-los de volta com aquelas suas árvores frutíferas. — Digo enquanto ele acaricia a testa da coisa com o polegar.

Porque é claro, as árvores de Fome cresceram em nossa primeira noite, produzindo frutos. Frutas que vão cair e apodrecer no chão, atrair roedores e todos os outros tipos de criaturas selvagens.

Em vez de remover as árvores altamente problemáticas, o cavaleiro contratou pessoas da cidade para abrir nosso telhado para que pudessem crescer melhor. Aparentemente, o cavaleiro não está preocupado com o fato de que chove com frequência ali. Sua resposta foi: gosto de você molhada.

Agora ele diz:

— Não aja como se desaprovasse. Eu sei que você tem um fraquinho por criaturas deslocadas.

Criaturas como o próprio cavaleiro.

Continuo observando sua missão de resgate.

— E se eu acordar com cocô de pássaro em mim, você e eu teremos um problema. — Ou um escorpião na minha cama. Cagarei tijolos se acordar com um escorpião na minha cama.

— Vamos, flor. — Ele diz por cima do ombro enquanto leva o roedor para fora. — Você fez xixi nas minhas botas. O que é cocô de passarinho? Além disso, isso a manterá humilde.

Humilde?

Eu gosto do meu ego inflado muito bem, obrigada.

Fome se dirige para a linha das árvores de nossa nova propriedade e as árvores são outra coisa: a cada dia que passa, a densa floresta que cresce a quilômetros de distância parece estar se aproximando de nossa casa. Eu sei que um dia, em breve, a folhagem estará bem na nossa porta.

Enquanto olho para o cavaleiro, sinto aquela familiar leveza em minha barriga novamente.

Não posso acreditar que estou fazendo isso, que estamos fazendo isso. Uma prostituta aposentada e seu namorado apocalíptico.

A vida é estranha.

Volto para dentro e é quando passo pela sala de estar, que noto uma nova videira serpenteando na parede de trás. Tenho que dar uma segunda olhada nela, apenas para ter certeza de que não é uma cobra, senão outra planta crescendo em outro cômodo desta casa.

Ouço a porta da frente abrir e fechar atrás de mim.

— Isso se tornará um costume? — Pergunto, apontando para a videira. Ao redor estão as outras plantas que brotaram quando batizamos o lugar pela primeira vez.

— Sem dúvida. — O cavaleiro diz suavemente.

Acho que é isso que acontece quando Fome é feliz. Em vez de matar coisas, ele as faz crescer. Quer dizer, tecnicamente ele fez crescer as plantas, mesmo quando ele estava determinado a matar todos nós seres humanos, mas isso era diferente; aquelas plantas eram suas armas, estas são suas hóspedes.

O cavaleiro se aproxima de mim. Deveria estar coberto de suor, mas quando seus braços me envolvem, sua pele está apenas um pouco pegajosa e mesmo assim, tenho certeza de que isso é resultado da umidade, não dele.

— Isso a incomoda? — Ele pergunta, sua voz entediada. Não tenho certeza do que fazer com esse tom. Às vezes, sua calma é uma armadilha preparada para disparar e outras vezes é o que é.

— Provavelmente não mais do que meus modos o incomodam. —

Respondo.

Praticamente sinto o prazer de Fome com minha resposta.

Começo a sorrir, mas então um pensamento passa por minha cabeça que acaba com meu bom humor.

Há uma pergunta que queria saber a resposta desde que nos mudamos para esta casa. Até agora, evitei perguntar, porque uma parte de mim tem pavor da resposta de Fome. Mas é hora de finalmente fazê-lo.

Expiro.

— Você ainda continuará matando as pessoas e suas colheitas?

Fome se move para me encarar, seu olhar intenso.

— Seus semelhantes têm uma única vida de provar que vale a pena salvar suas vidas miseráveis. — Diz ele por fim.

— Uma única vida? — Repito, confuso com suas palavras.

Isso me ocorre um momento depois: Fome está falando da minha vida, é a duração de vida a que ele se refere.

Ele observa minha expressão, o canto de sua boca se curvando. O Ceifador me envolve, seus lábios chegando ao meu ouvido.

— Quero ver esta linda pele envelhecer.

— Você realmente quer ficar comigo por toda a minha vida? — O pensamento quase me rouba o fôlego. — E se você mudar de ideia?

— Sobre você? — Ele pergunta, agora parece divertido. — Flor tola, você não percebe que passei todo esse tempo tentando fazer exatamente isso? Tive eras de desprezo pelos humanos e anos de

tortura para cultivar meu ódio. No entanto, aqui estou eu, ao seu lado e o próprio Deus não poderia me separar de você. Eu não sou humano, Ana. A velhice e a beleza murcha não me causam repulsa. São parte do ciclo de vida, são parte do que me torna, eu.

Na verdade, sequer pensei tão longe, mas a honestidade brutal em suas palavras alivia meu medo.

Observo aqueles olhos verdes assustadores.

— E se eu mudar de ideia?

Fome recua um pouco.

— Sobre mim? — Ele levanta as sobrancelhas, como se o pensamento fosse absurdo. — Então suponho que terei apenas que ameaçar matar mais cidades. Imagino que isso fará com que você fique.

— Ai, meu Deus. — Digo. — Morar com você é uma ideia horrível.

— Verdadeiramente é. — Ele concorda.

Ele me puxa para perto e beija a ponta do meu nariz.

— Suponho que não posso lhe dar nenhuma razão para partir. Essa é a opção menos divertida, mas sou muito charmoso quando quero ser.

— Acho que você está confundindo minha personalidade maravilhosa com a sua. — Respondo.

O cavaleiro ri disso.

— Hmmm, talvez.

Então ele se inclina e me beija. É curto, doce e muito breve.

O cavaleiro se afasta apenas o suficiente para encostar a cabeça na minha.

— Nunca me senti tão vivo antes, Ana. — Ele admite. — É maravilhosamente bagunçado. Acho que gostarei de ser humano, afinal.

Duas noites depois, me encontro de costas, a cabeça de Fome entre minhas coxas, meus dedos em seus cabelos.

Desde que nós dois começamos a morar juntos, descobri algo sobre Fome: ele adora sexo oral. Ama, ama, ama. O que, para ser sincera, tenho sentimentos contraditórios.

Obviamente é bom, mas também fico constrangida. É mais do que apenas sentir que minha vagina viu muita merda, não quero sua boca lá embaixo. E também que não estou acostumada a receber prazer de forma egoísta.

Acho que pode ser parte da razão pela qual o Ceifador gosta tanto disso. Tenho certeza de que está determinado a substituir meu antigo condicionamento por algo novo.

Ele faz uma pausa agora, seu rosto se afastando do meu núcleo.

Estou ofegante, ainda olhando para os galhos das árvores acima da nossa cama, quando ele se mexe, colocando seu corpo nu sobre o meu, sua ereção pressiona minha coxa.

Ele me encara.

— Case-se comigo. — Ele sussurra.

Eu congelo, observando suas feições. Seus olhos estão brilhantes, ele parece ansioso e esperançoso, sua arrogância normal apagada de sua expressão.

— Por favor. — Acrescenta.

Meu coração dá um salto.

Acho que é ele rastejando.

Minha garganta se contrai e meu pulso acelera.

— Por que você quer se casar comigo? — Pergunto. Acho que estou realmente com medo de sua resposta.

Os lábios do Ceifador se curvam.

— Florzinha, você não sabe? Acontece que eu gosto quando você faz xixi nas minhas botas, você canta músicas desafinadas e quando eu acordo com seu hálito matinal atroz... sabe, você também peida durante o sono.

Jesus.

— Esta é a pior proposta que já ouvi literalmente. — Digo.

— Gosto quando você reclama por salvar pequenas criaturas e eu quero continuar cultivando plantas dentro desta casa apenas para que você me dê uma merda por isso. Acontece que amo você, toda você e sempre amarei. Quero que sempre me ame também.

— Você sabe que sim. — Digo baixinho.

— Case-se comigo. — Diz ele novamente.

Meu coração está batendo forte demais.

— O casamento é para os humanos. — Respondo.

— Eu não dou a mínima. Quero que você seja minha sob os olhos de todos esses idiotas enganadores que vivemos ao lado.

— Por favor. — Ele repete.

Ainda assim, hesito.

— Tenho medo. — Admito. Medo de amar tanto algo, de tê-lo tão bom. Tenho medo de realmente conseguir tudo que sempre sonhei, porque nunca tive nada de substancial antes em minha vida.

— Ninguém nunca mais a machucará. — Jura Fome, interpretando mal minhas palavras. — Somos nós contra o mundo, Ana. Case comigo.

Um momento depois, ele alcança sob o colchão e puxa um anel. Bem no meio dele há um diamante grande. A coisa não é uma pedra modesta, essa coisa é uma maldita rocha.

Meu olhar se move para o dele.

— Quem você matou para conseguir essa coisa?

— Ana. — Diz ele, sua voz me implorando para levar isso a sério.

Isso é bom demais para ser verdade, mas pela primeira vez, não deixo que me impeça.

Sorrio para Fome, meu sorriso tão largo que machuca meu rosto. Coloco uma mecha de seu cabelo cor de caramelo atrás da orelha, então me inclino e o beijo.

— Sim. — Digo contra seus lábios. — Sim.

Capítulo Cinquenta

Fome

Os dias se transformam em semanas, as semanas se transformam em meses. Minha foice não enferruja e meus músculos não ficam moles, mas eu estou semeando, meu propósito posto de lado.

Apenas por um momento, disse a mim mesmo quando nos acomodamos. Depois, voltarei à minha tarefa.

Sabia que estava mentindo para mim mesmo, mas estava tudo bem na hora. Queria dar um descanso a Ana; ela pede tão pouco.

Mas a verdade é que gosto desta casinha abandonada nossa e estou curioso para saber como ficará coberta de vegetação antes de Ana realmente perdê-la.

Esperava que os habitantes da cidade conspirassem contra mim, se rebelassem e lutassem por suas vidas. Estava pronto para esse confronto. Mas enquanto sinto o medo profundo e duradouro, eles me deixaram em paz. Tenho até a impressão de que me respeitam.

Ana, por outro lado, é abertamente adorada. As mesmas pessoas que me lançam olhares de medo ficam felizes em puxá-la de lado para conversar sobre isso ou aquilo. Eu morreria antes de admitir, mas uma parte de mim está orgulhosa de como minha noiva é amada.

E agora cheguei à decisão ridícula de que talvez não consiga matá-los completamente, pelo menos enquanto Ana viver. Apenas então retomarei a devastação dessas terras.

Minha garganta se fecha ao pensar em Ana um dia morrendo.

O que acontecerá quando esse dia chegar? Uma vez que ela me der filhos, presumindo, é claro, que algum dia os deseje, ela envelhecerá e morrerá. Ela irá embora e.... e.... eu serei forçado a sentir a terra tomando seu corpo de volta. Sentirei isso separá-la e dispersar aquela pele amada e aquele lindo cabelo, todas as outras partes dela no chão, alimento para alguma outra vida mais nova. O mundo continuará, eu continuarei, mesmo que ela não.

Acho que não consigo respirar com o pensamento. Corta muito fundo. Muito, muito profundo.

Por que nunca considerei isso?

Não é nem mesmo a morte dela que me causa dor; é o prolongamento sem ela. Permanecendo indefinidamente.

Fico parado em nosso quintal, observando tudo ao redor com uma espécie de medo impotente que passei a desprezar. Posso ouvir Ana em algum lugar da casa, cantarolando enquanto queima a refeição que está tentando fazer.

Ainda não consigo ar suficiente em meus pulmões.

Como pegarei minha foice de volta depois que ela se for?

Eu não o farei.

Não posso.

É simples assim.

Que idiota fui por acreditar que não precisava escolher entre Ana e minha tarefa. Escolhê-la foi o fim da minha tarefa. Não há como

seguir em frente depois que ela se for.

Mas, se me tornar mortal envelhecerei com ela, morrerei com ela, seguirei em frente para o que vier a seguir com ela.

Quero isso. Quero muito.

Mas a mortalidade significaria viver neste corpo que há muito desprezo, um corpo que apenas recentemente estou reconsiderando. E isso significaria desistir de meus poderes.

É um preço impressionante, algo que meus irmãos já pagaram.

Finalmente entendo porque eles trocaram suas armas e sua imortalidade. Não há nada como ser humano. Essa experiência condenável e perturbada, na verdade, tem algumas vantagens.

Acho que não me importo o suficiente com meu poder para afastar essa noção de que poderia ser mortal com Ana.

Quero fazer isso. Agora mesmo. Antes que perca a coragem e volte ao meu jeito apático de sempre.

No entanto, há mais uma coisa que está no meu caminho, outra coisa que sempre me atrapalhou.

Perdão.

A palavra ressoa em meus ouvidos como se o próprio Deus falasse.

Perdão.

Seguro a respiração. Desde que ouvi Ana falar essa palavra pela primeira vez em seu sono, uma palavra que suas cordas vocais não deveriam ser capazes de produzir, está lá, me provocando.

Não tenho certeza de quem devo perdoar, mas imagino que sejam todos. Deus não esperaria menos.

Nem é da minha natureza perdoar. Sou apático na melhor das hipóteses e vingativo na pior. E depois de tudo que os humanos fizeram por mim, por Ana...

O perdão é absurdo.

Não preciso fazer isso. Nem hoje, nem nunca. Ainda posso ter Ana.

Ana, que a cada segundo está perdendo pedaços de sua vida, o relógio fazendo a contagem regressiva para o seu fim.

Meu pulso constante fica frenético.

Não preciso decidir hoje.

Não.

Mas quanto mais esperar, mais perto da morte ela ficará. É errado eu querer envelhecer com ela?

Perdão. Reviro a palavra em minha mente. Perdoe essas criaturas mesquinhas e perversas.

É totalmente oposto ao que tenho feito esse tempo todo.

Acima de mim, nuvens de tempestade se acumulam, as grossas plumas delas escurecendo o céu. O chão está começando a tremer, apenas um pouco.

Penso em Ana. Ana, que não pede nada de mim. Ana que me salvou antes de saber o que eu era, e depois me salvou novamente quando soube.

Ana, a quem perdoei há muito tempo, perdoei-a na mesma noite em que nos conhecemos. E a perdoei todos os dias desde então, por me machucar, por me odiar, por cada desprezo que ela infligiu. É fácil perdoar alguém como Ana, que é gentil quando não precisa ser. Ana que é radiante e descongela meu coração frio.

É muito mais difícil perdoar a todos, especialmente quando todos incluem as pessoas que antes me machucaram.

Eles fizeram fitas da minha pele, eles me estriparam, me apunhalaram repetidamente e me queimaram vivo. Esses homens e mulheres fizeram da dor uma forma de arte.

E na mesma noite em que Ana me salvou, meu corpo ainda mutilado, Deus me obrigou a considerar aquela maldita palavra.

Perdão.

— Você pede demais. — Sussurro na escuridão, minha voz quebrada. Demais.

Não fui capaz de perdoar essa massa abundante de humanidade então. Eu ainda não sou capaz de fazer isso. Mas sei intuitivamente que não obtenho mortalidade até fazer isso.

Engulo.

Uma gota de chuva me atinge. Então outra. O chão abaixo de mim está tremendo.

E se eu a humanidade, o que acontecerá?

Penso nessas pessoas miseráveis, com seus poços cavados grosseiramente e seus currais frágeis cheios de animais de aparência entediada. Penso nas cidades em ruínas cobertas de plantas.

Os corações humanos são rancorosos e egoístas, foram os que convidaram a mim e meus irmãos aqui.

Como se ciente de meus pensamentos, minha armadura se materializa em meu corpo, minha foice e balança aparecem a apenas um braço de distância.

Sinto o peso não apenas de minha armadura, mas do meu ódio e raiva, minha tarefa e minha imortalidade, tudo isso, em meus ombros.

Eu me ajoelho e coloco o punho contra o chão trêmulo, mesmo quando as gotas de chuva começam a bater em minha armadura, caindo cada vez mais rápido. Minha respiração está forte e meu coração sempre firme está acelerado.

Algo está acontecendo comigo. Não sei se é tão simples quanto minha mente mudar ou se as forças que me trouxeram aqui, as forças que me fizeram um homem e forjaram meu propósito em forma estão agora se transformando.

— Fome?

Pulo ao som da voz de Ana.

Meu olhar salta do chão, onde pequenas plantas começaram a florescer e cobrir meu pulso.

Ela está parada do lado de fora da nossa porta, seu vestido de algodão balançando ao vento. A chuva está caindo sobre ela e seus olhos parecem assustados.

Ainda assim, ela é tão radiante que faz meu peito apertar só de olhar.

Em que ponto ela se tornou meu propósito?

Seu olhar me percorre.

— O que você está fazendo? — Ela pergunta.

— Eu não... acho...

Porra, estou incerto. Odeio essa incerteza.

Perdão.

Essa palavra sangrenta ecoa por mim.

— Estou... renunciando ao meu propósito.

Capítulo Cinquenta e Um

Ana

Fome mal disse as palavras quando...

ESTRONDO!

Parece que o mundo está se abrindo.

Cambaleio em direção ao cavaleiro, o chão tentando me jogar fora como um cavalo selvagem lutando contra seu cavaleiro.

Outro terremoto.

Lembro-me bem do último. Fome também causou isso.

Ao nosso redor, a terra se agita e as árvores da floresta que agora cerca nossa casa se partem às dezenas, seus troncos se espatifando no chão. Esse é o único som que consigo identificar, mas há outros também, muitos outros. Acho que nossa casa está fazendo alguns deles.

A chuva se transforma em granizo e relâmpagos vêm do céu, vindo tão rápido e de tantos lugares que não consigo entender.

Cubro minha cabeça enquanto um uivo de gelar o sangue sobe das profundezas da terra, o som enchendo o céu, tão ensurdecedor que abafa o rugido da tempestade.

Ao longe, vários arranha-céus abandonados de Taubaté começam a cair.

Engulo meu grito com a visão. Eles se desintegram enquanto

desabam, levantando nuvens de detritos em seu rastro.

Em algum ponto, o uivo sobrenatural morre, deixando meus ouvidos zumbindo. Lentamente, ouço sons de animais assustados. Milhares de pássaros e insetos já subiram aos céus, mas voam de uma forma confusa e agitada, como se nem a terra nem o céu estivessem seguros.

A uma curta distância, Fome ainda está ajoelhado no chão.

Seu rosto está limpo de qualquer expressão.

Medo, medo verdadeiro, puro, do tipo que você sente quando criança, inunda meu sistema.

— O que é que foi isso? — Pergunto.

Não tenho certeza se ele me ouviu; minha voz está muito baixa e nossos arredores estão muito altos.

Mas então os olhos verdes sobrenaturais do Ceifador se movem para os meus. Ele mantém meu olhar por vários segundos.

— Meu irmão está acordado. — O rosto de Fome está pálido. — Thanatos... vive.

Capítulo Cinquenta e Dois

Ana

Morte vive.

Os cabelos da minha nuca se arrepiam.

Meu pulso está martelando entre meus ouvidos e no fundo da minha garganta posso sentir o sabor acre da bile.

— Thanatos? — Ecoo. — Como em... seu irmão?

Ele nem mesmo precisa responder. Não há interpretação errada das palavras do Ceifador.

Apenas ao pensar no quarto cavaleiro minha pele fica pegajosa. Morte não parece um cavaleiro tolerante.

— Mas... pensei que você disse... — Fome disse que ele estava renunciando ao seu propósito.

Como Peste e Guerra.

Oh, Deus.

O Ceifador levanta a mão, pairando sobre o solo. E da terra surge um pequeno talo. Em segundos, um pequeno botão se forma em sua ponta. Ela se abre, uma delicada flor branca desabrochando.

— Eu não perdi meu poder. — O cavaleiro murmura.

— Deveria? — O que está acontecendo?

Quando notei pela primeira vez a tempestade anormal se

formando sobre nós, fui ali querendo saber o que irritou o cavaleiro. Mas ele não parecia tanto irritado quanto agoniado e se o que compartilhou até agora fosse alguma indicação, estava tentando desistir de sua tarefa. Provavelmente por mim.

— Por que fez isso? — Pergunto antes que ele possa responder minha pergunta anterior. — Você não precisa ser mortal por mim. Odeia ser mortal.

Seu olhar encontra o meu.

— Não mais. Não com você. — Diz ele.

Eu vejo tudo dele, a chuva ainda caindo sobre nós dois. Ele está usando sua armadura, sua foice e balança estão ao seu lado.

— Mas não importa. — Diz ele. — Não funcionou.

— Não funcionou? — Pergunto — Deveria?

Fome se levanta do chão, a planta escorregando de seu antebraço. Ele me lança um olhar estranho e intenso.

O Ceifador diminui a distância entre nós e segura meu rosto, prendendo meu cabelo nas minhas bochechas.

— Ele está vindo aqui.

— Quem? — Pergunto, meu coração galopando para longe.

Mas eu sei. Eu sei.

Procuro o rosto do cavaleiro.

Diga-me que está tudo bem. Diga-me que o mundo não está prestes a acabar.

O olhar de Fome é feroz.

— Há algo que preciso mostrar a você.

Ele ainda não está agindo normal.

Fome tira suas mãos do meu rosto e se afasta para pegar sua balança. Depois que a pega, segura minha mão, me levando de volta para nossa casa.

— Thanatos está acordado e está vindo para cá.

Aí está.

— Por que está vindo para cá? — Eu pergunto. Fome deixou bem claro quando me contou sobre seu encontro com Guerra que os cavaleiros tentam se manter em seus próprios cantos do mundo.

— Porque fui travesso. — Diz o Ceifador.

— Você é sempre travesso. — Digo. — Por que hoje é diferente?

Além, você sabe, de Fome tentando renunciar a seu dever.

— Você verá.

Isso soa ameaçador.

Entramos em nossa casa e ele me puxa para cozinha. Na bancada estão os ingredientes de minhas tentativas fracassadas de assar ovos e farinha, manteiga e leite.

Com um único movimento de seu braço, Fome faz com que os ingredientes caiam do balcão. O frasco de vidro com leite explode e os ovos se espatifam, Fome não nota nada disso.

Em vez disso, ele coloca a balança na superfície limpa.

Olho para o instrumento de bronze. É a única posse de Fome que geralmente me esqueço. Agora, no entanto, ele está dando à coisa uma quantidade excessiva de atenção.

E de uma gaveta próxima, o Ceifador retira uma faca com uma lâmina afiada perversa.

— O que você...?

Rápido como um raio, ele corta o antebraço e o segura diretamente sobre um dos pratos de bronze.

O prato oscila, balançando para cima e para baixo, para cima e para baixo. Como da última vez, o prato com o sangue do cavaleiro sobe mais alto do que seu companheiro vazio.

Fome limpa a lâmina em sua manga. Então, agarra minha mão.

— Fome.

Seus olhos seguram os meus, estão mortalmente estáveis.

— Apenas confie em mim. — Mesmo enquanto ele fala, seu corte continua sangrando por toda parte.

Ele não desvia o olhar, não até que dou a ele um aceno relutante. Não sei o que está acontecendo, mas confio nele. Confio nele com minha vida.

Ele pega meu dedo indicador e usando a ponta da faca, corta.

Instintivamente, minha mão recua, mas o cavaleiro a segura. Movendo-a sobre a balança, aperta duas, três gotas de sangue da ponta do meu dedo, cada gota atingindo o prato em frente ao seu. E da última vez que fizemos isso, Fome pesou meu sangue contra um

prato vazio. Agora ele está colocando contra o dele.

Espero que meu lado da balança afunde como antes. Espero ver o sangue de Fome subir acima do meu como da última vez.

Em vez disso, a bandeja que contém meu sangue sobe e desce. Não deveria ser uma visão estranha. Afinal, há mais sangue no prato de Fome; seu lado é mais pesado. Mas sua balança nunca pesou a massa literal das coisas.

Seguro a respiração.

— O que...?

Como posso ser mais pura que você?

— Foi minha mente o tempo todo que governou a balança, não a de Deus. — Diz Fome.

Minhas sobrancelhas se juntam em confusão.

Ele ainda está segurando minha mão e o sangue escorrendo pelos meus dedos e em sua pele, o olhar que ele está me dando... como se estivesse tentando a resposta na minha cabeça.

— Não foi você quem mudou. — Diz ele. — Fui eu.

Procuro seus olhos.

— Mas... você ainda odeia a humanidade. — Digo. Porque essa balança nunca foi sobre mim. Era sobre o que eu representava, a humanidade.

— Não mais. — Ele diz, repetindo suas palavras anteriores. — Foi por isso que meu irmão acordou.

Ainda não entendo isso. Não entendo nada disso. Fome

supostamente tentou desistir de sua tarefa.... mas talvez não funcionou? E agora o quarto e último cavaleiro acordou e.... ele está vindo para cá? Quanto mais o tempo passa, mais doente me sinto.

— O que ele quer? — Pergunto.

— Há apenas uma coisa que Thanatos deseja. — Diz Fome. — Morte.

Fome

Thanatos não aparece. Não nas horas que se seguem. O dia se transforma em noite e ele ainda não chegou.

Posso senti-lo lá fora. Não há energia agitada, apenas determinação fria e sem emoção. Ele está chegando cada vez mais perto, mas não há urgência.

Olho para Ana de onde estou sentado na cama. Ela finalmente conseguiu dormir, nossos lençóis enrolados em suas pernas. Ela é uma merda absoluta em compartilhar cobertores. Apenas aquele pequeno detalhe faz meu peito apertar.

Quantas mais coisas ainda tenho que descobrir sobre ela? Há um mundo inteiro contido sob a pele dela e desejo explorar tudo isso.

Mas posso não ter a chance.

Não sem enfrentar meu irmão primeiro.

Não posso dizer quais são suas intenções, nem as de Deus, aliás. Isso fazia parte do acordo: uma vez que somos humanos, vivemos como os humanos. A única intercessão divina que senti desde que cheguei foi a palavra angelical que Ana falou, e talvez a recuperação milagrosa de Ana dos ferimentos que meus homens causaram nela.

Claro, se Morte acordou, talvez foi Deus quem o tenha acordado. Não consigo lembrar o que me acordou, apenas que era hora.

Ana murmura em seu sono, então se mexe sem querer, vou até ela e me ajoelho ao seu lado.

Afasto seu cabelo de seu rosto, meu polegar acariciando sua têmpora.

Eu não sabia que seria assim. Que poderia ser assim. Vi o ódio dos humanos e senti suas profundidades, mas nunca imaginei que eles pudessem amar tão profundamente. Que eu poderia amar profundamente.

É assustador e está me deixando obsessivo.

— Nada acontecerá com você. — Digo. — Pela minha própria existência, eu juro.

Morte pode vir, mas ele não levará minha Ana.

Meu irmão não vem naquele dia ou no seguinte, ou mesmo naquele que o segue. Demora duas semanas para chegar a Taubaté. Mas no momento em que chega, eu sei disso.

Seu poder detona, a força dele é tão forte que deixo cair a adaga que estava afiando.

Em um instante, toda a cidade de Taubaté se foi, humanos caindo mortos onde estavam. Sinto suas forças vitais todas se apagando como uma vela. Thanatos não precisa tocá-los para matá-los, ele nem mesmo precisa fazer sua carne murchar como eu. Simplesmente deseja que suas almas deixem seus corpos e elas o fazem.

É muito fácil para ele.

Ainda estou me recuperando da demonstração de poder quando percebo...

— Ana.

E de repente, eu me levanto, a cadeira da cozinha caindo no chão atrás de mim.

— Ana! — Desta vez, grito o nome dela. E então estou correndo pela casa, o pânico crescendo como uma onda dentro de mim. — Ana!

E se ela estiver morta? E se ele a levou e...

Ela sai correndo do nosso quarto.

— O que há de errado? — Ela pergunta, sem fôlego, com os olhos arregalados de preocupação.

Ao vê-la viva, minhas pernas se dobram e caio de joelhos.

— Fome? — Agora é ela que parece estar com medo.

Ela corre para mim. Eu a pego pela cintura e a seguro perto, meu rosto pressionado contra seu estômago.

Viva, eu me lembro novamente.

— Pensei que ele a tivesse levado. — Digo contra ela.

— Quem? — Ela pergunta, seus dedos deslizando pelo meu cabelo. Ela inclina meu rosto para que a olhe.

— Morte. — Mesmo enquanto eu digo seu nome, meu medo começa a crescer novamente.

E se ele não matou Ana, é porque tem algum plano para ela. Um plano do qual não quero participar.

— Ele está aqui? — Ela pergunta.

Concordo.

Mesmo agora o sinto como uma pulsação ao longe, embora não

possa sentir exatamente onde ele está. Deve se manter no céu, onde sabe que não posso localizá-lo.

— E ele está perto. — Eu digo. Não me incomodo em dizer a ela que todo mundo se foi.

A expressão desaparece de seu rosto.

Respiro fundo e fico de pé. Revi esse momento todos os dias nas últimas duas semanas. O que fazer, o que Ana deve fazer.

— Ouça-me com atenção. — Digo a ela agora. — Quero que você se esconda longe, além das árvores frutíferas.

— Mas você disse...

Eu disse muitas coisas nas últimas duas semanas, algumas mentiras e algumas verdades. Entre todos elas, eu disse a ela que correr e se esconder eram inúteis, o que é verdade. Morte conhece todas as almas. Ele nos encontraria. Ele a encontraria.

— Foda-se o que eu disse. Se você ficar aqui, ele a matará. — Digo. — Isso é o que ele faz.

Não é a verdade completa. Thanatos poderia matá-la tão facilmente aqui quanto poderia a vários quilômetros de distância. A verdade é que quero que Ana esteja longe quando enfrentar meu irmão, porque quero que seu foco esteja em mim e apenas em mim.

— O que ele fará com você? — Ela pergunta. Sua voz oscila.

— Eu ficarei bem. — Agora estou dizendo a verdade.

— Ele pode matá-lo? — Ela pergunta.

A própria Morte pode me remover da face da terra?

Deus me ajude, mas...

— Sim. — Eu não morreria, mas seria o fim da minha existência nesta forma.

— Não sairei do seu lado. — Ela diz ferozmente.

Sinto uma onda de amor tão forte que é quase dolorosa.

— Droga, Ana. — Digo. — Não me faça forçá-la a ir embora.

Emoções cintilam em seu rosto muito rapidamente para que eu acompanhe.

— Eu não o deixarei. — Ela diz teimosa.

Esta é minha mulher.

Eu a puxo para perto e a beijo, minha boca áspera na dela.

— Não morrerei. — Digo a ela. — Ele é meu irmão e sei como lidar com ele. Não posso, no entanto, enfrentá-lo enquanto me preocupo com você.

— Eu não sou um risco, Fome e não o deixarei...

Ela continua falando, mas não ouço suas palavras.

Ela não recuará. Maldita seja ela e sua teimosia.

Antes que Ana possa terminar de fazer seu ponto, eu a pego e a carrego para fora.

— Fome, me coloque no chão. — Ela tenta escapar de meus braços.

Apenas quando estamos fora a coloco de volta no chão.

Ana bufa, empurrando um cacho perdido para fora do caminho.

— Não...

Antes que ela possa terminar, agito meu pulso. Em segundos, um arbusto de folhas cerosas irrompe da terra, enroscando-se ao redor dela enquanto cresce.

Ana foi vítima desse truque com frequência suficiente para saber que ela não gostará.

— Fome. — Ela sibila. — O que você está fazendo?

— Escondendo você. — Digo a ela. — Porque não fará isso sozinha. — Enquanto eu falo, uma linha de plantas explode do solo, criando uma espécie de estrada até a linha de árvores da floresta próxima.

Os olhos de Ana brilham e o olhar de traição que ela me dá quase me faz vacilar. E se não fosse um bastardo de coração frio, poderia realmente ter perdido a coragem.

Em vez disso, agito meu pulso novamente e as plantas começam a se mover, cada uma agarrando-a sistematicamente antes de entregá-la ao próximo pedaço de folhagem da linha. É uma visão estranha e não natural, observar o espírito da flora afastando uma mulher adulta para a floresta além. É a coisa dos mitos humanos.

O que não é tão mítico são as maldições saindo de sua boca.

— Seu bastardo desgraçado! — Ela grita. — Solte-me, porra! Fome, juro pelo seu Deus, vou chutá-lo no pau com tanta força que você sentirá as bolas na garganta.

Normalmente, o sádico em mim obtém um pouco de prazer com seus protestos. Mas agora não há alegria nisso. Olho para ela até sua

voz desaparecer.

Volto para dentro de casa tempo suficiente para pegar minha foice antes de voltar para o meu jardim. Meu olhar vai para o céu, onde espessas nuvens de tempestade se acumularam.

Ele ainda está lá fora. Ainda circulando. E porra, não posso localizá-lo com meus sentidos e não posso limpar este céu o suficiente para localizá-lo a olho nu.

E se fosse sensato, facilmente afastaria a tempestade que se aproxima. Mas meus sentimentos estão inexplicavelmente ligados à chegada da Morte, minha ansiedade não pode fazer mais do que intensificar a já densa cobertura de nuvens.

Então, olho para o céu e me concentro o melhor que posso onde ele pode estar.

Minutos se passam.

— Vamos, irmão. — Murmuro. — Vamos acabar com isso.

Como se ele tivesse ouvido minhas palavras, o sinto descendo do céu. Ainda não consigo identificá-lo.

À distância, ouço meu corcel bufar, depois o som surdo de seus cascos galopando em minha direção.

Na direção oposta está outro conjunto de batidas de cascos. Afasto meu olhar para longe do céu.

Ali, avançando pela estrada está um corcel cinza malhado. Sua sela vazia feita de couro preto e delineada em prata, imagens ctônicas[4] estilizadas no assento.

O lendário Cavalo da Morte.

Por fim, Thanatos me encontrou.

Capítulo Cinquenta e Três

Ana

Sento-me em uma gaiola feita de plantas, fervendo. Há gravetos no meu cabelo, folhas caindo na minha camisa e hastes na saia.

As plantas ao meu redor não estão mais mexendo na minha bunda e não estão mais enroladas em meus membros, mas o arbusto espesso e farpado que me envolve obviamente foi feito para ser uma gaiola.

Depois de um minuto, me levanto e me limpo, minha cabeça roçando os galhos que se arqueavam acima.

Esta planta vai me libertar se eu lutar?

Dou um chute de teste, apenas para ver. Quando ela não reage bem, estou vivendo em uma época em que as plantas revidam, começo a abrir caminho através da folhagem, acotovelando os galhos e ignorando os cortes e arranhões que recebo dos espinhos.

Demoro vários minutos, mas saio daquela jaula estúpida que Fome criou.

Oh cara, vou rasgá-lo como um idiota.

Começo a retroceder pelo caminho que vim quando ouço um barulho alto e surdo.

Whomp...whomp... whomp.

Olho para o objeto que desce do céu. À primeira vista, parece um

enorme pássaro preto, mas depois de alguns segundos, percebo que é um homem alado.

O anjo escuro se abaixa para terra, suas enormes asas negras batendo atrás dele, fazendo seu cabelo escuro ondular. Pego um vislumbre de grifos brilhantes subindo pelo seu pescoço, mas é seu rosto lindo e solene que atrai meu olhar.

Seus pés tocam o chão e suas asas escuras se dobram atrás dele. Ele não carrega uma espada ou foice, nenhuma outra arma, mas sinto como se não pudesse respirar.

Os cabelos dos meus braços se arrepiam; não acredito que já tenha encontrado um ser que pareça tão letal quanto este, incluindo Fome.

Ele avança, a armadura prateada brilhando, seu olhar fixo em mim.

Ao redor dele, a vegetação rasteira murcha, as folhas se enrolando e os caules quebradiços. É o mesmo poder doentio que Fome tem.

Mas este não é Fome.

Poderia ser apenas uma criatura.

— Morte. — Eu sussurro.

E veio atrás de mim.

Fome

Percebo meu erro no momento em que os pés do meu irmão tocam a terra. Eu o sinto, não perto de mim, mas perto dela.

Ana.

Com a foice na mão, de repente estou correndo, cortando a vegetação densa, os arbustos e árvores se dobrando para fora do meu caminho. Corro como se minha própria vida dependesse disso.

Mas não é com minha vida que estou preocupado.

Demoro menos de um minuto para chegar onde deixei Ana há pouco tempo.

Morte está entre videiras e arbustos murchos, de frente para mim, com as asas dobradas nas costas. Ajoelhada na frente dele...

— Fome! — Ana engasga. Ela se lança para frente quando me vê, mas Thanatos a pega pelo ombro, puxando-a de volta para o lugar.

A visão dele a tocando me faz rolar a foice na minha mão. Corro para frente.

— Não chegue mais perto, irmão. — Morte diz calmamente, seus dedos apertando o ombro de Ana.

Paro bruscamente, meus olhos focados em onde ele a mantém no lugar.

Morte move a mão para acariciar o rosto de Ana, seus dedos percorrendo sua bochecha. Sob seu toque, ela fecha os olhos, fazendo uma careta.

Ele poderia tirá-la de mim em um instante e eu seria impotente para impedi-lo. Sou impotente. O pensamento desperta desejos

violentos. Mas logo sob disso está outra emoção nauseante - pavor. Pavor profundo e existencial por Ana.

Eu mal posso respirar com a ideia de sua morte.

Ana exala e abre os olhos novamente, seu olhar encontrando o meu. Ela parece estranhamente calma, mas sua respiração a está deixando em suspiros irregulares, como se mal controlasse seu medo.

— Querido irmão. — Diz Thanatos. — Esperava que nossa reunião fosse um pouco diferente.

Flexiono a mandíbula, meu foco se movendo para ele.

— Por que você está aqui?

— Você sabe porque estou aqui. — Diz Morte. Depois de um momento que se estende, ele acrescenta: — Fomos feitos para acabar com essas criaturas, não para ceder a elas.

Seus dedos continuam acariciando a bochecha de Ana. Seu corpo está tremendo e uma única lágrima assustada escapa de seus olhos.

Aperto minha foice com mais força. Ao ver seu medo, aquela antiga fome aumenta em mim, aquela que precisa sugar a medula da terra. Acima, nuvens se agitam.

Morte inclina sua cabeça, sua expressão plácida.

— Você me surpreendeu, sabe? Eu esperava que os outros falhassem em algum momento. Afinal, Guerra foi feita a partir dos desejos perversos dos homens e Peste. E bem, ele também tem uma curiosidade antinatural pelos humanos. Não foi um grande choque que caíram por aquelas mulheres de fogo e barro.

— Mas você, querido irmão, o grande Fome, que matou milhões de humanos sem pausa ou remorso. Pensei que certamente você não seria tão facilmente influenciado.

Thanatos olha para Ana e tenho que me conter fisicamente para não intervir.

— Não consigo entender o que há neles que atrai você. — Diz ele, parecendo estranhamente intrigado. — Suponho que seja da sua natureza ter fome de coisas... mesmo das coisas que você não deveria.

Ele ainda está acariciando o rosto de Ana.

— Irmão. — Advirto. Posso sentir que estou começando a tremer. Estou perdendo minha paciência e meu controle.

Mas Thanatos tem um fogo nos olhos.

— Você e eu, Fome, piscamos nossos olhos e civilizações surgem e entram em colapso. Os séculos caem como pétalas de uma flor. Você é o portador da balança divina; você sabe o preço de todas as coisas. Certamente deve ser óbvio que uma vida única e insignificante não é uma troca digna por sua imortalidade.

Finalmente, chegamos ao motivo desse reencontro. Deve abalar a Morte inabalável que três de seus irmãos escolherem a mortalidade ao invés do dever.

— Sou o portador da balança e compreendo o valor de todas as coisas. — Digo. — Cabe a mim decidir o que é um comércio digno. E eu decidi.

Morte me observa por muito tempo. Depois de um minuto, ele pega Ana pelo queixo e inclina o rosto dela para ele, avaliando suas

feições. Ela encontra o olhar escuro do meu irmão, outra lágrima escorrendo de seus olhos.

As nuvens que se acumulam acima traem minhas emoções. Sinto uma gota atingir minha bochecha, então outro respingo contra minha têmpora.

— Ela tem uma forma agradável. — Admite Morte. — E seu espírito é resistente e misericordioso, mas ela morrerá em breve. É o jeito dessas criaturas. Mesmo eu não posso mantê-la aqui para sempre.

Ela morrerá em breve?

Ela não morrerá se estiver ao seu lado.

— Eu não me importo, irmão. — Digo resolutamente. — Fiz minha escolha.

Thanatos suspira, movendo a mão de volta para a bochecha de Ana, aqueles dedos enlouquecedores acariciando sua pele mais uma vez.

— Eu o livrarei de sua balança e foice. — Ele diz, sua voz cheia de incredulidade zombeteira.

Ainda assim, quase cambaleio.

Ele me ajudará afinal.

— Até permitirei que você se livre de sua imortalidade e de seu dever. — Ele continua. — Porque você ama a humanidade.

Eu não pedi sua permissão quando tentei acabar com minha imortalidade pela primeira vez, não pedi por isso agora, mas o farei,

relutantemente aceitar da mesma forma. Afinal, é isso que a Morte faz, pode tirar a alma dos homens de seus ossos e pode tirar minha imortalidade e meu propósito.

— Mas... — Morte acrescenta.

Mas...

Essa única palavra me rouba o fôlego e sinto o peso de seu preço.

— Mas sua mortalidade tem um preço.

Poucas coisas me abalam, mas isso sim. Que outros infernos devo suportar?

— Achei que o preço fosse alto o suficiente como está. — Digo. O próprio Thanatos foi quem disse que este era um comércio indigno.

— Você está na terra dos humanos. Não há justiça aqui. — Responde meu irmão.

Porra, não posso discordar.

— Você quer a mortalidade? — Ele continua. Sua mão se move para o ombro de Ana mais uma vez. Ele aperta. — Então sua mulher vem comigo.

Para a vida após a morte, ele quer dizer.

— O quê? — Dou um passo à frente, alarmado, assim que Ana morde o lábio, mais algumas lágrimas caem silenciosamente de seus olhos.

— Ah, ah. — Thanatos diz, suas asas negras se abrindo. Elas se aproximam de Ana, isolando-a ainda mais de mim. Fico rígido ao vê-la nos braços de Morte. — Não é assim que funciona, irmão.

Tento não entrar em pânico. Seria fácil para ele tirá-la de mim. Pior, ele consideraria uma misericórdia libertá-la deste mundo.

— Foda-se, Thanatos. — Eu digo. — Isso não é uma negociação.

A única razão pela qual quero me livrar da imortalidade é para poder viver e morrer ao lado de Ana. Qual seria o ponto se ela já estivesse morta e se fosse?

— Mas pensei que quisesse salvar a humanidade. — Morte diz, seus olhos brilhando.

— Para o inferno com a humanidade. Eu não me importo muito com todos os outros humanos lá fora.

Os olhos do meu irmão se estreitam.

— Entendo. Você não salvaria a humanidade se esta mulher não pudesse ser salva também. — Diz ele, ecoando meus pensamentos.

— Importa quais são os meus motivos? — Pergunto.

— Claro que sim. — Diz Morte. — Você é o portador da balança. Sabe melhor do que eu que os motivos são tudo.

Eu dou um passo mais perto. O que resta da minha razoabilidade está se consumindo. Firmo minha mão, fui mais civilizado do que deveria ser esperado de mim.

Agora os céus se abrem. A chuva começa a cair e o céu pisca.

BA-BOOM!

Um trovão ecoa acima de mim.

— Ouça com atenção, irmão. — Eu digo. — A mulher que você está segurando é a única coisa que importa para mim. E se a

machucar, nós teremos um problema, Thanatos. Seu dever não significará nada diante da minha ira.

Morte parece triste.

— Você perdeu de vista quem e o que você é Fome, ao virar as costas tão facilmente para sua tarefa. — Diz ele.

Um raio atinge uma árvore próxima...

ESTRONDO!

O tronco explode, fogo e faíscas estouram da madeira molhada e a pequena clareira em que estamos se ilumina.

O canto da minha boca se transforma em um sorriso.

— Perdi? — Eu digo, segurando minha foice com mais força enquanto a chuva cai torrencialmente. — E você saberia, não é? — Pergunto, enquanto minha raiva aumenta. — Você, que não sentiu minha dor, minha raiva ou viveu...

— Todo ser humano sente dor. — Diz Morte. — Eu não preciso conhecer a sua...

— Sofri aqui durante anos, irmão. — Digo, interrompendo-o. — Anos. Onde você estava então? Por que não matou meus opressores e me salvou para que eu pudesse retornar à minha tarefa?

Morte fica em silêncio.

Aponto para Ana com minha foice.

— Foi esta mulher com sua forma agradável...

Ana, Deus abençoe sua vaidade, franze a testa para isso.

— Foi quem me salvou. — Eu digo. — Então, você e seu acordo ofensivo podem se foder.

Encontrarei outra maneira de ser mortal ou não. Talvez mantenha minha imortalidade até a morte de Ana e então farei a troca.

Os dedos de Thanatos cravam no ombro de Ana. Ela olha para cima, dando a meu irmão um olhar que murcharia as bolas de um homem mais fraco e tenta puxar seu ombro livre. Isso não a leva a lugar nenhum, mas a admiro do mesmo jeito. O nó de preocupação se afrouxa um pouco.

— Você realmente acha que deixarei vocês dois irem embora para continuar como estavam? — Morte pergunta, erguendo as sobrancelhas. — O que quer que esteja fazendo neste canto do mundo, termina hoje.

A chuva está caindo forte e o vento uiva pela floresta. Mais flashes de luz atingem as árvores vizinhas e incendeiam as plantas pesadas antes que a chuva as apague.

Não consigo mais dizer se Ana está chorando, mas seus olhos estão angustiados.

Era bom demais para ser verdade, seu rosto parece dizer.

Quero provar que ela está errada, mas Morte é uma entidade que não posso derrotar tão facilmente.

— Você ouviu minha primeira oferta. — Diz ele.

Eu faço uma careta para ele, apertando tanto minha foice que meus dedos estão ficando brancos.

— Aqui está a segunda: retome sua tarefa. Monte com sua... —

Seu lábio superior se curva com desgosto. — Mulher. Use seus poderes como deveriam ser usados.

Mesmo enquanto fala, a lembrança do vento em meu cabelo e do peso do corpo do meu corcel a galope é tão forte que parece que eu poderia estender a mão e tocá-lo. Uma parte minha anseia por essa liberdade selvagem.

Thanatos continua.

— Garantirei que sua fêmea seja uma das últimas humanas a partir. Tudo o que você precisa fazer é retomar sua tarefa. Terminaremos o que começamos, irmão.

Como se fosse uma deixa, o cavalo de Morte trota para a pequena clareira, seguido por meu próprio corcel.

Posso ver agora: nós três cavalgando para o fim do mundo. Thanatos mataria os humanos exatamente onde estavam e eu arruinaria as plantações de qualquer indivíduo que escapasse de sua atenção. Cortaríamos a humanidade em uma cidade de cada vez.

Mesmo agora, posso sentir o desejo oleoso de montar meu corcel e fazer exatamente isso. A domesticidade nunca foi um estado natural para mim.

Ana estaria comigo. Ficaria tudo bem por um tempo...

— Fome. — Diz Ana.

Meu olhar se move para ela, ainda nas garras de Morte. Ao nosso redor, o trovão acalmou e a chuva se transformou em uma garoa. Olho em seus olhos.

— Não faça isso. — Ela diz.

Posso dizer que é muito difícil para ela dizer isso. Sua vontade de viver sempre foi uma força dominante.

Respiro fundo.

E se aceitar o que Thanatos oferece, ela sobrevive. Mas se levar meu corcel pelo mundo e fazer Ana assistir morte após morte... bem, isso não virá sem suas próprias consequências.

Ela pode viver, mas também pode me odiar. Eu a transformaria em algo terrível. Não tenho certeza se nenhum de nós poderia sobreviver a isso.

E mesmo se, por algum milagre, eu não perdesse o amor de Ana, logo o mundo acabaria, talvez em um ano, talvez em dez, em cinquenta e Morte a mataria então, antes que seu tempo acabasse. Ele mataria todas as esposas de seus irmãos. Morte terminaria a tarefa que o resto de nós deu as costas e levaria nossas mulheres no final dela. Elas seriam as últimas humanas a ir, mas ainda assim iriam.

— Lembre-se do que você me disse. — Diz Ana, com a voz fraca, me forçando a voltar minha atenção para ela. — Perdoe. Isso é o que você deve fazer. Mesmo que... — Ela engasga com a próxima palavra e precisa falar novamente. — Mesmo que isso me mate.

Ela se sacrificaria. Ela me quebrou uma vez e está me quebrando de novo.

Mas se nos separarmos, nos separamos juntos.

Minha atenção se move para Thanatos.

— Eu não quero nenhuma de suas ofertas.

Meu irmão segura meu olhar por um longo momento.

— Assim seja. — Ele finalmente diz.

Sinto uma mudança no ar. Então, sob o toque de Thanatos, os olhos de Ana reviram. Seu corpo balança, então desaba no chão.

Morta.

Capítulo Cinquenta e Quatro

Fome

— Ana! — Minha voz soa tão distante.

Sinto que a terra está se desintegrando ao meu redor, que estou em queda livre.

Não consigo respirar.

Não consigo pensar.

Em um instante encurto a distância entre mim e Ana. Caio ao lado dela, meus braços deslizando sob seu torso. Eu a embalo em meus braços.

Não há pulso, nenhum sentido de vida nela.

— O que você fez? — Pergunto ao meu irmão, meu olhar fixo no rosto de Ana.

Engasgo com a minha respiração, incapaz de processar, aceitar o que estou vendo.

— Ana. — Eu digo, sacudindo-a como uma idiota. Seguro sua bochecha.

— Ana. — Uma lágrima escorre, atingindo seu queixo.

Pressiono meus lábios nos dela, tentando dar um sopro de vida. Nada dentro dela se move. Posso soprar em seu corpo, mas não há nada de errado com ele. Simplesmente a alma que residia nele agora

se foi.

Estou sendo desfeito.

Ao longe, estou ciente das rajadas de vento e da terra tremendo. Estou ciente de que as árvores estão se partindo e as plantas morrendo, e isso é culpa minha.

Meu irmão a levou, assim como prometeu. Sem discussão, sem negociações, sem interesse em ouvir o que mais eu diria.

— O que você fez? — Eu repito.

— Você já viu a morte muitas vezes, Fome. Presumi que entendesse.

— Traga-a de volta. — Estou começando a tremer. Um ruído baixo sai da minha garganta. — Você deu a todos os meus irmãos uma troca justa. Isso é tudo o que eu quero.

— Guerra e Peste estiveram dispostos a salvar a humanidade. Você não.

Eu sei com certeza que Guerra e Peste teriam alegremente arrasado a Terra, sem perguntas, se isso significasse manter suas esposas. É simplesmente assim que trabalhamos.

Meu aperto em Ana fica mais forte.

Lentamente, olho para Thanatos e estou cheio de ameaças. Há uma razão pela qual os homens não cruzam comigo e vivem.

— Traga-a de volta. — Exijo. Mais uma vez, a chuva aumenta e os relâmpagos brilham acima, a terra está abertamente revoltada e cada folha de grama ao nosso redor morrendo.

BOO — BOOM! O trovão ruge.

Meu irmão me encara com pena.

— Você sabe meus termos.

Olho para o rosto adorável de Ana e seus olhos brilhantes e cegos.

Ao meu lado, Thanatos se aproxima.

— Minha outra oferta ainda está de pé.

Sua oferta.

Sua oferta ridícula e de merda.

Deito Ana, seu corpo escorregando de meus braços, a dor dentro de mim crescendo e crescendo.

— Eu não estava mentindo quando disse que machucá-la seria o fim de tudo. — Digo enquanto me levanto. Já posso sentir a terra morrendo e o último dos arranha-céus de Taubaté caindo no chão sob o tremor. O vento gira ao meu redor e granizo bate na folhagem morta.

Não percebi que joguei de lado minha foice. Eu a pego agora, girando-a na minha mão e me aproximo do meu irmão.

— Você tentaria me ferir? —Thanatos pergunta.

Em resposta, balanço minha foice, mirando em seu pescoço.

Thanatos mal se move a tempo.

Eu me inclino para seguir em frente, girando com o arco da minha arma. Levo a foice acima da cabeça antes de arquear de volta para baixo, a ponta inclinada para empalar o peito de Morte.

Meu irmão precisa pular para trás, sua expressão alarmada.

— Fome...

Girando meu pulso, giro a foice, preparando perfeitamente outro ataque.

Uma das asas negras de Thanatos estala, atingindo meu braço com força suficiente para arrancar a arma do meu aperto.

Não importa.

Vou para cima dele novamente, levantando meus braços e fechando minhas mãos em punhos. Tenho uma adaga amarrada ao meu lado, mas não me preocupo em pegá-la. Quero sentir a explosão de dor quando minha carne encosta em Thanatos.

Meu braço estala e soco Morte no peito com tanta força que sua armadura de prata amassa.

Ele grunhe, mas mal tem tempo para se recuperar antes de seguir o golpe.

Outro golpe terrível, outro amassado em sua armadura.

Não sou um homem, sou outra coisa, algo maior, tudo que sinto é dor e raiva.

Uma e outra vez os golpes vêm, cada um caindo contra o peito de Morte e desabando em sua armadura. Ele mal tem tempo de recuperar o fôlego, uma sensação que é estranha para ele enquanto tropeça para trás.

Caia, porra.

Levantando uma bota, chuto seu joelho.

Ele sai do caminho, a mão na ponta da armadura. Posso ouvir os fechos rasgando enquanto ele arranca o peitoral.

— Eu não removeria isso se fosse você. — Digo. — Doerá muito mais.

Lembro-me vagamente da primeira vez que senti dor. Não há nada igual. É terrível de suportar e um choque para um cavaleiro recém-formado.

Morte a deixa de lado de qualquer maneira.

— Você deseja lutar comigo, irmão? — Thanatos diz. — Pois bem.

Ele espera por mim e desço sobre ele novamente, os punhos fechados. Dou outro soco, minha dor e raiva me consumindo.

Mas o golpe nunca acerta.

Morte segura meu punho fechado. Seus olhos escuros encontram os meus enquanto seu aperto aumenta. E de repente, ele torce minha mão até...

Snap.

Solto um gemido pela dor aguda do meu osso quebrado. Thanatos libera meu punho então, aperto os dentes, minha respiração sibilando enquanto meu braço cai inutilmente ao meu lado.

E se ele pensou que um mero osso quebrado me impediria, pensou errado.

Eu levanto uma bota e o chuto bem no peito, a força do meu golpe é tão poderosa que seus pés saem do chão.

Morte voa para trás, atingindo a terra com força, suas asas presas

abaixo dele. Perto dele, seu cavalo relincha, se afastando de nós.

Estou no meu irmão em um instante, minha mão boa indo para sua garganta. Sua respiração vem em suspiros irregulares, posso vê-lo estremecer de dor.

Aperto seu pescoço com mais força e ele estica as mãos, agarrando meu pulso. Ele deixa escapar um ruído estrangulado. Sorrio malévolo. Agora ele sabe o que significa ser impotente.

Sob minha vontade, a terra se divide violentamente, abrindo sob meu irmão. A lama começa a deslizar sobre suas asas, puxando-o para baixo, para baixo.

Eu o enterrarei vivo. Então ele entenderá a sensação esmagadora e sufocante da tristeza.

Justo quando tiver certeza de que morrerá, farei minha própria barganha, onde Ana continue viva e não preciso destruir o mundo como pagamento por isso.

Morte agarra meu braço bom, seu aperto aumenta.

No próximo instante, me sinto... estranho. Fraco e formigando. Eu engasgo um pouco com a sensação antes de perceber...

Ele está sugando minha vida.

É a mesma habilidade que eu tenho, mas a dele é muito, muito mais poderosa.

Sufoco novamente, meu aperto diminui ao redor de seu pescoço. É uma luta simplesmente respirar enquanto tento forçar meu corpo a se reanimar.

Morte me empurra facilmente. Agora é a sua vez de pairar sobre mim. Coloca uma bota no meu peito para me segurar.

— Você ainda quer lutar comigo? — Ele pergunta, suas asas negras se espalhando atrás dele.

Em resposta, o chuto, um golpe que ele facilmente desvia.

Ele ri, se abaixando para me agarrar. Ele me puxa pela camisa. Meus pés tocam o chão por apenas um momento antes de ouvir o grande estrondo das asas de Morte.

Então ele está nos erguendo para o céu, nossos corpos subindo cada vez mais.

Minha respiração ainda está irregular, embora a raiva queime quente, minha vida ainda está se esvaindo. Quanto mais fraco fico, mais minha dor me atinge. Sinto-me dolorosamente humano.

Nós nos elevamos bem acima das copas das árvores enquanto Thanatos nos leva para o céu. O céu ao nosso redor está em chamas com raios e vento. O granizo bate em nossa pele e nosso cabelo gruda no rosto.

Estamos cobertos de lama, nós dois um pouco maltratados.

— Irmão. — Diz Thanatos, seu rosto solene.

Encontro seus olhos profundos.

— Você pode ter começado essa luta. — Diz ele. — Mas sabe que sou eu que acabo todas as coisas. Perdoe-me.

Com isso, Morte me solta.

Por um momento, fico sem peso, tanto que quase esqueço que

tenho uma forma. Sou o vento, a chuva e a terra mais uma vez.

Mas então a dor dilacerante do meu braço ferido me lembra estou vivo, Ana não.

É necessário um mero pensamento e uma planta começa a crescer. É magra e desnutrida, porque me resta tão pouco para fazer crescer a vida, mas consigo fazê-la crescer o suficiente para meus propósitos.

Ela estende um galho e amorosamente me pega do céu. Seus galhos finos me abaixam até meus pés tocarem a terra.

Limpo a sujeira de mim quando Morte me acerta, me jogando de volta no chão. Gemo quando a dor do meu braço quebrado irradia, a agonia tão nítida que minha visão nubla.

Pisco para afastar a escuridão e mais uma vez, meu irmão paira sobre mim. Ele me olha, parecendo tão paciente e firme como sempre, porra e seus olhos estão cheios de pena.

A pena me desfaz.

Minha raiva queima. Tudo o que resta é um homem enfraquecido e quebrado, cujo coração está cheio de tristeza.

Inclino um pouco a cabeça e com o canto do olho, vejo Ana. Talvez seja um truque de luz, mas ela já está começando a realmente parecer um cadáver.

Um som agudo sobe pela minha garganta

Tudo machuca. Tudo dói muito.

— Por favor, irmão. — Digo.

Morte se reorganiza, pressionando um joelho em meu peito. Suas

asas escuras estão bem abertas, escondendo o céu de mim.

— Não a trarei de volta, Fome. — Diz ele, me olhando. — Não sem o seu acordo. Você pode me odiar, pode lutar comigo, mas não pode me fazer mudar de ideia.

Alguns anos de tortura podem fazer Morte reconsiderar, mas não ousarei fazer com meu irmão o que os mortais fizeram comigo. Afinal, não somos o problema real.

Viro minha cabeça e olho para Ana novamente.

Ana adorável e vivaz.

Uma lágrima escorre pela minha bochecha.

Eu não a deixarei ir. Agora não. Nunca.

Tudo que eu quero é tê-la de volta em meus braços.

Isso é tudo.

Meu olhar se move para Thanatos. Fecho meus olhos e engulo.

— Tudo bem, irmão. Você venceu. Eu aceito. Basta trazê-la de volta.

Capítulo Cinquenta e Cinco

Ana

Suspiro no ar, minhas pálpebras tremulando abertas.

Fome me encara, meu corpo embalado em seus braços. Assim que ele me vê acordada, me puxa para um abraço apertado, me esmagando contra sua armadura.

Por vontade própria, meus dedos tocam o cabelo do cavaleiro, segurando-o contra mim.

— O que…? — O que aconteceu comigo?

— Sinto muito. — O Ceifador sussurra, sua voz quebrada.

— Como? — Pergunto, confusa.

Minha mente está grogue. Sinto um gosto metálico na parte de trás da garganta e tenho uma sensação profunda e inexplicável de estar desligada.

Eu me volto para o Ceifador.

— Como você me pegou tão rápido? Eu desmaiei?

A última coisa que me lembro é que Fome estava diante de mim e... Morte...

Eu me afasto de Fome, procurando por seu irmão.

Morte encontra meu olhar, sua expressão pensativa.

Fome segura meu queixo e me olha como se eu fosse a coisa mais

preciosa do mundo.

— Não. — Ele diz simplesmente.

— Então o que aconteceu? — Mesmo enquanto digo isso, minha voz hesita.

A resposta está bem ali, naquele gosto no fundo da minha garganta. Ou talvez seja minha pele, que é fria e úmida das formas mais anormais.

Mas eu quero que o Ceifador negue.

Para negar que eu morri.

Ela me leva para dentro por um longo tempo, então balança a cabeça lentamente.

Estremeço, meus olhos assustados voltando para Thanatos. Ele me matou, fez isso tão rápido que sequer percebi. Tento me lembrar de tudo o que aconteceu depois disso.... mas não há nada.

Não fiquei morta por muito tempo. Ainda estamos naquela mesma floresta que lembro de ter visto pela última vez e o céu tempestuoso parece o mesmo.

Mas se Thanatos me matou, então por que estou respirando...?

A segunda realização terrível me atinge.

Meu olhar volta para Fome.

— Você concordou. — Digo. A segunda oferta de Morte. É por isso que ele está se desculpando comigo.

O Ceifador flexiona a mandíbula.

— Sim. — Não há remorso em sua voz.

Demorou meses para Fome deixar de lado seus hábitos assassinos, mas aparentemente apenas alguns minutos para recuperá-la.

Tudo por minha causa.

Eu nunca teria imaginado que o destino do mundo pudesse realmente depender de mim um dia. Sempre achei que minha vida fosse bastante insignificante. Mas de alguma forma, sem minha palavra, agora fodi com todo mundo.

Seguro o braço de Fome. Ele estremece, seu braço empurrando sob meu toque. Olho para baixo. Vendo a curvatura estranha para ele, o solto imediatamente.

O que aconteceu com você? Quero perguntar. É claro que há mais na história que aconteceu enquanto eu estava... fora.

— Por que você concordou? — Eu pergunto em vez disso, sem me importar que tenhamos uma audiência.

Não quero voltar a ser como antes. Mal consegui lidar com os horrores que testemunhei. Não sei o quanto mais seria capaz de suportar.

O rosto de Fome é sombrio.

— Porque, apesar de quanto ou quão pouco me importo com a humanidade... — Diz ele, tocando meu rosto novamente. — Ainda me importo muito, muito mais com você.

Essa é a coisa mais linda e terrível que ele poderia ter me dito. É um elogio e uma sentença em uma frase só.

O Ceifador me puxa para perto, pressionando seus lábios no meu ouvido.

— Nem tudo está perdido, florzinha. — Ele diz, sua respiração é forte contra mim. — Deixe Morte ver o que significa ser humano. E se eu pude ser influenciado, ele também poderá.

Fome se afasta um pouco para encontrar meu olhar. Mantendo a voz baixa, ele acrescenta:

— Ainda há esperança para o seu mundo.

— Mais pessoas terão que morrer. — Eu digo. Minha voz ficou áspera.

— Mais pessoas morrerão, independentemente disso. — Diz Fome.

Eu ouço o barulho de metal e meu olhar se move dele para Thanatos. O último cavaleiro está pegando sua armadura e limpando a lama. Ele inspeciona o peitoral de prata, que parece muito amassado, antes de jogá-lo de lado. Morte passa para os dois cavalos que esperam nas proximidades. Ele agarra as rédeas e vai onde Fome e eu estamos sentados, conduzindo os cavalos atrás dele.

Ele chega muito perto de mim, sua presença é sufocante. Ainda me lembro daquela mão letal na minha bochecha.

Morte é enorme e musculoso como Fome, verdade seja dita, ele pode ser um pouco maior e tem a mesma beleza nítida que é de alguma forma agradável demais para ser totalmente humano. Sua pele é pálida, suas maçãs do rosto são altas e sua mandíbula pontiaguda. Aqueles olhos profundos dele são antigos, tão antigos

que não posso suportar olhar por muito tempo, mas seus lábios têm uma curva triste. Seu cabelo é tão escuro que imagino que brilha azul em certa luz. Agora, porém, a chuva grudou aquele cabelo em seu rosto.

Onde Fome é caprichoso e conivente, Morte parece solene... e antigo...

Ele é lindo de uma forma enigmática.

Meu olhar se move de volta para Fome e, por um momento, simplesmente olho para os dois. Eles são leviatãs e eu não sou nada.

Mas isso não é verdade.

Morte entrega as rédeas à Fome.

— Monte seu corcel, irmão.

O Ceifador olha para a rédea oferecida por um momento antes de pegá-la. Posso praticamente sentir o peso da tarefa de Fome caindo sobre seus ombros.

Uma espécie de desespero dolorido me preenche. Tudo isso porque minha vida significa mais para Fome do que a de qualquer outra pessoa. E se de repente não fosse o caso, talvez o Ceifador não concordasse com os termos de Morte...

Meu olhar corta para uma adaga embainhada ao lado de Fome.

Por cerca de dois segundos, considero fazer algo de auto sacrifício pelo benefício da humanidade, como cravar a lamina em Fome.... mas não sou tão corajosa.

Sou uma vadia que briga em bares, traficante de boceta e

desajeitada, não aceitarei simplesmente isso em silêncio.

Então pego o cabo da adaga embainhada de Fome e retiro a lâmina. Com a arma na mão, giro para o outro cavaleiro ao meu lado. Então, eu faço com Morte o que nunca consegui fazer com Fome.

Esfaqueio aquele filho da puta.

Capítulo Cinquenta e Seis

Ana

Thanatos me encara por vários segundos, um olhar estranho e surpreso em seu rosto. Ainda estou segurando a lâmina de Fome, embora esteja cravada no abdômen do cavaleiro.

— Ana!

Ignoro a voz alarmada de Fome, concentrando toda a minha atenção no cavaleiro à minha frente. As mãos de Thanatos vão para o ferimento no momento em que retiro a lâmina.

Ele assobia bruscamente e olha para o ferimento. Não há muito para ver, a não ser uma crescente mancha úmida na camisa preta que ele usa.

— Ana. — Fome diz novamente, mas desta vez ele me agarra pelo braço e me arrasta para longe. — O que você fez?

Meu olhar ainda está preso em Thanatos.

Eu deveria sentir remorso. É estranho que não. Então novamente, minhas bochechas estão molhadas e talvez seja a chuva, mas talvez sejam meus olhos. Eu não sei. Eu não sei. Foi um dia estranho e horrível.

— E se ele pensa que todos nós devemos morrer, então é justo que saiba como é. — Eu digo, olhando para o cavaleiro como se estivesse em transe.

Morte faz um som sufocado, suas mãos movendo-se para a ferida, e eu sorrio.

Eu sorrio, porra.

Foi preciso um Apocalipse, um assassinato em massa e algumas experiências de quase morte, mas acho que finalmente perdi o controle.

Usando a adaga de Fome, aponto para ferida. O sangue está escorrendo dos dedos de Thanatos.

— Isso é por levar meus pais. E todo mundo, seu filho da puta.

Fome me arrasta de volta com seu braço bom e posso senti-lo tremer. Ele agarra a lâmina da minha mão, limpa-a na calça e a embainha mais uma vez.

Além do Ceifador, Thanatos balança, então cai de joelhos. Ele está fazendo ruídos de dor e mesmo dali posso ver seus membros tremendo, sem dúvida de dor.

— Você nunca esteve deste lado da morte, não é? — Eu digo enquanto o Ceifador me puxa para seu cavalo o melhor que pode. Ainda me lembro com perfeita clareza da terrível sensação das lâminas que entraram e saíram do meu próprio corpo. — Parece uma merda, não é?

— Ana, pare. — Diz Fome.

Thanatos focaliza seu olhar em mim. Espero que ele pareça irritado, mas aqueles olhos ancestrais estão angustiados. Estendendo a mão, Morte aponta sua palma para mim.

— Irmão. — Diz Fome bruscamente. — Segure minha mão. Nós

temos um acordo.

— Ela... me apunhalar... não era... parte... disso. — Ele diz com voz rouca.

A mão do Ceifador pousa na minha coxa.

Ele encara seu irmão.

— E como você disse, este lugar não é justo. Bem-vindo à terra dos vivos.

Fome estala sua língua e virando o cavalo, nós dois decolamos.

Capítulo Cinquenta e Sete

— Sua sanguinária. — Diz Fome assim que estamos fora do alcance da voz. E então o amor perverso da minha vida ri. — Lembre-me de nunca a irritar.

Agora que a adrenalina está passando, estou começando a tremer. Em resposta, o Ceifador me puxa para perto.

— Realmente vamos deixá-lo lá? — Pergunto, olhando por cima do meu ombro.

Estou começando a sentir os primeiros sinais de remorso. Ou talvez seja medo.

O Ceifador me faz pesar que sou o ser humano mais insano que ele já cruzou.

— Você o esfaqueou. Agora quer voltar e ver como perdoar Thanatos?

Um arrepio desce pela minha espinha.

— Não, obrigada. Já morri muitas vezes hoje.

Nós dois passamos pela casa, que parece um pouco pior pelo desgaste, agora que suportou vários terremotos e uma tempestade sobrenatural. Fome não diminui o ritmo. Eu mal tenho um momento para olhar para ele antes de passarmos e seguirmos para a estrada mais próxima.

Oh Deus, estamos realmente fazendo isso.

Respiro fundo, mas não há como me preparar para todas as

viagens e matanças que temos pela frente.

— Para onde vamos? — Pergunto, temendo a resposta de Fome.

Há uma longa pausa.

Então...

— Iremos buscar meus irmãos. É hora de acabar com isso de uma vez por todas.

Fim...

Esperamos que tenha gostado desta aventura sobrenatural!

Esta tradução foi feita por fãs para fãs, sem qualquer propósito de Lucro. Não se esqueça de comprar nossos autores favoritos, se estiver dentro de suas possibilidades financeiras. E publicado no seu idioma. Sem eles, não poderíamos desfrutar de todas essas histórias maravilhosas.

Não distribua nossas traduções abertamente na internet, respeite nosso trabalho voluntário.

Notas

[←1]
O bordel onde Ana trabalhava.

[←2]

O jateamento é uma técnica que lança grãos de areia contra o **vidro** em alta velocidade, deixando-o com efeito fosco e opaco.

[←3]
Doença contagiosa aguda.

[←4]

Em mitologia, e particularmente na grega, o termo ctónico ou **ctônico** (do grego χθονιος khthonios, "relativo à terra", "terreno") designa ou refere-se aos deuses ou espíritos do mundo subterrâneo, por oposição às divindades olímpicas. Por vezes são também denominados "telúricos" (do latim tellus)